

# COMO ENTENDER OS SONHOS

Mary Ann Mattoon



  
PAULUS

MARY ANN MATTOON

# COMO ENTENDER OS SONHOS





## INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa de alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas para as nossas feridas e os nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma assim como ela é. Desse modo é que poderemos reconhecer que essas feridas e esses sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Essa perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de inserir mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

*Léon Bonaventure*

*Dedico este livro a Liliane Frey-Rohn*

# AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a:

Auke Tellegen, pelo estímulo e ajuda na pesquisa e na redação da dissertação na qual este livro se baseia.

Joseph B. Wheelwright e Jean Charnley, pela cuidadosa leitura do rscinal e pelas inúmeras e valiosas sugestões para aprimorá-lo.

Muitos outros colegas e amigos que leram o rscinal e compartilharam comigo as suas ideias e respostas.

Meus analisandos, especialmente aqueles cujos sonhos aparecem no livro, com a permissão receptiva, até mesmo entusiástica, dos sonhadores.

Sylvia W. Rosen, pela edição habilidosa do rscinal.

Lynda Cowan, por datilografar múltiplos rascunhos do rscinal.

Diane Elms, Richard Solly, Ruth Hurwicz, Jean Fess e Harriet Crosby, por verificar as referências e ajudar na preparação final do rscinal.

O Instituto C. G. Jung em Zurique, na Suíça, pelos conselhos e apoio.

Os herdeiros de C. G. Jung, e por uma combinação com a Princeton University Press, pela permissão de fazer citações das anotações de alunos dos seminários de C. G. Jung: *Dream Analysis* Vol. I, *Modern Psychology* Vols. I-II; *Psychological Interpretation of Children's Dreams*, 1938-39; *Psychological Analysis of Nietzsche's Zarathustra* Vol. 8.

Pantheon Books, pela permissão de fazer citações de *Memories, Dreams, Reflections* de C. C. Jung, registrado e editado por Aniela Jaffé, traduzido por Richard e Clara Winston, © 1962 pela Random House, Inc. © 1963 pela Random House, Inc., reproduzido com permissão da Pantheon Books, uma divisão da Random House, Inc.

William Collins Sons and Company, Ltd., pela permissão de fazer citações de *Memories, Dreams, Reflections*.

Trechos das seguintes obras foram reproduzidos com permissão da Princeton University Press e de Routledge & Kegan Paul, Ltd.:

*The Collected Works of C. G. Jung*. Bollingen Séries XX

Vol. 4: *Fraud and Psychoanalysis*, tradução de R. F. C. Hull, copyright © 1961 pela Princeton University Press.

Vol. 5: *Symbols of Transformation*, tradução de R. F. C. Hull, copyright © 1956 pela Princeton University Press.

Vol. 6: *Psychological Types*, tradução de R. F. C. Hull e H. G. Baynes, copyright © 1971 pela Princeton University Press.

Vol. 7: *Two Essays on Analytical Psychology*, tradução de R. F. C. Hull, copyright © 1953, © 1966 pela Princeton University Press.

Vol. 8: *The Structure and Dynamics of the Psyche*, tradução de R. F. C. Hull, copyright © 1960, 1969 pela Princeton University Press.

Vol. 9, I: *The Ego and the Unconscious*, tradução de R. F. C. Hull, copyright © 1959, 1969 pela Princeton University Press.

Vol. 9, II: *Aion: Researches into the Phenomenology of the Self*, tradução de R. F. C. Hull, copyright © 1959 por Princeton University Press.

Vol. 10: *Civilization in Transition*, tradução de R. F. C. Hull, copyright © 1964 por Princeton University Press.

Vol. 11: *Psychology and Religion: West and East*, tradução de R. F. C. Hull, copyright © 1958, 1969 pela Princeton University Press.

Vol. 12: *Psychology and Alchemy*, tradução de R. F. C. Hull, copyright © 1953, © 1968 pela Princeton University Press.

Vol. 13: *Alchemical Studies*, tradução de R. F. C. Hull, copyright © 1967 pela Princeton University Press.

Vol. 14: *Mysterium Coniunctionis*, tradução de R. F. C. Hull, copyright © 1965, 1970 pela Princeton University Press.

Vol. 16: *The Practice of Psychotherapy*, tradução de R. F. C. Hull, copyright 1954, © 1966 pela Princeton University Press.

Vol. 17: *The Development of Personality*, tradução de R. F. C. Hull, copyright 1954 pela Princeton University Press.

Vol. 18: *The Symbolic Life: Miscellaneous Writings*, tradução de R. F. C. Hull, copyright 1950, 1953, copyright © 1955, 1958, 1963, 1968, 1969, 1970, 1973, 1976 pela Princeton University Press.

C. G. Jung, *Letters* ed. por Gerhard Adler e Aniela Jaffé, tradução de R. F. C. Hull, Bollingen Séries XCV. Vol. I: *1906-1950*, copyright © 1971, 1973 pela Princeton University Press. Vol. 2: *1951-1961*, copyright © 1953, 1955, 1961, 1963, 1968, 1971, 1972, 1974, 1975 pela Princeton University Press.

## PREFÁCIO

Este é um livro que já deveria ter sido publicado há muito tempo.

Jung considerava os sonhos fundamentalmente importantes no processo analítico e tinha muita coisa a dizer a respeito deles. Mas ele nunca reuniu as suas ideias; elas estão espalhadas pelos 20 volumes da sua obra, publicados pela Pantheon Press e pela Princeton University Press – a Série Bollingen. Dizer que esse estado de coisas é estranho é atenuar a verdade. Não apenas fiquei desesperado quando tentei estudar as ideias de Jung a respeito dos sonhos, mas foi literalmente impossível fornecer referências a alunos e pessoas interessadas. Parece incrível que em todos esses anos ninguém tenha examinado as suas cartas, discursos e textos, e reunido-os sistematicamente em um único livro. Esse serviço essencial foi finalmente prestado pela Dra. Mary Ann Mattoon, e o suspiro de alívio dos analistas junguianos será ouvido no mundo inteiro. A Dra. Mattoon recolheu de cada esconderijo praticamente tudo o que Jung disse a respeito dos sonhos. Ela fez isso com perfeição acadêmica, mas ao mesmo tempo conseguiu tornar o seu trabalho dinâmico e eloquente. A obra contém muitas citações de Jung, impecavelmente exatas; também cita várias outras pessoas que têm ideias diferentes, bem como as interpretações delas. A autora também apresenta algumas das suas ideias que diferem das de Jung ou as modificam, cuidadosamente distinguindo-as como sendo dela.

Muitos leitores estarão familiarizados com a tipologia de Jung. Ele fala de tipos sensação, referindo-se a pessoas com um olho aguçado para fatos, e de intuitivos [consulte a p. 52ss para verificar os outros tipos] que estão mais interessados em possibilidades. Jung pertencia a esse último grupo, de modo que não é de causar surpresa que cerca de oitenta por cento dos seus seguidores também pertençam. O mundo junguiano não costuma ser fácil para os tipos sensação. No entanto, não fosse pela sua função sensação altamente desenvolvida, a Dra. Mattoon jamais teria concluído essa

tarifa hercúlea. Um número relativamente pequeno de analistas junguianos é extrovertido, e estou incluído nesse grupo. Para muitos de nós, a interação baseada na realidade com os nossos analisandos tende a ser mais importante do que a análise dos sonhos, de modo que o fato de a Dra. Mattoon ter me pedido para escrever essa introdução é, ao mesmo tempo, divertido e lisonjeiro. Posso dizer que depois de ler cuidadosamente o manuscrito duas vezes, eu me encontro em uma relação muito melhor com o meu próprio mundo de sonhos e com o dos meus pacientes.

Considero este livro indispensável para psicoterapeutas qualificados e ambiciosos. No entanto, a Dra. Mattoon evitou de tal maneira o jargão que o livro não deixará de ser claro para qualquer psicoterapeuta ou estudante da área. Ao restringir o uso de palavras técnicas, ela oferece definições fáceis de entender. Graças ao seu esforço, uma coleção das valiosas constatações de Jung a respeito dos sonhos e dos seus usos e significados

está finalmente disponível para os profissionais da área e outros leitores. Este é um livro ansiosamente aguardado e extremamente importante.

*Joseph B. Wheelwright*  
São Francisco

## PRÓLOGO À EDIÇÃO EM BROCHURA

Desde a primeira publicação deste livro em capa dura (1978), outros trabalhos sobre os sonhos e as suas interpretações continuaram a aparecer. Nenhum deles, contudo, se aproximou do que este livro realizou, ou seja, sistematizar a teoria de interpretação dos sonhos de Jung, dar exemplos de cada ponto importante, sugerir a suplementação e modificações desejáveis (cada uma delas ilustrada), e apresentar artigos de pesquisas empíricas relevantes ou sugestões para elas.

Além disso, a abordagem da interpretação dos sonhos de Jung ainda é a mais abrangente e aplicável em um amplo sentido. Como ela não impõe nenhuma teoria de personalidade ao sonhador, e nenhuma interpretação preconcebida ao sonho, essa abordagem oferece uma estrutura de sonho que pode ser aplicada a qualquer sonho de qualquer sonhador.

Entre os livros sobre sonhos que têm sido publicados desde 1978 encontram-se vários de autoria de estudantes da psicologia junguiana, porém com ênfases e temas que diferem deste volume. James Hillman, por exemplo, em *The Dream and the Underworld*. (Harper & Row, 1979) utilizou seu completo e profundo conhecimento da psicologia junguiana para questionar algumas das principais hipóteses de Jung. Hillman defende um afastamento da interpretação dos sonhos a favor de uma “tentativa de rever o sonho à luz do mito”. O livro de James Hall *Jungian Dream Interpretation: A Handbook of Theory and Practice* (Inner City Books, 1983), na realidade, complementa o meu. Depois de uma breve síntese da abordagem dos sonhos de Jung, Hall se concentra nas suas aplicações relacionadas com temas junguianos específicos, como a sincronicidade e os temas alquímicos. Essas duas obras podem ser lidas proveitosamente em conjunto com este livro.

Um recurso adicional é a edição Bollingen (Vol. XCIX: I)

de primeiro volume dos seminários de Jung sobre a Análise dos Sonhos (citado neste volume como DAI); as ideias apresentadas nesses seminários estão incluídas aqui. (Um volume Bollingen anterior de autoria de Jung, *Dreams*, é uma compilação de ensaios de *Collected Works*; esses ensaios foram recursos para a minha exposição da teoria dos sonhos de Jung.)

A principal alternativa para a abordagem junguiana dos sonhos continua sendo o modelo psicanalítico (freudiano), embora os teóricos psicanalistas cada vez mais abracem ideias que foram sugeridas por Jung décadas atrás. Na realidade, comentários recentes sobre o trabalho de Freud feitos por seus alunos documentam ideias junguianas adicionais que Freud rejeitou explicitamente, mas veio a aceitar implicitamente. Um exemplo é a importância das associações pessoais. Em 1913, Freud escreveu que os psicanalistas eram “capazes até certo ponto de traduzir o conteúdo dos sonhos independentemente das associações do sonhador”. Em 1925, contudo, ele chegou à

conclusão de que “a interpretação dos sonhos [...] sem a referência às associações do sonhador [...] permaneceriam um fragmento de virtuosidade não científica de valor extremamente duvidoso”. Desse modo, Freud reconheceu o ponto de vista já adotado por Jung de que o conhecimento do contexto individual do sonhador é fundamental para uma interpretação válida do sonho.

Durante os poucos anos que se passaram depois que conclui este livro, uma enorme quantidade de informações sobre o funcionamento do cérebro humano expandiu o nosso entendimento do processo de sonhar. Existem hoje consideráveis evidências de que os sonhos surgem na parte do cérebro que é menos usada pela maioria das pessoas quando estão acordadas. Essa parte é o hemisfério direito, que é a srceem das imagens, a substância dos sonhos. (O lado esquerdo é a srceem das palavras e dos conceitos – a linguagem da consciência do ego – e funciona mais no estado desperto.) Essas constatações tendem a respaldar a principal hipótese de Jung de que os sonhos são compostos por conteúdos que compensam aqueles que estão prontamente disponíveis para o ego.

Ainda assim, existem os céticos (por exemplo, o geneticista britânico Francis Crick), que encaram os sonhos como sendo basicamente inexpressivos. A maioria dos psicólogos, no entanto, aceita os sonhos como manifestações importantes dos conteúdos do inconsciente. Até mesmo B. F. Skinner, um dos líderes da escola behaviorista de psicologia, reconheceu em seu *Notebooks* que a análise dos sonhos “pode iluminar aspectos do comportamento da pessoa”. Ele até mesmo observou que temas comuns podem ser encontrados nos sonhos de muitas pessoas: “Os padrões arquetípicos são sonhos tomados emprestados”.

A atual edição deste livro é idêntica à primeira, com exceção da adição deste prólogo, da correção de erros tipográficos e da revisão do índice remissivo.

*Mary Ann Mattoon*  
Março de 1984

## PRÓLOGO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Para a minha dissertação de doutorado na University of Minnesota, no final da década de 1960, optei inicialmente por testar uma hipótese derivada do conceito de Jung da função compensatória dos sonhos, talvez o conceito mais importante da sua teoria de interpretação dos sonhos. Quando a cuidadosa pesquisa empírica que realizei produziu resultados insignificantes, concluí que a teoria estava imprecisa e insuficientemente definida. Na realidade, estava claro que, antes que qualquer estudo empírico do método de interpretação dos sonhos de Jung pudesse ser realizado, seu rico acervo de textos sobre a teoria da interpretação dos sonhos teria que ser sistematizado e esclarecido. Assim sendo, propus a tarefa para a minha dissertação de doutorado (Mattoon, 1970) e ela foi aceita pelo corpo docente do Departamento de Psicologia, que é famoso pelo seu “empirismo *dust bowl*”.<sup>1</sup> Para a dissertação, pesquisei as obras de Jung e notas<sup>2</sup> dos seus alunos a partir dos seus seminários em busca de todas as suas declarações teóricas sobre os sonhos e as interpretações destes, e reuni 972 verbetes separados que variavam de algumas palavras a várias centenas de palavras.

Este livro é uma versão bastante revisada dessa dissertação. Ele retém o registro preciso das ideias e exemplos disponíveis do trabalho de Jung e as complementa com (a) conclusões extraídas do meu trabalho clínico e do de outros analistas junguianos, (b) exemplos de sonhos da minha prática clínica, (c) relatórios de pesquisa que testam as hipóteses de Jung e (d) sugestões para futuras investigações.

Como muitos psicoterapeutas, junguianos e não junguianos, passei uma quantidade considerável do meu tempo trabalhando com sonhos. No decurso de mais de vinte anos, registrei todos os sonhos que eu tive e dos quais me lembrei, e tentei compreendê-los, com ou sem a ajuda de outro intérprete. No entanto, até eu me envolver com a dissertação, não havia nenhuma fonte para os procedimentos que conduzissem às interpretações dos sonhos de acordo com o método de Jung. Espero que este livro vá fornecer essa fonte para psicoterapeutas que estejam agora em treinamento ou praticando a profissão.

Cada leitor considerará alguns capítulos de maior interesse do que outros, dependendo da sua formação na psicologia junguiana e outras, e na interpretação dos sonhos. A apresentação sistemática oferece ao principiante uma base suficiente para que ele possa acompanhar o estudo passo a passo da interpretação dos sonhos e, ao mesmo tempo, possibilita que o intérprete experiente examine os passos específicos que mais lhe interessarem.

O livro responde a uma série de perguntas:

Capítulo 1: Por que a interpretação dos sonhos é importante?

Por que a teoria de Jung da interpretação dos sonhos é a mais vantajosa?

Capítulo 2: Qual é a teoria dos arquétipos, e como ela afeta a interpretação dos sonhos?  
De que maneira a teoria da personalidade de Jung depende dos sonhos e da interpretação destes?

Capítulo 3: Quais são as srcens das imagens dos sonhos?

Como sabemos que os sonhos são significativos?

Capítulo 4: Como um analista junguiano é treinado para interpretar sonhos?

Quais são os procedimentos para a interpretação dos sonhos?

Capítulos 5-14: Como aplicar na prática os procedimentos relacionados com os sonhos?

Capítulo 15: Como formular uma hipótese para uma interpretação?

Capítulo 16: Como verificar a hipótese de uma interpretação?

Capítulo 17: Como é realizada a interpretação completa de um sonho?

Capítulo 18: O que é importante e o que é questionável na teoria de Jung?

Ao longo do livro, o texto que descreve cada sonho, seja ele uma citação direta ou um resumo, está em caracteres itálicos. Os sonhos para os quais subsídios adicionais estão disponíveis no Apêndice estão designados, D1, D2,... D19. As notas aparecem no final de cada capítulo.

Os termos em caracteres itálicos no Capítulo 4, no que é essencialmente um esboço da interpretação dos sonhos, são definidos em capítulos subsequentes. Na realidade, cada termo que encerra um significado técnico na interpretação dos sonhos é claramente definido no contexto mais adequado.

Uma série de abreviações é usada ao longo do livro para indicar as fontes escritas de citações e sonhos. Essas abreviações e as obras a que elas correspondem estão relacionadas em ordem alfabética na lista de referências.

O teste de qualquer teoria é se ela pode ser aplicada por outros profissionais em diferentes ocasiões e lugares, e com um grande número de pessoas diferentes. A teoria de Jung passou com êxito nesse teste. Ela foi traduzida para muitos idiomas, resistiu à aplicação em sonhos de muitas culturas, e sobreviveu a duas guerras mundiais e seis décadas de mudanças em um mundo em rápida transformação. A teoria é atemporal, já que associa os sonhadores às suas srcens, e tem uma limitação temporal, já que relaciona a interpretação dos sonhos com o aqui e agora.

*Mary Ann Mattoon*  
Minneapolis, Minnesota  
Dezembro de 1977

<sup>1</sup> O *dust bowl empiricism* é uma abordagem de pesquisa que dá muita ênfase aos dados e menos atenção à teoria para explicar problemas e relações entre variáveis. (N.T.)

<sup>2</sup> As notas não foram editadas por Jung ou seus herdeiros. A sua exatidão é confirmada em cada volume.



## Capítulo 1

# INTRODUÇÃO

*Um sonho que não é compreendido permanece uma mera ocorrência; quando compreendido, ele se torna uma experiência viva.*

C. G. Jung

Nós, analistas junguianos, provavelmente mais do que qualquer outro grupo de psicoterapeutas, estamos envolvidos com os sonhos, os nossos e os dos nossos analisandos. Para interpretar os sonhos, recorreremos à teoria abrangente e flexível desenvolvida por C. G. Jung. No entanto, até agora, muitos anos depois da morte de Jung, nenhuma fonte ofereceu uma concepção metódica e sistemática da abordagem junguiana da interpretação dos sonhos.

Este livro tem a intenção de preencher essa lacuna para os psicoterapeutas e, também, para o crescente número de pessoas que estão interessadas nos seus sonhos. Entre essas pessoas interessadas existem muitas que buscam um método intelectualmente satisfatório de interpretação dos sonhos e, por conseguinte, precisam conhecer a teoria de Jung. Ele

escreveu que não tinha nenhuma "teoria" de sonhos (Let. 2, p. 293), mas parecia querer dizer que não tinha nenhuma ideia preconcebida a respeito de como deveria ser a interpretação de um sonho, em contraste com Freud, que interpretava todos os sonhos como satisfação de desejo. Na verdade, as ideias de Jung sobre a interpretação dos sonhos constituem uma teoria, no sentido de um corpo organizado de conceitos, baseados na experiência clínica, por meio da qual os sonhos podem ser interpretados.

Jung desenvolveu a sua teoria de interpretação dos sonhos ao longo da sua vida. Ele estava constantemente testando, modificando, elaborando e ilustrando-a, de modo que declarações relevantes são encontradas praticamente em todos os volumes das suas *Collected Works*,<sup>1</sup> em outras publicações<sup>2</sup> e em textos impressos privadamente.<sup>3</sup> Ele nunca se sentiu levado a organizar formalmente o seu acervo de conceitos porque nunca

considerou as suas formulações como finais.<sup>4</sup> Não obstante, a soma do seu trabalho sobre sonhos consiste em uma teoria altamente desenvolvida e clinicamente bem testada. Para tornar a teoria acessível aos psicoterapeutas junguianos e não junguianos, bem como a outras pessoas, tanto para a aplicação da análise de sonhos específicos quanto para a comparação com outras teorias de interpretação de sonhos, este livro apresenta uma sistematização documentada de todos os trabalhos publicados e não publicados de Jung sobre a sua teoria de interpretação dos sonhos.

### **O ato de sonhar e os sonhos**

Todos nós sonhamos, várias vezes por noite e durante crescentes períodos. É possível

que durmamos somente para sonhar. Os dados psicofisiológicos acumulados desde 1952 demonstram que, se formos privados do sono de movimento rápido dos olhos (REM), que está mais associado ao sonho do que o sono não REM, o sono REM aumenta nas noites subsequentes (por exemplo, Witkin e Lewis, 1967). Além disso, se formos impedidos de concluir nossos sonhos durante o sono, vamos nos envolver com um pensamento semelhante ao sonho durante os estados despertos (Fiss, Klein e Bokert, 1966).

No entanto, o ato de sonhar precisa ser distinguido dos sonhos (Jones, 1970), o ato do conteúdo, o processo do produto. O ato é fisiológico, o conteúdo – imagens, relatos, atividades, emoções e pensamentos –, psicológico. O foco deste livro são os sonhos, o produto do ato de sonhar. Jung não discutiu a distinção. Ele partiu do princípio de que seus leitores estavam familiarizados com a distinção que Freud fazia entre os sonhos, ou seja, a sua interpretação (Freud, SE4, Caps. 1-6), e o ato de sonhar (Freud, SE5, Cap. 7).

A definição de “sonho” no dicionário é a seguinte: “Uma série de imagens, ideias e emoções que ocorrem em certos estágios do sono” (*American Heritage Dictionary of the English Language*, 1969). Essa definição é válida para a teoria de Jung se supusermos que as imagens, ideias e emoções são inconscientemente determinadas. Na interpretação dos sonhos, as imagens dos sonhos são aceitas como fatos apresentados pela psique inconsciente do sonhador; o intérprete procura o significado dos fatos para fazer uma declaração psicológica que seja relevante para o sonhador.

Embora o respaldo para a importância dos sonhos e a sua interpretação ainda sejam principalmente clínicos, as evidências empíricas estão aumentando em quantidade e aceitabilidade. Calvin Hall, líder nas pesquisas experimentais sobre o conteúdo dos sonhos, que não está identificado com a escola junguiana, declarou o seguinte: “Estudamos os sonhos a fim de ampliar nosso conhecimento do homem” (1951, p. 63). Os sonhos de uma pessoa fornecem informações sobre o autoconceito do sonhador, informações que frequentemente não estão disponíveis a partir de outras fontes e informações sobre a relação entre o autoconceito e o comportamento.

### **Por que interpretar os sonhos?**

De acordo com Jung, os sonhos às vezes têm um efeito salutar, mesmo quando não são interpretados. No entanto, o benefício dos sonhos não interpretados é geralmente fraco e transitório; se a mensagem contida em um sonho não for levada à consciência, ela “esmorece e volta ao caos [...] mas depois recomeça” (VS1, p. 180),<sup>5</sup> ou seja, ela se repete em sonhos subsequentes até o sonhador “prestar atenção” a ela.

Em casos excepcionais, a vida ou a morte podem depender da atenção a um sonho. Jung citava repetidamente o exemplo de um conhecido, um entusiasta do alpinismo, que ridicularizava a interpretação dos sonhos e cuja morte foi acelerada porque ele não levou a sério o seu sonho *de sentir êxtase enquanto subia cada vez mais uma montanha até*

*que pisou no espaço vazio* (D1).<sup>6</sup> Embora Jung tenha implorado ao sonhador que sempre levasse dois guias nas suas expedições e os seguisse cegamente, o conselho foi recebido com risos. Mais tarde, o alpinista representou o sonho da vida real e tanto ele quanto um acompanhante caíram da montanha e morreram.

A importância de vida e morte da atenção aos sonhos não é original em Jung: em *Júlio César*, Shakespeare atribuiu à esposa de César, Calpúrnia, um aviso em sonho sobre o assassinato de César:

*César:* Nem o céu nem a terra tiveram paz esta noite. Por três vezes Calpúrnia gritou enquanto dormia: “Socorro, socorro! Estão matando César!” (Ato II, Cena II).

Embora a concepção popular da interpretação dos sonhos tenha a tendência de se concentrar no impacto dramático de sonhos que preveem a morte, a desgraça ou um sucesso inesperado, na realidade esses sonhos são raros na vida ou até mesmo na literatura. Na psicoterapia, um tipo um tanto mais comum de sonho que carrega um significado de vida ou morte é aquele que revela as ideias suicidas de um paciente que foram ocultadas do terapeuta. Essa revelação pode ajudar a orientar a conduta da terapia.

Os sonhos, como esses que revelam ideias suicidas, e outros que conduzem informações menos dramáticas, que podem ser conscientemente omitidas pelo paciente, demonstram que os sonhos são fontes de informações específicas para o terapeuta. Os sonhos propiciam o acesso aos diversos níveis da psique (consulte o Cap. 2 para mais detalhes sobre o conceito da estrutura da psique de Jung) e à natureza e causas de problemas individuais.

Conseqüentemente, para Jung, os sonhos eram fundamentais para o processo psicoterapêutico, de tal modo que ele caracterizava a análise dos sonhos como uma “obrigação profissional” do terapeuta (CW16, par. 295). Ele considerava a análise uma ferramenta de diagnóstico, especialmente para descobrir a etiologia da neurose de um paciente. A interpretação dos sonhos também promove a cura por complementar as experiências conscientes do sonhador, liberando assim energias reprimidas e abrindo a mente consciente para o conteúdo mental inconsciente. Jung formulou a hipótese de que os problemas psicológicos são atribuíveis a uma ruptura que separa a mente inconsciente da mente consciente. Por conseguinte, para que a psicoterapia possa ser eficaz, o tratamento precisa curar essa ruptura; o paciente precisa saber o que está ocorrendo no inconsciente, e assimilar os conteúdos inconscientes. “Os sonhos desenvolvem os pontos essenciais, gradualmente, e com a escolha mais apropriada” (CW7, par. 218).

Uma pessoa que sofra de neurose ou de um complexo grave<sup>7</sup> vive excessivamente em um dos lados da personalidade. Jung recomendou que uma pessoa assim deve procurar reconhecer essa unilateralidade e as atitudes impraticáveis que resultam dela. Aprender a entender os próprios sonhos possibilita que a pessoa enriqueça a mente consciente. Embora o conteúdo adicionado à consciência possa ser desagradável, ele conduz, geralmente, a um autoconhecimento mais profundo e a uma maior estabilidade mental. Ao formar uma conexão integral entre

o consciente e o inconsciente, a pessoa pode alcançar um horizonte mental mais amplo, uma nova orientação com relação à vida e o ordenamento de um mundo que estava muito confuso. Qualidades adormecidas no indivíduo começam a despertar, e a personalidade pode se desenvolver mais completamente do que teria sido possível se a neurose nunca tivesse ocorrido. Os sonhos são essenciais para o processo de desenvolvimento como uma fonte importante de conteúdos inconscientes.

Embora Jung considerasse a interpretação dos sonhos como essencial para a psicoterapia, ele também a julgava um aprendizado valioso para pessoas que não faziam psicoterapia. Para essas pessoas, a expansão da consciência resultante da incorporação de conteúdos inconscientes por meio da análise dos sonhos intensifica o desenvolvimento da sua personalidade. Algumas evidências dessa declaração são encontradas na “maturidade emocional fenomenal” (Noone e Holman, 1972, p. 23) dos Temiar, uma tribo do povo senoi da Malásia, conhecidos pela sua atenção aos sonhos na vida do dia a dia.

Portanto, a compreensão dos sonhos pode ajudar uma pessoa a entender o comportamento humano, inclusive o próprio, e viver mais produtivamente. Com frequência, encontramos um maior sentido de significado na vida ao incorporar uma dimensão que tem sido desconsiderada por muitas pessoas, a “esfera da experiência irracional” (CW16, par. 96).

### **As principais teorias de interpretação dos sonhos**

Quase todas as teorias atuais de interpretação dos sonhos estão historicamente radicadas em uma de três escolas, ou concordam de um modo geral com elas: a freudiana, a junguiana ou a existencialista. Embora fontes antropológicas, históricas e bíblicas sugiram que a humanidade sempre esteve envolvida com o significado dos sonhos, Freud foi a primeira pessoa a empreender o desenvolvimento de um método científico para sua interpretação. Apesar da zombaria de muitos dos seus primeiros colegas, ele corajosamente abriu o caminho para uma interpretação psicológica dos sonhos. Sua teoria é mais conhecida do que a de Jung, provavelmente porque parece mais fácil de entender e porque os textos de Jung sobre os sonhos estão espalhados entre suas inúmeras obras, com pouca sistematização. Além disso, Jung era um autor poético e, por conseguinte, a linguagem que ele usava obscurecia parte das suas ideias.

Para Freud, tudo o que estava no inconsciente fora um dia consciente e posteriormente reprimido. Para Jung, o inconsciente contém vários tipos de conteúdo: aquele que um dia foi consciente e depois reprimido; as percepções subliminares; memórias muito pouco importantes para serem lembradas (o pré-consciente de Freud); e conteúdos que surgem independentemente do inconsciente coletivo, uma camada comum

a todos os seres humanos que fornece as forças criativas e de cura que são tão

importantes para a vida humana significativa (consulte o Cap. 2).

Freud e Jung também diferiam a respeito de qual “conteúdo” do sonho deveria ser interpretado, o “manifesto” (as imagens dos sonhos como aparecem para o sonhador) ou o “latente” (os pensamentos dos sonhos subjacentes a essas imagens). Freud insistia que o significado de um sonho reside nos pensamentos latentes do sonho, que só podem ser descobertos por meio do processo da livre associação às imagens (consulte o Cap. 5). Jung, por outro lado, aderiu à interpretação do conteúdo manifesto – as imagens em si – porque, insistia ele, o sonho não é um disfarce. Por conseguinte, os dois tinham opiniões diferentes a respeito do simbolismo dos sonhos (consulte o Cap. 9).

Freud chamava a interpretação dos sonhos de “caminho real em direção ao conhecimento das atividades inconscientes da mente” (SE5, p. 608). Inicialmente, Jung aceitou essa afirmação (CW7, par. 25), mas depois modificou-a, formulando a hipótese de que o complexo é o caminho real em direção ao inconsciente e “o arquiteto dos sonhos e dos sintomas” (CW8, par. 210). Jung, portanto, tentou expor concisamente a sua opinião de que o objetivo da interpretação dos sonhos é descobrir tanto os complexos quanto o que o inconsciente tem a dizer a respeito dos complexos.

Alfred Adler era, ao lado de Freud e Jung, uma das “três grandes” figuras principais da psicanálise,<sup>8</sup> mas a sua contribuição para a teoria dos sonhos foi secundária. Mais importante, provavelmente, foi sua ideia de que “O propósito dos sonhos precisa estar nos sentimentos que ele desperta [e deixa para] trás” (Adler, 1938, p. 98). Consequentemente, o sonho ajuda o sonhador a enganar a si mesmo a fim de manter um estilo de vida usual.

Outros seguidores da psicologia profunda compartilharam muitos conceitos com Freud e Jung. Entre os exemplos estão Erich Fromm (1951), com sua “linguagem esquecida” dos sonhos, e a teoria do “conflito focal” de Thomas French e Erika Fromm (1964).

Seguidores da abordagem existencial-fenomenológica da psicoterapia são distinguidos tanto de Freud quanto de Jung, já que eles não hipotetizam conteúdos mentais inconscientes. Entretanto, eles parecem mais próximos de Jung do que de Freud, visto que suas interpretações dos sonhos se baseiam no conteúdo manifesto dos sonhos. O principal teórico dessa escola de psicoterapia é Medard Boss (1957); outros muito conhecidos são Leopold Caligor e Rollo May (1968), e Fritz Perls (1969). Embora Boss rejeitasse a ideia das interpretações subjetivas e objetivas (consulte o Cap. 10), suas análises dos sonhos me parecem estar de acordo com as especificações de Jung para as interpretações subjetivas: Boss considerava que as imagens dos sonhos se referiam a diversas partes da psique do sonhador.

### **As vantagens da teoria de Jung**

Reconhecidamente, poucas evidências empíricas estão disponíveis para verificar interpretações específicas de sonhos, e menos ainda para apoiar um sistema teórico para

a interpretação de sonhos. Por conseguinte, não podemos demonstrar inequivocamente que qualquer teoria seja preferível a outras teorias. O próprio Jung defendia uma exaustiva pesquisa para chegar à verdade, e ele contribuiu para a pesquisa no seu trabalho clínico ao analisar cerca de 2 mil sonhos<sup>9</sup> por ano durante muitos anos. No entanto, uma pesquisa mais sistemática se faz necessária, inclusive a testagem de hipóteses junguianas específicas.

A amplitude da teoria de Jung a torna um rico manancial de interpretações de sonhos. Essa amplitude é criada pela concepção de Jung do sonho como quase sempre compensando a situação consciente do sonhador e, portanto, estando sujeita a um leque de possibilidades interpretativas tão amplas quanto as que marcam a experiência humana. Esse ponto de vista contrasta com as restrições impostas por teorias como as de Freud, nas quais os sonhos são a satisfação de desejos, e outras teorias que compartilham com a de Freud a tentativa de encontrar uma fórmula por meio da qual interpretar todos os sonhos: por exemplo, a teoria de French e Fromm (1964), na qual os sonhos são considerados como surgindo de conflitos “focais” e “subfocais”. Assim como Freud, Jung estava interessado no que os sonhos revelam a respeito da etiologia, do prognóstico e da possível cura da neurose do paciente. Não obstante, Jung também encarava os sonhos como fenômenos normais experimentados por pessoas “normais”. Nessa concepção, ele anteviu as recentes constatações das recentes pesquisas sobre a ocorrência universal do sonho que ocorre todas as noites durante o sono.

Embora poucos teóricos não junguianos reconheçam explicitamente as contribuições de Jung para a interpretação dos sonhos, muitos implicitamente aceitam o trabalho dele ao rejeitar o conceito freudiano de que o sonho manifesto é um disfarce para o conteúdo latente do sonho, e adotam uma abordagem que está mais próxima da ideia junguiana de que o sonho diz aquilo que significa. Além disso, muitos psicoterapeutas copiaram Jung ao considerar mais útil extrair dos sonhos do paciente comentários sobre o significado dos complexos do que meramente se concentrar, como Freud, no que são os complexos. Além disso, quando os sonhos são interpretados como construtivos e também como causais, como na teoria junguiana, o sonhador pode ser ajudado a enxergar possibilidades para o crescimento em vez de apenas examinar o passado, de onde vieram os problemas.

A amplitude da abordagem de Jung é adicionalmente demonstrada no fato de que, em sua aceitação da análise subjetiva dos sonhos, ele não rejeitou a interpretação defendida por Freud, ou seja, que as imagens dos sonhos dizem respeito a pessoas e coisas verdadeiras (consulte o Cap. 10). A provável validade dessa abordagem combinada tende a ser confirmada pelo fato de ela estar sendo cada vez mais adotada por outros teóricos.

Talvez o elemento mais característico na teoria de Jung seja sua hipótese de que algumas imagens dos sonhos derivam de conteúdos coletivos ou arquetípicos e não de experiências pessoais do sonhador. Ainda existe um considerável debate sobre a concepção original de Jung a respeito do componente coletivo do inconsciente; não obstante, o conceito é considerado praticamente autoevidente por pessoas que o utilizam amplamente (consulte os Caps. 2 e 6).

## O escopo deste trabalho

Apoiados nas informações apresentadas até aqui – breves discussões da importância da interpretação dos sonhos e das principais teorias de interpretação – os capítulos seguintes apresentam elementos informativos adicionais sobre a vida de Jung e teorias psicológicas (sem fazer comentários críticos sobre essas teorias), uma discussão da natureza dos sonhos, uma descrição de como um futuro analista junguiano é treinado na interpretação dos sonhos e uma visão geral da análise junguiana dos sonhos. Os capítulos subsequentes apresentam uma descrição e uma aplicação passo a passo dos princípios da interpretação junguiana dos sonhos, uma consideração da relação dos sonhos com o processo psicoterapêutico e uma discussão de métodos de verificação da interpretação dos sonhos. Para ilustrar como os princípios são aplicados, também é incluída uma detalhada interpretação de um sonho. Os capítulos finais apresentam uma avaliação da teoria da interpretação dos sonhos de Jung.

O trabalho de Jung sobre os sonhos esteve em andamento ao longo de toda a sua vida. Com frequência, ele introduzia novas ideias em resposta a perguntas que surgiam nos seus seminários ou durante o desenvolvimento de um tema particular, como a sua teoria psicológica relacionada com a alquimia.<sup>10</sup> Embora seu ensaio “Symbols and the Interpretation of Dreams”<sup>11</sup> (CW18, parágrafos 416-607), escrito pouco antes de sua morte, consolidasse muitas de suas ideias, Jung nunca tentou fazer uma análise crítica abrangente, provavelmente porque estava continuamente modificando suas ideias e porque estava sempre gerando a seguinte “grande ideia”. Neste livro, contribuo para a utilidade das teorias de Jung, tornando disponíveis aqui, de forma sistemática, todas as ideias de Jung relacionadas à interpretação dos sonhos, e sugerindo modestos acréscimos onde a teoria não está completa.

Para ilustrar os diversos aspectos da teoria de Jung, utilizo muitos dos exemplos de sonhos de Jung, bem como de alguns dos meus analisandos e de outras pessoas. Ao ilustrar cada ponto teórico, incluo no texto apenas a parte de um sonho e sua interpretação, ambos necessários para esclarecer o ponto. Complementando cada exemplo do trabalho de Jung para o qual informações adicionais (texto, conteúdo, interpretação e comentários de Jung) estão disponíveis, o sonho inteiro e todas as informações relevantes são apresentados no Apêndice. (Uma vez que Jung oferecia os sonhos como ilustrações de pontos teóricos que não estão necessariamente relacionados com os sonhos, ele quase nunca apresentava a interpretação completa de um sonho.) As partes apresentadas no texto são, na minha opinião, fiéis à totalidade da interpretação. Essa forma de apresentação tende a tornar a teoria mais clara e prontamente aplicável do que um número menor de interpretações completas apresentadas, inevitavelmente, menos sistematicamente.

Em muitos casos, neste livro, aplico as teorias de sonho de Jung de uma maneira mais completa do que ele fez. Essa elaboração é possível porque tive acesso ao completo desenvolvimento histórico do trabalho dele. Ele era um teórico criativo que experimentou ideias de um modo sucessivo, porém nem sempre cumulativo. Aquelas que ele rejeitou

foram basicamente retiradas deste livro; outras receberam da parte dele uma ênfase decrescente, mas estão incluídas aqui porque formam partes da sua teoria global. O completo desenvolvimento histórico de cada ponto da teoria dos sonhos de Jung pode ser encontrado em Mattoon (1970). Aqui, examino apenas as mudanças no pensamento de Jung que estão relacionadas às suas aparentes contradições. Outras declarações de Jung que parecem incorretas são tratadas por meio da transformação de algumas das suas generalizações em afirmações mais relativas. Por exemplo, ele às vezes usava “nunca” ou “sempre” quando “raramente” ou “geralmente” designariam com mais exatidão a frequência de um fenômeno.

No entanto, existem pontos nos quais as minhas experiências, ou outros elementos, fizeram com que eu me afastasse do ponto de vista de Jung. Como ele apresentava suas ideias como hipóteses a serem testadas e não como um dogma no qual devemos obrigatoriamente acreditar, considero que as minhas contestações realçam a contribuição de Jung para a teoria dos sonhos, e não que lançam dúvidas sobre ela. Com essa finalidade, cada ponto polêmico é discutido com informações relevantes, o que inclui exemplos de sonhos e suas interpretações.

Neste livro, evito mencionar símbolos específicos de sonhos, a não ser nos exemplos de hipóteses interpretativas, porque símbolos específicos não contribuem para a teoria. Além disso, as interpretações da maioria dos símbolos se aplicam apenas a uma situação particular e não devem ser generalizadas. Na realidade, Jung advertiu contra a utilização dos “livros de sonhos” ou “dicionários” de símbolos oníricos.

## **Termos**

Alguns dos termos que são usados com frequência neste livro requerem explicações ou definições. A rigor, o termo “o inconsciente” não deveria ser usado porque não existe tal entidade; não obstante, Jung utilizava repetidamente o termo (e o definia como “a totalidade de todos os fenômenos da psique que carecem da qualidade da consciência” [CW8, par. 2701]). Neste livro, “o inconsciente” é usado para denotar resumidamente o que mais exatamente, porém mais ponderosamente, seriam denominados “conteúdos inconscientes” ou “conteúdos mentais inconscientes”.

Os termos de Jung para os elementos principais do processo psicoterapêutico variavam. Ele usava o termo “paciente” basicamente de uma maneira alternada com “analisando”, e “médico” com “analista” ou “psicoterapeuta”. (Jung era médico e às vezes parecia pensar no analista como sendo também um médico. Ele insistia, contudo, que os analistas não precisavam ser médicos e, por conseguinte, aceitava treinar pessoas com outras formações profissionais. Essa prática de treinamento continua em todos os centros de treinamento junguiano.)

Uso os termos “analista”, “psicoterapeuta” ou “terapeuta” e “analisando” ou “paciente” quando o foco é no analista ou na psicoterapia. (Todos os psicoterapeutas

junguianos formados são analistas, e nenhuma distinção clara é feita – entre os junguianos – entre a psicoterapia e a análise.) Quando o foco recai na interpretação dos sonhos, quer ou não no contexto da psicoterapia, sigo o exemplo de Jung e uso o termo “sonhador”, mas me afasto da sua prática usando bastante sistematicamente “intérprete de sonhos” ou “intérprete” para o terapeuta. (Jung usava o termo “intérprete” apenas em raras ocasiões.) É importante ter em mente, contudo, que *tanto* o terapeuta *quanto* o paciente participam da interpretação de um sonho.

Assim como Jung, uso “análise dos sonhos” de uma maneira mais ou menos sinônima com “interpretação dos sonhos”, apesar do fato de que até mesmo em um ambiente terapêutico nem toda análise de sonho, ou seja, o exame de um sonho, conduz a uma interpretação.<sup>12</sup> Não raro, terapeuta e paciente discutem as imagens do sonho e o seu conteúdo sem chegar a uma interpretação efetiva. Outros termos que precisam ser explicados são definidos nos contextos à medida que surgem.

Algumas referências às ideias de Freud sobre os sonhos e a sua teoria da personalidade estão incluídas aqui quando esclarecem os comentários de Jung, muitos dos quais foram escritos em resposta a ideias freudianas. As diversas teorias sobre a interpretação dos sonhos não são comparadas em outros contextos; essas comparações estão além do escopo deste trabalho.

#### <sup>1</sup> *Obras Completas* (N.T.)

Os principais ensaios de Jung que tratam especificamente da interpretação dos sonhos estão reunidos em *Dreams* (1974). Capítulos adicionais que atribuem uma ênfase maior aos sonhos e à sua interpretação são: “Morton Prince, ‘Mechanisms and Interpretation of Dreams’: A Critical Review”, em CW4; “The Personal and the Collective (or Transpersonal) Unconscious”, “The Synthetic or Constructive Method” e “The Archetypes of the Collective Unconscious” em CW7; “The Meaning of Psychology for Modern Man”, em CW10; “The Autonomy of the Unconscious”, em CW11; “The Significance of the Unconscious in Individual Education”, em CW17; “Sigmund Freud: ‘On Dreams’”, par. 129-262 de “The Tavistock Lectures”; e “Symbols and the Interpretation of Dreams”, em CW18.

#### <sup>2</sup> MDR, Let-1 e 2, FJ.

#### <sup>3</sup> AP; CD36, 38, 40; DA1, 2; MPI-II, III-IVA, V-VI; SW; VS1 e 2; e Z1-10.

<sup>4</sup> Os intérpretes de Jung têm limitado suas apresentações da teoria da interpretação dos sonhos dele a resumos, em vez de oferecer explicações completas, e ao conteúdo de casos nos quais as interpretações dos sonhos ilustram várias teorias junguianas. Consulte, por exemplo, Baynes (1950), Bennet (1962, 1967), Fordham (1953), Frey-Rohn (1974), Goldbrunner (1964), Hall e Nordby (1973), Hochheimer (1969), Jacobi (1942), Marjasch (1966b), Meier (1969), Nell (1968) e Singer (1972). Outros intérpretes, como Kelsey (1968), Mahoney (1966), Meier (1972), Rossi (1972) e Sanford (1968), lidaram quase exclusivamente com sonhos a partir de um ponto de vista prático, histórico ou filosófico, porém sem uma apresentação sistemática da teoria completa de Jung da interpretação dos sonhos.

<sup>5</sup> A declaração aparentemente contraditória de Jung, “Somente quando um sonho é muito impressionante, ou se repete com frequência, a interpretação e a compreensão consciente se tornam desejáveis” (CW18, par. 476), foi feita no contexto de argumentar quais são os símbolos que não precisam ser compreendidos conscientemente a fim de ser eficazes. Como veremos, Jung considerava a interpretação dos sonhos fundamental para o processo

psicoterapêutico.

6 O enredo de cada sonho, seja ele uma citação direta ou um resumo, completo ou incompleto, está em caracteres itálicos. Os sonhos para os quais informações adicionais estão disponíveis são designados como D1, D2 etc. As informações adicionais estão no Apêndice.

7 Na fraseologia de Jung, a neurose é uma combinação de complexos (consulte o Cap. 2) ou sintomas: físicos, comportamentais ou afetivos. O complexo (ou complexo de tonalidade emocional) é um conteúdo do inconsciente que é incompatível com a atitude habitual da consciência. O complexo está cercado por uma forte emoção e funciona autonomamente para produzir distúrbios de memória e influenciar a fala e a ação. Ele pode aparecer nos sonhos em uma forma personificada. (Esta definição é extraída de duas fontes: CW8, par. 201-211, e MDR, p. 381-382.)

8 “Psicanálise” veio a se tornar conhecida depois como a escola freudiana de psicoterapia, mas nos primeiros dias ela designara todo o movimento do qual Jung e Adler participavam.

9 Jung escreveu: “Investigo anualmente cerca de mil e quinhentos a dois mil sonhos” (CW8, par. 474); “analisei cerca de 2.000 sonhos ou mais a cada ano” (DA1, p. 18; e “Naquela ocasião [1907], analisei pelo menos quatro mil sonhos por ano” (CW3, par. 557).

10 Jung encarava o trabalho dos alquimistas medievais como uma projeção dos próprios processos psíquicos de individuação deles sobre a matéria com a qual eles estavam tentando transformar – a partir de uma substância inferior, a “prima materia” (por exemplo, chumbo, terra, água ou esterco) em uma substância mais valiosa (por exemplo, ouro). Alguns alquimistas pareciam estar conscientes do significado do seu trabalho, já que seu “trabalho no laboratório era basicamente uma questão de símbolos e do efeito psíquico desses últimos” (CW12, par. 40).

11 “Os Símbolos e a Interpretação dos Sonhos”. (N.T.)

12 Na realidade, raramente há tempo em uma sessão de terapia para a interpretação completa de um sonho. Para a interpretação completa apresentada no Capítulo 17, por exemplo, passei quatro horas com o sonhador estabelecendo o contexto e discutindo a hipótese interpretativa.

## OS SONHOS NO DESENVOLVIMENTO DAS TEORIAS PSICOLÓGICAS DE JUNG

### A vida de Jung

Carl Gustav Jung<sup>1</sup> nasceu no dia 26 de julho de 1875 em Kesswill (no Lago Constança), Suíça, e faleceu em Küsnacht, perto de Zurique, no dia 6 de junho de 1961. Sua família, embora possuísse recursos limitados, estava profundamente envolvida com a medicina e a religião. Carl recebeu seu nome em homenagem ao avô paterno, médico alemão e professor de cirurgia na Universidade de Basel. O pai de Carl, Johann, era pastor e estudioso de assuntos orientais e clássicos.

Ele começou a ensinar latim a Carl quando este completou seis anos de idade. Ele continuou a estudar a língua quando cresceu e aprendeu a ler textos antigos com facilidade. Essa habilidade facilitou o estudo dos clássicos, história, antropologia e religião, ao qual se dedicou a vida inteira. O interesse por esses estudos parece ter começado com um livro infantil ilustrado sobre religiões exóticas, o qual a mãe, Emilie (Preiswerk), leu para ele na infância. Ele nunca se cansava de estudar as imagens dos deuses hindus no livro.

Em 1879, a família se mudou para os arredores de Basel, onde, em 1884, nasceu a filha do casal Jung, Gertrud. Carl ingressou na escola em Basel e ali concluiu sua instrução formal. Ao receber o diploma de medicina em 1900, foi designado Médico Assistente (o que equivale a um residente de psiquiatria nos Estados Unidos) no Hospital Burghölzli (uma instituição psiquiátrica pública em Zurique), que era então dirigida por Eugen Bleuler. Cinco anos depois, Jung foi nomeado Médico Chefe do hospital e

Palestrante de Psicoterapia na Universidade de Zurique. Em 1903, ele se casou com Emma Käuschenbäch, o casal teve quatro filhas e um filho. Até morrer, em 1955, Emma colaborou estreitamente com o marido no trabalho deste. Assim como os colegas do hospital e da universidade, Jung tinha um consultório particular. Em 1909, o consultório estava lhe proporcionando uma remuneração suficiente para que ele renunciasse ao cargo no hospital; quatro anos depois, demitiu-se também na Universidade. A partir de então, passou um tempo considerável escrevendo e viajando.

Jung se interessou pelos sonhos a vida inteira. Em *Memories, Dreams, Reflections* ele narrou alguns dos seus sonhos e fantasias do início da infância. A partir daquela época, de acordo com essas memórias, passou a considerar sua vida interior mais “repleta de acontecimentos” do que a exterior. O interesse pelos sonhos aumentou com seus estudos e prática psicológicos.

Quando jovem, Jung pensara em fazer carreira em arqueologia; por carecer dos recursos financeiros necessários para frequentar uma universidade que oferecesse esse tipo de curso, desistiu da ideia. Optou por seguir carreira na esfera científica em parte por causa de dois sonhos que tivera algumas semanas antes de ingressar na Universidade de Basel (MDR),<sup>2</sup> e escolheu a medicina por ser a área científica na qual ele poderia ganhar adequadamente a vida. Os estudos exigidos em psiquiatria só vieram a interessá-lo em seu último ano. Introduzido a eles pela obra *Lehrbuch der Psychiatric* (*Compêndio de Psiquiatria*) de Krafft-Ebing, Jung viu a especialidade como uma maneira de combinar seus interesses filosóficos com seu envolvimento com as ciências naturais.

Outro interesse que durou a vida inteira foi despertado durante o último ano de Jung na escola de medicina. Duas experiências trouxeram à tona sua fascinação pelas ciências ocultas, cujas sementes provavelmente foram plantadas durante a infância por camponeses supersticiosos da área do Lago Constança. Certo dia, quando estava estudando em casa, Jung ouviu um barulho alto, como um tiro de pistola, vindo da sala de jantar, que era vizinha ao seu quarto. Ao correr para lá, constatou que uma mesa redonda de noqueira, de setenta anos de idade, havia rachado da beirada até além do centro. Nenhuma explicação pôde ser encontrada para a ocorrência. A segunda experiência teve lugar duas semanas depois. Ele voltou para casa certa noite e encontrou

a família muito aflita. A mãe, a irmã e a empregada tinham ouvido um estrépito ensurdecedor na sala de jantar, mas não tinham encontrado nada quebrado. Jung fez uma busca na sala, encontrando em um armário a faca de pão em pedaços, com cada pedaço em um canto diferente da cesta de pão. A improbabilidade de uma explicação natural para a quebra e a distribuição dos pedaços o impressionou profundamente, e ele guardou os pedaços da faca a vida inteira como prova do evento.

Seu interesse pelas ciências ocultas se intensificou algumas semanas depois do incidente com a faca, quando Jung observou uma menina de quinze anos de pouca instrução que, em meio a um transe, falou num pomposo Alto Alemão em vez do seu dialeto suíço habitual. Ela também tinha visões e era uma excelente médium. As notas de Jung sobre a menina e as sessões das quais ela participou formaram uma parte importante de sua tese para o grau de Doutor em Medicina. A dissertação foi publicada em 1902 com o título “Zur Psychologie und Pathologie sogenannter occulter Phänomene” (Psicologia e Patologia dos Supostos Fenômenos Ocultos: CW1).

No Hospital Burghölzli, Jung procurou descobrir as causas das doenças mentais examinando o tecido cerebral, e curar essas doenças com hipnose; ambas as tentativas falharam. Ele desenvolveu com alguns colegas um Teste de Associação de Palavras e fez uma “importante contribuição ao padronizar os métodos de administração e interpretação” (Bell, 1948, p. 16).<sup>3</sup> Usou vários indicadores de diagnóstico: o tipo de resposta (por exemplo, um sinônimo da palavra estímulo), a reprodução incorreta da palavra resposta, o tempo de reação e outros comportamentos de teste.<sup>4</sup> Jung considerava que a combinação de dois ou mais indicadores respaldava a sua impressão de diagnóstico<sup>5</sup>

Desde a década de 1950, o interesse pelo método de associação de palavras passou por uma revitalização, porém com finalidades diferentes das de Jung no início da sua vida profissional. Seu interesse residia no diagnóstico clínico e na teoria do que ele chamou inicialmente de “complexos de tonalidade emocional”, que mais tarde abreviou para “complexos”. Hoje, o foco é no estudo do comportamento verbal e dos processos cognitivos.

O teste de Jung foi o precursor de técnicas projetivas posteriores. Na opinião de Bell (1948),

nenhuma imagem global de dispositivos projetivos deveria ser considerada completa sem este pai idoso de tantos outros testes [...] Independentemente do seu lugar no futuro, ninguém irá contestar a posição do teste de associação de palavras como o progenitor da maioria dos nossos testes de personalidade do tipo não questionário (p. 15).

O trabalho de Jung no Teste de Associação de Palavras e a teoria dos complexos contribuíram para o estudo dos conteúdos mentais inconscientes. Mais tarde, suas observações sobre o conteúdo dos sonhos, alucinações e ilusões dos pacientes ofereceram parte das informações para a hipótese da existência de um conteúdo coletivo (arquetípico) na psique inconsciente (o que será discutido mais adiante ainda neste capítulo).

Por sugestão de Bleuler, Jung leu a obra de Freud *Interpretation of Dreams* em 1900, o ano em que foi publicada. O livro só veio a causar-lhe um impacto três anos depois, quando Jung se deu conta de que a obra apresentava uma explicação proveitosa para o mecanismo da repressão, que ele registrara nas suas experiências de associação de palavras. Em 1906, Jung enviou para Freud um exemplar de *Diagnostische Assoziationsstudien: Beiträge zur experimentellen Psychopathologie* (*Estudos de Associação Diagnóstica: Contribuições para a Psicopatologia Experimental*, consulte CW2). A carta de agradecimento de Freud (FJ, 1F), admitindo que, por impaciência, ele já tinha comprado o livro, deu início a uma correspondência que continuou durante cerca de sete anos. Os dois se encontraram pela primeira vez no dia 3 de março de 1907, em Viena, e conversaram durante 13 horas consecutivas. Durante encontros privativos subsequentes – o que inclui a viagem, em 1909, à Clark University, Worcester, Massachusetts, onde os dois homens receberam graus honoríficos – e Congressos da Associação Psicanalítica Internacional, Jung tornou-se cada vez mais consciente de que suas concepções diferiam das de Freud. Ainda assim, por insistência deste, ele assumiu a presidência permanente da Associação em 1910. Jung renunciou ao cargo em 1914, sete meses depois de suas diferenças com Freud terem chegado ao auge por causa da publicação de Jung de *Wandlungen und Symbole der Libido* (*Transformações e Símbolos da Libido*, traduzido para o inglês por Beatrice Hinkle como *The Psychology of the Unconscious*,<sup>6</sup> revisto e republicado como CW5, *Symbols of Transformation*),<sup>7</sup> que foi discutido na tempestuosa reunião da Associação em Munique em 1913. Em agosto de 1914, Jung deixou de ser membro da Associação. Depois do encontro de 1913, Jung e Freud nunca mais se viram.

À semelhança de vários outros momentos decisivos na sua vida, o rompimento de Jung com Freud teve origem, pelo menos em parte, em um sonho. Na viagem à Clark University, os dois estiveram juntos todos os dias durante sete semanas e analisaram os sonhos um do outro. A tentativa de Freud de interpretar um dos sonhos de Jung como satisfação de desejo entrou em conflito com a opinião deste de que o sonho continha um conteúdo coletivo.<sup>8</sup> Ao contribuir tanto para o desenvolvimento da teoria do inconsciente de Jung quanto para a controvérsia com Freud, o sonho colaborou para o rompimento subsequente.

Depois da reunião em Munique, o trabalho de Jung, inclusive sua teoria da interpretação dos sonhos, perdeu rapidamente a qualidade freudiana e começou a revelar mais plenamente seu interesse pelo simbolismo arquetípico. Ele foi capaz de se dedicar livremente à sua abordagem exclusiva dos conteúdos da mente inconsciente. É duvidoso que Jung tenha sido um dia “discípulo” de Freud.<sup>9</sup> Foi um colega de trabalho na psicologia profunda que, por intermédio da investigação independente dos fenômenos inconscientes, se aproximara durante algum tempo das opiniões de Freud no decurso do seu próprio desenvolvimento.<sup>10</sup>

Depois do rompimento com Freud, Jung passou por um período que chamou de “incerteza interior” ou “desorientação” (MDR, P. 170). Durante aproximadamente seis anos, passou bastante tempo trabalhando em seus próprios sonhos e fantasias, traduzindo as imagens destes para a linguagem da consciência e incorporando-os, na medida do possível, às rotinas diárias da sua vida (consulte MDR, Cap. VI). Ellenberger (1970) chamou esses anos de o período da “doença criativa” de Jung (p. 672), porque a investigação da sua realidade interior levou-o a desenvolver muitas de suas teorias psicológicas. Entre 1919 e 1944, quando foi interrompido por uma doença grave, Jung escreveu a maior parte das suas principais obras, muitas na forma de ensaios individuais, que foram reunidas mais tarde em volumes das *Collected Works*. Ele também se dedicou intensamente à prática psicoterapêutica, apresentou seminários em alemão e em inglês, e fez um grande número de longas viagens, inclusive várias aos Estados Unidos. Um contínuo interesse ao longo de toda a sua vida ativa foi a construção e ocupação da sua famosa “torre” em Bollingen. Participou da fundação do Instituto C. G. Jung em Zurique, em 1948, e foi seu primeiro presidente, permanecendo no cargo até 1950, quando se retirou da participação ativa no instituto (Hannah, 1976). Depois de 1945 e até sua morte em 1961, Jung tratou de um número decrescente de pacientes e se concentrou principalmente no seu trabalho sobre o significado psicológico da alquimia, que culminou com a obra *Mysterium Coniunctionis* (CW14).

A capacidade de Jung de instigar seus analisandos e alunos a pesquisar as próprias profundezas produziu histórias a seu respeito que fizeram com que ele parecesse divino. Mas aqueles que o conheceram tendem a concordar que era uma pessoa intensamente humana. Na aparência física, era alto, forte, tinha ombros largos e uma aparência saudável, com “um semblante franco e animado” (Bennet, 1962, p. 5). Era alpinista e um marinheiro experiente, e sempre morou perto de um rio ou de um lago. Era um bom

ouvinte e um conversador que não desperdiçava tempo com trivialidades, e tinha um aguçado senso de humor igualado, talvez, ao pavio curto. Jung valorizava a família, mas tinha uma grande necessidade de ficar sozinho; passava semanas a fio longe da esposa e dos filhos, frequentemente em sua casa em Bollingen, grande parte da qual ele mesmo construiu. Seu poder de concentração era prodigioso, o que pode ser deduzido a partir de seu conhecimento enciclopédico e da quantidade de textos que escreveu. Sua abertura a novas ideias refletia a atitude não dogmática que é expressa na sua declaração frequentemente citada: “Não sou junguiano”. O fascínio pela sua própria vida interior, tão aparente em *Memories, Dreams, Reflections*, afetou profundamente todos os aspectos de suas teorias psicológicas; esse fascínio era especialmente evidente na grande quantidade de tempo e esforço que dedicou ao estudo dos conteúdos arquetípicos.

## Os sonhos e a teoria da personalidade de Jung<sup>11</sup>

Todas as teorias de Jung são tentativas de esclarecer o funcionamento da psique humana. A maioria está estreitamente relacionada com seu trabalho sobre os sonhos. Esse trabalho se baseou em seu método empírico, que ele definiu como “a observação dos fenômenos” (CW11, par. 2), em contraste com “ideologismo” (CW6, par. 518). Seus dados com frequência eram os conteúdos inconscientes, como os sonhos e adivinhações de seus pacientes. A afirmação frequentemente ouvida de que Jung era “místico” deixa de considerar sua base empírica e a distinção entre métodos não racionais, do que Jung tem sido injustamente acusado, e informações não racionais, nas quais ele estava muito interessado (consulte Dallett, 1973).

A mais amplamente aceita e confirmada das teorias de Jung é provavelmente a dos tipos de atitude, extroversão<sup>12</sup> e introversão. Jung chamava essas categorias de tipos, mas as tratava mais como dimensões da personalidade, especialmente com o seu reconhecimento de que todo mundo tem um pouco de cada uma delas (CW6, par. 563, 621) e que elas podem mudar ao longo da vida da pessoa. Embora outros psicólogos (Cattell, 1957; Eysenck e Eysenck, 1969) tenham definido as categorias de uma maneira um tanto diferente, os termos e a sua conceituação geral são de Jung. Este definia a extroversão como “a *libido* voltada para fora”, com o que ele estava se referindo à energia psíquica; ou seja, “Todo mundo no estado extrovertido pensa, sente e age em relação ao objeto” (CW6, par. 710). Inversamente, a introversão é definida como “a *libido* voltada para dentro [...] Todo mundo cuja atitude é introvertida pensa, sente e age de uma maneira que demonstra claramente que o sujeito é o principal fator motivador e que o objeto tem uma importância secundária” (CW6, par. 769).

Jung desenvolveu o conceito dos tipos de atitude a partir das suas experiências com pacientes, “com homens e mulheres de todos os níveis sociais, [...] interações pessoais com amigos e inimigos, e [...] uma apreciação crítica da [sua] própria peculiaridade psicológica” (CW6, p. xi). O conceito foi gerado em decorrência da sua perplexidade

com relação à controvérsia entre Freud e Adler. Aqui estavam dois homens inteligentes, ambos de procedência judaica, ambos moradores do mesmo ambiente urbano (Viena), ambos tratavam de pacientes que eram basicamente do mesmo tipo, e, no entanto, um concluiu que o conflito sexual era a base da neurose, e o outro, que a base era o desejo do poder. O intenso interesse de Jung por essa controvérsia, elaborado em *Two Essays on Analytical Psychology*<sup>14</sup> (CW7), estava radicado na dor da sua própria divergência e rompimento com Freud. Ele concluiu no primeiro dos dois ensaios que os dois pontos de vista surgiram das diferentes perspectivas de mundo de Freud e Adler: a extroversão (Freud)<sup>15</sup> e a introversão (Adler). Devido à diferença nas perspectivas, nenhum dos homens era capaz de entender o ponto de vista do outro.<sup>16</sup>

As categorias de atitude são “apenas duas entre muitas peculiaridades do comportamento humano” (CW18, par. 499), concluiu Jung. As “funções” – sensação, pensamento, sentimento e intuição – também distinguem as pessoas porque em cada pessoa uma das funções é mais desenvolvida do que as outras. Jung definiu as funções da seguinte maneira:

A *sensação* (ou percepção sensorial) nos diz que alguma coisa existe; o *pensamento* nos diz o que ela é; o *sentimento* nos diz se ela é agradável ou não; e *intuição* nos diz de onde ela vem e para onde está indo (CW18, par. 503).

Jung observou clinicamente que, quando o pensamento é a função mais desenvolvida em uma pessoa particular, o sentimento (o oposto do pensamento na tipologia de Jung) tende a ser a menos desenvolvida, e vice-versa. Uma situação paralela existe para a sensação e a intuição. A função mais desenvolvida é conhecida como a “superior”, e o seu oposto, como a função “inferior”. Jung descreveu detalhadamente os tipos de atitude e função no Capítulo 10 de *Psychological Types*<sup>17</sup> (CW6).

Os tipos estão relacionados com os sonhos por meio de imagens específicas. Em um sonho, por exemplo, uma figura humana com um temperamento oposto ao do sonhador, e geralmente do mesmo sexo, pode representar a atitude ou função inferior do sonhador.

Apesar das diferenças psicológicas entre as pessoas descritas como tipos de atitude e função, existem semelhanças na estrutura psíquica de todas elas. Cada personalidade é composta por alguma consciência – o ego e os conteúdos que estão prontamente disponíveis para ele – e muita coisa inconsciente, principalmente a *sombra*, a *persona* e a *anima* ou o *animus*. Cada um desses conteúdos pode aparecer com frequência como figuras nos sonhos, e cada um é capaz de intermináveis variações, formas e misturas. Uma breve descrição de cada termo deve ser suficiente aqui.

O *Ego* (Latim: “Eu”) era para Jung o centro do campo e da consciência do indivíduo, aquilo que proporciona a unidade e a continuidade para a personalidade.<sup>18</sup>

A *Sombra* é formada pelas qualidades que a pessoa prefere ocultar, aquelas que são inadequadas e inoportunas. Ela abarca o potencial do indivíduo, em uma forma não desenvolvida. O ego percebe a sombra como inferior e até mesmo como inteiramente

má, mas grande parte dela é apenas embaraçosa.<sup>19</sup>

*Persona* (Grego: “máscara”) é o termo que Jung aplicou aos aspectos da personalidade por meio dos quais a pessoa se adapta ao mundo exterior, o rosto que ela mostra que é apresentável e aceitável para os outros.<sup>20</sup>

A *anima* e o *animus* (Latim: [f. e m.] “alma”) são os aspectos da psique que conduzem a imagem da pessoa do outro sexo. Para Jung, todos os seres humanos incor-

porém, todos os homens [masculinidade e prostratividade] e, na mulher, em papéis sociais) do lado feminino inconsciente do homem é a anima, e o lado masculino inconsciente da mulher é o animus. A anima está propensa a ser experimentada negativamente como melancolia, positivamente como criatividade; o animus tem a tendência de ser experimentado negativamente como obstinação, positivamente como iniciativa construtiva.

O *Self* “designa a gama de fenômenos psíquicos no homem [conscientes e inconscientes]. Ele expressa a unidade da personalidade como um todo” (CW6, par. 789), e não deve ser confundido com o ego, que é apenas o centro da consciência da pessoa. Jung usava o termo *Self*<sup>21</sup> também em um sentido transpessoal como o reflexo de uma totalidade maior – Deus.

Para completar essa breve exposição da teoria da personalidade de Jung, segue-se uma descrição do mecanismo que Jung chamava de “projeção”. Ele designa a tendência de perceber uma parte da nossa própria psique<sup>22</sup> como pertencendo a outra pessoa.<sup>23</sup> Pode operar em relação à expressão positiva ou negativa de qualquer faceta da personalidade: uma atitude; sentimento; qualidade; ou habilidade, desenvolvida ou não desenvolvida. É através da projeção que os sonhos frequentemente ajudam a revelar a estrutura psíquica de uma pessoa, ao indicar o que a pessoa está projetando nos outros.

Jung formulou inicialmente a hipótese da sombra, do animus e da anima, pelo menos em parte, com base nos sonhos. Todos os três, junto com o *Self*, estão propensos a aparecer nos sonhos em uma forma personificada (consulte Mahoney, 1966). A *persona* tende a aparecer no sonho como a roupa ou algum outro aspecto externo do sonhador. A imagem do sonhador é conhecida como o “ego do sonho” (consulte o Cap. 3). Uma figura masculina no sonho de uma mulher é considerada um aspecto do animus; uma figura feminina, um aspecto da sombra. No sonho de um homem, as figuras feminina e masculina pertencem à anima e à sombra, respectivamente.

Algumas das figuras aparentemente individuais do inconsciente, como a sombra, o animus, a anima e até mesmo a *persona* (que “*simula a individualidade*” [CW7, par. 245]) são determinadas apenas parcialmente pela experiência pessoal do indivíduo; os determinantes remanescentes são arquetípicos. Portanto, cada figura tem algumas características comuns e outras individuais. Devido à sua importância especial na interpretação dos sonhos, os conceitos dos arquétipos e do inconsciente coletivo requerem um tratamento mais detalhado do que as estruturas psíquicas já apresentadas.

## Os arquétipos e o inconsciente coletivo: uma exposição

Na concepção da psique humana de Jung, uma parte relativamente pequena<sup>24</sup> dela é consciente; o resto é inconsciente. A parte inconsciente é composta por dois tipos de conteúdos: aqueles que fizeram parte da experiência do indivíduo e subseqüentemente foram esquecidos ou reprimidos, e aqueles que nunca estiveram conscientes, ou seja, que são provenientes da herança da humanidade. Jung chamou os primeiros de inconsciente pessoal e os segundos de inconsciente coletivo (universal, em vez de pessoal), que ele descreveu como *arquétipico*. O conceito dos arquétipos é de tal modo controverso e tão crucial para a abordagem de Jung dos sonhos que é importante esclarecer o que o conceito é e o que ele não é, como Jung o inferiu, as evidências que o respaldam e as suas implicações.

Um arquétipo não é uma imagem ou tema específico.

Seria absurdo pressupor que tais representações pudessem ser herdadas. O arquétipo é, pelo contrário, uma *tendência* herdada da mente humana para formar representações de temas mitológicos – representações essas que variam muito sem perder o seu padrão básico. Existem, por exemplo, numerosas representações do tema dos irmãos hostis, mas o tema permanece o mesmo [...] (CW18, par. 523).

Analogamente, um arquétipo não é uma ideia que foi adquirida pela humanidade; Ele é, mais exatamente, uma predisposição de representação (CW9-I, par. 155), ou seja, uma predisposição para uma imagem, uma estrutura psíquica comum que corresponde à estrutura física humana comum. Sua existência é análoga ao “sistema axial de um cristal, o qual, por assim dizer, preforma a estrutura cristalina no líquido-mãe, embora ela tenha uma existência material própria” (CW9-I, par. 155). Portanto, o arquétipo propriamente dito não pode ser vivenciado; tudo o que podemos conhecer dele são os seus efeitos nos sonhos, em outros conteúdos mentais, nas emoções e nas ações.

Os primeiros indícios que Jung teve da existência desse conteúdo coletivo brotaram de alguns dos seus sonhos. Ele declarou que sua “vida intelectual teve os seus princípios inconscientes” (MDR, p. 15) aos três ou quatro anos de idade, quando, num sonho, *ele desceu por uma escada de pedra que havia em um buraco no chão. No fundo, atrás de uma pesada cortina verde, ele se viu diante de uma câmara retangular com um teto arqueado de pedra trabalhada. No centro do piso de lajota, um tapete vermelho se estendia da entrada até uma plataforma baixa. Um trono dourado esplêndido e maravilhoso achava-se sobre a plataforma, com uma almofada vermelha sobre o assento. No trono, erguia-se o que parecia ser um tronco de árvore com 4 ou 5 metros de altura, e cerca de 50 a 60 centímetros de espessura, que chegava quase ao teto. Ele era feito de pele e carne, e em cima havia algo como uma cabeça arredondada sem rosto e sem cabelo. Bem no alto da cabeça havia um único olho, que olhava imóvel para cima. Ele ouviu a voz da sua mãe gritar: “Esse é o comedor de gente!”* (D2). Durante anos, Jung foi perseguido por esse sonho. Muito mais tarde, ele veio a perceber que o que vira no sonho tinha sido um falo, e somente décadas depois compreendeu que se tratava de um falo ritual e de uma imagem arquetípica.

Jung descobriu que foi praticamente forçado a formular a hipótese do inconsciente coletivo. Na realidade, ele sustentava que qualquer pessoa que passasse pelas suas experiências clínicas chegaria às mesmas conclusões. Além de muitos dos seus sonhos, alguns dos sonhos e alucinações dos seus pacientes continham imagens que dificilmente faziam parte da experiência pessoal do indivíduo. Um incidente crucial é descrito várias vezes nos *Collected Works*. Um dos relatos é o seguinte:

Certo dia [no hospital] encontrei [um paciente] piscando através da janela para o sol, e movendo a cabeça de um lado para o outro de uma maneira curiosa. Ele me pegou pelo braço e disse que queria me mostrar uma coisa. Disse que eu precisava olhar para o sol com os olhos meio fechados, e que eu poderia então enxergar o falo do sol. Se eu movesse a cabeça de um lado para o outro, o falo do sol também se moveria, e essa era a origem do vento. Fiz essa observação mais ou menos em 1906. No decurso do ano de 1910, quando eu estava envolvido com estudos mitológicos, um livro de Dieterich me chegou às mãos. Ele fazia parte dos supostos papiros mágicos de Paris, e Dieterich acreditava que ele fosse uma liturgia do culto mitraísta. Ele consistia numa série de instruções, invocações e visões. Uma dessas visões é descrita com as seguintes palavras: “E igualmente o suposto tubo, a origem do vento ministrante. Você verá pendurado no disco do sol uma coisa que parece um tubo” (CW8, par. 317-318).

Embora a primeira edição do livro tenha aparecido em 1903, o paciente não poderia tê-lo lido porque fora internado vários anos antes.<sup>25</sup>

As “narrativas dos povos” (aquelas de autoria de um povo, e não de um indivíduo) – mitos, lendas e contos de fadas – são frequentemente considerados, também por Jung, como sendo o equivalente dos sonhos de uma pessoa, ou seja, produtos do inconsciente. Temas semelhantes que não foram transmitidos conscientemente existem nas histórias de povos separados pelo tempo, pela geografia e pela cultura, e nos sonhos das pessoas. Jung formulou a hipótese de que esses temas comuns surgem de um substrato mental comum, o inconsciente coletivo. Com o aumento do nosso conhecimento, inclusive antropológico, de outros povos e culturas, tornou-se cada vez mais difícil demonstrar que uma imagem particular em um sonho não está baseada em alguma coisa que o sonhador aprendeu. Nas primeiras décadas do século XX, contudo, antes dos grandes saltos no desenvolvimento das comunicações, Jung teve a oportunidade de encontrar temas de sonhos que correspondiam a temas mitológicos dos quais o sonhador não poderia ter tomado conhecimento.

Um exemplo disso é um sonho que foi contado para Jung por um negro sem instrução do sul dos Estados Unidos,

no qual ocorreu a figura de um homem crucificado em uma roda. [Jung argumentou que] teria sido mais provável [...] que ele sonhasse com um homem crucificado em uma *cruz*. A cruz teria sido uma aquisição pessoal. Mas é bastante improvável que ele sonhasse com o homem crucificado em uma *roda*. Essa é uma imagem muito incomum. É claro que não posso provar para você que por alguma chance curiosa o negro não tivesse visto uma imagem ou ouvido alguma coisa desse tipo e depois sonhado com ela; mas se ele não tivesse nenhum modelo para essa ideia, ela seria uma *imagem arquetípica* porque a crucificação na roda é um *tema mitológico*. Trata-se da antiga roda do sol, e a crucificação é o sacrifício feito ao deus-sol a fim de aplacá-lo, assim como sacrifícios humanos e animais eram anteriormente oferecidos para a fertilidade da terra. A roda do sol é uma ideia excessivamente arcaica, talvez a mais antiga ideia religiosa que existe. Podemos associá-la às eras Mesolítica e Paleolítica, como provam as esculturas da Rodésia. Rodas de

verdadeira conexão existiram na Idade do Bronze e na Era Paleolítica, e nenhuma delas teria sido inventada

No entanto, essa imagem não é naturalística, já que está sempre dividida em quatro ou oito partições [...] No sonho [...], o homem na roda é uma repetição do tema de Íxion da mitologia grega, que, por causa da sua ofensa contra homens e deuses, foi amarrado por Zeus a uma roda que girava incessantemente (CW18, par. 81-82).<sup>26</sup>

É improvável que o sonhador tenha estudado mitologia grega ou que tenha visto representações de figuras mitológicas gregas, inclusive Íxion. Jung concluiu que a imagem do sonho era um produto do inconsciente coletivo.

Muitas pessoas reconhecem a semelhança de temas em culturas díspares em épocas diferentes, mas mesmo assim argumentam que os arquétipos não existem. Jung respondeu o seguinte para essas pessoas:

Certamente eles não existem, assim como um sistema botânico não existe na natureza! Mas alguém negará a existência de famílias de plantas naturais por causa disso? Ou alguém negará a ocorrência e contínua repetição de certas semelhanças morfológicas e funcionais? É quase a mesma coisa, em princípio, com as figuras típicas do inconsciente. Elas são formas que existem *a priori*[...] (CW9-I, par. 309n).

Jung comparava os arquétipos, “*modos típicos de apreensão*” (CW8, par. 280), aos instintos, que para ele eram “*modos típicos de ação*” (CW8, par. 273) baseados em anseios fisiológicos.

A estrutura básica do cérebro humano pode ser percebida como gerando padrões arquetípicos: modos gerais de percepção que proporcionam os elementos e talvez definam os limites dentro dos quais os seres humanos são capazes de pensar, perceber e receber comunicações. Quando Penfield (1952) aplicou um estímulo elétrico no cérebro de cobaias humanas, ele constatou que

As reações da estimulação de áreas sensoriais seguem o que pode ser chamado de padrões inatos. Elas são as mesmas independentemente de qual possa ter sido a experiência anterior de um indivíduo. Por outro lado [...] as reações do córtex da memória são de uma ordem inteiramente diferente. Elas são formadas pela experiência adquirida desse indivíduo particular.

É a diferença entre um mero som e uma conversa ou uma sinfonia. É a diferença entre a visão de quadrados coloridos e o espetáculo móvel de amigos que andam, falam e riem com você. O primeiro é um simples elemento de sensação. O segundo, uma alucinação reminiscente.

Embora sem usar a palavra “instinto”, a área da etologia, em rápido desenvolvimento, está oferecendo evidências de potenciais de comportamentos inatos que podem ser exemplos de predisposições semelhantes aos arquétipos. Algumas das constatações mais relevantes dos etologistas apresentam evidências de *imprinting*,<sup>27</sup> o fenômeno no qual a experiência de um jovem animal em um período crítico da sua vida afeta o seu comportamento social a vida inteira ao determinar a sua conexão afetiva primária. O *imprinting* é mais conhecido, provavelmente, por intermédio do trabalho do zoólogo austríaco Konrad Lorenz. Ele mostrou que os gansinhos ficam apegados – como é evidenciado pelo que ou quem eles seguem – geralmente à mãe, mas, na verdade, a qualquer objeto que esteja na sua linha de visão em uma época crítica, cerca de 15 a 17 horas depois que saem do ovo. Alguns gansinhos foram estampados em machos adultos da sua espécie; outros, no próprio Lorenz. O fenômeno pode ser observado com mais

clareza, é claro, em jovens pássaros que podem ser mantidos afastados da mãe nos primeiros dias de vida. Algo semelhante parece acontecer, contudo, em outros animais, inclusive em alguns mamíferos, e é concebível que ocorra nos seres humanos.

A ideia de que a mente humana tem uma história evolucionária era tão razoável para Jung quanto a teoria aceita da história do corpo. O fato de não “termos conhecimento” do nosso inconsciente não invalida a sua existência. Milhões de pessoas no mundo não “sabem” que possuem apêndices vermiformes, arcos branquiais ou glândulas do timo, mas a ignorância delas não anula a existência dos órgãos. Esses órgãos e todo o nosso corpo, na verdade, estão na sua forma atual devido à nossa evolução biológica. Na realidade, os vestígios existentes nos informam das mudanças que ocorreram no corpo humano ao longo dos éons.

O cérebro humano também evoluiu ao longo dos milênios, e com as mudanças vieram novas dimensões da mente: “[...] não existe nenhuma dúvida de que o fortalecimento do poder mental tenha surgido com a vasta expansão do córtex cerebral do Novo Cérebro no homem” (Hawkes, 1963, p. 165); mas como o cérebro retém vestígios das suas formas passadas, parte do potencial para imagens produzidas pela mente quando o cérebro era menos desenvolvido também deve estar residualmente presente.

Citando o senso estético evidente nos excelentes machados de mão que datam do final da Era Paleolítica, a antropóloga Jacquetta Hawkes concluiu que

[...] as suas proporções satisfatórias demonstram que já há um quarto de milhão de anos a mente imaginativa tinha o seu próprio senso de correção na forma pura que, independentemente da sua origem, é aprovada por nós ainda hoje [...] existe um ponto de vista amplamente defendido e também fortemente contestado de que os seres humanos nascem com certas formas mentais inatas que passaram a existir através da experiência da espécie em evolução. Elas são herdadas assim como as partes do corpo semelhantemente evoluídas são herdadas, mas como são mentais elas tendem a se expressar em formas culturais, mais obviamente em mitos religiosos os quais, embora difiram na forma exterior dependendo do ambiente da cultura em questão, frequentemente parecem ter uma unidade subjacente que é global e intemporal [...] Embora muitas pessoas não consigam aceitar a ideia da herança das formas mentais, ela é certamente bem mais provável do que a ideia de que nascemos com uma carta branca mental [...] (Hawkes, 1963, p. 167).

A evolução da mente humana possibilitou que pessoas em diferentes partes do mundo que não estavam em comunicação umas com as outras “inventassem” os mesmos artefatos. Por exemplo, a roda apareceu na área do Mediterrâneo durante a Idade do Bronze, quando foi colocada em uso em veículos puxados por animais. Na América Central, os maias (ou os seus predecessores) também inventaram a roda, mas, como não tinham bestas de carga, as rodas eram usadas como brinquedos.

Quando dois povos que vivem a uma certa distância um do outro possuem algum instrumento, design ou mito peculiar em comum, ele pode muito bem ter sido transferido pelo comércio, pela migração ou por uma influência contagiosa. É preciso sempre procurar esses contatos, mas se eles não puderem ser detectados, permanece então a alternativa de que o traço representa duas expressões independentes de um padrão mental comum (Hawkes, 1963, p. 168).

A origem da grandeza humana, segundo Hawkes, é “o desenvolvimento e o exercício dos poderes mentais combinados do intelecto e da imaginação” (1963, p. 164). Podemos atribuir o aumento dos poderes mentais humanos a mudanças evolucionárias no cérebro,

mas a que atribuímos a imaginação? A que atribuímos o exercício da imaginação, que é o que chamamos de criatividade? A curiosidade é uma característica compartilhada pelos primatas, outros animais e os seres humanos, mas somente estes usam a curiosidade de uma maneira criativa, ou seja, traduzem a curiosidade por meio da imaginação em artefatos, símbolos ou conceitos.

Todos os seres humanos exibem algum grau de criatividade – seja na resolução de problemas, nas artes ou apenas nos sonhos. O fato de que forças criativas são liberadas durante o sonho está evidenciado pelas experiências de artistas, escritores, cientistas e outras pessoas que dormiram sobre um problema e despertaram pela manhã com uma solução ou o entendimento dos procedimentos a serem seguidos para chegar a uma solução.

As obras criativas, sejam elas invenções, produções intelectuais ou obras de arte, parecem resultar da interação entre o ambiente e a dotação genética. No entanto, mesmo com os contínuos avanços no mapeamento da parte relevante da dotação genética, o cérebro humano, ninguém até agora identificou a sede da criatividade. A dotação genética necessária para a criatividade é considerada por alguns acadêmicos e cientistas como sendo o inconsciente coletivo. A pessoa criativa tem um acesso especialmente preparado para esse recurso interior. (Consulte Neumann, 1959, para uma discussão mais completa do inconsciente coletivo como a sede da criatividade.)

Portanto, o conceito do inconsciente coletivo oferece a explicação para a criatividade. Como ele ainda não conquistou a aceitação geral, o termo “inconsciente coletivo”, cunhado por Jung, pode ser semanticamente infeliz. Vivendo como vivemos em uma era de individualismo, perdemos de vista a existência de atributos comuns que unem toda a humanidade em uma única espécie, e a história que nos liga irrevogavelmente às nossas raças e desenvolvimento comuns. Talvez se Jung tivesse usado um termo mais compatível com o individualismo, como “inconsciente criativo”, o seu conceito fosse aceito mais prontamente. Independentemente do que possa ser chamado, o conceito de Jung do inconsciente liga os seres humanos contemporâneos uns aos outros, ao passado e ao futuro.

Embora poucos teóricos do sonho reconheçam a existência do conteúdo arquetípico nos sonhos desse modo, vários fazem isso implicitamente. O psicólogo Calvin Hall, por exemplo, declarou que “não existe nenhum tema da mitologia ou literatura que não esteja representado nos sonhos das pessoas que vivem hoje em dia” (1953, p. 20).

Psicólogos pesquisadores encontraram evidências de que mecanismos psicológicos impõem uma estrutura perceptual sobre pelo menos dois tipos de estímulos. Um deles é a percepção binocular de estímulos visuais. Os voluntários do psicólogo John Ross, por exemplo, perceberam alvos quadrados como “mais perfeitamente quadrados, com lados mais perfeitos do que qualquer quadrado autêntico” (1976, p. 86). Mesmo nos bebês, parece haver uma estrutura perceptual imposta por mecanismos psicológicos. J. A. Fodor e os seus colaboradores (1975) descobriram que bebês de 14 a 18 semanas conseguem discriminar entre sílabas que têm um som consoante semelhante e aquelas que não têm essas semelhanças. Esses dois conjuntos de informações parecem oferecer um respaldo

adicional ao conceito do arquétipo, que Jung definia como uma predisposição para uma imagem.

Muitos especialistas em outras áreas que não a psicologia consideram a abordagem de Jung uma importante contribuição para os seus esforços de compreender a natureza humana. Hawkes, por exemplo, aparentemente considerou a abordagem de Jung produtiva para os seus estudos e interpretações antropológicas, e o linguista Noam Chomsky postulou que a linguagem é uma faculdade que, a partir da sua descrição, pode ser considerada arquetípica. Ele escreveu que “A faculdade da linguagem pode ser considerada uma função fixa, característica da espécie, um componente da mente humana, uma função que mapeia a experiência na gramática” (citado em Trotter, 1975). Chomsky hipotetizou uma propriedade específica da gramática

que não é aprendida e é comum a todas as gramáticas, uma pré-condição do aprendizado. Se [tal] propriedade [...] puder ser descoberta, eu sugeriria a existência de uma linguagem humana geneticamente determinada [e essa] linguagem poderia ter uma estrutura parcialmente determinada como uma questão de necessidade biológica, assim como o caráter geral dos órgãos do corpo é fixo para a espécie (Trotter, 1975, p. 333).

A semelhança entre a hipótese de Chomsky-Trotter de uma faculdade da linguagem e a ideia de Jung de uma estrutura psíquica como a base dos arquétipos é impressionante.

Joseph Campbell, autor e palestrante sobre mitologia, escreveu o seguinte:

Jung não era apenas um médico, mas um erudito em grande estilo, cujas pesquisas, particularmente na mitologia comparada, na alquimia e na psicologia da religião, inspiraram e ampliaram as constatações de um número impressionante dos principais eruditos criativos da nossa época (1971, p. vii).

Campbell é um desses eruditos; seus amplos interesses encerram importância psicológica nas investigações das hipóteses do inconsciente coletivo.

Um erudito em ainda outra área confirmou o valor do trabalho de Jung na sua esfera de interesse, a história. Arnold Toynbee, ao tentar resolver problemas da desigualdade cultural de várias sociedades humanas ainda existentes, constatou que as explicações “científicas” do século XIX eram inúteis. Ele escreveu o seguinte:

O conceito dos arquétipos, com o qual Jung fez seu nome, foi um passo para a mitologia. Fiz isso despiendo certa timidez e desconfiança [...] se estivesse familiarizado na época com os trabalhos de C. G. Jung, eles teriam me fornecido a pista (citado em Bennet, 1967, p. 78).

O conceito dos arquétipos é provavelmente a base das frequentes acusações de que Jung era “místico” e, conseqüentemente, carecia de precisão científica. É irônico, portanto, que um considerável apoio à concepção de Jung possa ser encontrado nos textos daquele que talvez tenha sido o maior cientista do século XX – Albert Einstein. Ele escreveu a respeito das “leis elementares universais a partir das quais o cosmo pode ser desenvolvido por meio de uma pura dedução”, e acrescentou: “Não existe um caminho lógico para essas leis; somente a intuição, apoiada em um entendimento favorável da experiência, pode alcançá-las” (citado em Pirsig, 1974, p. 114). Essas “leis elementares universais” podem ser compreendidas como princípios de organização para conteúdos

mentais e outros fenômenos. Desse modo, Einstein poderia ter usado o termo “arquetipo” em vez de “lei elementar universal”.

Poincaré, físico e matemático francês, parecia ter uma ideia semelhante no seu “eu subliminar”, que escolhe as combinações de fatos relevantes para a solução de um problema baseado em uma beleza ou harmonia matemática que se encontra “no centro de tudo” (citado em Pirsig, 1974, p. 267-268).

### **Outros conceitos junguianos**

Talvez a hipótese mais polêmica de Jung seja a da *sincronicidade* que ele definia como um “princípio de conexão não causal”, ou “uma *coincidência significativa* de dois ou mais eventos, onde algo além da probabilidade do acaso está envolvido” (CW8, par. 969). Ou seja, os eventos são sincronísticos quando estão ligados pelo significado e no tempo, mas não por uma relação causal.

Embora derive, em parte, da teoria do inconsciente coletivo, a sincronicidade está relacionada somente de uma maneira tangencial com a interpretação dos sonhos; ou seja, embora um dos eventos sincronísticos possa ser um sonho, a interpretação desempenha um papel pequeno na sincronicidade, ou até mesmo nenhum.

Jung usava o termo *libido* para se referir à energia psíquica em geral, não no sentido inicial de Freud de uma energia especificamente sexual.<sup>28</sup> No ponto de vista de Jung, a energia psíquica pode ser medida indiretamente com base em valores psicológicos. O conceito de energia psíquica é relevante para os sonhos já que a energia é necessária para que a “ação” do inconsciente inicie a compensação que os sonhos propiciam com relação à situação consciente do sonhador (consulte o Cap. 7). Além disso, uma liberação de energia pode ser um resultado da experiência das imagens do sonho ou da sua interpretação. A liberação frequentemente resulta da remoção da repressão de um conteúdo do inconsciente.

A teoria psicológica de Jung se baseia no seu conceito de *individuação*,<sup>29</sup> o processo do desenvolvimento psicológico pelo qual a pessoa se torna uma personalidade inseparável (i.e., completa ou integrada, assim como única). Nesse processo, a terceira e quarta funções do indivíduo se tornam um tanto desenvolvidas e, ao encarar sucessivos pares de opostos (por exemplo, claro e escuro), a pessoa compreende e progressivamente integra conteúdos inconscientes, como a sombra e o animus ou a anima. Como os sonhos contribuem para a experiência dessas partes inconscientes da psique, eles conferem ímpeto ao processo de individuação. Jung via os sonhos negligenciados como se deslocando caoticamente em um círculo, que dá lugar à espiral do processo de individuação quando eles recebem atenção.

A *religião* se revelou um problema crucial para os pacientes de Jung, especialmente na segunda metade da vida deles (depois dos 35 ou 40 anos). Ele concordava com Otto (1958) em que a religião é uma experiência descrita como “numinosa”, ou seja, que está além da compreensão ou entendimento dos seres humanos, e não um dogma, credo ou

instituição; ela pode ser vivenciada como boa, mas às vezes como má. Jung definia a religião como

uma atitude mental peculiar que podia ser formulada de acordo com a utilização original da palavra *religião* que significa uma cuidadosa consideração e observação de certos fatores dinâmicos que são concebidos como “poderes”: espíritos, demônios, deuses, leis, ideias, ideais ou qualquer nome que o homem tenha dado a fatores no seu mundo que ele tenha considerado poderosos, perigosos ou proveitosos o bastante para ser levados em consideração, ou grandiosos, belos e significativos o suficiente para ser venerados e amados com devoção (CW11, par. 8).

Com “religião”, Jung parecia se referir também à busca de significado e à consciência das próprias limitações, especialmente a mortalidade.

As implicações dessa explicação são que Jung considerava a religião como um aspecto essencial da vida humana e não uma prática opcional.<sup>30</sup> Ele desenvolveu esse ponto de vista sobre a importância da religião baseando-se na frequência dela no conteúdo dos sonhos dos seus pacientes. A perspectiva é respaldada por evidências arqueológicas que indicam que, recuando até mesmo à era Paleolítica, os seres humanos precisavam de crenças religiosas.

Embora a religião tenha sido caracterizada como surgindo às vezes de sentimentos de desespero diante das vicissitudes da existência, às vezes da necessidade de definir o lugar da humanidade na ordem do universo, e às vezes do desejo de unificar a unidade social na qual as pessoas vivem, os antropólogos descobriram que praticamente nenhum grupo social estabelecido viveu até hoje sem algumas crenças e práticas que pudessem ser designadas como religiosas. A necessidade de acreditar em forças maiores do que as humanas é aparentemente tão antiga quanto a humanidade, e Jung reconheceu a universalidade dessa necessidade. Ele advertiu que a psicoterapia pode ser “falha” (CW8, par. 686) se o conteúdo religioso dos sonhos não for reconhecido. Sua visão da religião é parte integrante da sua visão do processo de individuação como o ego cedendo lugar à centralidade da imagem divina, o Self.

O ponto de vista de Jung sobre a religião como uma necessidade para os seres humanos está estreitamente relacionado com a sua interpretação da base arquetípica de

muitas imagens oníricas. Ele escreveu o seguinte:

Os símbolos mais importantes são coletivos [...] [e] são encontrados principalmente nas religiões. O crente parte do princípio de que eles são de origem divina – que eles são revelados. O *cético* acha que eles são inventados. Ambos estão errados. É verdade que [...] durante séculos, esses símbolos têm sido objeto de uma elaboração cuidadosa e bastante consciente [...] No entanto, por outro lado, eles são *representações coletivas* que datam de eras turvas e remotas, e eles são “revelações” somente no sentido de que são imagens que se originam de sonhos e fantasias criativas [as quais] são [...] manifestações espontâneas e [não] invenções arbitrárias e intencionais (CW18, par. 481).

1 Para relatos mais completos da vida de Jung, consulte Bennet (1962); Campbell (1971); Ellenberger (1970); Hall e Nordby (1973); Hannah (1976); Jung (MDR); e van der Post (1975). Segundo Stern (1976), Carl foi o segundo filho do casal Jung; o primogênito, um menino, vivera apenas poucos dias.

2 No primeiro sonho, *eu estava em uma floresta escura que se estendia ao longo do Reno. Cheguei a uma pequena elevação, um monte mortuário, e comecei a cavar. Depois de algum tempo, encontrei, para meu assombro, alguns ossos de animais pré-históricos. Isso me interessou enormemente, e naquele momento eu soube: preciso conhecer a natureza, o mundo no qual vivemos, e as coisas que nos cercam.*

“Em seguida, veio um segundo sonho. Uma vez mais *eu estava em uma floresta; ela era entremeada por cursos d’água, e no local mais escuro vi um pequeno lago circular, rodeado por uma densa vegetação rasteira. Semi-imersa na água estava uma estranha e maravilhosa criatura: um animal arredondado, brilhando em matizes opalescentes, e formado por um sem número de pequenas células, ou órgãos com a forma de tentáculos. Era um radiolário gigante, que media cerca de um metro de lado a lado. Pareceu-me indescritivelmente maravilhoso que essa magnífica criatura estivesse ali imperturbada, no lugar oculto, na água clara e profunda. Aquilo despertou em mim um intenso desejo de conhecimento*, de modo que acordei com o coração palpitando. Esses dois sonhos tiveram um papel decisivo na minha decisão a favor da ciência e removeram todas as minhas dúvidas” (MDR, p. 85). Mais tarde, por intermédio do seu trabalho sobre alquimia, Jung descobriu que a imagem do radiolário era arquetípica (von Franz, 1975, p. 31).

Em um trabalho anterior (CW9-II, par. 208), Jung havia narrado o mesmo sonho e o seu efeito sobre o sonhador com algumas diferenças nos detalhes e sem se identificar como o sonhador. No entanto, ele identificou a criatura na água como uma mandala.

3 Testes de associação de palavras anteriores tinham sido desenvolvidos entre 1879 e 1907 por Galton, Wundt, Kraepelin e Münsterberg (consulte Anderson e Anderson, 1951).

4 Entre os comportamentos de teste estão fenômenos observáveis como a postura, a expressão facial, a gagueira e a perseverança.

5 Nos *Collected Works* o Volume 2 é dedicado à sua pesquisa sobre o Teste de Associação de Palavras. Um relato menos formal aparece em *The Tavistock Lectures*(CW18, par. 97-160).

6 *A Psicologia do Inconsciente*(N.T.)

7 *Símbolos de Transformação*(N.T.)

8 O sonho era de uma casa que Jung não conhecia, mas era a “casa dele”. O andar superior da casa de dois andares estava mobiliado em estilo rococó; o andar inferior tinha uma mobília medieval. Havia também um porão que continha restos de uma cultura primitiva, inclusive duas caveiras humanas (MDR, p. 158-159). Ao procurar a satisfação do desejo, Freud partiu do princípio de que as duas caveiras representavam desejos da morte de duas pessoas próximas a Jung. Em contrapartida, ele associou as caveiras a duas que havia estudado na paleontologia, e encarou a casa como uma imagem da psique que incluía debaixo da cultura do século XX um nível primitivo “que mal pode ser alcançado ou iluminado pela consciência” (MDR, p. 160). Esse sonho foi sua “primeira pista de um coletivo a priori debaixo da psique pessoal” (MDR, p. 161). O conceito da psique coletiva, ou inconsciente, foi o tema do livro *The Psychology of the Unconscious*, que tanto indispsôs Freud.

9 Embora Jung tenha chamado a si mesmo de “discípulo de Freud” (CW4, par. 153) e, em algumas das suas cartas para Freud, tenha declarado a sua lealdade e chamado o grupo psicanalítico que ele havia organizado de “freudiano” (FJ, 46J), um tema persistente em toda a correspondência são as dúvidas de Jung a respeito da maneira como Freud generalizava em excesso as suas teorias, especialmente a de que todas as neuroses tinham as suas raízes na sexualidade infantil polimorfa e distorcida.

10 Depois do rompimento com Freud, Jung começou a ser acusado de antissemitismo. Assim o caminho foi preparado para a posterior acusação de

simpatizante do nazismo, durante a era de Hitler. Para variados pontos de vista sobre essa questão, que não é relevante para este livro, consulte Ellenberger (1970), Jaffé (1971), Jurgeвич (1974) e Stern (1975).

11 Para um relato mais completo do desenvolvimento das teorias de Jung, consulte von Franz (1975).

12 Em boa parte da literatura norte-americana de psicologia não junguiana, a forma preferida do termo é “extroversão”. “Extraversão” era “aceita pelo próprio Jung”, segundo Gerhard Adler (1997, p. 117), um dos editores dos *Collected Works* e é geralmente usada na Inglaterra e pela maioria dos junguianos norte-americanos.

13 Tanto Eysenck quanto Cattell descreveram a extroversão-introversão como uma dimensão da personalidade baseada nos fatores que parecem compor empiricamente a dimensão. Eysenck (1969) descobriu que os extrovertidos têm um grau elevado de dois fatores, a sociabilidade e a impulsividade; os introvertidos os têm em pequeno grau. Cattell (1957) encontrou cinco desses fatores: afetotimia (semelhante à sociabilidade de Eysenck), surgência (semelhante à impulsividade de Eysenck), não conformidade, autossuficiência e parmia (aproximadamente, uma atitude despreocupada diante da vida). O Minnesota Multiphasic Personality Inventory (sem data) contém uma escala de Introversão Social, que é considerada como indicando patologia, mas o traço é definido como ausência de extroversão, e não como a qualidade positiva que era no pensamento de Jung.

14 *Dois Ensaios sobre Psicologia Analítica* (N.T.)

15 Jung escreveu o seguinte muito mais tarde, em 1957: “A minha caracterização de Adler e Freud como sendo, respectivamente, introvertido e extrovertido não se refere a eles pessoalmente, e sim à sua conduta externa. A questão do tipo pessoal efetivo ainda permanece aberta” (Let-2, p. 349-350).

16 Ellenberger (1970) considerou algumas das diferenças de formação entre Freud e Adler como de “profundo alcance” (p. 572) e atribuíveis às diferentes atitudes dos grupos de judeus austríacos aos quais eles pertenciam: os antepassados de Freud eram da Galícia e do sul da Rússia, e os de Adler da “comunidade relativamente privilegiada de Kittsee, na província de Burgenland” (p. 572). Esses fatos, contudo, não excluíam a circunstância de eles terem diferenças de temperamento como indivíduos.

17 *Tipos Psicológicos*. (N.T.)

18 Freud encarava o ego como uma síntese de conteúdos do id, do superego e do mundo exterior.

19 A sombra inclui a parte da psique que Freud chamava de “id”.

20 Equivale aproximadamente ao superego de Freud.

21 Os junguianos discordam no respeito de se “Self” deve ser escrito ou não com inicial maiúscula, e os tradutores de *Conteúdo da Psique* não fizeram isso. (Jung escreveu principalmente em alemão, e nesse idioma todos os substantivos começam por letra maiúscula.) Eu faço isso porque em teorias da personalidade não junguianas, o “self” encerra significados diferentes daquele utilizado por Jung.

22 Jung usava “psique” e “psíquico” alternadamente com “personalidade”.

23 A definição de projeção de Jung é um tanto mais ampla do que a de Freud, que parece se referir apenas ao desejo ou impulso do indivíduo atribuído a outra pessoa.

24 O que Freud caracterizava como a “ponta do iceberg”.

25 Jung tinha a impressão na época, e até mesmo ainda em 1931, de que “o texto grego [fora] editado pela primeira vez em 1910” (CW8, par. 319). Ele soube mais tarde que a edição de 1910 era a segunda.

26 Jung não forneceu mais informações sobre o sonho nesse trecho nem em CW5, par. 184, quando mencionou a mesma imagem onírica.

27 Também chamado de “estampagem”. (N.T.)

28 No trabalho posterior de Freud, ele se aproximou mais da maneira como Jung usava o termo.

29 Outros psicólogos, entre eles Freud, usaram o termo, porém para denotar um conceito que se aproxima mais do “desenvolvimento do ego” de Jung.

30 Freud encarava a religião como uma “ilusão”, já que considerava a satisfação de desejo como um fator proeminente na sua motivação.

## A NATUREZA DOS SONHOS

Assim como Freud antes dele, Jung formulou a hipótese de que os sonhos são gerados pela atividade psiquicamente determinada no inconsciente. Entretanto, os dois homens diferiam nas interpretações de muitos sonhos porque tinham conceitos parcialmente diferentes a respeito do inconsciente. Para Freud, todos os conteúdos inconscientes eram elementos reprimidos. Para Jung, os conteúdos reprimidos (percepções, pensamentos, valores, emoções) eram responsáveis apenas por alguns dos conteúdos inconscientes. Além dos elementos reprimidos, escreveu Jung, o inconsciente

[...] contém todos os componentes psíquicos que caíram abaixo do limiar, inclusive as percepções sensoriais subliminares. Além disso, nós sabemos, tanto a partir de uma abundância de experiências quanto por razões teóricas, que o inconsciente também contém componentes que *ainda não* chegaram ao limiar da consciência. Essas são as sementes de futuros conteúdos conscientes (CW7, par. 204).

Se o conceito de Freud a respeito do inconsciente fosse verdadeiro, argumentou Jung, a eliminação da repressão resultaria na paralisia da produtividade inconsciente e os sonhos cessariam. No entanto, ele observou que independentemente de quanta repressão seja liberada, os sonhos e as fantasias persistem. Com base nessa observação, ele deduziu que um processo subjacente gera continuamente sonhos e fantasias, dos quais apenas uma pequena parte chega à percepção cognitiva, e, portanto, que o inconsciente contém mais do que elementos reprimidos.

Desenvolvendo o assunto poeticamente, Jung escreveu:

O sonho é uma pequena porta oculta nos recônditos mais profundos e secretos da alma, abrindo-se para a noite cósmica que era psique muito antes de haver qualquer consciência do ego, e que continuará a ser psique por mais que a nossa consciência do ego se expanda [...] Restou ao racionalismo da nossa era explicar o sonho como os vestígios remanescentes do dia, como as migalhas que caem sobre o mundo escuro vindas da mesa ricamente coberta da nossa consciência. Essas sombrias profundezas são então apenas um saco vazio que não contém nada além do que cai sobre ele vindo de cima [...] Seria muito mais verdadeiro dizer que a nossa consciência é esse saco, que nada contém dentro de si além do que por acaso cai dentro dele (CW10, par. 304-305).

Assim sendo, embora sem negar que alguns conteúdos passam da consciência para o inconsciente, Jung formulou a hipótese de que todos os conteúdos psíquicos, inclusive os sonhos, têm as suas raízes no sempre produtivo inconsciente coletivo. Essa hipótese parece estar baseada na suposição de que todo comportamento e maneiras de perceber a experiência precisam ser potenciais dentro da pessoa antes que possam se tornar efetivos, e essas potencialidades são conteúdos do inconsciente coletivo.

O sonho, portanto, se a perspectiva de Jung estiver correta, não é necessariamente uma satisfação de desejo, como achava Freud. Tampouco é um reflexo apenas da

experiência pessoal do sonhador. Mais exatamente, ele também é um produto do inconsciente coletivo e, desse modo, é caracterizado por uma objetividade que fornece o que quer que seja necessário para o equilíbrio psíquico, independentemente dos desejos do ego. Na realidade, nos seus trabalhos posteriores, Jung frequentemente usava o termo “psique objetiva” como sinônimo de “inconsciente coletivo”.

De acordo com Freud, os significados dos sonhos estão disfarçados (pelo conteúdo manifesto) a fim de preservar o sono. Jung encarava essa explicação como uma simplificação exagerada. Ele reconhecia que os sonhos preservam o sono, na medida do possível; ele assinalou também que eles às vezes interrompem o sono. As evidências psicofisiológicas de que o sono do estado de sonho (REM) é frequente durante a noite confirmam que o sonho não desperta o sonhador durante ou depois da maioria dos sonhos; se o sonho efetivamente protege a pessoa, impedindo-a de acordar, é provavelmente impossível de determinar com o nosso estado de conhecimento atual. Jung desconfiava de que a conclusão da mensagem do sonho às vezes acorda o sonhador. Essa opinião é respaldada pela experiência subjetiva de muitas pessoas, experiência que é reconhecida tanto por Jung quanto por Freud, de acordar espontaneamente com a lembrança de um sonho (às vezes, mas nem sempre, que produz ansiedade) e a impressão de que ele acabara de ocorrer. Foulkes (1966), um pesquisador de sonhos não junguiano, formulou a hipótese de que são os sonhos atipicamente desagradáveis que interrompem o sono.

Nós não sabemos como os conteúdos inconscientes se traduzem em sonhos; só conhecemos as imagens resultantes. Embora o sonhador seja incapaz de produzir um sonho da maneira como alguém pode inventar uma história, a afirmação de que o sonhador é *totalmente* incapaz de controlar o conteúdo do sonho não é respaldada inequivocamente pelas evidências. Poucos sonhadores afirmam ter determinado as imagens que queriam que aparecessem nos seus sonhos, mas alguns relatam experiências de ter tido conscientemente a intenção ou “pedido ao inconsciente” para ter um sonho que respondesse a um problema que estavam tendo, e depois sonhar com o que tinham pedido. Pesquisadores de sonhos relatam reações semelhantes quando tentam determinar as imagens ou o tom emocional dos sonhos dos seus voluntários. Quando Foulkes e Rechtschaffen (1964), por exemplo, expunham voluntários a um violento filme de faroeste ou a uma suave comédia romântica antes de estes irem dormir, os voluntários relatavam poucas sequências de filme inalteradas nos seus sonhos subsequentes. No entanto, o tom emocional dos sonhos parecia ser influenciado, já que o conteúdo dos sonhos que se seguiam ao filme de faroeste era considerado mais vívido, imaginativo e emocionalmente carregado do que o conteúdo dos sonhos que se seguiam à comédia. Imagens específicas (por exemplo, pessoas, árvores, cavalos) foram introduzidas em sonhos por sugestão pós-hipnótica antes do sono (Stoyva, 1965). Patricia Garfield (1974) apresentou depoimentos não oficiais de que um sonhador, por meio da intenção consciente, pode introduzir imagens específicas nos sonhos. (Mas ela não afirmou, contudo, que o enredo completo de um sonho possa ser definido pela consciência.)

Quando essa autossugestão parecia ser eficaz, a explicação de Jung era que ela “se

adequava” ao propósito do inconsciente (VS1, p. 14).

O processo pelo qual os sonhos entram na consciência também é desconhecido. Jung parecia achar que uma “pequena parte da consciência [...] permanece para nós no estado de sonho” (CW17, par. 113). Esse vestígio pode ser possível devido à existência do ego do sonho, que é um “ego limitado e curiosamente distorcido” (CW8, par. 580). Ele é vivenciado quando uma das figuras do sonho é identificada como o sonhador. (O ego do sonho parece representar o ego que é o centro da consciência mais “alguns fatores fora

do escopo da consciência”, de acordo com Mariasch [1966a, p. 75]). O sonhador aparece como uma pessoa, na maioria dos sonhos, mas às vezes na forma de “conteúdos emocionais” (VS1, p. 41). As implicações da ausência de um ego do sonho são desconhecidas, mas poderiam ser estudadas. Os sonhos diferem dos conteúdos

conscientes<sup>1</sup> na sua falta de coerência lógica e continuidade de desenvolvimento. Jung formulou a teoria de que uma das razões da diferença é que os sonhos são produzidos não pelo córtex, que dorme, mas pelo sistema nervoso simpático, que funciona incessantemente. Sua hipótese é respaldada por pesquisas experimentais, posteriores ao seu trabalho, que constataram que o córtex cerebral não é necessário para o estado de sono – REM – ao qual a maior parte do ato de sonhar está associada. A parte do cérebro necessária para o sono REM é a ponte, uma das estruturas mais primitivas do cérebro

(Witkin e Lewis, 1967; esses autores citaram Jouvett, 1962, e Jouvett, Valatx e Jouvett, 1961).

Outra diferença entre os sonhos e os conteúdos conscientes é o que Jung chamava de “irracionalidade” dos sonhos<sup>2</sup> (Jung frequentemente usava a palavra “irracional”, quando “não racional” talvez fosse mais exata.) Sem dúvida, os conteúdos dos sonhos nem sempre são racionais, no sentido de serem percepções lógicas, sensatas, ou até mesmo precisas do mundo, mas as imagens dos sonhos com frequência são especialmente não racionais já que não estão sujeitas a limitações físicas ou temporais, e frequentemente retratam criaturas não encontradas no mundo da natureza. Por exemplo, são comuns os sonhos de seres humanos voando sem asas ou caindo de grandes alturas sem se machucar. Não racional, contudo, não significa “não natural”. Jung insistia que as

imagens dos sonhos são os produtos naturais da psique, assim como os passarinhos recém-nascidos, por mais estranha que seja a sua aparência, são a prole natural dos seus pais.

Os sonhos também são irracionais já que muito poucos “formam um todo lógico, moral ou esteticamente satisfatório” (CW8, par. 532). O passado, o presente e o futuro parecem se fundir nos sonhos. Esse fenômeno é possível, provavelmente, porque o inconsciente contém conteúdos atemporais que ainda não apareceram na consciência. (Essa hipótese poderá ajudar a explicar os sonhos antecipatórios bem como os proféticos; consulte o Cap. 11.) Apesar da qualidade não racional dos sonhos e, portanto, a sua semelhança com o conteúdo mental psicótico<sup>3</sup>, eles são normais e não patológicos.

## As srcens das imagens dos sonhos

Os sonhos são compostos por imagens que surgem de fontes variadas. Existe a ideia popular de que os sonhos são determinados por fatores somáticos, como a posição do corpo do sonhador, indigestão, febre, dor e outros estímulos físicos, como o barulho, a luz, o frio e o calor. Jung reconhecia que algumas imagens são influenciadas dessa maneira (por exemplo, um sino pode ser incorporado ao sonho se um despertador tocar), mas ele insistia em que as imagens são determinadas principalmente de outra maneira, ou seja, psicologicamente.

Pesquisas psicofisiológicas tendem a respaldar a conclusão de Jung. Em um estudo de Dement e Wolpert (1958), nem o sono com sonhos nem imagens oníricas foram produzidas por sons, luzes e estímulos táteis apresentados ao sonhador durante o sono não REM. Até mesmo durante o sono REM, os estímulos externos precisavam ser muito fortes a fim de causar um efeito acentuado no conteúdo do sonho que estivesse ocorrendo. Um tom puro de 1000 ciclos por segundo foi considerado como sendo subsequentemente incorporado a sonhos induzidos apenas 9 por cento das vezes; uma luz intermitente de 100 watts, 23 por cento; e um borrifo de água fria na pele do sonhador, 42 por cento. O estímulo de despertar, um sino, nunca foi incorporado aos sonhos.

Uma fonte de imagens oníricas mais prolíficas do que os estímulos físicos durante o sono é o ambiente do dia a dia do sonhador. Jung mencionou, por exemplo, que a ocupação do sonhador aparece frequentemente nos sonhos: um músico sonha que está fazendo uma apresentação, um arquiteto sonha com prédios, e um professor, com salas de aula. Não parece haver dados disponíveis sobre a frequência de sonhos que retratam a ocupação do sonhador, mas o ambiente imediato de alguns sonhadores, o laboratório no qual o sonho teve lugar, foi refletido em até 30 por cento dos sonhos em laboratório, de acordo com algumas pesquisas (Domhoff e Kamiya, 1964; Whitman, Pierce, Maas e Baldrige, 1962).

A ideia popular de que a maioria dos sonhos surge da ansiedade não foi confirmada na experiência de Jung e tampouco na minha. Além disso, Jung formulou a hipótese de que os estímulos que despertam emoções antes do sono aparecem nos sonhos somente em uma forma distorcida, “como uma espécie de linguagem [...] que expressa alguns problemas psicológicos no [sonhador]” (VS1, p. 14). Pesquisas experimentais tendem a confirmar essa hipótese. Witkin (1969) encontrou emoções intensificadas em sonhos relatados, mas nenhum transporte claro de imagens de filmes que despertam emoções sobre rituais de subincisão e de partos humanos mostrados aos voluntários. Breger, Hunter e Lane (1971) obtiveram resultados semelhantes com sonhadores em situações estressantes, como a expectativa de uma cirurgia.

As percepções subliminares parecem ser outra fonte de imagens oníricas. Elas incluem, segundo Jung, pensamentos e sentimentos subliminares bem como percepções sensoriais que são fracas demais para chegar à percepção cognitiva. Possíveis evidências da incorporação de percepções sensoriais nos sonhos são fornecidas pelo “fenômeno

Poetzl”, descrito em 1917 por Otto Poetzl, um médico vienense familiarizado com a teoria freudiana.

Usando um *taquistoscópio* [...] ele mostrou *slides* coloridos fora do comum a voluntários normais, que registraram tudo o que eles disseram que foram capazes de perceber. Foi então solicitado aos voluntários que “observassem com atenção” os seus sonhos hipnagógicos e noturnos naquela noite. No dia seguinte, eles voltaram ao laboratório e desenharam esboços de fragmentos particulares de sonhos [...] Nenhum dos aspectos conscientemente percebidos dos *slides* pôde ser visto nos esboços dos sonhos; [foram vistos] somente os elementos que o voluntário *não* tinha informado ter visto imediatamente depois da apresentação taquistoscópica (Foulkes, 1966, p. 149).

A pesquisa de Poetzl foi considerada falha devido ao seu método não quantitativo e subjetivo, e pela sua “susceptibilidade [...] a influenciar pela ideia preconcebida do pesquisador” (Foulkes, 1966, p. 150). Pesquisas subseqüentes que afirmaram ter reproduzido as constatações de Poetzl também foram severamente criticadas. Até mesmo com cuidadosos designs experimentais e melhores controles, tentativas posteriores de reproduzir as constatações de Poetzl falharam (Johnson e Ericksen, 1961; Pulver e Eppes, 1963; Waxenburg, Dickes e Gottesfeld, 1962). Foulkes concluiu a partir da sua própria pesquisa que o fenômeno Poetzl é possível, mas provavelmente infrequente. Não obstante, as informações de Foulkes pouco fazem para lançar dúvidas

sobre a afirmação de Jung de que os sonhos incorporam percepções subliminares, porque

Jung registrou o sonho de um homem que parece refletir essas percepções subliminares. O sonhador era um empresário a quem foi oferecido um negócio que parecia superficialmente respeitável. Na noite seguinte, ele sonhou que as *suas mãos e antebraços estavam cobertos de sujeira preta* (CW10, par. 826). Ele soube mais tarde que o negócio o teria envolvido em uma fraude. É provável que, subliminarmente, ele tenha percebido alguma coisa na conduta da pessoa com quem ele estava lidando que refletiu a desonestidade da oferta quando foi apresentada, mas não fora capaz de admitir esse fato para a sua percepção cognitiva.

Além dos eventos do estado desperto atuais e antevistos, memórias de experiências passadas do estado desperto aparecem com frequência como imagens oníricas. Elas podem ser memórias que um dia foram conscientes, talvez na infância, mas que posteriormente foram esquecidas. Algumas memórias podem ser representadas porque estão relacionadas a impulsos inaceitáveis e, por conseguinte, são dolorosas, ou porque não são suficientemente importantes para ser lembradas conscientemente. Penfield (1952) e outros demonstraram que o cérebro retém muitas memórias que não estão disponíveis para a consciência. Pacientes cujos córtices temporais foram estimulados eletricamente lembraram experiências que não tinham sido capazes de recordar antes de receber o estímulo elétrico. Depois que os eletrodos foram retirados, a pessoa conseguia se lembrar em linhas gerais da experiência recordada, mas não dos detalhes.

Às vezes, contudo, memórias prontamente disponíveis aparecem como imagens oníricas, como lembranças de eventos traumáticos (por exemplo, experiências de guerra), que se repetem vezes sem conta nos sonhos.

Além das fontes das imagens oníricas no ambiente e nas experiências do sonhador individual mencionadas até aqui, existe outra fonte, que é ilimitadamente criativa, de acordo com Jung: o inconsciente coletivo. Além de ser, em última análise, a srceem de todo o conteúdo psíquico, o inconsciente coletivo fornece conteúdos específicos que são mais do que pessoais, e que nunca estiveram conscientes. Por causa disso, é possível esperar que os sonhos de muitas pessoas, até mesmo daquelas que estão vivendo em um determinado período histórico, representem a total amplitude e variedade do comportamento e da experiência humanos, do bizarro, ao banal, inclusive “verdades incontestáveis, pronunciamentos filosóficos, ilusões, fantasias fantásticas, memórias, planos, expectativas, experiências irracionais e até mesmo visões telepáticas” (CW16, par. 317).

### **A linguagem dos sonhos**

A linguagem dos sonhos, de acordo com Jung, é pelo menos tão complexa e variada quanto a linguagem da consciência. A linguagem dos sonhos é formada, em grande medida, por imagens não verbais que variam mais acentuadamente em complexidade e nitidez do que experiências correspondentes do estado desperto.

Em um nível relativamente simples, a linguagem dos sonhos é frequentemente figurativa, ou seja, semelhante a figuras de linguagem. Por exemplo, nas conversas do dia a dia, podemos caracterizar uma pessoa como uma “cobra”, “porca” ou “fofa”, querendo dizer que ela é traiçoeira, desleixada ou delicada. Analogamente, em um sonho, o inconsciente pode usar a imagem de um leão, o rei dos animais, para caracterizar o poder. Às vezes, o sonho faz um trocadilho; uma imagem, por exemplo, pode retratar “prece” para sugerir “presa”.

No nível seguinte de complexidade, encontramos a metáfora. Por exemplo, uma imagem onírica que envolve a travessia de uma ponte pode ser uma metáfora para a realização de uma transição importante; ou uma imagem de encarceramento compara a situação do sonhador a uma situação de grave restrição. Portanto, pensamentos abstratos são expressos por meio de uma imagística concreta.

Alguns sonhos contêm imagens que são fantásticas e até mesmo fisicamente impossíveis, como o sonho do rapaz de 16 anos no qual *ele estava sendo seguido pelo diabo e, “apavorado, ele salta e fica suspenso no ar”* (CW7, par. 285). Jung apreciava muito esse caráter pitoresco da linguagem dos sonhos. Ele a considerava mais vívida do que as declarações abstratas porque ela não é limitada pela mente consciente e pode recorrer a uma abundância maior de associações.

A cor contribui para a linguagem do sonho pela sua presença ou ausência, matiz e intensidade. (Alguns sonhos parecem ser em preto e branco, como muitas fotografias o são, ou em sépia.) Jung constatou que os sonhos emocionalmente intensos têm a propensão de ser lembrados em cores, mas até onde eu sei, ninguém testou essa

hipótese.<sup>4</sup>

Outras pesquisas empíricas, baseadas em sonhos registrados ao despertar, tentaram, com algum sucesso, distinguir pessoas que se lembravam e que não se lembravam de os sonhos terem sido coloridos, em dimensões como o sexo, tipologia junguiana e nível de ansiedade. Fortier (1952; citado por Suinn, 1967) constatou que as pessoas que tinham sonhos coloridos eram mais sensíveis ao ambiente e inclinadas a ter relacionamentos afetivos mais significativos do que as pessoas que informavam que os seus sonhos não eram coloridos. Hall (1951) não encontrou nenhuma diferença entre as pessoas que tinham sonhos coloridos e as que não tinham. Suinn (1966, 1967) encontrou algumas diferenças entre os sexos (as mulheres têm mais sonhos coloridos) e entre os tipos de personalidade junguianos (por exemplo, os tipos introvertido e sentimento têm mais sonhos coloridos), mas não entre níveis de ansiedade. Tatibana (1938; citado por Suinn, 1967) descobriu que as pessoas que sonham mais em tonalidades azuladas são quietas e calmas, e as que sonham em vermelho são mais excitáveis e animadas.

Talvez não seja necessário levar essa pesquisa mais adiante, porque estudos empíricos descobriam que até 83 por cento dos sonhos REM foram relatados como coloridos quando as pessoas eram questionadas discretamente com detalhes suficientes, depois de um período REM (Kahn, Dement e Fisher, 1962) e antes de elas se envolverem com qualquer movimento físico. Uma metodologia de pesquisa aprimorada talvez torne possível demonstrar que todos os sonhos são coloridos. As hipóteses que devem ser testadas, portanto, são que cores diversas refletem emoções diferentes, e que intensidades de cor distintas refletem diferentes graus de emocionalidade.

Outra característica da linguagem dos sonhos é o exagero: as imagens de objetos ou pessoas comuns podem se mostrar fascinantes ou ameaçadoras, e situações da vida real podem assumir proporções exageradas ou diferir em outros aspectos das situações efetivas. Outra característica ainda é o iconoclasmo: os sonhos desafiam convicções e valores estimados. No sonho do *falo com um único olho*(D2) da infância de Jung, por exemplo, o iconoclasmo não residia na natureza sexual da imagem, mas sim na imagem como um símbolo pagão exaltado no sonho do filho de um pastor cristão.

Em alguns sonhos, as figuras são como as dos contos de fadas – animais prestativos, por exemplo. Outras imagens podem ser reconhecidas como pertencendo à linguagem mitológica dos sonhos, mas somente depois de os itens influenciados pelo tempo serem traduzidos para imagens intemporais. Por conseguinte, um avião pode corresponder a uma águia que pode carregar uma mulher nas costas, um automóvel ou trem pode ser equivalente a um dragão, e uma injeção pode representar a picada de uma serpente mitológica.

Embora quase todos os sonhos sejam formados por uma imagística visual, existem exceções que Jung não mencionou. As pessoas cegas de nascimento tendem a sonhar em todas as modalidades sensoriais exceto a visual (Hartmann, 1967, p. 131, 141) durante o sono REM. Um sonho ocasional não visual, até mesmo não sensorial, pode se apresentar para qualquer pessoa. Um exemplo é o sonho de uma mulher de meia-idade, que ela só conseguiu relatar na forma de um poema:

*Eu sou...  
Mas saber que eu sou.  
Saber conscientemente que eu existo  
Como uma entidade que se estende  
Além dos confinamentos restritivos  
Da minha mente do dia a dia.  
Na realidade, previamente desconhecido para mim,  
Sempre existi Nesse Outro.  
Agora, lentamente, estou consciente*

*(Para quem tenta atrair esse Outro, e estou dentro dele.)  
Estou tentando atrai-lo para dentro do meu Corpo,  
Mas não consigo.  
Estou consciente de que estou na minha própria  
Consciência novamente.  
Sou novamente, parte da Vida com Tempo e Espaço.  
Ainda estou na terra.  
Quem sou eu?(Arquivos do MAM)*

Frequentemente surge a questão de se alguns sonhos são típicos, ou se, pelo menos, alguns temas são típicos. (Um tema é uma imagem ou ideia repetida; por conseguinte, um sonho pode ter vários temas.) Grupos idênticos ou até mesmo pares de sonhos são raros. No entanto, uma determinada imagem pode se repetir frequentemente nos sonhos de uma pessoa, e alguma semelhança pode ser encontrada entre os temas dos sonhos de uma pessoa e os de outras. Exemplos são temas de cair, voar, ser ameaçado por animais perigosos e correr muito, mas não chegar a lugar nenhum. A raridade relativa de imagens repetidas exatamente de um sonho para outro é uma consequência do fato de que qualquer objeto ou figura que exista ou possa ser imaginado está disponível como uma imagem onírica; por conseguinte, a variedade e o número de imagens são literalmente infinitos.

## **Mecanismos de sonhos**

Embora Jung afirmasse que os sonhos (COWs, pág. 535) são claramente determinados por mecanismos que ajudam a formar a linguagem dos sonhos. Entretanto, ele atribuía uma ênfase muito menor a eles do que Freud, que encarava os mecanismos como essenciais para o trabalho com o sonho por meio do qual o conteúdo latente do sonho é traduzido para o sonho manifesto. Para Freud, havia quatro mecanismos: censura, condensação, deslocamento e distorção. A lista de Jung continha seis: contaminação, condensação, duplicação ou multiplicação, concretização, dramatização e mecanismos arcaicos. (Esses mecanismos são descritos, unicamente e de maneira abreviada, em MPI-II, p. 203-204, mas existem menções a eles espalhadas em todos os *Collected Works*)

A *contaminação* é a vinculação de objetos e ideias aparentemente isolados por meio de uma cadeia de associações que opera quando as limitações da consciência estão relaxadas durante o sono. Jung deu o exemplo de começar com uma mesa. “A toalha,

por exemplo, tem uma relação direta com a mesa, mas de uma mesa a Julio César parece haver uma grande distância; a sequência, contudo, nos conduz rapidamente até lá se a conhecermos” (MPI-II, p. 203). Às vezes, a contaminação revela que os membros de um par de opostos são, em certo sentido, idênticos, como o são alguns opostos em vários idiomas. Em latim, por exemplo, “altus” significa tanto “alto” quanto “profundo”; em inglês, “scan” significa “examinar atentamente” e “dar uma olhada rápida e superficial”.

A *condensação* é uma forma mais forte de contaminação; ela não apenas liga como também combina objetos e ideias aparentemente não relacionados. Por meio da condensação, imagens em outros contextos neutros podem assumir um considerável significado emocional em um sonho. Uma mulher que um sonhador conhece porque ela passa todos os dias pela sua casa, mas que de resto lhe é desconhecida, poderá aparecer em um sonho vestindo uma roupa da irmã do sonhador. Desse modo, a imagem da desconhecida na rua é condensada com a da irmã. A interpretação do sonho, portanto, se basearia nas associações do sonhador tanto com a irmã quanto com a desconhecida.

A *duplicação*, ou *multiplicação*, é o inverso da condensação. A mesma imagem pode se repetir ou pode ocorrer de forma dupla (por exemplo, gêmeos) como ênfase, ou talvez indicar o surgimento parcialmente completo de um conteúdo do inconsciente; e imagens idênticas podem refletir dualidade, como a oposição do positivo e do negativo. Imagens semelhantes podem mostrar diferentes aspectos do mesmo problema; por exemplo, duas pessoas do mesmo sexo e idade, mas com rostos e roupas diferentes. Uma extensão da multiplicação é a ocorrência de vários episódios em um único sonho. Jung não discutiu esse fenômeno, mas um analista junguiano (Edinger, 1972) declarou que “quando um sonho tem várias cenas, estas podem geralmente ser mais bem compreendidas como diversas maneiras de descrever a mesma ideia central” (p. 23).

A *concretização* é o emprego de uma linguagem figurativa, o que inclui a apresentação dos complexos em uma forma personificada.

A *dramatização* é a expressão de um conteúdo em forma de um conto.<sup>5</sup>

Os *mecanismos arcaicos* traduzem conteúdos inconscientes para formas arquetípicas (consulte o Cap. 6).

### **Como sabemos que os sonhos encerram significado?**

A questão mais importante relacionada à natureza dos sonhos pode ser se os sonhos são significativos. Ilustrar a significabilidade dos sonhos é fácil; demonstrar que todos os sonhos encerram significado é difícil e talvez impossível. No entanto, Jung apresentou consideráveis evidências sobre essa questão.

Durante séculos, os sonhos foram considerados a voz dos deuses. Por exemplo, tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos relatam numerosas “visões da noite”, em muitas das quais Deus falou com um ser humano. (Para uma discussão completa do assunto, consulte Kelsey, 1968.) Embora no final do século XX as pessoas estejam menos propensas a descrever esses sonhos como sendo de origem divina, partimos em geral da

premissa de que os sonhos encerram significado,<sup>6</sup> embora de diversas maneiras. Talvez o mais comum entre os povos ocidentais seja a crença de que um sonho pode vaticinar um evento concreto.

O povo senoi da Península da Malásia discute diariamente os seus sonhos, partindo do princípio de que “tudo o que aparece nos sonhos está preenchido com o nosso espírito ou força, e que precisamos controlar os nossos recursos psicológicos para que eles não prejudiquem a nós mesmos ou os nossos companheiros” (Stewart, 1954, p. 392).<sup>7</sup> Outras tribos que se encontram em uma fase pré-letrada<sup>8</sup> interpretam os sonhos de uma maneira tão literal que uma pessoa poderá pedir desculpas por ferir um vizinho em um sonho.

O valor elevado que essas pessoas atribuem aos sonhos pode ser justificado, como assinalou Jung, pelo fato de elas viverem muito próximas do perigo. Se um homem acordar nervoso, por exemplo, ele pode escorregar mais tarde, quando estiver atravessando um rio sobre um tronco de árvore, e se afogar ou ser comido por um crocodilo. Ele sabe que sua “vida depende de ele estar em harmonia consigo mesmo” (MPI-II, p. 159); por conseguinte, se os seus sonhos forem desfavoráveis, ele se recusa a fazer qualquer coisa naquele dia. Além disso, a existência dessa crença na significabilidade dos sonhos lhes confere certa eficácia.

A suposição espontânea de que os sonhos têm significado é refletida pelas pessoas, na terapia, que contam seus sonhos sem que isso lhes seja pedido. Jung descobriu que pessoas que o procuravam não raro tinham começado a anotar seus sonhos muito antes de conhecê-lo. Esse comportamento poderia ser atribuído à influência de Freud e Jung sobre suposições culturais populares, mas a reação positiva de um indivíduo a essa suposição depende, de acordo com Jung, de uma disposição interior nesse sentido. (Alguns pacientes só consideram os sonhos significativos depois de algumas experiências notáveis com os seus próprios sonhos, e alguns nunca chegam a achar isso.) A crescente popularidade dos livros sobre os sonhos reflete adicionalmente a difundida crença no significado dos sonhos.

A convicção de Jung de que os sonhos são significativos estava radicada na sua premissa de que grande parte do conteúdo mental importante é inconsciente. “Sem [o inconsciente], o sonho é uma mera excentricidade da natureza, uma conglomeração sem sentido de fragmentos que restaram do dia” (CW16, par. 294).

Muitos sonhos, é claro, não são compreensíveis para a pessoa que está tentando interpretá-los. Jung argumentou que o problema é semelhante ao de qualquer cientista envolvido com a investigação de fenômenos naturais: ele precisa partir do princípio de que o fenômeno que está sendo investigado encerra significado antes que possa tentar compreender os fatos. Essa suposição tem como respaldo a experiência clínica. Ao analisar dezenas de milhares de sonhos, Jung constatou que alguma mensagem pode ser colhida praticamente de todos os sonhos, e frequentemente a mensagem é mais significativa do que uma avaliação superficial poderia prever. Um sonho que inicialmente parece tolo, absurdo ou apenas ininteligível conduz, às vezes, a importantes revelações a respeito do sonhador.

Além da experiência clínica, outros respaldos podem ser citados para a ideia de que os sonhos encerram significado. Um deles é a presença de temas repetidos em uma série de sonhos de um sonhador; a repetição dá a impressão de que os temas, sejam eles compostos de imagens conhecidas ou desconhecidas, estão exigindo atenção para algo específico na vida do sonhador. Outra base possível é a descoberta, discutida anteriormente neste capítulo, de que os sonhos não podem ser influenciados em nenhuma medida considerável pela autossugestão, e só podem ser influenciados em um grau limitado pela sugestão externa, até mesmo pela pós-hipnose.

Mais do que uma impressão da significabilidade dos sonhos é encontrada nas experiências de muitas pessoas que resolvem problemas intelectuais nos sonhos. Existem numerosos exemplos históricos de líderes científicos e intelectuais em várias áreas que tiveram uma vez essa experiência ou, em alguns casos, muitas vezes: o filósofo e matemático René Descartes; o cientista dinamarquês Niels Bohr (que descobriu o tipo de átomo que leva o seu nome); Friedrich August Kekulé, o cientista alemão que descobriu a fórmula do benzeno e revolucionou a química orgânica; e Robert Louis Stevenson, para quem a trama de *O médico e o monstro* foi revelada em um sonho depois de ele passar anos procurando uma história que descreveria o seu forte sentimento da existência dupla do homem. Jung acrescentou algumas experiências de pessoas “comuns” a esses exemplos, como os de um contador que havia tentado sem sucesso, durante vários dias, esclarecer uma falência fraudulenta.<sup>9</sup> Tendo ido dormir depois de trabalhar até meia-noite no caso, ele se levantou durante a noite, fez anotações na sua escrivania, e voltou para a cama. Pela manhã, ele não se lembrava do seu comportamento noturno, mas descobriu na escrivania, escritas com a sua caligrafia, uma série de anotações que resolveram a situação (CW8, par. 299).

Às vezes, um sonho que não é compreendido na ocasião em que ocorre se revela como sendo a preparação para um evento subsequente. Algumas semanas antes da morte repentina do marido, uma mulher sonhou que *estava olhando para ele, e viu o rosto dele mudar até ficar muito parecido com o do seu pai. Ela ficou horrorizada* (arquivos de MAM). Como o pai morrera de repente alguns meses antes, o sonho parece ter sido uma expressão do inconsciente “que tinha a intenção” de prepará-la para o segundo choque, e refletiu um conhecimento inconsciente das sementes da morte já presentes no corpo do marido.<sup>10</sup>

Evidências ulteriores da significabilidade dos sonhos podem ser vistas na ideia de Jung de que sonhos não interpretados “podem ser ‘compreendidos’ em certa medida de uma maneira subliminar” (CW18, par. 476). Por exemplo, um sonho pode ter um profundo efeito positivo ou negativo na disposição de ânimo do sonhador no estado desperto. Jung citou o exemplo de uma paciente que sonhou com *um carneiro manco e uma ovelha grávida, ambos os quais estavam correndo risco de morrer* (D3). Depois do sonho, a paciente sentiu uma grande exaustão, como se em resposta ao estado do carneiro e da ovelha.<sup>11</sup>

O significado dos sonhos pode ser demonstrado ainda mais dramaticamente quando o

inconsciente se expressa de uma maneira física quando a mensagem de um sonho é desconsiderada. A autodestruição do alpinista conhecido de Jung, que sonhou que *estava pisado no espaço vazio* (D1) e depois literalmente fez isso, é um exemplo.

De todas as razões e evidências da significabilidade dos sonhos, talvez as mais convincentes sejam as informações que confirmam interpretações específicas de sonhos (consulte o Capítulo 16).

A busca de significado nos sonhos está radicada, sem dúvida, no assombro dos seres humanos com o funcionamento da mente. A mente continua a funcionar de alguma forma durante o sonho, como é evidenciado pela constatação de que, quando as pessoas que estão dormindo são acordadas, seja durante o sono REM ou no NREM, elas quase sempre relatam que alguma coisa estava acontecendo na sua mente. Com o nosso conhecimento atual limitado da mente e do seu funcionamento, certamente é prematuro descartar as atividades dela durante o sono como desprovidas de significado. Mais exatamente, a probabilidade de conhecermos melhor a mente por meio do estudo dos sonhos e do ato de sonhar parece muito elevada.

Um possível desafio à premissa de que os sonhos são significativos encontra-se na seleção de sonhos que são lembrados. Pesquisas de Domhoff e Kamiya (1964) e Hall e Van de Castle (1966b; citado em Domhoff, 1969), por exemplo, mostram que os sonhos lembrados pela manhã – “sonhos caseiros” – são diferentes daqueles obtidos quando as pessoas são acordadas no laboratório de sonhos. Os sonhos caseiros tendem a conter temas mais emocionais, como agressão, interações sexuais e infortúnios. Domhoff (1962; citado em Domhoff, 1969) e Schonbar (1961) encontraram uma diferença entre os sonhos das pessoas que não se lembravam bem dos sonhos e os daquelas que se lembravam bem deles: os sonhos das pessoas que não se lembravam bem deles eram emocionalmente mais neutros do que os das pessoas que se lembravam bem dos sonhos. No entanto, não se lembrar de alguns sonhos não invalida a importância dos que são lembrados; pode ser que sejamos incapazes de nos lembrar de todos os nossos sonhos ou que nos lembremos apenas dos sonhos que ocorrem em determinadas condições, como em certas ocasiões do ciclo do sono.

<sup>1</sup> Jung às vezes se referia aos sonhos propriamente ditos como “conteúdos conscientes” (CW8, par. 443), aparentemente reconhecendo o fato de que o sonhador não poderia ter consciência deles se eles ainda estivessem totalmente inconscientes. É necessário, contudo, distingui-los dos conteúdos mentais que por via de regra são considerados conscientes. (Estes não podem ser chamados de “conteúdos despertos” porque as fantasias e as visões no estado desperto são consideradas como sendo conteúdos inconscientes.)

<sup>2</sup> Designado por Freud como “processo primário” do pensamento.

<sup>3</sup> Os sonhos também compartilham com o conteúdo psicótico a sua base em um *abaissement du niveau mental* (diminuição do nível mental) (Janet, 1903; citado por Jung, CW3, par. 12n.)

<sup>4</sup> Jung também escreveu o seguinte: “A questão das cores ou, mais exatamente, da ausência de cores nos sonhos depende das relações entre a consciência e o inconsciente. Em uma situação na qual uma aproximação do

inconsciente com a consciência é desejável, ou vice-versa, o inconsciente adquire um tom especial que pode se expressar no colorido das suas imagens (sonhos, visões etc.) ou em outras qualidades comoventes (beleza, profundidade, intensidade).

“Se, por outro lado, a atitude da consciência diante do inconsciente é mais ou menos neutra, ou apreensiva, não existe uma necessidade acentuada para que os dois estabeleçam um contato, e os sonhos permanecem incolores (Let-2, p. 299-300)”.

A hipótese apresentada nessa declaração parece excessivamente complexa para ser testada no momento, até mesmo clinicamente.

5 Jung, na verdade, incluiu como concretização a expressão do inconsciente nas histórias, e definiu a dramatização como um mecanismo que dramatiza tudo o que acontece (MPE-II, p. 204). Como Jung apresentou esses comentários oralmente, suponho que ele tenha falado livremente, e eu modifiquei as suas definições pelo mesmo critério.

6 Empiricamente, existe alguma correlação entre essa suposição e certos tipos de patologia. O Minnesota Multiphasic Personality Inventory (sem data) registra na escala “Mania” uma resposta sim à seguinte declaração: “Uma pessoa deve tentar entender os seus sonhos e ser guiada ou advertida por eles”.

7 O método senoi de interpretação dos sonhos é semelhante às abordagens subjetiva e construtiva de Jung (consulte os Capítulos 10 e 11).

8 Os antropólogos dizem que não existe um termo adequado para os povos que Jung chamava de “primitivos”. Para ele, o termo não era depreciativo e sim uma descrição tanto psicológica quanto antropológica, referindo-se à natureza humana incontaminada pelos erros culturais e pela repressão. Não obstante, estou seguindo a prática de muitos antropólogos ao usar o termo “pré-letrado”.

9 Em um caso de falência, o advogado da pessoa que está pedindo falência precisa apresentar ao tribunal uma declaração financeira para provar que não existe fraude. Contadores preparam e examinam a declaração.

10 Uma interpretação alternativa é o medo da sonhadora de ser “abandonada” pelo marido, como fora quando o pai morreu. É pouco provável que essa interpretação seja válida, contudo, já que nenhuma evidência – consciente ou inconsciente – surgiu para indicar que ela se sentira abandonada pelo pai. Ela nutria sentimentos hostis para com ele praticamente a vida inteira e sentiu mais alívio do que pesar quando ele faleceu.

11 Poderíamos adotar a perspectiva de que a disposição de ânimo produziu o sonho, em vez de vice-versa. É possível que tanto a disposição de ânimo quanto as imagens do sonho estivessem radicadas nos mesmos conteúdos inconscientes.

## A ABORDAGEM JUNGUIANA DA INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS: VISÃO GERAL

A interpretação dos sonhos é ao mesmo tempo difícil e gratificante. Jung a considerava uma arte, como o diagnóstico, a cirurgia e a terapêutica em geral, que pode ser aprendida “por aqueles cujo talento e destino é se dedicar a ela” (CW17, par. 198). Essa declaração dá a impressão de que Jung acreditava que o papel do analista junguiano só poderia ser desempenhado por pessoas com um talento peculiar, presumivelmente para a intuição e a imagística mental.<sup>1</sup> Entretanto, em outra obra, Jung escreveu o seguinte: “Não é necessário um sexto sentido para compreender os sonhos” (CW8, par. 543). Embora a intuição e a imagística mental sejam valiosas no trabalho de um analista junguiano, pessoas com graus variados de ambas as características e talentos amplamente diferentes se tornaram analistas eficazes e interpretadores de sonhos bem-sucedidos. Assim como na prática psicoterapêutica, os talentos ou qualidades pessoais particulares que são necessários para os analistas junguianos parecem ser a integridade, a compaixão e a coragem, além da inteligência.

### **Como um junguiano aprende a analisar os sonhos**

A interpretação dos sonhos é uma parte muito importante do treinamento da análise junguiana, em especial no Instituto C. G. Jung, em Zurique, Suíça. (Existem outros centros de treinamento junguianos na Inglaterra, França, Alemanha, Israel e Itália. Nos Estados Unidos, eles estão localizados, por exemplo, em Los Angeles, Nova York e São Francisco. Alguns centros enfatizam menos a interpretação dos sonhos do que o Instituto Zurich.) Os sonhos são analisados em quase todas as sessões de terapia, tanto na análise pessoal do *trainee*, quanto no trabalho com os pacientes. O trabalho dos sonhos na análise pessoal ajuda o *trainee* a alcançar o autoentendimento, o que é fundamental porque “Ninguém que não conheça a si mesmo pode conhecer os outros” (CW10, par. 325). Esse trabalho também é incidentalmente proveitoso para o aprendizado da interpretação dos sonhos dos outros e, junto com a análise dos sonhos essencial nas discussões dos casos, proporciona ao *trainee* uma experiência valiosa na interpretação dos sonhos.

A minha exposição à interpretação dos sonhos começou com um analista de Nova York, quatro anos antes de eu me matricular no instituto em Zurique, e a análise e a interpretação dos sonhos foram uma disciplina importante durante os quatro anos e meio em que participei do programa de treinamento. (O tempo mínimo exigido para o

treinamento são três anos.) Dos analistas com quem eu fiz análise, três (dois em Nova York e um em Zurique) tinham feito parte de suas análises, ou todas elas, com o Dr. Jung; o quarto tinha realizado seu treinamento analítico com alguns dos alunos de Jung que haviam se tornado analistas seniores no Institut Zürich.

Seguindo as instruções de Jung, a maioria dos analistas junguianos incentiva os analisandos a registrar seus sonhos. (Consulte Faraday, 1974, e Garfield, 1974, para detalhes sobre como organizar um diário de sonhos.) Além dos sonhos propriamente

ditos, o sonhador registra as associações pessoais com cada sonho, quaisquer ampliações arquetípicas que se tornem disponíveis (a maioria delas a partir do conhecimento do analista) e, depois das sessões analíticas, quaisquer interpretações que tenham sido desenvolvidas. Alguns analistas junguianos trabalham melhor ouvindo os relatos orais dos sonhos; outros pedem que seus analisandos apresentem relatórios escritos dos sonhos e das associações pessoais. (Em ambos os casos, é importante que o sonhador mantenha um registro escrito de todos os sonhos dos quais se lembrou.) Eu prefiro ver e ouvir o enredo do sonho.

Quando eu era *trainee* do instituto, registrei um número muito maior de sonhos do que os que poderiam ser discutidos nas sessões analíticas. Como reuni ampliações para todos os sonhos que registrei, acumulei ainda mais experiência na amplificação do que na interpretação. Quando eu estava mais ou menos na metade da minha análise em Zurique, comecei a tentar interpretar os meus próprios sonhos. Embora muitas dessas interpretações não tenham sido submetidas ao escrutínio do meu analista, todas contribuíram para a minha experiência. (Na época, o instituto exigia trezentas horas de análise pessoal; eu tive muito mais do que isso. A frequência habitual das sessões era de duas vezes por semana.)

O treinamento sistemático específico da interpretação de sonhos era proporcionado junto ao que o instituto oferecia em teoria psicológica, abordagens de psicoterapia e áreas subjacentes de conhecimento. Esses fundamentos gerais eram acumulados por meio de cursos e da preparação independente para o *Propadeuticum*, um conjunto de oito provas orais em áreas de conhecimento importantes no trabalho de um analista junguiano. Um *trainee* fazia essas provas depois de ter passado, no mínimo, um ano e meio no Instituto.

Os temas que menos se relacionavam especificamente com a interpretação dos sonhos eram: “Princípios Básicos de Psicologia Analítica”, “Teoria e Técnica da Experiência de Associação e da Teoria dos Complexos”, “Teorias Comparativas de Neurose” e “Princípios Básicos da Psiquiatria, com uma Atenção Especial à Psicopatologia”.

O *Propadeuticum* também incluía provas sobre “A História das Religiões” (inclusive a mitologia), “Práticas Primitivas” e “A Psicologia dos Contos de fadas”, todos os quais são úteis para a amplificação dos elementos arquetípicos. O restante do exame propedêutico, “A Teoria da Interpretação dos Sonhos”, requeria que o candidato demonstrasse que entendia os diversos procedimentos que são discutidos neste livro.

Tanto antes quanto depois do *Propadeuticum* assisti a palestras que lidavam com a amplificação e interpretação de mitos e contos de fadas, e participei de seminários sobre a interpretação de sonhos propriamente dita e sobre a análise e interpretação de sonhos

que eram apresentados como partes de estudos de casos. Alguns dos seminários eram conduzidos por analistas de Zurique; outros, por analistas convidados dos Estados Unidos, da Inglaterra e de outros países. Em seminários suplementares, os *trainees* apresentavam interpretações psicológicas de contos de fadas como prática na amplificação e interpretação de elementos arquetípicos na sua forma mais pura.

Depois de concluir com êxito o *Propaedeuticum*, os *trainees* começavam a trabalhar com pacientes. Assim sendo, com a ajuda dos meus analistas supervisores<sup>2</sup>, trabalhei com os meus analisandos nos seus sonhos e, em conferências de casos com outros *trainees*, conduzidas por um analista de treinamento, participei da interpretação dos sonhos de analisandos apresentados por todos os *trainees*.

O exame final no instituto não apenas testava, mas também contribuía para a capacidade da pessoa de interpretar sonhos, exigindo duas interpretações efetivas, uma de um sonho e a outra de um conto de fadas. Além disso, eram aplicadas provas sobre “O Processo da Individuação e os Seus Símbolos” e “Aplicação Prática do Conhecimento a um Caso Particular”; ambas requeriam que uma considerável atenção fosse dada às imagens dos sonhos. Assim sendo, o programa de treinamento no Institut Zürich qualificava os graduados a usar a interpretação dos sonhos como uma importante ferramenta na psicoterapia. (O exame final remanescente abordava “A Psiquiatria, com uma Consideração Especial ao Diagnóstico Diferencial”, “Interpretação de Imagens do Inconsciente” e “Discussão da Tese do Diploma”. Minha tese foi intitulada *The Christian Concept of Sin as an Approach to the Shadow*.)<sup>3</sup>

Desde que inaugurei meu consultório analítico em 1965, dei seguimento a meus estudos sistemáticos de interpretação dos sonhos por meio de um trabalho intensivo com meus analisandos sobre seus sonhos, enquanto lia obras de teóricos dos sonhos de muitas escolas psicológicas, fazia um estudo formal de psicologia da personalidade na University of Minnesota e me preparava para a dissertação de doutorado (Mattoon, 1970), que foi a primeira versão preliminar deste livro. Embora eu fosse uma psicoterapeuta qualificada ao me formar no Institut Zürich, participei do programa de doutorado na área da Psicologia da Personalidade voltado para a pesquisa (e não na área da Psicologia Clínica, voltada para a prática) para obter uma base ampla no mundo da psicologia não junguiana, e para me qualificar para a certificação e, mais tarde, a habilitação para exercer a profissão de psicóloga consultante no Estado de Minnesota.<sup>4</sup>

## **Passos na interpretação de um sonho**

O método junguiano de interpretação dos sonhos, que é apresentado em detalhe nos próximos capítulos, é usado, com variações, praticamente por todos os analistas junguianos. As variações ocorrem principalmente na parte do procedimento que é enfatizado. Por exemplo, um analista recorrerá mais a uma impressão intuitiva do significado do sonho; outro, dedicar-se-á mais a reunir amplificações detalhadas. No

entanto, as condições da situação terapêutica imediata sempre determinam a abrangência completa do procedimento e de cada interpretação.

Os principais passos na abordagem junguiana da interpretação dos sonhos são os seguintes:

1. Expor o sonho do ponto de vista da *estrutura*; <sup>5</sup> verificar se ela está completa;
2. Estabelecer o *contexto do sonho*, o conteúdo situacional no qual o sonho está incorporado. O contexto é composto de:
  - a. *Amplificações* das imagens do sonho, que podem incluir
    - (1) *Associações pessoais*,
    - (2) *Informações do ambiente do sonhador* e/ou
    - (3) *Paralelos arquetípicos*
  - b. *Temas que interliguem* as amplificações e
  - c. A *situação consciente* imediata e a longo prazo do sonhador;
  - d. A *série* de sonhos na qual o sonho ocorre;
3. Analisar as atitudes apropriadas a serem trazidas para a interpretação do sonho:
  - a. Nada pode ser presumido com relação ao significado do sonho ou de imagens específicas;
  - b. O sonho não é um disfarce e sim um conjunto de fatos psíquicos;
  - c. O sonho provavelmente não diz ao sonhador o que ele deve fazer;
  - d. Conscientização das características da personalidade do sonhador e do intérprete;
4. Caracterizar as imagens do sonho como *objetivas* ou *subjetivas*;
5. Considerar a função *compensatória* do sonho:
  - a. Identificar o problema ou complexo com o qual o sonho está envolvido;
  - b. Verificar a situação consciente relevante do sonhador;
  - c. Avaliar se as imagens do sonho e o desenvolvimento psíquico do sonhador requerem uma caracterização *reduzida* ou *construtiva*;
  - d. Avaliar se o sonho busca um equilíbrio, opondo-se, modificando ou confirmando a situação consciente relevante; ou
  - e. Se o sonho é não compensatório: *prospectivo*, *traumático*, *telepático* ou *profético*
6. Hipotetizar uma interpretação por meio da tradução da linguagem do sonho em relação à situação consciente relevante do sonhador, examiná-la em comparação com os fatos do sonho, modificá-la onde necessário e expor a interpretação de uma maneira abreviada;
7. Verificar a interpretação.

### **Variações na abordagem**

Como outros analistas junguianos, tento observar todos os passos no procedimento delineado da interpretação dos sonhos. De algumas maneiras, contudo, minha abordagem do processo é um tanto diferente da de alguns dos meus colegas devido a diferenças de temperamento ou diferentes concepções da teoria.

No meu ponto de vista, os sonhos são uma fonte altamente acessível de conteúdos

inconscientes e, portanto, a interpretação dos sonhos é uma ferramenta básica na análise e tratamento dos pacientes. Não obstante, existem outras fontes de informações do inconsciente: emoções, comportamento observável, sintomas corporais, as várias formas de imaginação ativa e fantasias no estado desperto. (Todas essas fontes podem refletir o fenômeno da transferência, que é considerado pela maioria dos analistas freudianos e por alguns junguianos como sendo fundamental para o processo analítico.) Assim como todos os junguianos, considero a análise um processo único por meio do qual os conteúdos conscientes e inconscientes podem ser reunidos e conciliados. Alguns junguianos parecem encarar os sonhos como proeminentes na produção da síntese desejada. Para mim, as várias fontes de conteúdos inconscientes contribuem em proporções variadas para diferentes pacientes. A diversidade no conceito do papel do sonho e do seu intérprete, na minha opinião, não produz diferenças irreconciliáveis no conceito do processo analítico.

Também discordo de alguns dos meus colegas na maneira como desenvolvo uma hipótese a respeito do significado do sonho. Assim como Jung, muitos junguianos confiam intensamente na intuição para essas hipóteses. Jung mencionou muito pouco o uso da intuição na interpretação dos sonhos, provavelmente porque ela era algo muito natural para ele.<sup>6</sup> A intuição também parece ser muito natural para os aproximadamente 85 por cento de analistas junguianos para quem a intuição é a primeira ou segunda função (Bradway, 1964, Bradway e Detloff, 1976, Plaut, 1972). Esses analistas podem ter uma ideia intuitiva a respeito do significado do sonho logo depois de ouvi-lo pela primeira vez. Como sou de um temperamento diferente (provavelmente sensação-pensamento), minha hipótese me vem à cabeça muito mais tarde – geralmente depois de eu ter trabalhado passo a passo ao longo do contexto do sonho e dos outros procedimentos que conduzem à interpretação. Independentemente da escolha do momento da hipótese interpretativa, um processo de testagem mais ou menos sistemático é necessário para verificá-lo.

Uma terceira diferença é que sou mais propensa a pressupor inicialmente que as imagens surgem da experiência pessoal do sonhador; somente se essa base não puder ser encontrada, considero as imagens como sendo essencialmente arquetípicas. Sem dúvida, uma experiência aparentemente altamente individual, como apaixonar-se, pode ter proporções arquetípicas; não obstante, as imagens oníricas relatadas geralmente podem ser amplificadas a partir da experiência pessoal. O próprio Jung, segundo concluí com base no meu estudo dos seus trabalhos, buscou paralelos arquetípicos como um enriquecimento, em vez de um substituto, às associações pessoais (consulte o Capítulo 6). Além disso, depois de as imagens terem sido amplificadas, o sonho ainda precisa ser interpretado com relação à situação consciente do sonhador, ou seja, à experiência de vida na época em que este está vivendo. A natureza arquetípica do conteúdo do sonho pode mostrar que o problema é um problema humano geral, mas não remove o conteúdo da vida individual do sonhador. A não ser que o intérprete de um sonho só se desloque com grande cuidado nas ampliações arquetípicas e nas interpretações não pessoais, ele poderá deixar de examinar mensagens de sonho que sejam cruciais para a vida do

sonhador.

1 Em outro lugar, Jung declarou mais poeticamente: “[A riqueza dos sonhos] só se revela, por assim dizer, para aquele que entende a linguagem dos animais e das plantas” (CW18, par. 1282).

2 Um analista experiente que treina novos analistas é conhecido como “analista de treinamento”, “analista sênior” e “analista supervisor”.

3 Tradução literal do título: *O Conceito Cristão do Pecado como uma Abordagem da Sombra* (N.T.)

4 Minnesota habilita uma pessoa com doutorado em psicologia e determinadas outras qualificações como “Psicólogo Consultante”. Um mestrado em psicologia é necessário para que a pessoa se habilite como “Psicólogo”.

5 Ao apresentar essa síntese da abordagem junguiana da interpretação dos sonhos, considere necessário usar termos que serão explicados em capítulos subsequentes. A fim de tornar a síntese proveitosa para o leitor, portanto, todos os termos definidos em capítulos posteriores estão em caracteres itálicos. O leitor poderá usar este capítulo como um resumo e consultá-lo repetidas vezes. Os capítulos subsequentes deste livro tratam dos temas que estão relacionados aqui e também de outros, cada um com o maior número possível de detalhes.

6 Jung parecia experimentar um vasto leque de graus de dificuldade na interpretação dos sonhos: “Em muitos casos, um simples passar de olhos no sonho e nos elementos reunidos é suficiente para nos oferecer pelo menos uma intuição do seu significado, e nenhum esforço ou pensamento especial é necessário para interpretá-lo. Em outros casos, essa interpretação exige muito esforço e uma considerável experiência” (CW17, par. 115).

## O CONTEXTO DO SONHO: AMPLIFICAÇÕES INDIVIDUAIS<sup>1</sup>

O contexto do sonho inclui amplificações individuais e arquetípicas, temas que interligam as amplificações, informações a respeito da situação consciente do sonhador, e a série de sonhos. Antes que o contexto possa ser avaliado, contudo, o sonhador precisa determinar o enredo do sonho, em outras palavras, as imagens efetivas com que ele sonhou.

### **A identificação do sonho**

Às vezes, o sonhador não tem nenhuma dificuldade em relatar uma percepção do sonho. Em outras ocasiões, ele duvida de que todos os elementos informados façam efetivamente parte do enredo do sonho ou tem a impressão de que somente uma parcela deste foi recordada.

Dois tipos de elementos podem contaminar o enredo do sonho. O primeiro, imagens suplementares no estado desperto ou semidesperto que são relevantes para o sonho,<sup>2</sup> interfere no sonho quando este chega à consciência do sonhador. Embora Jung reconhecesse que essas imagens podem modificar substancialmente um sonho, ele considerava as adições em geral como fazendo parte dos elementos do sonho porque, assim como o sonho básico, elas surgem do inconsciente.

O segundo tipo de conteúdo que às vezes é acrescentado ao sonho é introduzido mais tarde, quando o sonhador repassa o sonho e, especialmente, quando o relata para outra pessoa. Alguns sonhadores tendem a acrescentar detalhes às imagens e à sequência de eventos que recordam. Por exemplo, eles podem entremear o sonho com experiências do estado desperto ou de outros sonhos. O intérprete não pode, então, ter certeza de quais segmentos dos elementos informados foram vivenciados enquanto o sonhador dormia, e quais foram adicionados posteriormente. Na minha experiência, essa contaminação consciente pode ser quase inteiramente evitada se o sonhador, assim que acordar, registrar o sonho por escrito.<sup>3</sup> Se restar qualquer confusão com relação a uma declaração ou descrição de uma imagem, ela geralmente pode ser dissipada perguntando-se ao sonhador se o detalhe questionado foi efetivamente sonhado ou acrescentado depois. Com um pouco de prática, quase todos os sonhadores são capazes de responder a essa pergunta.

Em contrapartida, alguns sonhadores têm dificuldade de narrar suas experiências de

sonho e, portanto, trazem para a sessão enredos incompletos de sonhos. O intérprete pode ajudá-lo a apresentar relatos mais completos perguntando o que aconteceu em seguida, ou pedindo o esclarecimento de elementos que estão vagos ou são mencionados apenas de passagem. O sonhador, quando isso lhe é solicitado, com frequência consegue se lembrar de mais detalhes do que os que foram informados no relato original. Também pode ser produtivo fazer perguntas a respeito de aspectos específicos do sonho que pareçam estar faltando ou incompletos, como o cenário do sonho ou a identidade de uma figura. É claro que as perguntas devem ser formuladas com palavras que sejam compreensíveis para o sonhador; por exemplo: “Onde o sonho parece ter ocorrido?” e uma frase que se comunica com mais clareza do que “Qual era o cenário do sonho?”.<sup>4</sup>

Às vezes, o caráter vago de um sonho se reflete na declaração de que o sonhador “acha” que uma imagem era de um jeito ou de outro. Nesses casos, Jung recomendava que se partisse do princípio de que o relato estava correto. Se o sonhador apresentar duas ou mais descrições de uma imagem onírica, e estiver na dúvida a respeito de qual está correta, a interpretação deve levar todas em consideração. Por exemplo, se o sonhador se lembra de uma imagem como sendo a de um cachorro ou de um gato, associações com ambos são necessárias, e o aparente significado de cada animal deve ser testado na interpretação conjecturada.

Jung recomendava que fosse perguntado ao sonhador como ele se sentia a respeito do sonho e das suas imagens individuais. Como o sentimento do sonhador depois de acordar pode ser diferente do sentimento experimentado durante o sonho, considero proveitoso verificar as duas reações. Muitos sonhadores deixam de especificar esses sentimentos junto ao enredo do sonho.

É uma ocorrência comum um sonhador informar que o texto que foi redigido é apenas parte de um sonho muito mais longo, mas que ele se esqueceu do resto. Alguns sonhadores chegam a afirmar que um sonho relatado com trezentas palavras é um “fragmento de um sonho”. Como pesquisas psicofisiológicas mostram que os sonhos ocupam cerca de um quinto do tempo do sono, é provável que apenas uma pequena fração do conteúdo dos sonhos seja lembrada por qualquer sonhador. Para fins de interpretação, contudo, não vejo alternativa senão trabalhar com o material disponível. À medida que o sonhador vai adquirindo experiência ao registrar os sonhos, os relatos tendem a ser mais completos.

Neste livro, às vezes relato sonhos com palavras distintas em diferentes ocasiões, especialmente quando eles são apresentados de uma forma abreviada. Essa prática não me parece correr um grande risco de inexatidão porque as palavras meramente descrevem as imagens que formaram o sonho experimentado pelo sonhador, e mais de um conjunto de palavras podem descrever a mesma imagem.

## **A estrutura dos sonhos**

Embora a forma dos sonhos possa variar de imagens isoladas a longas e detalhadas

narrativas, a natureza de muitos sonhos é semelhante a uma história, o que foi caracterizado por Jung como um “drama que se desenrola no palco interior da pessoa” (Let-1, p. 355). O drama é apresentado, em geral, por meio de uma estrutura<sup>5</sup> comum a muitos sonhos, com graus variados de completude. Muitos enredos de sonho têm um número tão pequeno dos elementos necessários que precisam ser considerados fragmentos, ou mais como fotografias do que como um filme. Não obstante, a estrutura de uma grande quantidade de sonhos é relativamente completa e pode ser dividida em partes componentes que expandem a compreensão do desenvolvimento da “trama” e da ênfase do sonho, e aceleram a identificação do conteúdo que está faltando.

A primeira parte do relato do sonho é a *exposição*. Ela geralmente inclui uma *declaração do lugar* ou cenário (“*Eu estava num desfile*”), uma declaração a respeito dos *protagonistas* ou personagens do drama, e da *situação inicial* do sonhador (“*com vários jovens oficiais e o nosso comandante estava fazendo uma inspeção no nosso grupo*”). Uma declaração de *tempo* pode estar incluída, como a hora do dia ou a estação do ano.

A segunda fase fornece o desenvolvimento da trama (“*Ele finalmente se aproximou de mim, mas em vez de fazer uma pergunta técnica, pediu que eu definisse o belo*”). A terceira fase é o *clímax* ou *peripeteia* quando algo decisivo acontece, ou uma mudança acentuada tem lugar, seja a ocorrência favorável ou desfavorável (“*Tentei em vão encontrar uma resposta satisfatória e me senti terrivelmente envergonhado quando ele se dirigiu ao homem seguinte, um major muito jovem, e fez a ele a mesma pergunta*”). Segue-se então a quarta fase, a *lise*, que é a solução ou resultado (“*Esse homem se saiu com uma excelente resposta, exatamente a que eu teria dado se ao menos eu pudesse ter pensado nela*”). (Descrição da estrutura: CW8, par. 561-564; CD38, p. 27; DA1, p. 177. Texto do sonho: CW17, par. 187.)

## **Amplificação**

No entanto, um sonho não pode ser interpretado a partir somente do seu enredo; seu simbolismo precisa ser traduzido, como um idioma estrangeiro (consulte o Cap. 9), por meio do contexto. A fim de fazer essa tradução, cada imagem precisa ser “amplificada”, porque “um sonho é uma alusão muito escassa para ser compreendida enquanto não é enriquecida com a substância da associação e da analogia, e portanto amplificada ao ponto da inteligibilidade” (CW12, par. 403).

Embora algumas imagens oníricas sejam relativamente fixas e amplificadas por paralelos arquetípicos (consulte o Cap. 6), a maioria é idiossincrática para o sonhador e precisa ser amplificada por experiências pessoais, fatos relacionados com o ambiente e outros sonhos do sonhador. Independentemente das suas fontes, todas as ampliações de uma imagem particular são usadas para ampliar o arsenal de informações a respeito da imagem.

O sonhador fornece a maior parte das informações relacionadas com experiências e sonhos não discutidos nas sessões de terapia, ao passo que o intérprete tem um acesso aproximadamente igual às informações do ambiente e também de outros sonhos que tenham sido examinados na terapia. Podemos presumir que o intérprete, especialmente aquele que tenha tido um treinamento como analista junguiano, tenha um maior conhecimento de mitos, de costumes culturais e religiosos, e de eventos históricos. Por intermédio das sessões analíticas, o intérprete se torna suficientemente familiarizado com as experiências do sonhador para contribuir ocasionalmente para as associações pessoais.

### *A ssociações pessoais*

A importância das associações pessoais para Jung se refletia na sua insistência em “garantir que cada nuance de significado que cada característica proeminente do sonho tem para o sonhador seja determinada pelas associações do próprio sonhador” (CW8, par. 542). Além disso, o método de Jung de reunir as associações pessoais do sonhador é intrínseco à sua convicção de que o sonho não é um disfarce, e sim que ele significa o que diz (consulte o Cap. 9). Como ajuda para entender o que Jung queria dizer, é proveitoso seguir o curso da mudança no seu modo de pensar com relação ao método apropriado de associação aos elementos do sonho.

Durante a maior parte do período da sua amizade com Freud, Jung seguiu o método de livre associação aos elementos do sonho do amigo mais velho. A livre associação produz associações aos elementos do sonho e depois, sucessivamente, associações às associações. No entanto, Jung constatou que esse método só conduz à identificação dos complexos do sonhador, que podem ou não ter sido sugeridos nas imagens principais do sonho.<sup>6</sup> (Fritz Perls chamou esse processo de “livre dissociação” [Faraday, 1972, p. 146].) Em um dos seus últimos trabalhos, Jung relatou as cognições que o levaram a abandonar a livre associação como uma ferramenta na interpretação dos sonhos.<sup>7</sup>

Um amigo e colega meu, ao passar longas horas viajando de trem através da Rússia, matou o tempo tentando decifrar o texto em cirílico dos avisos da estrada de ferro no seu compartimento. Ele caiu em uma espécie de devaneio a respeito de o que as letras poderiam significar e – seguindo o princípio da “livre associação” – das recordações que elas lhe traziam, e logo se viu no meio dos mais diversos tipos de reminiscências. Entre elas, para seu grande desprazer, [descobriu] aqueles velhos e desagradáveis companheiros de noites passadas em claro, os seus “complexos” – temas reprimidos e cuidadosamente evitados que o médico alegremente apontaria como as causas mais prováveis de uma neurose ou o mais convincente significado de um sonho.

No entanto, não havia nenhum sonho, apenas “livres associações” a letras incompreensíveis, o que significa que a partir de qualquer ponto do perímetro você pode chegar diretamente ao centro. Por meio da livre associação, você chega aos pensamentos secretos cruciais, não importa onde você comece, sejam eles sintomas, sonhos, fantasias, letras cirílicas ou exemplos de arte moderna. De toda maneira, este fato não prova nada com relação aos sonhos e o seu verdadeiro significado. Mostra apenas a existência de

elementos associáveis flutuando de um lado para o outro (CW18, par. 424-425).

A partir desse e de outros comentários, podemos discernir que Jung tinha várias objeções ao método da livre associação de Freud. Primeiro, o método não tira proveito da contribuição singular dos sonhos para a obtenção de informações do inconsciente; embora a livre associação aos sonhos tenda a conduzir a um ou mais complexos, ela não tem nenhuma vantagem com relação à livre associação a qualquer outro conteúdo mental ou estímulo externo na identificação dos complexos. Segundo, a livre associação a um sonho pode levar a um complexo que pode ou não ser aquele que tem a ver com o sonho; ou ela pode conduzir a vários, sem designar o relevante. Terceiro, e provavelmente o mais importante, a livre associação não revela o que o sonho diz a respeito do(s) complexo(s) ao(s) qual(is) ela conduz, e a mensagem do sonho pode se perder completamente.

Embora Jung rejeitasse a livre associação, ele evocava conteúdos além daqueles próximos (diretos) às imagens do sonho. Chamo essas associações adicionais de “elaborações” das associações diretas. Às vezes, o sonhador elabora espontaneamente essas associações. Quando isso não acontece, o intérprete não raro precisa pedir elaborações a fim de ter informações suficientes para conjecturar um significado para a imagem onírica que está sendo considerada.

Um exemplo de uma elaboração que frequentemente precisa ser solicitada é a que associa a idade de uma criança, por exemplo, uma de quatro anos, à imagem em um sonho. As elaborações dessa associação incluem fatos que dizem respeito ao período da vida do sonhador cerca de quatro anos antes do sonho, e as lembranças do sonhador de experiências que teve aos quatro anos de idade.

As associações diretas acompanhadas de elaborações espontaneamente apresentadas são encontradas nas amplificações de um sonho que Jung citou:

*“ Eu estava em um estranho jardim e peguei uma maçã de uma árvore. Olhei em volta com cuidado para ter certeza de que ninguém tinha me visto” (D4).*

O sonhador associou à imagem de *pegar uma maçã de uma árvore* a cena no Jardim do Éden<sup>8</sup> e uma lembrança da infância de pegar algumas peras do jardim de um vizinho. O sonhador apresentou uma elaboração: ele “nunca realmente entendeu por que comer do fruto proibido deveria ter consequências tão terríveis para os nossos primeiros pais [...] Outra [elaboração] foi que seu pai o punira algumas vezes, por algumas coisas, de uma maneira que lhe parecera incompreensível. O pior castigo lhe fora aplicado quando ele fora apanhado enquanto observava secretamente meninas tomando banho” (CW8, par. 458-45).

Embora a lembrança de observar as meninas tomando banho esteja muito distante da imagem de pegar a maçã, a última elaboração está diretamente relacionada com a imagem do sonho. A verdadeira livre associação iria mais longe: o nome de uma das meninas que o sonhador vira, notícias que o sonhador ouvira a respeito de ela ter se mudado para outra cidade, uma experiência que ele teve nessa cidade, e assim por

diante. Assim, a última associação não está diretamente relacionada com a imagem do sonho. No método de Jung, a associação com as imagens e a elaboração das associações devem continuar até que o significado de cada elemento no sonho possa ser determinado, mas o intérprete deve impedir que o sonhador abandone o enredo do sonho e elabore associações além das que são necessárias para a compreensão da imagem do sonho.

Uma maneira proveitosa de entender o método da associação direta de Jung e distingui-lo da livre associação é a ideia de circumperecorrer a imagem (o que também se aplica a outros tipos de ampliações junguianas). A livre associação afasta a pessoa da imagem do sonho por meio de linhas em “zigzague” (CW18, par. 434); o processo de circumperecorrer a imagem torna possível examiná-la a partir de todos os lados e descreve um círculo metafórico, cujo conteúdo sugere o significado dessa imagem. No caso de uma figura humana, por exemplo, as associações relevantes incluiriam a percepção do sonhador de ela ser a imagem de um homem ou de uma mulher, o nome dele/a, a ocupação, interesses e características da personalidade, o papel que ele/ela desempenha na vida do sonhador, atitudes com relação a qualquer um dos fatos ou características percebidas associadas à figura, e a importância para o sonhador das experiências relatadas.

Uma comparação de interpretações de sonhos baseadas na livre associação com interpretações baseadas na associação direta poderá ser um valioso estudo empírico para testar a hipótese de que as duas interpretações do mesmo sonho seriam apreciavelmente diferentes.

A importância das associações pessoais do sonhador é acentuada pela natureza idiossincrática dos elementos do sonho.

Se, por exemplo, uma pessoa sonha com uma mesa, ainda estamos longe de saber o que a “mesa” do sonhador significa, embora a palavra “mesa” soe suficientemente inequívoca. Pois a coisa que não sabemos é que essa “mesa” é exatamente aquela à qual o pai [do sonhador] se sentou quando se recusou a conceder qualquer ajuda financeira adicional e o expulsou de casa como um vagabundo (CW8, par. 539).

É fundamental que o sonhador só apresente associações às imagens como efetivamente aparecem no sonho. Jung advertiu: “Quando alguém sonha com uma ‘mesa de pinho’, não basta que ele a associe à sua escrivaninha que na realidade não é feita de pinho” (CW16, par. 320). Em vez disso, é importante que o sonhador faça uma associação com uma mesa que seja especificamente feita de pinho.

Às vezes, contudo, o sonhador se afasta de associações diretas com o sonho e insiste em introduzir fatos, pensamentos ou sentimentos “irrelevantes”. (Eles diferem das livres associações no sentido de que a “irrelevância” parece não estar relacionada com as associações diretas ou com o sonho. Os elos do sonho através de uma cadeia de livres associações podem ser identificados.) O analista, cuja primeira responsabilidade é a terapia, e somente secundariamente os sonhos, precisa dar atenção às informações “irrelevantes”, mesmo que elas não pareçam estar relacionadas com o sonho, porque, em decorrência disso, o paciente poderá ficar mais capacitado a reconhecer com maior rapidez uma área problemática. Mais tarde, uma ligação com o sono poderá ser

encontrada. Não raro, por exemplo, as informações “irrelevantes” identificam a situação consciente que o sonho está comentando.

Muitos sonhadores têm dificuldade em fazer associações com as imagens oníricas. Os tipos de dificuldades parecem variar, em parte, de acordo com o temperamento emocional e intelectual do sonhador. Jung descobriu que alguns sonhadores tendem a apresentar explicações baseadas em teorias,<sup>9</sup> como, por exemplo, dizendo que um objeto longo e cilíndrico é um falo. Outros frequentemente apresentam “coincidências ou coexistências” (DA1, p. 120),<sup>10</sup> que são associações que designam itens que podem ocorrer com elementos do sonho. Por exemplo, alguns sonhadores poderão associar a uma parede particular a cadeira que está perto dela.

Outros sonhadores ainda, na minha experiência, têm a tendência de generalizar em excesso. Uma sonhadora, por exemplo, achou difícil dizer qualquer coisa a respeito de um homem cuja imagem apareceu em um sonho a não ser declarar que ele era “agradável”. (A minha impressão é que ela estava oprimida pela complexidade das pessoas e, portanto, não conseguia descrever uma personalidade de uma maneira que a satisfizesse.)

Praticamente todos os sonhadores, contudo, podem aprender a fazer associações com imagens dos sonhos de um maneira proveitosa para o processo interpretativo.<sup>11</sup> Jung sugeriu uma abordagem que considere de grande auxílio com sonhadores que apresentam explicações baseadas em teorias: usando o exemplo da mesa de pinho como a imagem do sonho, ele recomendou que fosse dito o seguinte ao sonhador: “Suponhamos que eu não tivesse a menor ideia do que as palavras ‘mesa de pinho’ significam. Descreva esse objeto e me forneça a história dele de uma maneira que eu não possa deixar de entender que tipo de coisa ele é” (CW16, par. 320). Outra abordagem que constatei ser produtiva para evocar associações a figuras humanas nos sonhos é pedir ao sonhador que narre algumas experiências com a figura do sonho. Todo intérprete de sonhos que usa as associações diretas do tipo junguiano sem dúvida encontra maneiras de liberar o fluxo de associações do sonhador. A criatividade, não um conjunto de regras, é necessária para evocar em diferentes sonhadores associações a uma variedade aparentemente infinita de imagens.

Além dos problemas de temperamento, alguns sonhadores encontram outras dificuldades para fornecer associações. Jung mencionou as possibilidades de o sonhador estar “aturdido”, ter “resistências” e “emoções impedindo as associações” (DA1, p. 82). Em outras palavras, o sonhador pode estar ansioso ou zangado demais para ter consciência das associações ou compartilhá-las com o intérprete. Essas emoções podem ser despertadas pelas imagens oníricas específicas, pelo complexo que o sonho está comentando, pela presença do intérprete ou pelas próprias associações. Jung recomendou que o intérprete respeite as resistências do sonhador e não tente derrubá-las. Assim sendo, talvez não seja possível em um momento considerado interpretar o sonho particular ao redor do qual surgiram as resistências. Nesse caso, é possível que o sonhador retorne mais tarde ao sonho; ou um sonho subsequente que diga respeito ao

mesmo problema poderá ser menos ameaçador, possibilitando, assim, que o sonhador faça associações a ele. Nesse caso, o caminho estaria aberto para o exame do problema refletido por ambos os sonhos.

### *Informações sobre o ambiente do sonhador*

Informações além das associações pessoais do sonhador são necessárias para a amplificação de alguns sonhos. Essas informações podem atingir o sonhador sem o seu conhecimento, ou podem ser extraídas de um arsenal de conhecimento geralmente disponível. Jung deu um exemplo de informações não conhecidas conscientemente pelo sonhador antes do sonho. Certo rapaz desenvolveu uma neurose, da qual um dos sintomas era a incapacidade de engolir, pouco depois de ele se tornar “o feliz noivo [...] de uma moça de ‘boa’ família. Nos sonhos dele, *a jovem frequentemente aparecia com uma aparência nada lisonjeira*. O contexto mostrou que o inconsciente do sonhador relacionava a figura da noiva aos mais diversos tipos de histórias escandalosas de srcem bem diferente” (CW8, par. 542). Embora o rapaz resistisse à ideia de que seus sonhos se baseavam em fatos, ele concordou em seguir a recomendação de Jung e fazer algumas averiguações. Ao fazê-lo, o rapaz descobriu que os sonhos estavam refletindo aspectos da reputação da moça que ele desconhecia. “O choque da desagradável descoberta não matou o paciente, mas, pelo contrário, o curou da neurose e também da noiva” (CW8, par. 542).<sup>12</sup>

Às vezes, o sonhador tinha conhecimento de informações necessárias para amplificar o sonho, mas sua mente consciente as esquecera. Certa mulher sonhou em julho que *visitou a tia, esperando que ela ficasse feliz em vê-la, mas a encontrou ríspida e rabugenta. A tia não convidou a sonhadora para se sentar, e pareceu se transformar em pessoas diferentes* (Arquivos de MAM). A sonhadora estivera inexplicavelmente deprimida durante vários dias antes do sonho. Ao pedir associações com a tia, o analista, que sabia que a tia estava morta, perguntou quando a morte tinha ocorrido. A sonhadora respondeu: “Oh, no outono passado”. As anotações do analista de sessões anteriores revelaram que a morte havia ocorrido no último mês de julho. A sonhadora recordou que ficara triste depois da morte da tia, mas não com a intensidade que seu sentimento por ela justificaria. O sonho foi interpretado como uma explicação para a depressão: ela ainda tinha a necessidade de compreender e aceitar sua dor, que foi renovada mais ou menos na época do aniversário de morte da tia. A interpretação evocou algumas das lágrimas que não haviam sido derramadas um ano antes. A informação que fora “esquecida” pela sonhadora era que a data do aniversário viria alguns dias depois do sonho.

Outras informações associadas a sonhos vão além da experiência e conhecimento pessoais do sonhador. Algumas são encontradas no “arsenal de conhecimento consciente geral” (CW18, par. 588). Jung usou o exemplo hipotético de um sonho no qual o número 13 ocorreu. Ele escreveu o seguinte:

A pergunta é: o sonhador habitualmente acredita na natureza desfavorável do número, ou o sonho meramente alude a pessoas que ainda se rendem a essas superstições? A resposta fará uma grande diferença na interpretação. No primeiro caso, o sonhador ainda está sob a influência do agourento número 13, e portanto se sentirá muito mal no Quarto No. 13 ou caso se sente à mesa com 13 pessoas. No segundo caso, o 13 pode não ser mais do que uma repreensão ou um comentário depreciativo. No primeiro caso, ele ainda é uma representação numinosa; no segundo, ele está despido da sua emocionalidade srcinal (CW18, par. 388).

Às vezes, o conhecimento a respeito da cultura particular que moldou os padrões de pensamento do sonhador é uma amplificação necessária para uma imagem onírica. Jung citou um dos seus sonhos no qual uma imagem concretizou um coloquialismo de uma cultura específica:

*Um certo Sr. X estava tentando desesperadamente ficar atrás de mim e saltar nas minhas costas*(CW18, par. 463).

O sonho havia traduzido o coloquialismo austríaco, “Du kannst mir auf den Buckel steigen (você não pode subir nas minhas costas), [em uma imagem pictórica que] significa, ‘Não dou a mínima para o que você diz’” (CW18, par. 463). O sonho foi uma resposta para a deturpação que o homem fizera de um dos comentários de Jung, parodiando o seu significado.

Embora tanto o intérprete quanto o sonhador possam contribuir para a amplificação de um sonho, Jung recomenda que o intérprete “verifique o fluxo das [suas] próprias associações e reações” (CW18, par. 483) a fim de não interferir com as do sonhador. Às vezes, o intérprete pode apresentar associações suplementares que são válidas se forem baseadas em um conhecimento comum a muitas pessoas, inclusive o sonhador. Um exemplo relevante seria um sonho no qual apareça uma figura pública muito conhecida, e o sonhador não seja capaz de se lembrar de fatos geralmente conhecidos a respeito dela. O intérprete pode complementar as associações do sonhador, mas deve fazê-lo com moderação, e um pouco de cada vez.<sup>13</sup>

O intérprete também pode sugerir uma associação pessoal que o sonhador poderia ter feito, mas que não lhe ocorreu. Por exemplo, certo dia, um analisando relatou um sonho no qual

*Uma mulher alta, de meia-idade, se aproxima de mim. Por alguma razão, ela está magoada comigo. Finalmente, pego a mulher e a espanco*(Arquivos de MAM).

Ele a reconheceu como a Sra. E., uma mulher que lhe pedira conselhos, e ele a associara com uma mulher que conhecera em condições semelhantes no passado e que tivera vontade espancar. O intérprete lembrou, e trouxe à memória do sonhador, a declaração que este fizera, algumas semanas antes, de que a Sra. E. era uma mulher que se queixava de muitos problemas, e que na véspera do sonho ele havia recitado (como ela) uma longa lista de problemas que o estavam assediando. Reconhecendo que a imagem do sonho da Sra. E. representava a sua tendência de descrever problemas, o sonhador entendeu que o sonho era uma mensagem para que ele adotasse uma atitude firme com relação a essa tendência, ou seja, que “espancasse” a sua figura interior que o

incentivava a se queixar.

Em ambas as situações, ou seja, o conhecimento geral e as informações específicas ao sonhador, o intérprete não deve insistir em uma amplificação que não pareça pertinente para o sonhador.

### *Quando amplificar com paralelos arquetípicos*

Quando os sonhos encerram um conteúdo arquetípico, a amplificação inclui paralelos, imagens semelhantes em situações semelhantes, em segundo plano, extraídas da literatura mitológica e etnológica (consulte o Cap. 6). Antes que os paralelos arquetípicos sejam considerados, contudo, o intérprete precisa investigar todas as possibilidades de associações pessoais. Se qualquer uma for desconsiderada, a interpretação poderá ficar distorcida ou até mesmo errada. Por exemplo, um homem de meia-idade sonhou que *chegou a um açougue muito velho. Um rapaz entrou, perguntando por um porco que ele deveria cortar para alguém e precisando de instruções para fazê-lo* (Arquivos de MAM). O intérprete pensou no porco como sendo sagrado para Deméter, a deusa-mãe, mas se absteve de mencionar esse fato até que as associações pessoais tivessem sido reunidas. O sonhador se lembrou de ter sido atacado por porcos no pátio da fazenda onde ele morava quando tinha quatro ou cinco anos de idade. A associação pessoal enfatizou os temores infantis remanescentes, que poderiam ter sido desconsiderados, distorcendo a interpretação, caso o paralelo mitológico tivesse sido considerado. (A imagem onírica do rapaz se preparando para cortar o porco sugeriu a solução: a parte do herói do sonhador superou a parte maternal ameaçadora. A necessidade de instruções [presumivelmente da parte do ego do sonho] para cortar o porco sugeriu que o ego precisava fornecer os processos de pensamento [analisando, ou seja, cortando]. Os temores do sonhador tornaram necessário para ele descobrir seu lado heroico a fim de executar a tarefa apresentada no sonho.)

Em outros casos, a amplificação arquetípica é mais apropriada (consulte o Cap. 6). Um exemplo polêmico foi o sonho de Jung em dezembro de 1913, no qual ele *causou a morte de Siegfried* (D5). Inicialmente, ele sentiu que, se não entendesse o sonho, ele precisava se matar. No entanto, viu depois o que considerou como sendo o verdadeiro significado do sonho:

Siegfried [...] representa o que os alemães querem alcançar, impor heroicamente a sua vontade, ter as coisas do seu jeito [...] Eu quisera fazer a mesma coisa. Mas agora isso não era mais possível. O sonho mostrou que a atitude personificada por Siegfried, o herói, não me convinha mais. Por conseguinte, ela precisava ser morta [...] o meu idealismo heroico teria que ser abandonado, pois existem coisas mais elevadas do que a vontade do ego, e a estas temos que nos curvar (MDR, p. 180-181).

Nandor Fodor (1971) interpretou o sonho de uma maneira diferente:

Siegfried era [Jung]. O pai de Siegfried era Sigmund. Ele era, portanto, filho de Sigmund. Freud o havia tratado como um filho e Siegfried era uma manipulação de Sig Freud. Foi Freud que alimentou no pai

da psicanálise, que queria fazer dele o seu Príncipe Herdeiro. Na sua megalomania, ele queria assumir o lugar de Freud sem demora e não dever nada a ele (p. 23).

Esse exemplo demonstra que pode haver uma acentuada diferença de interpretação entre a que usa o paralelo mitológico do herói Siegfried e a associação pessoal do nome de Freud.<sup>14</sup>

### *O valor terapêutico da amplificação individual*

A amplificação individual por si só pode ser terapêutica, às vezes até mesmo antes da tentativa de uma interpretação. Jung citou o sonho de uma paciente que era cética com relação à análise dos sonhos. No início do tratamento, ela sonhou que

Estava em um hotel em uma cidade desconhecida. De repente, irrompeu um incêndio. Seu marido e seu pai, que estavam com ela, a ajudaram na operação de resgate.

Ela associou o incêndio à recente destruição pelo fogo de um hotel no qual tivera um caso amoroso um tanto frívolo. A partir dessa associação, surgiu o fato de que ela tivera um bom número de relacionamentos sexuais casuais. (Esse fato é uma elaboração que beira a livre associação, cuja utilização foi transportada para o início do período pós-freudiano de Jung; o sonho foi incluído em uma palestra de 1913.) Jung enfatizou a atitude frívola da paciente, e esta foi capaz de começar a questionar algumas das suas atitudes.

Uma plena interpretação do sonho, na opinião de Jung, provavelmente teria tido menos valor devido ao ceticismo da paciente com relação à análise dos sonhos. Ele não especificou o motivo pelo qual encarava a situação dessa maneira, mas podemos imaginar que uma plena interpretação poderia tê-la impelido a compreender a intensidade do seu problema sexual, como sugerido pelo fogo, e a importância do marido e do pai em ajudá-la a lidar com ele. Sua resistência a um conhecimento psíquico tão grande e súbito poderia ter adiado a aceitação de qualquer parte dele.

Minha experiência confirma o valor terapêutico da amplificação, especialmente das associações pessoais, já que elas apontam para áreas problemáticas na vida do sonhador, as quais não foram enfrentadas. Um pai, por exemplo, poderia sonhar com um brinquedo ao qual ele associa a filha. Ao mencionar a filha, o sonhador se concentra nela e pode se tornar consciente das exigências inapropriadas que vem fazendo a ela.

### *Temas que interligam as amplificações*

Embora Jung só tenha mencionado de passagem as interligações entre amplificações (por exemplo, CW16, par. 319), ele as usava como guias para verificar quais as amplificações relevantes e para identificar a atitude e os eventos na situação consciente

do sonhador que estão ligados emocionalmente ao complexo ou complexos comentados no sonho. Fatores ou temas comuns podem ser encontrados na amplificação de vários elementos. Um tema comum assim constitui uma interligação, que proporciona um grau de objetividade à verificação da relevância interpretativa das múltiplas associações a cada imagem. O sonho de um homem, por exemplo, pode representar três figuras humanas: uma jovem com quem ele quase se casou, um amigo que está se divorciando e o ministro da igreja que celebrou a cerimônia do casamento do sonhador. Embora ele tenha outras associações com cada uma das três figuras, e possa haver paralelos arquetípicos, o tema comum é o casamento. Ao interpretar o sonho, procuraríamos por possíveis problemas em seu casamento e em sua atitude com relação a este.

<sup>1</sup> Embora Jung frequentemente utilizasse o termo “amplificação” para se referir apenas a paralelos arquetípicos, ele também ilustrava o conceito com associações pessoais (CW18, par. 174). Escolhi expandir a utilização do termo, considerando-o como incluindo associações pessoais, informações a respeito do ambiente do sonhador e paralelos arquetípicos.

<sup>2</sup> Três acréscimos ao sonho são semelhantes ao que Freud chamava de “elaborações secundárias”.

<sup>3</sup> Essa descoberta, que me causou surpresa, foi feita quando eu pesquisava meus arquivos em busca de exemplos de enredos de sonhos contaminados em textos redigidos pelo sonhador, e não encontrei nenhum. Parece que os acréscimos são feitos aos sonhos com relativa frequência quando são narrados oralmente.

<sup>4</sup> Alguns intérpretes de sonhos insistem que o sonho seja narrado no presente do indicativo. Para mim, essa exigência se baseia em uma visão idiossincrática dos sonhos.

<sup>5</sup> Jung descreveu a estrutura somente uma vez nos *Collected Works* (CW8, par. 561-564) e duas vezes, mais resumidamente, em CD38, p. 27 e DA1, p. 177. Ele fez muito pouco uso da estrutura em associação a outros aspectos de sua teoria. Em um dos seus últimos trabalhos, contudo, ele declarou que “com muita frequência os sonhos têm uma estrutura bastante definida, como se propositada, indicando o pensamento ou intenção subjacente, embora, por via de regra, esta não seja imediatamente compreensível” (CW18, par. 425). Essa declaração foi modificada (evidentemente por outra pessoa que não Jung) em *Man and His Symbols* (Livro publicado no Brasil pela Editora Nova Fronteira com o título *O Homem e Seus Símbolos*. (N.T.) para o seguinte: “Uma história narrada pela mente consciente tem um começo, um desenvolvimento, e um fim, mas o mesmo não é verdade com relação a um sonho” (MHS, p. 28).

<sup>6</sup> Em um trabalho de 1916, Jung foi ainda mais longe e declarou que “todo o conteúdo psíquico de uma vida poderia, em última análise, ser revelado a partir de qualquer ponto de partida individual” (CW8, par. 454). No entanto, a declaração a respeito da identificação dos complexos parece mais representativa do seu pensamento.

<sup>7</sup> Embora Jung rejeitasse o conceito da livre associação, ele continuou a usar o termo (CW17, par. 114) enquanto estava esclarecendo o método de verificar o contexto do sonho.

<sup>8</sup> O Jardim do Éden poderia ser considerado uma amplificação arquetípica (consulte o Cap. 6), mas, neste caso, a interpretação não seria afetada.

<sup>9</sup> Jung atribuía as “associações” baseadas em teorias aos tipos pensamento (DA1, p. 120).

<sup>10</sup> Jung atribuía a coincidência e as coexistências aos tipos sensação e intuitivo (DA1, p. 120).

<sup>11</sup> Jung declarou o seguinte em um seminário: “Quando o tipo racional tenta ter associações irracionais, elas são sempre falsas, não se encaixam, de modo que eu peço [a eles] que apenas me digam o que [eles] pensam a respeito do assunto” (DA1, p. 120). Como a generalização incorreta, o conselho improdutivo, e ambos em desarmonia com as outras declarações de Jung sobre a questão, eu os omito do texto.

<sup>12</sup> De acordo com Barker (1972), o rapaz era um estudante universitário que não estava conseguindo estudar para seu exame final; um detetive particular descobriu que a noiva era uma prostituta. “O alívio com relação à incerteza o deixou livre para estudar, e ele passou no exame” (p. 25).

<sup>13</sup> Em um ensaio, Jung incluiu como associações analogias de “psicologia primitiva, mitologia, arqueologia e religião comparativa” (CW16, par. 96), mas não especificou nenhuma maneira pela qual elas poderiam ser usadas a não ser como paralelos arquetípicos (consulte o Cap. 6).

<sup>14</sup> Outra possível opinião sobre a diferença entre as interpretações de Fodor e de Jung do sonho é que a interpretação feita por uma pessoa objetiva talvez seja mais confiável do que a interpretação idiossincrática do sonhador. Ela também pode mostrar a diferença entre uma interpretação intuitiva e uma baseada nos passos do processo, segundo a qual as associações pessoais são plenamente consideradas antes que ampliações arquetípicas sejam empreendidas. Não obstante, as “associações pessoais” são de Fodor, não do sonhador, de modo que não podem ser aceitas como definitivas.

## O CONTEXTO DO SONHO: AMPLIFICAÇÕES ARQUETÍPICAS

A base para a concepção dos arquétipos de Jung é apresentada no Capítulo 2. Aqui, a discussão se limita a elementos que são úteis para amplificar sonhos arquetípicos e abordar a sua interpretação.

Um sonho puramente arquetípico é raro; por essa razão, o uso do termo “sonhos arquetípicos” é um tanto enganador. Os sonhos que encerram um conteúdo arquetípico quase sempre contêm também algum conteúdo pessoal. “Imagens arquetípicas” e “temas arquetípicos” são designações mais precisas dos elementos a que Jung frequentemente se referia quando usava amplificações transpessoais. Por conseguinte, na prática, a expressão “sonhos arquetípicos” significa sonhos que contêm uma ou mais imagens arquetípicas e, portanto, requerem amplificações arquetípicas.

Ao contrário de um sonho não arquetípico, que geralmente se concentra na situação psíquica imediata do sonhador, o sonho arquetípico pode dizer respeito ao “destino” do sonhador (MRI-II, p. 198).<sup>1</sup> O sonho parece vir de um “nível diferente” (CW17, par. 209) do inconsciente.<sup>2</sup> Mesmo que o sonho não seja compreendido, ele enriquece a experiência da pessoa; Jung descrevia esses sonhos como “destacando-se durante anos como pontos de referência espirituais” (CW17, par. 208).

O sentimento de que os sonhos arquetípicos são altamente significativos pode levar alguns sonhadores a ocultá-los, como se fossem “segredos preciosos” (CW17, par. 208). Jung encarava esse comportamento como apropriado devido à importância dos sonhos para o equilíbrio psíquico do sonhador.

Paradoxalmente, muitas pessoas parecem ter um forte impulso de contar seus sonhos arquetípicos, talvez, inicialmente, a fim de assimilar a emoção vivenciada. Jung considerava o impulso de contar tão apropriado quanto o de ocultar, porque esses sonhos têm um significado universal; cada um deles reflete e compensa “um eterno problema humano que se repete infinitamente, e não [é] apenas uma perturbação do equilíbrio pessoal” (CW8, par. 556). Ele coloca o “problema apresentado pela mitologia [...] em conexão com a vida psíquica da pessoa” (CW11, par. 450). A mitologia tem raiz nos problemas universais da humanidade: a procura de comida, o acasalamento, a procriação, a iniciação cultural, os relacionamentos e as responsabilidades entre pais e filhos, a relação do indivíduo com o universo, e o medo da guerra, da doença, da morte e das catástrofes naturais. Portanto, em contraste com um sonho comum, que só é válido para uma pessoa particular, os conteúdos arquetípicos de um sonho são importantes para a vida de muitas pessoas através de um amplo espectro de tempo. Por conseguinte, o

compartilhamento de um sonho arquetípico pode ajudar pessoas que estão enfrentando um problema semelhante ao do sonhador.

## O reconhecimento dos elementos arquetípicos

Alguns analistas junguianos (por exemplo, G. Adler, 1961; Harding, 1965; Hillman, 1975; e Newmann, 1964) apresentam a hipótese de que todos os produtos da psique emergem de uma base arquetípica. Eles parecem querer dizer que o potencial para uma imagem ou uma forma de pensamento precisa existir em uma pessoa antes que possa se manifestar. Com base nessa premissa, a origem de todas as imagens oníricas pode, de fato, ser arquetípica. Entretanto, essa ideia encerra pouco efeito prático já que não exclui a amplificação pessoal.<sup>3</sup> Ao mesmo tempo, a amplificação de imagens arquetípicas exclusivamente em um nível pessoal tende a resultar em uma interpretação incorreta, pode conduzir à frustração e ao fracasso na terapia, e pode retardar o desenvolvimento psicológico do sonhador. Por conseguinte, a distinção entre amplificações arquetípicas e pessoais encerra importantes consequências.

Os sonhos que Jung chamava de “arquetípicos” são aqueles que os povos pré-letrados chamam de “grandes sonhos”. As imagens, que podem ser grotescas, podem incluir objetos, figuras e experiências não encontrados na vida cotidiana, como dragões, máscaras estranhas, animais prestativos, tesouros escondidos, deuses e demônios, e processos alquímicos. Além disso, o sonho arquetípico dá a impressão de ser um produto espontâneo do inconsciente que está tentando transmitir alguma mensagem extraordinária. O sonhador pode sentir a importância do sonho e ficar emocionalmente agitado ou até mesmo fascinado por ele; ele pode enxergar no sonho alguma sugestão de iluminação, aviso ou ajuda sobrenatural devido à notável semelhança das imagens com temas mitológicos e religiosos. É provável que o sonho tenha uma qualidade numinosa.

Talvez o critério mais claro para o reconhecimento de imagens arquetípicas seja uma qualidade cósmica. Jung classificava como qualidades cósmicas a infinidade temporal ou espacial, o movimento em velocidades tremendas ou em enormes distâncias, associações astrológicas, mudanças nas proporções do corpo ou qualidades do comportamento de sonho do sonhador: voar através do espaço como um cometa; a pessoa pensar que é a Terra, o Sol ou uma estrela; ser extraordinariamente grande ou diminutamente pequeno; morrer; chegar a um lugar estranho; ser um desconhecido para si mesmo; confusão; loucura; ou sentimentos de desorientação, vertigem ou euforia.

Além de situações arquetípicas, existem figuras arquetípicas: “com as principais delas sendo, de acordo com a sugestão [de Jung], a *sombra* o *velho sábio*, a *criança* (inclusive o herói criança), a *mãe* (“Mãe Primordial” e “Mãe Terra”) como uma personalidade de ordem superior (“daimônica” porque é de ordem superior), e a sua equivalente a *donzela*, e finalmente a *anima* no homem e o *animus* na mulher” (CW9-1, par. 309).

No entanto, nem toda imagem arquetípica é bizarra ou impressionante. Às vezes, ela

é identificada por sua extremamente frequente reiteração em uma série de sonhos – talvez algumas centenas – que pode ser reconhecida como típica. (A importância adicional de temas recorrentes é discutida no Cap. 8.) Alguns temas arquetípicos podem ser reconhecidos empiricamente por sua semelhança com temas da mitologia, do folclore, da religião, da filologia e da etnologia, especialmente quando são encontrados frequentemente nessas fontes. Um exemplo dessa imagem típica é o tema da água. Além disso, a possibilidade de que uma imagem seja arquetípica deve ser investigada se o sonhador não tiver nenhuma associação pessoal com ela, ou se associações pessoais estiverem disponíveis, mas mesmo assim a imagem ainda não tiver sido compreendida.

Algumas imagens arquetípicas não fornecem pistas reconhecíveis. Apesar de seu vasto conhecimento das fontes de amplificações, Jung declarou que houve casos em que deixou de reconhecer de imediato a origem da imagem. O único conselho que ele pôde oferecer foi conceder uma “atenção especial” (CW9-I, par. 338) à possibilidade de paralelos arquetípicos.

### **Quando e para quem os sonhos arquetípicos estão propensos a aparecer**

O reconhecimento de sonhos arquetípicos é auxiliado pelo conhecimento de quando e para quem esses sonhos estão propensos a aparecer. A experiência de Jung indicou que eles tendem a aparecer em conjunturas importantes da vida de uma pessoa, como no início da infância, especialmente dos três aos seis anos de idade; na puberdade, no início da idade adulta; no início da segunda metade da vida (dos trinta e cinco aos quarenta anos); no climatério; antes da morte e em outros momentos de crise. Os sonhos arquetípicos também são característicos do processo de individuação, especialmente durante a segunda metade da vida; durante esse período, um cuidado especial precisa ser tomado para usar uma abordagem arquetípica quando for indicado, a fim de não limitar as possibilidades do desenvolvimento psicológico.

O povo pré-letrado que Jung visitou no Leste da África acreditava que apenas os “grandes” homens, como curandeiros e chefes tribais, sonhavam “grandes sonhos”, e que até mesmo esses indivíduos pararam de ter grandes sonhos quando os europeus assumiram o controle do governo e usurparam a autoridade dos curandeiros e chefes tribais. No entanto, Jung constatou que entre os europeus, pessoas de todos os estilos de vida tinham sonhos arquetípicos. As “pessoas simples podem ter esses sonhos mais particularmente quando elas se metem em apuros, mental ou espiritualmente” (CW10, par. 324). Assim como outros sonhos, o sonho arquetípico tende a ser compensatório (consulte o Cap. 11), e “quanto mais genérica e impessoal a condição que libera a reação inconsciente, mais significativa, bizarra e esmagadora será a manifestação compensatória” (CW7, par. 278).

Um dos “apuros” que a pessoa pode experimentar na psicoterapia é o da terapia ficar “emperrada”, ou seja, deixar de avançar. Embora quaisquer sonhos possam ser proveitosos num momento assim, Jung descobriu que, se a situação for séria o bastante,

ou se o paciente não estiver receptivo a uma necessária orientação religiosa, os sonhos arquetípicos têm a propensão de aparecer; eles sugerem uma maneira de avançar em uma direção que não teria ocorrido de outra forma nem ao sonhador nem ao terapeuta.

Os sonhos arquetípicos também têm a tendência de ocorrer nos sonhos das “pessoas que estão interiormente separadas da humanidade e oprimidas pela ideia de que ninguém mais tem os seus problemas” (CW10, par. 323). Algumas dessas pessoas, e outras que têm sonhos arquetípicos, são neuróticas com uma grave unilateralidade da personalidade, e psicóticas, especialmente esquizofrênicas. A frequência dos sonhos arquetípicos tem a tendência de aumentar pouco antes do início de uma psicose ou neurose grave. Esse aumento pode ser o precursor do colapso que se aproxima (Jung relatou um caso desse tipo em “An Analysis of the Prelude to a Case of Schizophrenia”<sup>4</sup>, o subtítulo de CW5, *Symbols of Transformation*<sup>5</sup>) ou pode ser parte da causa, especialmente, de um colapso esquizofrênico, no sentido de que o sonhador começa a se identificar com os conteúdos inconscientes e, com o tempo, se torna possuído por eles.

Na outra extremidade da escala de estados psíquicos nos quais aparecem compensações coletivas situa-se um grau elevado de autoconhecimento e maturidade emocional; em outras palavras, quando o sonhador integrou grande parte do inconsciente pessoal e se encontra nos estágios avançados do processo de individuação. Seus sonhos então começam a refletir uma consciência mais ampla de interesses objetivos e do mundo como um todo, talvez problemas filosóficos ou religiosos, como a contemplação da morte, em vez do mundo limitado do ego. Ou o comportamento do sonhador afeta outras pessoas. Ao enfatizar o surgimento de sonhos arquetípicos durante o processo de individuação, Jung pareceu encarar este como um fenômeno relativamente raro. No entanto, provavelmente, o que é raro é o estágio avançado da individuação, já que quase todos os sonhos são compensatórios e, portanto, trabalham em direção à totalidade, ou seja, à individuação.

Às vezes, a pessoa que está fazendo análise tem uma escassez de sonhos arquetípicos e pode se sentir carente porque os sonhos comuns são vistos como superficiais, e os sonhos arquetípicos, como uma marca da individuação. A razão para essa escassez, advertiu Jung, pode ser a omissão de analisar os “pequenos” sonhos, o que pode resultar na inibição dos “grandes” sonhos. Na minha experiência, contudo, é possível que o desenvolvimento psicológico ocorra, inclusive o encontro com problemas humanos genéricos, com poucos sonhos arquetípicos, ou até mesmo nenhum. Além disso, o desejo de sonhos arquetípicos será por si mesmo um obstáculo ao processo de individuação se ele resultar na desconsideração do conteúdo psíquico apresentado por sonhos não arquetípicos.

De qualquer modo, a interpretação transpessoal de um sonho só deve ser buscada depois de todas as outras possibilidades terem sido esgotadas. Os intérpretes que pensam que Jung sempre preferia as interpretações coletivas em detrimento das pessoais acharão proveitoso saber que ele escreveu o seguinte: “O inconsciente coletivo só influencia ocasionalmente os nossos sonhos” (CW17, par. 208). Ele advertiu que as considerações arquetípicas só são autênticas quando

surtem das mais profundas e verdadeiras necessidades do indivíduo; são falsas quando constituem apenas uma curiosidade intelectual ou fuga de uma realidade desagradável [...] As pessoas que avançam inautenticamente, a esmo, em direção ao infinito frequentemente têm sonhos absurdamente banais que tentam sufocar o entusiasmo delas (CW7, par. 288).

As hipóteses de Jung com relação à maior incidência de sonhos arquetípicos na presença de condições específicas poderiam ser testadas empiricamente. O único estudo que encontrei (Kluger, 1975) indica que sonhos “vivos” em aqueles que deixam uma vivida impressão no sonhador contêm uma proporção significativamente mais elevada de conteúdo arquetípico do que uma amostra de controle de sonhos do dia a dia.

### **A amplificação dos sonhos arquetípicos**

Para a amplificação de sonhos arquetípicos, além das associações pessoais, são necessários paralelos arquetípicos. A utilização desses paralelos se baseia no entendimento de que, para os elementos psíquicos comuns a toda a humanidade – os arquétipos –, amplificações de toda a experiência humana são relevantes para os sonhos de qualquer pessoa, assim como toda a experiência de vida do indivíduo fornece potencialmente associações pessoais para cada um dos sonhos dessa pessoa.

O intérprete procura amplificações na mitologia, na história das religiões, na arqueologia, nas práticas dos povos pré-letrados, nos tratados alquímicos e, com efeito, em “todas as ramificações das ciências humanas” (CW8, par. 527). Jung comparava esse processo a uma “anatomia comparativa da psique” (CW18, par. 522). Os paralelos arquetípicos em geral são fornecidos pelo depósito de conhecimento do intérprete ou por informações buscadas no decorrer ou no intervalo das sessões de psicoterapia. A descoberta dos paralelos relevantes pode exigir uma ampla pesquisa; alguns dos resultados dessa pesquisa formam o conteúdo principal de vários volumes dos *Collected Works* de Jung e dos trabalhos de muitos autores junguianos (por exemplo, Harding, 1935; Kirsch, 1973; Whitmont, 1969). Ocasionalmente, é claro, o sonhador é capaz de fazer uma contribuição a partir do seu conhecimento pessoal desses assuntos. O processo pode produzir uma abundância de amplificações. Como em qualquer pesquisa de subsídios históricos ou empíricos, o método não funciona automaticamente; a habilidade do pesquisador é necessária para selecionar e examinar os paralelos arquetípicos que são relevantes para a situação consciente do sonhador e que podem ser comparados com as imagens oníricas.

Na realidade, existem ocasiões nas quais as amplificações arquetípicas precisam ser usadas frugalmente porque o inconsciente coletivo é perigoso para o sonhador. Uma das pacientes de Jung, por exemplo, tinha

uma vida imaginária ricamente desenvolvida, na verdade decididamente exuberante, [...] Seus poderes de fantasia [eram] um sintoma de doença, já que ela [se deleitava] excessivamente neles, [deixando] a vida real passar por ela. Qualquer mitologia adicional teria [sido] extremamente perigosa para ela, porque uma grande porção da vida exterior [postava-se] diante dela, ainda não vivida. Ela [tinha] muito pouco controle da vida

para arriscar subitamente uma completa inversão de ponto de vista (CW7, par. 161).

Jung não fazia nenhuma distinção entre a utilidade das ampliações já conhecidas pelo sonhador e as desconhecidas,<sup>6</sup> sob a alegação de que as que são conhecidas são lembradas por “alguma coisa no fundo do seu inconsciente [...] Essa parte do inconsciente evidentemente gosta de se expressar mitologicamente, porque esse modo de expressão está em harmonia com a sua natureza” (CW8, par. 308).

27 Um exemplo de sonho amplificado arquetipicamente é o de um oficial do exército de 27 anos que teve o enigmático sintoma de uma dor no calcanhar esquerdo. O oficial sonhou, depois de já estar fazendo análise por algum tempo, que *“foi picado no calcanhar por uma cobra e ficou instantaneamente paralisado”* (CW8, par. 305). Jung pressupôs que o sonhador provavelmente tivera conhecimento, em algum momento, da história bíblica da serpente que foi tornada inimiga da mulher e dos seus descendentes, com o decreto “Tu lhe ferirás o calcanhar” (Gênesis 3,15). A relação do calcanhar ferido com a mãe na história do Gênesis teve o seu paralelo na história do sonhador: ele fora mimado e, portanto, enfraquecido pela mãe; indiretamente, portanto, ela o aleijara. Jung introduziu um paralelo arquetípico adicional, que o sonhador provavelmente não conhecia anteriormente, extraído do antigo hino egípcio que costumava ser recitado ou

entoadado para a cura da picada de cobra:

[Ísis] [...] não feriu a cobra viva sobre o seu rosto,  
Mas lançou-a enroscada no caminho  
Onde o grande deus estava acostumado a passar [. ..]  
E então o nobre verme o picou [...]  
(CW8, par. 307).<sup>7</sup>

Tanto a história do Gênesis quanto o hino egípcio correspondem ao sonho: um homem é picado por uma cobra por causa das ações de uma mulher. Portanto, as ampliações fornecem o fato essencial que está ausente no sonho do oficial: uma mulher foi o agente da sua paralisia. Além disso, o exemplo passa no teste de Jung: as imagens paralelas precisam ter o mesmo contexto para ter o mesmo “significado funcional” (CW9-I, par. 103). Em outras palavras, como a picada da cobra é no calcanhar tanto no sonho quanto na história bíblica, ela tem o mesmo significado funcional em cada um deles. No hino egípcio, é possível concluir que a picada da cobra é no pé, e que o significado funcional pode muito bem ser o mesmo. Além disso, os relatos bíblico e egípcio têm em comum o fato de que uma mulher provocou a picada da cobra. Por conseguinte, a imagem onírica foi amplificada: evidentemente, na vida do sonhador, uma mulher serviu de meio para a “picada da cobra”. Consequentemente, o contexto comum tornou possível a interpretação que Jung deu ao sonho.

## **O significado dos sonhos arquetípicos**

O efeito dos sonhos arquetípicos não é automático. Na realidade,

Os sonhos mais bonitos e impressionantes não têm nenhum efeito duradouro ou transformador no sonhador. Ele pode ficar impressionado com eles, mas não enxerga necessariamente algum problema neles. O evento, portanto, permanece naturalmente “do lado de fora”, como uma ação ritual praticada por outros. Essas formas mais estéticas de experiência precisam ser cuidadosamente distinguidas daquelas que indubitavelmente envolvem uma mudança na natureza da pessoa (CW9-I, par. 211).

No entanto, a análise dos sonhos arquetípicos pode ser terapêutica, mais do que a análise dos sonhos não arquetípicos, de duas maneiras: por ajudar o sonhador a ficar menos isolado e por promover a totalidade psíquica do sonhador. No primeiro caso, o sonhador é obrigado a compreender que outros seres humanos têm problemas semelhantes e que “toda dificuldade subjetiva precisa ser encarada do ponto de vista da situação humana [em geral]” (CW10, par. 323). No segundo caso, a totalidade do sonhador é aprimorada, e a consciência “é colocada em harmonia com a [...] lei natural do seu próprio ser” (c16, par. 351).

O sonho do jovem oficial no qual ele é *picado por uma cobra* (CW8, par. 305) é um exemplo proveitoso, uma vez mais, já que “foi mostrado ao paciente que sua aflição não [era] apenas sua, mas sim uma aflição geral – até mesmo a aflição de um deus” (CW18, par. 231). Esse conhecimento pode ter um efeito curativo ao superar o isolamento e a vergonha que uma pessoa pode experimentar em decorrência de um distúrbio psíquico.

Jung relatou que o rapaz havia inicialmente vivenciado as suas dificuldades na forma de fortes dores na região do coração e uma

sensação de sufocação na garganta, como se um caroço estivesse preso ali. Ele também sentia dores lancinantes no calcanhar esquerdo. Não havia nada organicamente errado com ele [...] Como a anamnese nada relevou, perguntei a ele sobre os seus sonhos. Ficou imediatamente claro qual era a causa. Imediatamente antes do começo da sua neurose, a moça por quem ele estava apaixonado rompeu com ele e ficou noiva de outro homem. Ao conversar comigo, ele descartou toda a história como sendo irrelevante – “uma garota idiota, se ela não me quer é muito fácil conseguir outra. Um homem como eu não se aborrece com uma coisa desse tipo”. Mas agora os afetos vieram à superfície. As dores no coração logo desapareceram, e o caroço na garganta sumiu depois de uns ataques de choro. “Dor no coração” é uma poetização, mas nesse caso ela se tornou um fato efetivo porque seu orgulho não lhe permitia sofrer a dor na sua alma (CW8, par. 303).

Entretanto, a dor no calcanhar não desapareceu. Quando Jung se voltou novamente para os sonhos do paciente, o rapaz apresentou aquele no qual *ele foi picado no calcanhar por uma cobra e ficou instantaneamente paralisado*” (CW8, par. 305). A dor foi interpretada pelo sonho: o calcanhar doía porque ele fora picado por uma cobra. Jung reconheceu que nada racional poderia ser concluído a partir dessa interpretação. A neurose em si, no entanto, era a “analogia mais próxima [do sonho] [...] Quando a moça rompeu com ele, ela lhe causou uma ferida que o paralisou e fez com que ele ficasse doente” (CW8, par. 306).

A amplificação do sonho com a história bíblica de Eva e com o antigo hino egípcio aumentou o sintoma no calcanhar

ao nível de um evento mitológico, como se isso de alguma maneira fosse ajudar o paciente. Isso poderá nos impressionar como categoricamente incrível. No entanto, os antigos sacerdotes médicos egípcios, que

incrível; e não apenas eles, mas o mundo inteiro acreditava, como os primitivos ainda hoje acreditam, na magia por analogia ou “magia simpática”.

Estamos interessados aqui, portanto, no fenômeno psicológico que reside na origem da magia por analogia [...] O que é agitado em nós nesse pano de fundo distante, esses padrões imemoriais da mente humana, que não adquirimos e sim herdamos das épocas indistintas do passado.

Se essa psique supraindividual existe, tudo o que é traduzido para essa linguagem de imagens [é] despersonalizado [...] Não como a minha tristeza, mas uma dor sem amargura que une toda a humanidade. O efeito curativo disso não precisa de nenhuma prova (CW8, par. 312-316).

Nesse caso, o isolamento do rapaz, resultante da sua incapacidade de reconhecer suas emoções, foi superado pela experiência não racional que o ajudou a descobrir sua dor e, por meio dela, sua ligação com a humanidade.

As imagens arquetípicas também podem ter efeitos negativos. Jung descobriu que quando as imagens não eram compreendidas, havia o perigo de o sonhador ser possuído por elas. Um exemplo é a infeliz história de Nietzsche, que se identificou com imagens arquetípicas e sucumbiu a uma psicose. Alternativamente, a atitude de aceitação de uma imagem negativa, como ser perseguido por um animal, pode se transformar em algo benigno, depois do que ela provavelmente desaparecerá.

Embora os sonhos de cada pessoa estejam relacionados quase exclusivamente com ela, Jung reconheceu que, de vez em quando, um sonho arquetípico contém um significado coletivo, ou seja, reflete o estado psíquico de toda uma nação ou grupo de nações. Em suas memórias, Jung descreveu uma visão que foi repetida duas vezes (que ele considerou o equivalente de um sonho), que ele teve em outubro de 1913. Quando estava sozinho em uma viagem,

*vi uma enchente monstruosa cobrindo todas as terras no norte e as terras baixas entre o Mar do Norte e os Alpes. Quando ela se aproximou da Suíça, notei que as montanhas iam ficando cada vez mais altas para proteger o nosso país. Compreendi que uma aterrorizante catástrofe estava em andamento. Avistei as poderosas ondas amarelas, os escombros flutuantes da civilização e os corpos afogados de incontáveis milhares de pessoas. Em seguida, o mar inteiro se transformou em sangue.* Essa visão durou mais ou menos uma hora. Fiquei perplexo e nauseado, e envergonhado da minha fraqueza.

Duas semanas se passaram, e então a visão se repetiu, nas mesmas condições, até mesmo mais nitidamente

~~do que antes, e o sangue foi mais enfatizado.~~ *Um mal da interior falou. “Olhe bem para a cena; ela é completamente real, e o sangue é mais real ainda.”* Perguntei a mim mesmo se essas visões não apontariam para uma revolução, mas não consegui imaginar nada desse tipo. Assim sendo, cheguei à conclusão de que elas tinham a ver comigo [...] e concluí que eu estava ameaçado por uma psicose [...].

[...] na primavera e no início do verão de 1914, tive um sonho que se repetiu três vezes: *no meio do verão, uma onda fria desceu do ártico e congelou a terra. Vi [...] toda a Lorena e os seus canais congelados, e toda a região completamente abandonada pelos seres humanos. Todas as coisas verdes vivas foram mortas pela geada.* Esse sonho teve lugar em abril e maio de 1914, e pela última vez em junho do mesmo ano.

No terceiro sonho, *um frio assustador novamente descera do cosmo.* Este sonho, contudo, teve um final inesperado. *Avistei uma árvore folhosa, porém sem frutos [a minha árvore da vida, pensei eu], cujas folhas haviam sido transformadas, pelos efeitos da geada, em uvas doces repletas de uma seiva curativa. Arranquei as uvas e as entreguei para uma grande multidão que aguardava [...].*

No dia 1º de agosto, foi deflagrada a guerra. Agora, a minha tarefa estava clara: eu precisava tentar entender o que acontecera e em que grau a minha própria experiência coincidia com a da humanidade em geral (MDR, p. 175-176).

Jung mencionou outro sonho que foi significativo para uma coletividade de pessoas. Este, registrado por Knud Rasmussen,<sup>8</sup> era o sonho de um velho curandeiro esquimó que possibilitou que ele liderasse a sua tribo a partir da ilha da Groenlândia até a América do Norte, atravessando a Baía de Baffin. O sonho retratou um país longínquo com muitas focas, baleias e morsas em uma ocasião em que havia uma escassez de alimentos na Groenlândia devido ao tamanho da tribo que estava crescendo rapidamente. No início, a tribo inteira acreditou nele e o acompanhou no gelo. Na metade do caminho, contudo, certos idosos começaram a externar suas dúvidas, o que levou metade da tribo a voltar; eles pereceram. A metade que seguiu o curandeiro chegou à costa da América do Norte e lá prosperou.

<sup>1</sup> Jung usou a expressão “o destino do ego” (MPI-II, p. 198), mas o contexto indica que ele quis se referir ao sonhador como uma pessoa.

<sup>2</sup> Como uma extrapolação do seu ponto de vista de que “todas as atividades que normalmente têm lugar na consciência também podem preceder do inconsciente” (CW8, par. 299), Jung levantou a questão de “se o inconsciente também tem sonhos” (CW8, par. 301a). Ele indicou que, sim, um sonho desse tipo “provavelmente procede de alguma camada mais profunda que não pode ser compreendida racionalmente.” [Essa parte do inconsciente evidentemente gosta de se expressar mitologicamente” (CW8, par. 306, 308). Ao distinguir esse “nível mais profundo” daquele no qual “residem os afetos reprimidos” (CW8, par. 309), ele indicou que estava designando, em uma linguagem incomum, o inconsciente coletivo e o inconsciente pessoal como fontes alternativas de sonhos.

<sup>3</sup> Em um dos seus primeiros trabalhos, Jung fez uma distinção entre os paralelos úteis para a interpretação redutiva: aqueles “extraídos da biologia, fisiologia, literatura, folclore e outras fontes”, aqueles úteis para o “tratamento construtivo de um problema intelectual”: paralelos filosóficos; e aqueles úteis para o “problema intuitivo”: paralelos na mitologia e nas histórias das religiões (CW6, par. 703). Como ele não fez mais nenhuma menção a essa categorização, apesar das suas amplas discussões sobre a amplificação arquetípica, e como a amplificação precede a seleção da interpretação redutiva ou construtiva, estou omitindo a categorização do corpo estabelecido da teoria.

<sup>4</sup> Tradução literal: “Uma Análise do Prelúdio a um caso de Esquizofrenia”. (N.T.)

<sup>5</sup> *Símbolos da Transformação*. (N.T.)

<sup>6</sup> Em alguns dos seus exemplos de imagens arquetípicas, Jung fez questão de fornecer evidências de que os paralelos mitológicos não poderiam ter sido conhecidos pelo sonhador, mas ele o fez para provar a existência dos arquétipos, não para amplificar imagens para fins de interpretação.

<sup>7</sup> De Erman, Adolf, *Life in Ancient Egypt* (Tradução para o inglês de H. M. Tirard), Londres, 1894, p. 265-267 (modificado).

<sup>8</sup> Knud J. V. Rasmussen (1879-1933), Dane, parte esquimó, explorador e autoridade em esquimós da Groenlândia; publicou vários estudos sobre os esquimós.

## O CONTEXTO DO SONHO: A SITUAÇÃO CONSCIENTE DO SONHADOR

Embora tenha origem no inconsciente, o conteúdo do sonho é especificado pela situação consciente do sonhador: os eventos, emoções, pensamentos, temores, esperanças e conflitos da vida do sonhador no estado desperto. O sonho “não é um reflexo de conteúdos inconscientes em geral, mas apenas de certos conteúdos, que estão ligados associativamente e são selecionados com base na situação consciente do momento [...] o sonho contém [o] complemento inconsciente [da situação consciente]” (CW8, par. 477). Pelo menos um pesquisador de sonhos concordou com Jung: Cartwright (1969) descobriu que “os sonhos [...] estão diretamente relacionados com as preocupações do momento presente” (p. 111).

Devido à importância da situação consciente do sonhador, “É praticamente impossível, e certamente indesejável, interpretar os sonhos sem conhecer pessoalmente o sonhador” (CW17, par. 187). A situação consciente, na opinião de Jung, inclui os acontecimentos na vida do sonhador na véspera ou dois dias antes, especialmente aqueles que causaram ou é possível imaginar que tenham causado um acentuado impacto emocional. Um sonho com um significado mais abrangente poderá refletir uma situação consciente que abarque os dias, semanas ou até meses que precederam o sonho. É claro que é necessário que o sonhador forneça o maior número possível de informações a respeito da situação consciente para que os fatos relevantes para o sonho fiquem disponíveis para a interpretação.

A situação consciente relevante é geralmente uma experiência que tem um efeito sobre um complexo, ou um problema sobre o qual o sonhador fez um julgamento consciente e uma conclusão adequada. O julgamento pode ser citado na forma de uma decisão, “o tratamento do simbolismo do sonho requer que levemos em conta as convicções filosóficas, religiosas e morais do sonhador” (CW16, par. 339), mas ele não disse como. Eu sugiro duas maneiras, cada uma equilibrando a outra: (a) desafiar convicções anteriormente não examinadas e (b) respeitar convicções firmemente estabelecidas.

Jung parecia usar alternadamente os termos “situação consciente” e “atitude consciente”. Com muita frequência, eles são a mesma coisa; uma atitude quase sempre é um elemento em uma situação consciente. Entretanto, fatos concretos – ações ou outros eventos, como o sucesso ou o fracasso em uma tentativa de empreendimento, uma doença ou uma mudança iminente de ocupação ou residência – também estão incluídos na situação consciente, assim como os problemas que trouxeram o sonhador para a terapia.

Independentemente da situação problemática consciente, ela constela no inconsciente certos conteúdos que então aparecem no sonho. O fato de que é fundamental que o intérprete conheça a situação consciente é ilustrado pelo caso de um rapaz que apresentou o seguinte sonho a Jung:

*Meu pai está saindo de casa em seu novo carro. Ele dirige de uma maneira muito desajeitada, e eu fico muito irritado por causa da sua visível estupidez. Ele vai de um lado para o outro, para a frente e para trás, e manobra o carro colocando-o em uma posição perigosa. Finalmente, colide com uma parede e danifica enormemente o carro. Grito para ele, furioso, que ele deveria se comportar. Meu pai apenas ri, e então percebo que ele está completamente enbragado (CW16, par. 335).*

Na situação consciente, o sonhador tinha um bom relacionamento com o pai e o admirava como um homem altamente bem-sucedido. No entanto, o pai “ainda garantia excessivamente a sua existência” (CW16, par. 336). Ao atacar a opinião que o rapaz tinha do pai, o sonho obrigou o sonhador a se tornar consciente de si mesmo como uma pessoa separada que não precisava que o pai garantisse a sua existência. O conhecimento da situação consciente evitou uma interpretação errônea que teria desabonado o caráter do pai.

A importância de conhecer a situação consciente pode ser adicionalmente percebida no fato de que o mesmo sonho pode ter significados muito diferentes para sonhadores distintos. Jung declarou que dois homens, um jovem e um velho, apresentaram-lhe essencialmente o mesmo sonho:

*Um grupo de rapazes está cavalgando em um vasto campo. O sonhador está na liderança e salta por sobre um rego, conseguindo transpô-lo. Os outros caem dentro do rego (CW18, par. 519).*

A imagem mostra o sonhador superando um obstáculo que outros não conseguem superar. No caso do rapaz, que era cauteloso e introvertido, o sonho indicava possibilidades na vida que ele não estava concretizando. No caso do velho, que era inválido e não seguia as instruções do médico, o sonho parecia significar que ele tinha uma ilusão com relação à sua capacidade, bem além do que era verdade para a sua idade e situação.

Pode haver exceções para a regra de que um conhecimento da situação consciente do sonhador é necessário para a interpretação. Jung parecia pensar dessa maneira, “particularmente com pessoas que não sabem nada a respeito de psicologia” (CW17, par. 187), evidentemente pessoas que não são psicologicamente orientadas. Ele usou o exemplo do sonho de um velho general que ele conheceu em um trem. O general havia sonhado que *lhe haviam pedido uma definição do belo. Ele não foi capaz de responder, mas um jovem major apresentou uma resposta muito boa* (CW17, par. 187). Jung perguntou qual era a aparência do major. O general respondeu: “Ele se parecia muito comigo, quando eu era um jovem major” (CW17, par. 187). A resposta do general foi, a meu ver, um esclarecimento do enredo do sonho. Portanto, baseado no enredo, Jung foi capaz de fornecer uma ampla interpretação. “Bem, parece então que você tinha se esquecido ou perdido alguma coisa que ainda era capaz de fazer quando era um jovem

major” (CW17, par. 187). Foi somente nesse ponto que Jung obteve um conhecimento pessoal do sonhador: o general pensou durante algum tempo, e então falou de supetão: “É isso, você acertou! Quando eu era um jovem major, eu estava interessado em arte, mas mais tarde esse interesse foi esmagado pela rotina” (CW17, par. 187). Essa confiança foi composta por uma associação pessoal com “o belo”, o interesse do general pela arte; e por uma declaração a respeito da sua situação consciente, que ele estava esmagado pela rotina. Uma interpretação rudimentar do sonho, contudo, fora feita

com base apenas no enredo.

Outra possível exceção à “regra” de o sonhador precisar fornecer a situação consciente, bem como associações pessoais, ocorre na série de sonhos que Jung apresentou em *Psychology and Alchemy* (CW12). Ele interpretou alguns sonhos de um paciente que estava diretamente sob os seus cuidados, declarando que a atividade não era realmente uma exceção porque “a série é o contexto que o próprio sonhador fornece” (CW12, par. 50). Em outras palavras, Jung pareceu tratar a série como a situação consciente.

A situação consciente do sonhador diz respeito tanto a sonhos arquetípicos quanto a imagens oníricas pessoais. Em outras palavras, o mesmo leque de possibilidades é pertinente. A principal variação provavelmente reside na proporção de ocasiões em que a situação consciente relevante se estende além do breve período de um ou dois dias que antecedem a ocorrência do sonho. Assim como em todos os sonhos, contudo, os sonhos arquetípicos são inexpressivos sem referência a algum aspecto da situação consciente do sonhador.<sup>1</sup> Por exemplo, uma mandala como um símbolo de totalidade pode aparecer como uma compensação para um ego fragmentado ou um auxílio para um processo de individuação bem avançado.

Os sonhos arquetípicos, de acordo com Jung, “não estão mais interessados em experiências pessoais e sim em ideias genéricas” (CW8, par. 555), os problemas das pessoas em geral, inclusive “um sentimento de continuidade histórica” (CW 16, par. 99). Não obstante, habitualmente, “o arquétipo [...] não pode ser explicado de qualquer maneira, mas apenas da maneira que é indicada por esse indivíduo particular” (CW18, par. 589). As exceções são os sonhos para os quais a situação consciente é a situação coletiva de um grupo de pessoas, como uma nação.

Embora a situação consciente relevante para um sonho particular seja apenas um dos aspectos da vida complexa de um sonhador, Jung não forneceu regras gerais para a sua identificação. Em muitos dos seus exemplos, contudo, ele pareceu seguir a prática de pedir ao sonhador, depois de as amplificações terem sido reunidas, para descrever as experiências e preocupações mentais da véspera do sonho. Às vezes, a intuição do sonhador ou do intérprete escolhe a experiência ou preocupação relevante. Uma ou outra “parece simplesmente” ter uma relação com o sonho. Com mais frequência, na minha experiência, uma diretriz adicional é proveitosa: a reflexão sobre qual experiência ou ideia anterior ao sonho causou um impacto emocional no sonhador ou, ao ser evocada, desperta a emoção mais forte. A emoção pode ser diretamente evidente, na ansiedade ou tristeza, por exemplo, ou pode ser indiretamente evidente, na resistência a uma discussão

ulterior ou depreciação da importância do assunto em questão. Às vezes, ela se evidencia como uma experiência que o sonhador “decidiu não mencionar” na sessão.

Além dos métodos já mencionados para a verificação da situação consciente relevante, constatei que as imagens efetivas no sonho podem fornecer pistas. Se uma mulher sonha com o marido, por exemplo, o sonho pode refletir o fato de que surgiu um problema entre eles que ela tem evitado.

Às vezes, a situação consciente relevante se torna clara pelo fato de que a sessão de terapia gira em torno de um problema particular. Além disso, eu geralmente pergunto qual a impressão do sonhador sobre a relevância da situação consciente. Em seguida, testo as várias possibilidades, inclusive o problema ou tema com o qual a sessão começou.

A essa altura, está evidente que Jung definiu padrões muito elevados para a relevância no estabelecimento do contexto de um sonho, tanto na amplificação quanto na identificação da situação consciente do sonhador. Não obstante, ele insistia que o exame do contexto é “um trabalho simples, quase mecânico, que encerra apenas uma importância preparatória” (CW8, par. 543). Independentemente da base para identificar a situação consciente relevante, a conclusão precisa ser testada no processo de interpretação do sonho, cujas diretrizes são discutidas nos próximos capítulos.

<sup>1</sup> Embora Jung indicasse que os sonhos arquetípicos “não têm relação [...] com a situação consciente” (CD38, p. 5) do sonhador, ele pareceu querer dizer aqui o que escreveu em outro lugar: que as imagens arquetípicas não são extraídas da experiência consciente do sonhador.

## SÉRIES DE SONHOS

O contexto do sonho foi tratado até agora como se cada sonho fosse um evento discreto. De fato, o processo interpretativo para cada sonho começa como se o sonho fosse uma experiência isolada: (a) O enredo do sonho é apresentado em função da estrutura e examinado para ver se está completo e (b) o contexto do sonho é estabelecido. Durante o último processo, contudo, semelhanças entre o sonho que está sendo analisado e sonhos precedentes podem ser notadas – em imagens, temas, ampliações e na situação consciente. Jung parecia considerar os sonhos que precediam um sonho considerado como parte da sua amplificação, especialmente quando havia temas recorrentes. Ele usava sonhos que se seguiam ao sonho considerado como testes de verificação (consulte o Cap. 17) para confirmar ou corrigir uma interpretação. Desse modo, os sonhos precedentes, atuais e subsequentes podem ser considerados uma série. Tecnicamente, qualquer sucessão de sonhos é uma série, mas Jung usava o termo para se referir a uma sucessão de sonhos relacionados uns com os outros por um ou mais dos fatores particulares que são discutidos neste capítulo.

As séries são importantes porque, entre outras razões, elas demarcam unidades de sonho, um processo comparável à identificação do sonho. Às vezes, uma pessoa pode se lembrar apenas de fragmentos de sonhos que ocorreram durante um único período de sono ou no período entre as sessões de terapia, mas se esses fragmentos forem reunidos, eles podem ser considerados como constituindo o equivalente a um ou mais sonhos completos. (Na minha experiência, não é incomum que um sonhador se lembre de muitos sonhos fragmentários e somente de alguns que se aproximem de ser completos.)

Em sonhos mais completos, a série pode ajudar a identificar temas importantes. Alguns sonhos que fazem parte de séries são como variações de um tema comum ou episódios de um seriado prolongado. A partir da sua experiência com dezenas de milhares de sonhos, frequentemente incluindo muitos de uma só pessoa, Jung chegou à conclusão de que se fosse possível conhecer todos os sonhos de uma pessoa, uma linha definida de conexão quase sempre seria encontrada. (Essa conclusão provavelmente foi a base para a sua declaração “Atribuo pouca importância à interpretação de sonhos isolados” [CW16, par. 322].) É difícil comprovar essa hipótese, porque não nos lembramos de todos os nossos sonhos, e a sucessão de diferentes temas pode encobrir as conexões. Não obstante, é útil procurar temas recorrentes.

Sonhos sucessivos podem estar conectados porque cada sonho “é apenas um lampejo [...] de continuidade psíquica que se tornou visível por um momento” (CW18, par. 181). Jung constatou que quando o processo de desenvolvimento psicológico conhecido como individuação é incorporado a essa continuidade psíquica, a série de sonhos

frequentemente revela o processo em andamento. Até mesmo quando o processo de individuação é ocultado pelo efeito compensatório (consulte o Cap. 11) de um sonho isolado, ele frequentemente pode ser identificado com o tempo por meio de uma série de sonhos.

### **A identificação de uma série de sonhos**

Jung às vezes indicava que uma série de sonhos poderia consistir de certo número de sonhos sucessivos (por exemplo, dez, vinte ou cem), mas não recomendou a escolha de um número arbitrário para definir uma série. Mais exatamente, ele aparentemente considerava uma série como consistindo do número de sonhos individuais que foram necessários para compreender uma faceta específica da vida do sonhador: desde relativamente poucos sonhos até 100 ou mais. Às vezes, uma série de sonhos é identificada pela repetição de um sonho. Com mais frequência, um tema específico aparece em uma série de sonhos ao longo de um período. Além disso, uma série pode tecer comentários sobre um determinado problema na vida do sonhador.

Na minha experiência, critérios adicionais podem ser utilizados para identificar uma série de sonhos: (a) Se o sonhador se lembra de poucos sonhos, a série pode ser composta por todos os sonhos que ocorrem durante a terapia. (b) Se a vida do sonhador está em transição – se ele está mudando de emprego ou de lugar, se casando ou se divorciando, ou tomando decisões importantes – todos os sonhos durante o período de transição (inclusive a expectativa e as consequências) podem formar uma série.

Além disso, muitos intérpretes de sonhos partem do princípio de que os sonhos de uma única noite se concentram em um único tema. Esta é uma hipótese proveitosa na interpretação; no entanto, até onde eu sei, não foi demonstrada empiricamente. Um estudo relevante (Dement e Wolpert, 1958b), contudo, constatou que quase todos os sonhos contêm elementos em comum com um ou mais dos sonhos da mesma noite, geralmente com os imediatamente precedentes ou subsequentes. Os elementos comuns variavam de detalhes triviais a semelhanças na trama. Não obstante, “cada sonho parecia ser um drama independente” (p. 569) e somente ocasionalmente “um pensamento de sonho coerente [parece] ser mantido em todos os sonhos de uma sequência” (p. 578). Essas constatações não respaldam e tampouco excluem a possibilidade de que os sonhos da mesma noite comentem diferentes aspectos do mesmo problema.

A ordem de uma série de sonhos não é necessariamente cronológica. Na metáfora que Jung usou, os sonhos podem se irradiar de um centro psíquico de uma maneira circular ou espiralada. Determinar a conexão entre os sonhos, portanto, é análogo ao processo geométrico de encontrar o centro de um círculo a partir de uma combinação de pontos no seu perímetro. Cada sonho em uma série reflete o comentário do inconsciente sobre o problema ou situação a partir de uma perspectiva diferente.

## **Utilização prática das longas séries de sonhos**

Como uma questão prática, é improvável que uma série de cem sonhos, ou até mesmo de vinte seja interpretada detalhadamente. Em vez disso, uma série longa pode funcionar como um recurso para amplificar os poucos sonhos que são analisados com algum detalhe, até mesmo sem que o intérprete esteja pensando na categoria “série de sonhos”. Ao considerar o contexto de um sonho particular, o intérprete ou o sonhador poderão se lembrar de sonhos anteriores que continham temas semelhantes ou se concentravam no mesmo problema, ou interpretações que pareciam estar associadas ao sonho que está sendo examinado. A utilização da série de sonhos consiste, portanto, em ter em mente, o mais possível, a história de sonhos do sonhador. As limitações dessa prática são óbvias: a pessoa só se lembra de uma pequena parte dos sonhos de cada noite; não há tempo suficiente nas sessões de terapia para discutir todos os sonhos lembrados e registrados pelo sonhador; e nem todos os sonhos anteriormente discutidos são recordados.

Às vezes, o intérprete pode interpretar um sonho de uma pessoa que ele não conhece se uma série de dez a vinte sonhos estiver disponível no contexto. Esse procedimento foi usado na longa série interpretada por Jung em *Psychology and Alchemy* (CW12).

A maneira mais viável, até agora, de levar em conta um grande número de sonhos de um único sonhador parece ser o método de análise do conteúdo concebido por Hall e Van de Castle (1966a). Até onde eu sei, esse método não foi usado no contexto da psicoterapia, mas seria possível fazer isso. Nesse método, imagens oníricas – figuras específicas, tipos de personagens e ações – são agrupadas em categorias e a frequência é calculada. Ao comparar a frequência das categorias em vários períodos da vida do sonhador, as mudanças psicológicas ocorridas nele com o tempo podem estar indicadas. É pouco provável que uma análise desse tipo revele a compensação do dia a dia, mas é uma forma possível de discernir mudanças significativas na personalidade.

## **Sonhos recorrentes**

Às vezes, uma série de sonhos não é determinada pelo número e sim pelo conteúdo. Uma série desse tipo pode ser formada por repetições de um único sonho. Um sonho recorrente tende a impressionar o sonhador com sua nitidez, frequência, ou ambas. Um sonho desse tipo é “de especial importância para a integração da psique, [ele se refere] a algo que já existe há muito tempo e é particularmente característico da atitude mental do indivíduo” (Let-1, p. 93). Jung mencionou três possíveis finalidades alternativas que podem ser atendidas pelos sonhos recorrentes. A primeira, a compensação, só difere da função compensatória de um único sonho na persistência e, por essa razão, na ênfase em uma falha na atitude consciente do sonhador. Esse sonho para de ocorrer, de acordo com Jung, quando é compreendido. Um segundo tipo de sonho recorrente é o “sonho traumático”: o trauma foi assimilado, o sonho para de ocorrer (consulte o Cap. 12). Um

terceiro tipo de sonho recorrente pode antever uma importante evolução na psique no sonhador (consulte o Cap. 12).

Se a memória das pessoas não falhar, quase todo mundo já experimentou pelo menos um sonho recorrente na infância (consulte o Cap. 13). Na idade adulta, esses sonhos parecem ser relativamente raros. Somente um exemplo de um sonho recorrente de um paciente (à diferença de imagens ou temas recorrentes) está incluído nas obras de Jung. Ele o relatou parcialmente como se segue:

*O pai[do sonhador], morto havia muito tempo, não tinha realmente morrido, mas vivia em circunstâncias tristes e enfraquecidas. Um encontro com o pai era sempre frustrado pela desesperança do pai com relação a si mesmo e pelo seu desejo de desaparecer* (LeF1, p. 52n.).

(O relato implica que alguns detalhes podem ter variado, mas que os enredos dos sonhos sucessivos eram semelhantes o bastante para qualificá-los como recorrências de um sonho em vez de vários temas.) Jung pareceu colocar esse sonho na categoria compensatória de sonhos recorrentes. Ele escreveu o seguinte para o sonhador:

No nível subjetivo, o “pai” é uma imago: a imagem do seu relacionamento com o pai e com tudo o que ele representa. No seu sonho essa imago é sombria, a ponto de desaparecer; isso quer dizer que uma diferente atitude com relação à imago do pai está se formando (e com relação a tudo o que ele representa) (LeF1, p. 52).

Na minha atividade analítica, só encontrei um caso de um sonho recorrente na idade adulta, e ele parou de ocorrer anos antes de a sonhadora se consultar comigo pela primeira vez. Ele parece se encaixar na terceira categoria de sonhos recorrentes de Jung, a dos que antevêm um evento futuro importante, ou talvez dois desses eventos:

*Eu estava me arrumando para sair e só conseguia encontrar roupas pretas ou escuras para vestir. Finalmente, escolhi alguma coisa apenas para conseguir não me atrasar para o meu compromisso. Quando cheguei ao local, tratava-se de um enterro. O homem que estava exposto era o meu marido. Era um dia muito ensolarado. Enquanto o ministro da igreja rezava, eu olhava para o círculo de homens que cercavam o túmulo. Todos vestiam ternos pretos com horríveis colarinhos e faixas brancas. O sol atingia com tanta intensidade a parte branca da frente que o reflexo ocultava todos os rostos. Assim que o ministro pronunciou o nome da esposa, um dos homens deixou o grupo, se aproximou de mim e pegou meu braço, conduzindo-me para o carro. Na sombra do carro, percebi que era o meu marido. Ele sorria para mim e dizia: “Vamos começar tudo de novo”, e partimos no carro* (Arquivos de MAM).

O marido da sonhadora havia efetivamente falecido, repentina e inexplicavelmente, cerca de um ano depois da última ocorrência do sonho. Muitas das pessoas presentes ao enterro eram colegas dele de um seminário teológico que compareceram vestidos com indumentária clerical: ternos pretos e colarinhos e faixas brancas. Durante um longo tempo depois da morte do marido, a sonhadora pressupôs que o sonho estivera antevendo esse evento; mais tarde, ela interpretou o sonho de uma maneira diferente. Vários anos antes de morrer, o marido a havia obrigado a deixar a casa que ela adorava e se mudar para uma cidade distante para que ele pudesse frequentar o seminário. Na

época, ela sentiu que tinha “morrido”. Mais tarde, ela se deu conta de que era uma pessoa mais independente. O sonho pode ser interpretado como compensatório, premonitório, ou ambos. Uma interpretação compensatória enfatizaria que o sonho estava apresentando a necessidade da morte de uma antiga atitude, representada pelo marido, e a adoção de uma nova atitude, a de recomeçar de uma maneira diferente.<sup>1</sup> Uma interpretação premonitória incluiria a antevisão tanto da morte do marido quanto do “recomeço” da sonhadora, o qual pode ter começado antes de o sonho parar de ocorrer. A cessação do sonho parece confirmar que a sonhadora já tinha iniciado o seu “recomeço”.

### Temas recorrentes

Muito mais comum do que o sonho recorrente é o tema recorrente. Às vezes, a principal finalidade da repetição de um tema parece ser a ênfase; o tema aparece repetidamente em um contexto bastante semelhante e com o mesmo significado para o sonhador. A repetição parece ser necessária para deixar a questão bem clara para que o sonhador a aceite. Por exemplo, uma jovem sonhou duas vezes, com um intervalo de

*cerca de seis semanas; que sua irmã solteira estava grávida e que pediu à sonhadora que a ajudasse. No primeiro sonho, a irmã se recusou a fazer um aborto ou entregar o bebê para adoção. No segundo, os pais surgiram e ficaram dizendo à jovem grávida o que fazer. No final, a sonhadora disse alguma coisa para a sua mãe a respeito do seu insucesso em se relacionar com o seu “velho desprezível” (referindo-se ao seu animus), e ao insucesso do seu pai em se relacionar com a sua “mulher malévola” (Arquivos de MAM). (A frase “referindo-se ao seu animus” fazia parte do enredo do sonho. A sonhadora havia lido uma grande quantidade de literatura junguiana e conhecia bem a terminologia.) A sonhadora, que era menos conformista do que a irmã, sempre estivera mais em desacordo com os pais. A imagem onírica da irmã foi interpretada como a parte da personalidade da sonhadora que se conformava com os desejos dos pais. A gravidez nos dois sonhos pareceu indicar que uma nova vida estava se desenvolvendo na parte da sonhadora que era como a irmã. A situação da irmã no sonho era anticonvencional, ou seja, não conformista, e o ego do sonho ajudou a irmã ao desafiar as figuras parentais. Os dois sonhos pareceram dizer à sonhadora que havia uma possibilidade de afrouxar os elos entre a sua parte conformista e os pais, mas que alguma ação positiva era necessária para concluir a separação.*

Outra finalidade atendida por uma série de sonhos com um tema recorrente é recomendar, antever ou revelar uma mudança de atitude ou de uma característica de personalidade do sonhador. Jung registrou uma experiência desse tipo com ele mesmo:

*Eu mesmo sonhei com um tema [...] muitas vezes ao longo de um período de anos. O tema era que eu descobri uma ala da minha casa que eu não sabia que existia [...] Ela continha uma interessante mobília antiga e, já perto do fim dessa série de [...] sonhos, descobri uma velha biblioteca cujos livros me eram desconhecidos. Finalmente, no último sonho, abri um dos velhos volumes e encontrei nele uma profusão de*

*maravilhosas imagens simbólicas.*

Algum tempo antes desse sonho, eu havia encomendado um dos clássicos alquímicos em latim a um livreiro antiquário no exterior,<sup>2</sup> porque eu me deparara com uma citação que achei que poderia estar relacionada com a antiga alquimia bizantina, e desejei verificá-lo. Várias semanas depois do meu sonho, chegou um pacote contendo o volume em pergaminho do século XVI com muitas imagens simbólicas extremamente fascinantes. Elas instantaneamente me trouxeram à memória a biblioteca do meu sonho. Como a redescoberta da alquimia forma uma parte importante da minha vida como pioneiro da psicologia, o tema do anexo desconhecido da minha casa pode ser facilmente compreendido como a previsão de um novo campo de interesse e pesquisa. De qualquer modo, a partir daquele momento que teve lugar há trinta anos, o [tema]<sup>3</sup> recorrente chegou ao fim (CW18, par. 478-479).<sup>4</sup>

Em algumas séries de sonhos, os primeiros sonhos são incompreensíveis enquanto os posteriores não são conhecidos. Depois, a série fornece as amplificações, ou seja, os sonhos amplificam uns aos outros, assim como os mitos amplificam um sonho.<sup>5</sup> A série não envolve “um único enredo e sim muitos [...]”, lançando luz a partir de todos os lados sobre os termos desconhecidos, de modo que uma leitura de todos os enredos é suficiente para elucidar as passagens difíceis em cada um individualmente” (cw12, par. 50).

Jung comparou a investigação do significado de uma série de sonhos com um tema comum à tarefa de um filólogo que se vê diante de um volume em uma língua obscura: decifrar o significado de palavras recorrentes, depois, o de palavras em combinações e assim por diante, até que o volume inteiro possa ser lido. A série de sonhos, portanto, é um texto composto de sequências de “palavras” (imagens) que formam “frases”, e de “parágrafos” (episódios ou sonhos) que formam “capítulos”. Cada imagem onírica recorrente se torna uma “palavra” em uma espécie de “linguagem particular” para o sonhador, e o seu significado se torna mais claro à medida que é usado com mais frequência.

Um exemplo relativamente simples é oferecido por dois sonhos de uma longa série que Jung estudou sem um contato pessoal com o sonhador (CW12). O primeiro sonho relatado da série foi o seguinte:

*O sonhador encontra-se em uma reunião social. Ao sair, ele veste o chapéu de um desconhecido em vez do seu (D6).*

Jung foi capaz de amplificar esse sonho, mas não conseguiu interpretá-lo enquanto não teve acesso a outro sonho que ocorreu muito mais tarde na série.

*Um ator estraçalha o seu chapéu contra a parede, onde ele fica assim* [um diagrama de uma roda com oito eixos e um centro preto compacto] (CW12, par. 254) (D7).

Jung amplificou o chapéu no primeiro sonho com os fatos que envolveram o chapéu no segundo, e vice-versa, e depois interpretou a imagem.

O chapéu se refere ao primeiro de todos os sonhos, onde *ele coloca o chapéu de um desconhecido*. O ator atira o chapéu contra a parede, e o chapéu se revela uma mandala. Assim, o chapéu “desconhecido” era o eu, que naquela época – enquanto o sonhador ainda estava desempenhando um papel fictício – lhe pareceu ser

um desconhecido (CW12, par. 255).

Um exemplo da minha prática foi o sonho de Willa, uma jovem do tipo pensamento:

*Eu decidira matar uma pessoa chamada Alice. Cometi o assassinato e me desfiz do corpo*(Arquivos de MAM).

Alice era a mãe de uma amiga de Willa, que havia aparecido em sonhos anteriores como a personificação da função sentimento danificada de Willa. Alice rejeitara a filha e fora cruel com ela, aparecendo, portanto, como o lado destrutivo da experiência de Willa com figuras maternas. Alice era a imagem ou palavra de sonho para “figura materna destrutiva”. O sonho foi interpretado como significando que a sonhadora estava protegendo a sua função sentimento personificada pela filha de Alice, erradicando da sua vida a atitude, personificada por Alice, que era destrutiva para ela.

Às vezes, um tema recorrente assume formas diferentes que refletem várias facetas de uma situação, problema ou características de personalidade na vida do sonhador. Certo sonhador, por exemplo, relatou o tema da água em 26 sonhos que se estenderam por um período de dois meses (CW16, par. 14). Jung encarou a série como ilustrando a continuidade do inconsciente e indicando como os temas poderiam ser interpretados

comparando as suas várias formas e as situações de sonho nas quais eles ocorreram.<sup>6</sup> Em muitas das imagens, o corpo de água mencionado era o mar. Jung considerava a água como “o símbolo mais comum para o inconsciente” (CW9-I, par. 40) e o mar como um símbolo relativamente fixo que “representa um lugar de reunião onde toda a vida psíquica se origina, i.e. o inconsciente coletivo” (CW16, par. 15).<sup>7</sup> Uma característica comum adicional de muitas das imagens nas séries é a de viajar por um rio, atravessar um oceano, dirigir um carro até o navio, parar em uma ilha. Eu diria, experimentalmente, que a interpretação do tema da água reflete a “jornada interior” do sonhador, que está ocorrendo de várias maneiras em diferentes ocasiões.

Em uma série de sonhos mais longa, um tema tende a ser substituído por outro. Nos sonhos do mesmo homem, “o tema da água gradualmente retrocedeu para dar lugar a um novo tema, a ‘mulher desconhecida’” (CW16, par. 16), que ocorreu 51 vezes em um período de três meses. Jung considerou que a mulher desconhecida estava substituindo o tema da água porque “Assim como a água denota o inconsciente em geral, a figura da mulher desconhecida é uma personificação [feminina] do inconsciente, que eu chamei de ‘anima’” (CW16, par. 17). Quando um tema parece substituir outro, ambos provavelmente devem ser considerados na amplificação apresentada pelas séries combinadas.

### **Séries que se concentram em problemas**

Os sonhos e os temas recorrentes não esgotam de modo algum as possibilidades das séries de sonhos. Com bastante frequência, mesmo sem temas recorrentes, uma série

pode ser identificada por meio da relevância de vários sonhos para um problema particular na vida do sonhador. Nesse caso, a série comenta o problema a partir de vários pontos de vista, ou talvez instigue o sonhador na direção de um evento psicológico particular. Evidências experimentais que respaldam essa opinião são encontradas em um estudo realizado por Offenkrantz e Rechtschaffen (1963). Considerando como uma série os sonhos de uma noite, eles constataram que “todos os sonhos de uma noite diziam respeito ao mesmo conflito ou a um número limitado de diferentes conflitos” (p. 507).

Embora ele não tenha especificado se os sonhos eram da mesma noite, Jung apresentou um exemplo no qual dois sonhos de uma jovem fizeram diferentes comentários sobre um único problema, a sua atitude com relação à religião. O primeiro sonho “dizia respeito principalmente a [...] *uma cerimônia de batismo em uma seita protestante que teve lugar em condições particularmente grotescas e até mesmo repulsivas*” (CW11, par. 162). Jung caracterizou as associações da jovem com o sonho como “um precipitado de todos os desapontamentos da sonhadora com a religião” (CW11, par. 162). Esse primeiro sonho, portanto, pareceu expressar a opinião negativa da jovem a respeito da religião institucionalizada.

No segundo sonho,

*Ele estava em um labirinto em um lugar muito interessante, sobre o qual em trechos da abóbada estavam pintadas algumas figuras vermelhas, e ela não a conhecia. Ela agora percebeu que as paredes embaixo da abóbada estavam cobertas com afrescos. Mas só conseguiu reconhecer um deles: era a clássica imagem da árvore do nascimento de Adônis (CW11, par. 162).*

Ela interpretou as ondas vermelhas de luz como sendo sentimentos calorosos, ou seja, o amor, e a estrela, conseqüentemente, como sendo Vênus. A sonhadora tinha visto em um museu a imagem da árvore do nascimento de Adônis<sup>8</sup> (“Adônis nasceu de uma árvore na qual a mãe havia se transformado” [New Larousse Encyclopedia of Mythology, p. 81].) Adônis, para ela, era não apenas o deus que morre e ressurge, mas também um deus de renascimento. Por conseguinte, o segundo sonho, que incluiu a imagem de uma mandala de um relógio do mundo (o planetário), o par divino unido (Mercúrio e Vênus) e a imagem da renovação (Adônis), junto com o primeiro sonho formou uma declaração de visões diferentes da religião. Os dois sonhos também são uma pergunta e uma resposta: a religião só pode ser dessa maneira? Não, eis uma alternativa (“que [tem] a ver com misteriosos ritos de criação e renovação” [CW11, par. 164]).

Algumas séries de sonhos comentam um problema específico na vida do sonhador, conduzindo-o em direção ao desenvolvimento psicológico requerido e estimulado por um problema particular. Jung discutiu uma série desse tipo em um dos seus seminários não publicados. O sonhador era um empresário de 45 anos, marido e pai. Ele tinha um bom intelecto; era culto, próspero e muito educado; era criterioso na sua conduta, modo de falar e de se trajar; e era muito racional nas suas opiniões a respeito de como as pessoas deveriam viver.

Nos primeiros sonhos da série que estava sendo considerada, *ele está tentando ajudar*

a filha da sua irmã a pronunciar o nome da mulher do sonhador, Maria. Ele diz “Mari-ah, ah” (como se estivesse bocejando). Os membros da família presentes reclamam da brincadeira (D8). Jung interpretou o episódio como significando que o homem estava entediado com a esposa e, presumivelmente, com o seu casamento, daí o bocejo; o conflito com relação ao seu sentimento de tédio se reflete na crítica ao comportamento do ego do sonho feita pelas outras figuras do sonho.

No sonho seguinte da série, o sonhador *vai visitar uma jovem pobre, uma costureira que mora e trabalha em um ambiente insalubre e está tuberculosa. Ele diz à moça que ela deveria trabalhar ao ar livre, acrescentando que ela poderia trabalhar no seu jardim, usando a máquina de costura da sua esposa* (D9).

O sonhador associou o ambiente confinado da jovem com sua própria vida limitada, e a doença dela com a crença popular de que as pessoas tuberculosas são eróticas. Jung interpretou o sonho como significando que os sentimentos eróticos do homem com relação a mulheres que não a sua não tinham sido expostos. A sugestão do homem de que a jovem trabalhasse no seu jardim significava “empurrando os seus sentimentos [eróticos] de volta para o seu casamento” (DA1, p. 66), embora estivesse entediado com ele (como foi revelado no primeiro sonho). Esse segundo sonho, portanto, estava focalizando a atenção na limitação da vida emocional presente do sonhador e na inadequação dos seus esforços de modificá-la.

Um sonho subsequente tentou estimular o sonhador a aceitar seus sentimentos eróticos para que ele pudesse integrá-los e se tornar uma pessoa quase completa. No sonho, *ele tinha quatro galinhas. Apesar de seus esforços para controlá-las, elas escapam. Ele as apanha e as coloca no lugar mais seguro que tem. Ele percebe que uma delas não está se movendo e acha que é porque ele a apertou demais. Ele pensa ainda que se a galinha estiver morta, não poderá ser comida. Enquanto ele observa, ela começa a se mexer, e ele sente o cheiro de galinha assada* (D10).

As associações do sonhador com as galinhas se limitavam a comê-las. Jung as viu então como criaturas medrosas e estúpidas, “um excelente símile para tendências fragmentárias reprimidas ou com as quais nunca nos deparamos” (DA1, p. 81), ou seja, as galinhas são um excelente símile para os sentimentos eróticos do sonhador. O fato de as galinhas terem escapado sugere que o sonhador deu um passo além do sonho anterior: alguns dos seus sentimentos estão agora expostos. Ele devolveu-os ao cativo e apertou um deles em excesso, uma indicação de que ele estava tentando novamente extinguir seus sentimentos eróticos (ou colocá-los de volta em seu casamento enfadonho). Não obstante, enquanto contemplava o sentimento aparentemente inerte, ele reviveu. A revitalização foi acompanhada pelo cheiro do assado, que sugeriu outra possibilidade de desenvolvimento, a de ele reconhecer e até mesmo incorporar seus sentimentos eróticos.

É claro que qualquer processo de desenvolvimento pode ser mais bem percebido depois da conclusão de uma série de sonhos. Por exemplo, a série pode revelar uma mudança na maneira como o sonhador lida com uma determinada situação problemática, como uma tarefa difícil ou um complexo. Embora Jung não tenha mencionado a possibilidade de uma mudança para pior, isso certamente é possível. O sonho das

galinhas que fugiram, contudo, parece indicar um possível desenvolvimento, ou talvez até mesmo o início de um desenvolvimento realizado no sonhador.

Em uma série mais longa, o desenvolvimento psicológico pode integrar-se em um processo de individuação. Na opinião de Jung, “Os símbolos do processo de individuação que aparecem nos sonhos são imagens de natureza arquetípica que retratam o processo centralizador ou a produção de um novo centro de personalidade” (CW12, par. 44). Ele exemplificou esse ponto de vista na série apresentada em *Psychology and Alchemy*

(CW12). (Jung parecia considerar a individuação praticamente impossível sem sonhos arquetípicos. Esse ponto de vista ainda não foi testado.)

O processo de individuação parece, sem dúvida, ser realçado e acelerado pelo processo analítico, “especialmente quando inclui uma análise de sonhos sistemática” (CW8, par. 552). Jung declarou francamente que não sabia se o processo de individuação poderia ser observado em uma longa série de sonhos registrados fora do processo analítico.<sup>9</sup> Pesquisas sobre essa questão poderiam representar uma contribuição substancial para o trabalho sobre a eficácia da psicoterapia.

### **Complicações no exame das séries de sonhos**

Podem surgir complicações durante as tentativas de interpretar sonhos em séries. Uma delas é o resultado de examinar os sonhos nas sessões analíticas. Uma interpretação correta pode alterar o conteúdo de sonhos subsequentes, contribuindo para o desenvolvimento psicológico. Uma interpretação incorreta pode causar um efeito comparável ao evocar um sonho que corrija a interpretação inválida. Os textos de Jung sugerem que ele reconhecia o efeito da interpretação nos sonhos subsequentes, mas ele não apresentou informações a respeito dessa ideia e tampouco discutiu suas implicações. Embora seja difícil demonstrar empiricamente os efeitos da interpretação no contexto de sonhos subsequentes, o assunto é extremamente importante. Faz pouco sentido interpretar sonhos se a interpretação não afetar o desenvolvimento psicológico do sonhador, o que, por sua vez, deve estar refletido no conteúdo dos sonhos subsequentes.

Outra complicação é a possibilidade de alguém sonhar um sonho de outra pessoa. Esse fenômeno é raro; ele é identificado principalmente por meio do exame dos sonhos em séries. Jung às vezes achava possível reconhecer esse fenômeno porque o “sonho de outra pessoa” era excepcionalmente estranho entre os do sonhador (Z9, p. 41). Tenho achado limitada a utilidade do critério da estranheza excepcional porque existem outras bases para que um sonho pareça excepcionalmente estranho: o conteúdo arquetípico, o trauma psíquico ou, simplesmente, a ambiguidade do significado. O critério básico que descobri ser útil para identificar o “sonho de outra pessoa” é que o sonho pode ser mais bem interpretado em relação a uma pessoa que não é o sonhador. É quase certo que a outra pessoa seja alguém que, na ocasião do sonho, está causando um forte impacto psicológico no sonhador. Com frequência, trata-se de alguém com quem o sonhador está envolvido em um intenso relacionamento. Ou então, a outra pessoa pode ser alguém que

esteja passando por momentos muito difíceis e por quem o sonhador sinta uma forte empatia, despendendo com isso uma considerável energia psíquica. Essa última situação foi o caso de uma psicoterapeuta que teve um sonho que não produziu nenhuma interpretação relacionada com ela própria, mas que era bastante compreensível em relação a J., sua paciente.

*Eu estava olhando para um estranho livro. Eu sabia que era o testamento de G. H. Reparei que no frontispício estava escrito o nome J. S. H. em uma espécie de escrita alemã. O livro era produzido ou publicado na Alemanha, e parecia muito velho, com selos redondos, vermelhos, vítreos, o que lhe conferia a aparência de um documentário. Além disso, havia uma sensação militar a respeito desse livro incomum vermelho e cinza, escrito em alemão, que era o testamento de G. H., ou o legado (Arquivos de MAM).*

G. H., de descendência alemã, era o ex-marido de J.; S. era a sua segunda mulher. A associação da sonhadora com vermelho e cinza era o carro do seu pai; este se parecia com G. H. nas suas atitudes militaristas. G. H. tinha usado o testamento e o seguro de vida para exercer poder sobre J., sua primeira mulher. Quando a sonhadora esteve com a paciente no dia seguinte ao sonho, elas discutiram o sentimento de J. de que seria bom estar novamente casada com G. H. por causa da segurança econômica envolvida, apesar de ela estar consciente de que o casamento fora destrutivo para ela. O sonho era compreensível quando considerado como pertencente a J.; ele a impeliu a enxergar mais realisticamente a propensão de G. H. de tratar as esposas de uma maneira militarista, e usar a sua última vontade e testamento como uma arma. J. estava passando por um grande estresse psíquico na ocasião do sonho. Ela estivera telefonando para a terapeuta entre as sessões, e esta estava profundamente preocupada com o bem-estar de J. Por conseguinte, as exigências foram satisfeitas para a hipótese de que a terapeuta tinha sonhado o sonho de J.: (a) Havia um acentuado envolvimento emocional entre as duas pessoas na ocasião do sonho, e (b) o sonho não era compreensível em relação à situação psíquica da sonhadora, mas o era quando interpretado como “pertencendo” a outra pessoa que não a sonhadora.

Os sonhos que precedem aquele que está sendo examinado são sempre uma parte potencial de seu contexto, e uma série deve receber atenção, se um ou mais dos fatores discutidos por Jung estiverem presentes. Não obstante, na minha experiência, com frequência uma série relevante não pode ser encontrada para um sonho. Nesse caso, o intérprete e o sonhador passam então a interpretar o sonho baseados no contexto, como discutido nos Capítulos 5, 6 e 7. Um sonho subsequente ainda poderá confirmar ou desmentir a interpretação.

<sup>1</sup> Um freudiano poderia dizer que o sonho deveria ser interpretado como a satisfação de um desejo – da morte do marido. Essa interpretação seria um caso especial de compensação, refletindo uma atitude inconsciente com relação ao marido. No entanto, a ênfase no sonho de “recomeçar de uma maneira diferente” o conduz além da esfera do mero desejo da morte do marido.

2 Von Franz (1975, p. 202) informou que o livro se chamava *Artis auriferae, quam Chemiam vocant, Volumnia duo* (1593).

3 Jung escreveu “sonho”, mas “tema”, que ele tinha usado no início do trecho, parece mais exato.

4 O mesmo sonho, com palavras diferentes, é narrado em MDR, p. 202.

5 Jung, na realidade, escreveu: “A série é o *contexto* que o próprio sonhador fornece” (CW12, par. 50; grifo acrescentado). A amplificação é a parte do contexto à qual Jung parecia se referir.

6 Jung disse que os temas podem ser avaliados “estatisticamente” (CW16, par. 15) mas não disse como fazê-lo.

7 Em outro contexto, Jung escreveu: “A água como um obstáculo nos sonhos parece indicar a mãe, ou uma regressão da libido. Atravessar a água significa superar o obstáculo, i.e., a mãe como símbolo do anseio do homem pelas condições de sono ou morte” (CW5, par. 503n). Essa interpretação parece ser um resíduo da influência de Freud e, de qualquer modo, não é relevante aqui.

8 A sonhadora usou os nomes romanos, Mercúrio e Vênus, e o nome grego, Adônis.

9 Uma possível exceção a essa declaração é o produtor da longa série de sonhos e visões discutida em *Psychology and Alchemy*(CW12). Jung relatou: “Afim de evitar toda influência pessoal, pedi a um dos meus alunos, uma médica, que era na época uma iniciante, para empreender a observação do processo. Isso continuou durante cinco meses. O sonhador continuou então suas observações sozinho por três meses. A não ser por uma breve entrevista bem no começo, antes do início da observação, não vi o sonhador uma única vez durante os oito primeiros meses. Por conseguinte, 355 dos sonhos (ou visões) foram vivenciados longe de qualquer contato pessoal comigo. Somente os últimos quarenta e cinco ocorreram sob a minha observação. Nenhuma interpretação que valha a pena mencionar foi tentada porque o sonhador, devido à sua excelente habilidade e treinamento científico, não precisou de nenhuma ajuda” (CW12, par. 45).

## A ABORDAGEM DA INTERPRETAÇÃO

Quando as amplificações às imagens dos sonhos tiverem sido reunidas, os temas interligados anotados e a situação consciente relevante do sonhador verificada, o sonhador e o intérprete estarão prontos para o passo seguinte no processo de interpretação: extrair a mensagem do sonho. Para esse passo, o intérprete usa um conjunto de ferramentas. Essas “ferramentas” são atitudes básicas com relação ao sonho: a rejeição de suposições teóricas, o reconhecimento de que as imagens oníricas não são um disfarce e sim um conjunto de fatos psíquicos, e a consciência do impacto das personalidades do sonhador e do intérprete no processo da interpretação.

### **Evitando suposições**

O intérprete precisa evitar todas as tendenciosidades ao buscar o significado do sonho. O ponto de partida é a premissa de que o sonho é “uma fonte de informações a respeito de condições cuja natureza lhe é desconhecida, com relação às quais ele tem tanto a aprender quanto o [sonhador]” (CW16, par. 317). As mesmas imagens tendem a ter diferentes significados para sonhadores distintos. Analogamente, sonhadores diferentes podem ter o mesmo problema, mas ele se expressa diferentemente no sonho de cada pessoa. Qualquer princípio orientador, portanto, só pode ser usado frugalmente e com cuidado.

Por maior que possa ser a tentação de usar um arsenal de conhecimento para procurar uma mensagem particular em um sonho, o intérprete não deve partir do princípio de que a interpretação do sonho pode ser feita de maneira a se encaixar em alguma teoria de personalidade. A linguagem dos sonhos é obscura e altamente individual. Por conseguinte, cada sonho precisa ser considerado um evento único. Esse imperativo exclui a imposição sobre o sonho de qualquer pressuposição teórica com referência à personalidade humana e a suas implicações para o significado do sonho, como a teoria da satisfação do desejo, a teoria do poder ou até mesmo a teoria de que a psique é autorreguladora.<sup>1</sup> “O sonho [...] é um produto natural, que é precisamente uma coisa sem motivo ulterior” (CW11, par. 136). Embora haja sonhos, por exemplo, que funcionam como satisfação de desejos, nem todos são assim. Mais exatamente, a interpretação depende dos procedimentos que Jung delineou, se o objetivo for verificar a mensagem do inconsciente. Qualquer suposição a respeito do significado de um sonho é um conteúdo consciente; impô-lo a um sonho limita a investigação do significado do sonho a mensagens que já estão na mente consciente do sonhador ou do intérprete.

Portanto, as tendenciosidades podem impedir que o intérprete se torne aberto às ilimitadas possibilidades dos sonhos e dos seus reflexos das riquezas do inconsciente. A presença de tendenciosidades pode frequentemente ser reconhecida “pela monotonia da interpretação” (MDR, p. 312) experimentada pelo intérprete. A receptividade a todas as possibilidades é mais do que uma questão de estética; ela é requerida para realizar a validade e o valor terapêutico da interpretação.

Jung encontrou uma monotonia de interpretação na concepção de Freud de que desvendar o trabalho do sonho conduz à descoberta do impulso instintivo por trás do conteúdo manifesto. Jung insistiu: “O fato de que tanto o sonho quanto a consciência repousam em uma base instintiva não tem nada a ver nem com o significado das figuras oníricas ou com o dos conteúdos conscientes, pois a coisa essencial em ambos os casos é *o que a psi que concluiu a respeito do impulso instintivo*” (CW9-II, par. 316n).

Também rejeitada por Jung foi a teoria de Freud de que a interpretação dos sonhos é um processo de desvendar o trabalho do sonho, até que o conteúdo latente seja revelado. Jung encarava essa teoria como baseada na suposição infundada de que os sonhos preservam o sono. Além disso, a teoria postula o conteúdo manifesto como sintomático, e o conteúdo latente como patológico; é difícil conciliar essa concepção com o conhecimento de que todo mundo sonha, de modo que tanto o ato de sonhar quanto os sonhos são fenômenos normais. Respalhando adicionalmente a suficiência do conteúdo manifesto estão interpretações, produzidas pela análise de sonhos junguiana, que satisfazem os testes de verificação disponíveis (consulte o Cap. 16).

Realçando a sua desaprovação com relação a aplicar a teoria a interpretações de sonhos, Jung advertiu que qualquer interpretação que satisfaça as expectativas do intérprete ou do sonhador deve ser encarada com suspeita, porque essa interpretação é pretensiosa e não supera a dissociação entre consciente e inconsciente. O sonho deve contribuir para o conhecimento consciente do sonhador; quando ele deixa de fazer isso, é porque provavelmente não foi adequadamente interpretado. (Jung reconheceu, contudo, que essa última declaração é teórica.) Os sonhos arquetípicos, em especial, não devem ser submetidos a “fórmulas intelectuais restritivas [que] os privam da sua amplitude natural” (CW16, par. 15).

Jung argumentou que os psicoterapeutas compartilham o dilema da objetividade com todos os cientistas que investigam qualquer fenômeno natural. Quando formamos hipóteses, nunca podemos ter certeza de que as estamos baseando em dados ou em ideias baseadas no que desejamos. Jung disse que estabeleceu a seguinte regra: quando se via diante de um sonho, ele dizia para si mesmo, em primeiro lugar: “Não tenho a menor ideia do que este sonho significa” (CW8, par. 533). A única suposição que ele estava disposto a fazer era que os sonhos têm significado. Embora ele não pudesse provar essa suposição – e ele admitiu que existem muitos sonhos que nem o intérprete nem o sonhador entendem –, ele a considerava necessária a fim de explicar para si mesmo o motivo pelo qual ele analisava os sonhos.

A partir do meu estudo detalhado do vasto trabalho de Jung sobre a interpretação dos sonhos, constato que ele satisfez sua própria máxima de não impor nenhuma teoria aos

sonhos. Apesar de extensas amplificações, especialmente em seus últimos trabalhos, um exame atento revela que ele começava empiricamente, com os “fatos do sonho”, e tirava suas conclusões a partir deles. Por exemplo, até mesmo sua polêmica conclusão de que os seres humanos têm uma necessidade religiosa intrínseca – um instinto para a religião, nos termos de Jung – surgiu da sua observação de sonhos efetivos de seus pacientes. Mesmo que seja verdade, como tem sido dito, frequentemente, que as pessoas que fazem análise junguiana têm “sonhos junguianos” – sonhos que confirmam hipóteses junguianas (por exemplo, o inconsciente coletivo) – houve uma época em que não havia hipóteses junguianas. Naquela época, Jung desenvolveu suas ideias psicológicas a partir dos dados clínicos (inclusive sonhos) que estavam disponíveis para ele.

### **As imagens oníricas como símbolos**

Tanto Jung quanto Freud chamavam as imagens oníricas de “símbolos”, mas usavam o termo de uma maneira diferente. De acordo com Jung, Freud usava a palavra “símbolo” para se referir ao que é, na verdade, um signo<sup>2</sup> (ou análogo); em outras palavras, Freud atribuía significados fixos, específicos, às imagens. Por exemplo, para Freud, um campanário de igreja representava um pênis e nada mais. (Dizem que Jung indagou: “Se o campanário da igreja representa um pênis, como devemos interpretar [a imagem de] um pênis?”.)

Jung não atribuía um significado fixo a uma imagem onírica; ele procurava um significado que sobrepujasse a aparência óbvia e imediata da imagem e estivesse de acordo com a experiência do sonhador. Para ele, um símbolo era “a melhor formulação possível para fatos [psíquicos] ainda desconhecidos ou inconscientes” (CW14, par. 772),<sup>3</sup> que não poderiam “ser reduzidos a nenhuma outra coisa” (Let-1, p. 143).

A atribuição de significados aparentemente arbitrária de Freud aos símbolos dos sonhos não era aceitável para a visão do método científico de Jung. Altamente preferível, para Jung, era a interpretação baseada na amplificação por meio de paralelos arquetípicos. Ele considerava essa pesquisa comparativa como “a única base científica possível” (CW17, par. 196) para o simbolismo.

Especialistas em áreas que lidam com o simbolismo respaldam o entendimento de Jung. Thass-Thienemann, por exemplo, escreveu o seguinte: “[Uma] característica do símbolo consiste no fato de que o significado simbólico permeia, às vezes de uma maneira consciente, quase sempre inconscientemente, o veículo físico que é o seu portador” (1973, vol. 1, p. 21).

A distinção entre signo e símbolo é importante para o processo terapêutico. A interpretação de uma imagem onírica como um signo confere a ela um significado preestabelecido, conseqüentemente já consciente. Por conseguinte, os conteúdos inconscientes são reprimidos ainda mais e a dissociação entre o consciente e o inconsciente é perpetuada. Jung descobriu que a interpretação das imagens oníricas como símbolos reconhece a complexidade delas, aprofunda o entendimento da pessoa com

relação a elas, e torna o significado individual disponível para a consciência.

O processo terapêutico é afetado ainda mais pelo fato de que, como signo, a imagem onírica é considerada semelhante a um sintoma neurótico – indesejável. Como símbolo, a imagem onírica oferece possibilidades para o desenvolvimento psicológico e “promove a transição de uma atitude para outra” (CW6, par. 828). Como um símbolo pode promover essa transição, Jung o chamou de “função transcendente”.

Como os objetos fálicos eram frequentes na interpretação de Freud, Jung os discutiu como exemplos da distinção que fazia entre signo e símbolo. Se um objeto fálico é tomado por um pênis, ele é um signo e nada mais. Como símbolo, ele também implica o “mana criativo, o poder da cura e da fertilidade” (CW16, par. 340). Além disso, dependendo do contexto, uma imagem fálica, como qualquer outra imagem, pode ter várias interpretações. Por exemplo, uma chave inserida em uma fechadura representaria, como signo, um pênis penetrando uma vagina; como símbolo, poderia sugerir a união de opostos, a revelação de um segredo ou a abertura de uma porta para o sucesso.

Além de significados para diferentes sonhadores ou em diferentes ocasiões para o mesmo sonhador, um símbolo pode ter, para o mesmo sonhador, ao mesmo tempo, múltiplos significados, os quais são todas as facetas da mesma verdade fundamental. O significado simbólico de uma lâmpada, por exemplo, poderia ser encontrado na sua luz, que ela lança para o futuro; na sua idade, que sugere o passado; no seu valor estético como objeto decorativo; na sua ineficácia em comparação com luminárias elétricas, e no fato de ela pertencer a uma pessoa particular na vida do sonhador. Alguma combinação de múltiplos significados pode até mesmo parecer contraditória, como as características voltadas para o futuro e o passado da lâmpada. Não obstante, as possíveis interpretações são maneiras de contemplar a verdade a partir de diferentes perspectivas. O fato de uma única imagem transmitir mais de uma mensagem reflete a parcimônia do inconsciente.

Jung também fez uma distinção entre símbolos “naturais” e “culturais”. Um símbolo cultural pode ocorrer no sonho de qualquer pessoa em uma cultura considerada e possuir um significado relativamente fixo. Um símbolo natural pode ocorrer no sonho de qualquer pessoa no mundo e pode conter um significado relativamente fixo ou um significado individual. Jung definiu como símbolos culturais

aqueles que expressam “verdades eternas” ou que ainda são usados em muitas religiões. Eles passaram por muitas transformações e até mesmo por um processo de elaboração mais ou menos consciente, e dessa maneira se tornaram as *représentations collectives* das sociedades civilizadas (CW18, par. 579).

Um símbolo desse tipo é a cruz no cristianismo. Os símbolos naturais, por outro lado, escreveu Jung, “são extraídos dos conteúdos inconscientes da psique, e eles representam, portanto, um número enorme de variações dos temas arquetípicos básicos” (CW18, par. 578). Esses símbolos interessam mais ao psicoterapeuta porque são obtidos, em parte, dos conteúdos psíquicos inconscientes do sonhador. Símbolos do Eu, como as mandalas, exemplificam símbolos naturais.<sup>5</sup>

## Símbolos relativamente fixos

Jung recomendava que o intérprete aprendesse o máximo possível a respeito de simbolismo e depois esquecesse o que aprendeu quando confrontado por um sonho, para que a interpretação se baseasse no contexto do sonho e não em uma ideia preconcebida. Portanto, ele se opunha à opinião de Freud de que os símbolos são fixos, ou seja, têm significados fixos. Não obstante, ele reconhecia que alguns símbolos são “relativamente fixos”. Ele pareceu querer dizer que eles têm geralmente interpretações válidas, confirmadas por ampliações não pessoais, que podem ser modificadas por ampliações pessoais e pela situação consciente do sonhador, porém não essencialmente alteradas. Por exemplo, Jung examinou uma moça de dezessete anos que sofria de sintomas que sugeriam um diagnóstico de atrofia muscular progressiva, mas que poderiam ter sido produzidos pela histeria. Jung disse que a jovem exibia “indícios de histeria” (CW16, par. 343), mas ele não especificou sintomas que não poderiam ter sido também indicativos do diagnóstico orgânico. Quando Jung perguntou a respeito de sonhos, a paciente replicou:

*Sim, tenho sonhos horríveis. Recentemente sonhei que eu estava voltando para casa à noite. Tudo está mortalmente quieto. A porta que dá para a sala de estar está entreaberta, e vejo a minha mãe pendurada no candelabro, balançado de um lado para o outro no vento frio que sopra através das janelas abertas. Em outra ocasião, sonhei que um barulho terrível irrompeu à noite na casa. Em me levantar e descobrir que um cavalo assustado está destruindo os aposentos. Finalmente, ele encontra a porta que dá para o vestibulo e salta através da janela do quarto andar, caindo na rua. Fiquei aterrorizada quando o vi caído ali, todo mutilado (D11).*

Jung interpretou o sonho como significando que “a vida animal está destruindo a si mesma” (CW16, par. 348). Ele encarou a “mãe” e o “cavalo” como símbolos relativamente fixos, designando respectivamente a srceem da vida e a vida animal do corpo. Jung deduziu que as imagens do sonho apontavam para uma “grave doença orgânica com um resultado fatal” (CW16, par. 350), diagnóstico e prognóstico que logo foram confirmados.

Jung pareceu querer dizer que a imagem da mãe é relativamente fixa como a que dá à luz a criança e a que alimenta. Nesse sonho, ela também parece significar a perpétua força vital. A imagem do cavalo como vida animal também pode ser compreendida de um modo geral como um impulso instintivo. Nesse sonho, ela parece se referir mais ao corpo como um organismo total. Essas modificações se tornam necessárias pela situação consciente da sonhadora: a possibilidade de que seus sintomas fossem potencialmente fatais.

A interpretação de um símbolo relativamente fixo também pode ser modificada por uma interpretação parcialmente individual, baseada em ampliações pessoais. Por exemplo, uma interpretação incluindo a competitividade ou o interesse pelo jogo poderia ter sido feita, em uma amplificação do “cavalo”, se a sonhadora tivesse associado a imagem com as corridas.

## O sonho não é um disfarce

Jung repetidamente atribuiu ao Talmude a máxima: “O sonho é a sua própria interpretação”. Ele parecia considerar essa declaração como sendo sinônima da sua de que a linguagem do sonho não é um disfarce, ou seja, que ela “expressa exatamente o que significa” (CW17, par. 189). Nesse princípio, ele diferia de Freud, que sustentava que as imagens oníricas (o conteúdo manifesto) escondem o conteúdo latente (os pensamentos ocultos e reprimidos do sonho), que Freud considerava como sendo o significado do sonho, oculto porque é doloroso. Jung insistia que “o sonho é bem capaz [...] de especificar as coisas mais dolorosas e desagradáveis sem a menor consideração pelos sentimentos do sonhador” (CW13, par. 469). Ele afirmava que as imagens oníricas podem ser comparadas às nuvens que cobrem o céu; elas são um fenômeno natural e atendem a um propósito que não é nos aborrecer ou esconder alguma coisa.

O fato de que os sonhos se originam de uma parte primitiva do cérebro faz com que não seja surpreendente que eles usem imagens que possam parecer estranhas para a mente consciente. Mas o sonho manifesto é o que ele é, com um plano subjacente que, assim como a cara de um cavalo, revela a disposição interior e pode ser “lido” por alguém que saiba como fazê-lo. “Eles não empregam artificios a fim de ocultar alguma coisa, informando-nos o seu conteúdo o mais claramente possível do seu próprio jeito” (CW17, par. 189). Jung afirmava, justificadamente, seguir a sua versão da navalha de Ockham (“a multiplicidade não deve ser postulada sem necessidade”): “Os princípios não devem ser multiplicados além do necessário” (CW8, par. 450). Portanto, o fato de o significado do sonho não ser compreendido pela consciência não precisa ser confundido com uma hipótese de latência. Mais exatamente, o sonho revela, mas o significado pode não estar imediatamente evidente.

O aparente disfarce tem origem na natureza metafórica dos conteúdos oníricos. Jung citou um sonho que claramente não é um disfarce, mas não pode ser tomado ao pé da letra. O sonhador era uma mulher “notória pelos seus estúpidos preconceitos e obstinados argumentos” (CW18, par. 469). Ela sonhou que

*é convidada para um grande evento social. Ela é recebida pelos anfitriões [...] com as seguintes palavras: “Que bom que você veio, todos os seus amigos já estão aqui e estão esperando por você”. A anfitriã a conduz até uma porta, abre-a e a [sonhadora] entra em [...] um estábulo!” (CW18, par. 469).*

As palavras da anfitriã do sonho revelam a intenção do sonho, dizendo à sonhadora que seus amigos são como vacas, ou seja, “bovinos” – apáticos, desinteressantes – indicando que a sonhadora é como eles.

Em resumo, a dificuldade em entender a imagística do sonho não ocorre porque o sonho esteja ocultando alguma coisa e sim porque pensamentos e emoções foram traduzidos em imagens, e porque a função do sonho é comunicar um conteúdo que estava anteriormente ausente da consciência.

Jung encontrou problemas ao aplicar a figuras humanas sua observação de que o sonho não é um disfarce. O problema surgiu bem cedo em sua carreira, em decorrência

de ele ter aceito rápido demais a afirmação de Freud de que uma figura onírica é sempre um disfarce para outra pessoa. Uma paciente fortemente apegada a Jung tinha, segundo ele acreditava, fantasias eróticas a respeito dele, as quais ela não admitia. Eis como ele contou a história:

É claro que ela foi traída pelos seus sonhos, nos quais, contudo, a minha pessoa sempre estava oculta atrás de outra figura, com frequência bastante difícil de discernir. Uma longa série desses sonhos finalmente me levou a comentar: “Então, como você pode ver, é sempre assim, a pessoa a respeito de quem você está realmente sonhando é substituída e dissimulada por outra no sonho manifesto”. Até então, ela havia obstinadamente negado esse mecanismo. No entanto, dessa vez, ela não pôde mais se esquivar e teve que admitir a minha regra de trabalho – mas somente para me pregar uma peça. No dia seguinte, ela me trouxe um sonho no qual ela e eu aparecíamos em uma situação manifestamente lasciva. Fiquei naturalmente perplexo e pensei na minha regra. Sua primeira associação com o sonho foi a maliciosa pergunta: “É sempre verdade, não é, que a pessoa com quem você está realmente sonhando é substituída por outra no sonho manifesto?”.

Claramente, ela havia recorrido à sua experiência para encontrar uma fórmula resguardadora pela qual ela pôde expressar abertamente a sua fantasia de uma maneira bastante inocente (CW4, par. 645-646).

O incidente influenciou Jung e o levou a lidar de uma maneira menos dogmática com a aparente substituição de uma pessoa por outra nos sonhos.

Ele continuou a admitir que uma figura humana poderia estar disfarçada em um sonho, mas advertiu contra a adoção dessa suposição arbitrária na interpretação. Ele insistia, de um modo geral, que se o inconsciente quisesse transmitir a ideia de que uma figura onírica era uma pessoa particular, ele o diria. Quando uma substituição ocorre, escreveu Jung, ela tem uma finalidade, a de tornar mais remotas as emoções dolorosas relacionadas com a figura que foi substituída.

Um exemplo de substituição com a finalidade de despersonalizar o efeito associado é o sonho que Jung teve com

*um homem idoso vestindo o uniforme de um oficial da alfândega do Império Austríaco. Ele passou por mim, um pouco vergado para a frente, sem prestar nenhuma atenção em mim. Sua expressão era mal-humorada, um tanto melancólica e contrariada. Outras pessoas estavam presentes, e alguém me informou de que o velho não estava realmente lá, que ele era o fantasma de um oficial da alfândega que morrera anos antes. “Ele é um daqueles que ainda não conseguiram morrer adequadamente”(D12).*

Jung teve esse sonho quando estava trabalhando em *The Psychology of the Unconscious* (CW5, *Symbols of Transformation*), o livro que ele sentia que iria lhe custar a sua amizade com Freud. Jung considerou o idoso austríaco [cujo] “trabalho havia [...] obviamente lhe trazido tão poucas coisas agradáveis e satisfatórias que ele adotou uma visão amarga do mundo [...] [análogo] a Freud” (MDR, p. 163). A depreciação da figura do sonho expressou a necessidade de Jung de reduzir a intensidade do seu afeto com relação a Freud, que fora tão importante para ele tanto do ponto de vista profissional quanto pessoal, a fim de que ele pudesse deixar a influência de Freud “morrer” em si mesmo. Jung foi assim capaz de compreender que o seu problema, que parecia estar relacionado com Freud, era basicamente um problema interior (consulte o

## Cap. 10).<sup>7</sup>

Outra finalidade de uma substituição, não mencionada por Jung, é o inverso de reduzir a intensidade do afeto. Isso pode tornar o sonhador mais consciente do afeto e da atitude com relação a uma pessoa no ambiente. O sonho de um gorila sentado na cadeira do empregador do sonhador, por exemplo, pode estar dizendo que o sonhador teme e talvez deteste o empregador.

Ocasionalmente, a substituição assume a forma de duas ou mais figuras oníricas que se referem a uma pessoa que não é o sonhador. (Duas ou mais figuras que se referem ao sonhador são discutidas no Cap. 10.) Em uma situação assim, evidentemente nenhuma das figuras oníricas é suficiente para descrever como o sonhador percebe inconscientemente a pessoa indicada. Por exemplo, um homem de trinta e poucos anos sonhou o seguinte:

*D. se instalou em um prostíbulo dela própria, auxiliada por uma mulher corpulenta, porém simpática, de quase sessenta anos. Vou visitar D., mas estou relutante. Ela e eu conversamos bastante, e durante um longo tempo ela tenta me seduzir. Depois de uma grande dose de persuasão, nós nos deitamos juntos e passamos momentos fantásticos. Nosso tempo está terminando. Preencho um cheque para ela de [X] dólares e ela diz para a mulher mais velha: "Marque um horário para ele daqui a duas semanas". D. diz que tenho de marcar o compromisso, embora eu talvez possa cancelá-lo. Eu concordo que é uma coisa boa – pelo menos marcar o compromisso (Arquivos de MAM).*

O valor em dólares era o mesmo que o sonhador estava pagando pela terapia. A analista estivera de férias, e duas semanas eram o intervalo entre as sessões. Depois de uma interrupção, o sonhador havia recentemente retomado a terapia, mas sua decisão ainda não estava muito firme. Assim sendo, o contexto sugeriu que o sonho dizia respeito à sua situação terapêutica. As duas mulheres, portanto, pareciam representar dois aspectos da analista (que estava na casa dos quarenta anos) como ele a via: uma mulher sedutora, mais jovem, que ele pagava para lhe proporcionar satisfação emocional, e uma mulher da idade da sua mãe que só lidava com a frequência das consultas. Se essa análise do sonho estiver correta, é provável que uma só figura não pudesse ter transmitido a mesma mensagem.

Às vezes, o enredo do sonho caracteriza uma figura humana como "desconhecida". Jung aceitava essas designações como elas aparecem. Freud, por outro lado, pressupõe que a figura é na realidade alguém que o sonhador conhece e que está apresentada de forma disfarçada. Uma frequente ocorrência nos sonhos de muitos homens, por exemplo, é "a figura feminina desconhecida cujo significado oscila entre os extremos da deusa e da prostituta" (CW9-I, par. 356). Essa figura cambiável é uma personificação da anima do sonhador, que é, em grande medida, inconsciente, ou seja, desconhecida. O significado da imagem seria drasticamente modificado se o intérprete insistisse em identificar a mulher desconhecida com uma pessoa de verdade.

### **As imagens oníricas como fatos psíquicos**

Os sonhos são fontes de informações a respeito de nós mesmos. Jung escreveu: “A melhor maneira de lidar com um sonho é pensar em si mesmo como uma espécie de criança ignorante [...] e perguntar o seguinte a um homem de dois milhões de anos ou à velha mãe dos dias: ‘O que pensas a meu respeito?’” (CW18, par. 200). Como fatos psíquicos,<sup>8</sup> apresentados na forma de imagens, os sonhos podem ser comparados a fatos fisiológicos, como o açúcar na urina ou uma pulsação rápida. É difícil interpretar isoladamente os fatos fisiológicos porque diagnósticos alternativos frequentemente são possíveis. Os fatos psíquicos são igualmente difíceis de interpretar e, na opinião de Jung, igualmente imparciais. O sonho do homem no qual *às suas mãos e antebraços estavam cobertos de sujeira preta*” (CW10, par. 826), por exemplo, apresentou um fato psíquico muito específico, isto é, que alguma coisa na situação de vida presente dele o estava sujando.

Ao tratar os sonhos como fatos psíquicos, somente os elementos que fizerem claramente parte de um sonho deverão ser usados na interpretação. Insistindo que o sonhador permanecesse com a ideia do sonho, Jung dizia repetidamente: “Vamos voltar para o seu sonho. O que o *sonhodiz*?” (CW18, par. 434).

Os fatos psíquicos têm características definidas, uma das quais é que a aparência de uma imagem, e não de outra imagem semelhante, é significativa. Por exemplo, a imagem onírica na qual a pessoa está viajando em um ônibus é diferente da imagem de ela estar viajando de automóvel. O ônibus segue um trajeto específico que é predeterminado, e dirigido por outra pessoa que não o sonhador e conduz muitos passageiros que são desconhecidos para o sonhador. Quando está no próprio automóvel, o sonhador tem a opção de dirigi-lo e escolher tanto os passageiros quanto o trajeto. Passar por cima dessas coisas tende a distorcer a interpretação.<sup>9</sup>

A imagem onírica como fato psíquico também requer que cada detalhe seja considerado; negligenciar um detalhe às vezes torna a interpretação absurda. Um exemplo é um nome incorreto: se alguém que se parece com a minha amiga Nan aparecer no meu sonho, mas no sonho ela se chamar Kathy, minhas associações precisarão incluir fatos e experiências que se relacionem tanto com Nan quanto com

Kathy. Caso contrário, a interpretação não estará correta. Às vezes, em um sonho, o detalhe importante é qualquer coisa que esteja faltando; pode ser uma parte da imagem que deveria ter estado presente, como uma peça de roupa, ou uma pessoa, como um dos membros da família do sonhador. Se eu sonhar com uma celebração em família e o meu irmão não estiver presente, por exemplo, a interpretação precisará levar em conta o afeto da sua ausência ou de eu omitir da consciência a parte de mim mesma que é como ele.

Também considero proveitoso prestar atenção a qualquer coisa na imagem do sonho que seja diferente da vida real. Por exemplo, se a casa do sonhador contiver, no sonho, uma peça de mobiliário dos pais, essa imagem requereria uma interpretação diferente da que seria dada a uma imagem com a reprodução exata da casa do sonhador sem a peça de mobiliário.

Quando um tema é enfatizado, uma particular atenção deve ser prestada a ele. A

ênfase pode assumir a forma de uma imagem duplicada, por exemplo, retratar uma pessoa como gêmea de outra, ou de diferentes entidades, como o tema da água, que pode aparecer em um sonho como um lago e também como um rio.

Outra característica ainda de uma imagem onírica pode ser a sua qualidade absurda; uma imagem onírica absurda poderá indicar que o sonhador está fazendo algo despropositado na vida desperta. Por exemplo, se alguém sonha que está vestindo uma combinação de roupa desarmoniosa, a imagem ridícula poderá sugerir que existe alguma coisa absurda em uma atitude do sonhador.

Muitos sonhos incluem relações temporais que são confusas ou que seriam impossíveis na vida desperta. Esses sonhos não representavam nenhum problema para Jung porque, para ele, o tempo no inconsciente é eterno. A irracionalidade da sequência do tempo é um fato que poderá indicar que o tempo não é importante na mensagem do sonho, ou pode ser um comentário sobre o problema do sonhador com o tempo: a passagem do tempo, o emprego do tempo ou chegar aos compromissos na hora. Em alguns sonhos, a condensação do tempo pode ser uma maneira de justapor fatos separados pelo tempo.

Como as imagens oníricas surgem do inconsciente, elas não são inibidas pelos preconceitos conscientes do sonhador. Jung descreveu algumas imagens oníricas como “não para[ndo] diante de nenhuma vulgaridade e de nenhuma obscenidade” (CW9-II, par. 315). Na época em que ele estava vivo, a possibilidade de que algumas pessoas ficassem ofendidas com certas imagens era maior do que hoje, e ele tentava impedir uma reação preconceituosa indicando que os sonhos “não estão preocupados com o caráter ofensivo, porque essa não é realmente a intenção deles. É como se eles estivessem gaguejando nos seus esforços de expressar o significado elusivo que prende a atenção deles” (CW9-II, par. 315). Embora seja possível que algumas imagens “disfarcem e criem distorções pelas chamadas ‘razões morais’” (CW9-II, par. 315n), que era a opinião de Freud, Jung constatou que, com mais frequência, o caráter ofensivo da imagem atende à finalidade de chocar o sonhador de uma maneira diferente.

O sonho que se segue, que foi ofensivo para a sonhadora, é um exemplo do que Jung queria dizer: *Um homem desconhecido para a sonhadora começou a fazer amor com ela, de repente morreu e foi levado para um cubículo. Uma mulher que parecia ser parte da sonhadora acompanhou o homem morto ao cubículo. A sonhadora ficou do lado de fora, horrorizada porque sabia que a outra mulher estava tendo relações sexuais com o cadáver* (Arquivos de MAM). O cadáver parecia representar o fim iminente do relacionamento da sonhadora com um homem na sua vida desperta, e a imagem chocante estimulou-a a aceitar o término do relacionamento, que ela vinha tentando prolongar. Ao rotular o significado dessa imagem de “elusivo”, Jung pareceu querer dizer que ele era difícil de aceitar. Portanto, uma imagem que ofende o sonhador pode estar transmitindo uma mensagem que é difícil para o sonhador aceitar.

É preciso levar em consideração tanto a relação entre as imagens quanto cada imagem isoladamente. A ordem em que as imagens aparecem é um dos aspectos dessa relação.

Jung formulou a hipótese de que a sequência pode ser causal, ou seja, cada imagem pode

ser a causa da seguinte. A incongruência entre as imagens oníricas tende a ser significativa, como uma cena muito íntima em um lugar público. Além disso, quando a cena de um sonho muda, é provável que um pensamento inconsciente tenha chegado a um clímax ou, pelo menos, que um tema da mensagem do sonho tenha sido concluído ou interrompido.

Às vezes, as imagens são tais que dão a impressão ao sonhador de sonhar que ele ou ela está sonhando. De acordo com Jung, um sonho desse tipo não parece tão real e tem o seu impacto emocional diminuído. Também é importante o fato de o sonhador estar “observando [...] o fluxo de imagens como alguém que assiste a um filme, [ou é] uma das figuras [no drama]” (VS1, p. 43). O sonhador que é parte do sonho está mais emocionalmente envolvido, sendo, portanto, mais afetado, e até mesmo “transformado” (VS1, p. 42).

Ao considerar a relação das imagens oníricas umas com as outras, a estrutura do sonho pode ser proveitosa. Variações na estrutura de sonho, como a ausência da lise, por exemplo, são significativas. Jung citou o sonho que uma paciente se lembrava que tivera aos seis anos de idade e que a assediara a vida inteira.

*Eu estava em um local desolado onde só se avistavam crateras. A uma grande distância, meu pai estava em uma das crateras e gritava pedindo ajuda (CD38, p. 80).*

O cenário é uma paisagem desolada coberta de crateras. Os protagonistas são o pai e a filha. O desenvolvimento da trama e o clímax são indistinguíveis: o pai encontra-se em uma cratera e grita por ajuda. Jung interpretou o sonho como indicando uma catástrofe iminente. A interpretação lhe foi sugerida pela ausência de uma lise, que expressava a falta de uma solução para a situação retratada, que era assustadora, especialmente para uma criança pequena. A interpretação de Jung foi objetivamente confirmada pelo fato de a paciente ter se tornado abertamente esquizofrênica pouco depois de lhe contar o sonho.

Com relação a esse sonho e alguns outros sem lise, perguntaram o seguinte a Jung: “Qual é o sentido de ter sonhos que são exclusivamente catastróficos?”. Jung replicou o seguinte: “Esse é o mistério dos sonhos, ou seja, nós não sonhamos, somos sonhados.

Não nos fazemos o sonho, nós não o fabricamos. Se tem algo de fato, se estiver diante de nós, mais cedo ou mais tarde acabará de se tornar realidade” (CD38, p. 82).

Implícita em todas essas observações está a questão de julgar se a mensagem de um sonho é positiva ou negativa, ou seja, se ela reflete o desenvolvimento psicológico do sonhador ou o insucesso em se desenvolver. A resposta não é simples. Claramente, de acordo com Jung, não podemos partir do princípio de que um sonho sempre tem uma intenção benévola, mesmo em última análise. As imagens oníricas podem ser imensamente agradáveis ou desagradáveis, mas nenhum dos dois casos torna o significado obviamente positivo ou negativo. Nossa conclusão precisa se basear na natureza das imagens e em como elas estão relacionadas umas com as outras. Por exemplo, embora um sonho sem uma lise (como a do *pai da criança pedindo ajuda* [CD38, p. 80]) frequentemente tenha um mau prognóstico, a ausência da lise pode não

ser negativa quando a evolução da trama não é claramente ameaçadora.

De um modo geral, um sonho que mostra alguma coisa em uma ótica negativa tem uma intenção negativa. Inversamente, a tranquilização positiva pode ser aceita como tal. No entanto, Jung constatou que “raramente acontece que [um sonho seja] exclusivamente positivo ou exclusivamente negativo” (CW11, par. 53).

É possível que o contexto de um sonho exija uma avaliação bem diferente da que é visivelmente óbvia, que se baseia no sentimento-reação do sonhador durante ou em seguida ao sonho; em outras palavras, uma imagem que poderia ser considerada ruim se fosse representada na experiência consciente pode significar uma coisa boa na vida da psique. Por exemplo, certa mulher solteira sonhou que o *seu sobrinho tinha morrido* (Arquivos de MAM). O menino, o único filho do seu irmão e o queridinho da família, representava o portador da tradição da família. Como a sonhadora tinha a tendência de se conformar em excesso com as coisas, a imagem da morte do menino, que teria sido uma catástrofe na vida desperta, foi interpretada positivamente como uma indicação da morte de sua tendência de ser prisioneira das tradições. A interpretação foi confirmada quando a sonhadora foi capaz de descobrir e assentar com mais firmeza um ponto de vista que era independente de valores derivados das tradições da sua família.

De uma maneira semelhante, uma imagem “boa” pode ter um significado negativo. Jung advertiu que uma imagem excessivamente bela, por exemplo, pode indicar que o sonhador está tentando fazer com que algo desagradável pareça agradável, porque é isso que ele inconscientemente deseja.<sup>10</sup> Ele relatou o seguinte sonho de um paciente seu. O sonhador

*estava dando uma busca no sótão da sua casa, procurando alguma coisa. Em uma das janelas do sótão, ele descobriu uma linda teia, com uma grande aranha de jardim no centro. A aranha era azul, e o seu corpo reluzia como um diamante*(D13).

O sonhador tinha a tendência de se identificar com o Self, ou seja, ele reivindicava para o seu ego as infinitas possibilidades do Self. Essa atitude compensava a fraqueza de seu ego e o isolamento do sonhador dos seus semelhantes. Por conseguinte, a bela

~~imagem mágica da teia de aranha do sonho teve um sentido negativo. O ego poderia ser mobilizado ao se perder nas esmagadoras forças inconscientes batidas ao Self.~~

A discrepância entre a maneira como o sonhador se sente com relação às imagens e eventos do sonho, e a interpretação deles em uma ótica positiva ou negativa, com frequência é aumentada, de acordo com a minha experiência, pelo fato de que, entremeadas no sonho, existe uma reação avaliatória que é característica do sonhador na vida desperta. Ele se sente feliz, triste, repellido ou atraído pelas experiências de sonho como seria o caso se elas tivessem realmente acontecido. Não raro o sonho pode ser compreendido rápido quando essas reações são desconsideradas, sob a alegação de que são acréscimos da consciência. (Elas diferem das imagens suplementares não avaliatórias mencionadas no Cap. 5.)

Além disso, às vezes, as imagens oníricas são ambíguas com relação aos significados positivos e negativos porque são bipolares e oscilam entre os dois polos.

## O sonho não diz ao sonhador o que fazer

Um fato não é o mesmo que instruções a respeito do que fazer a respeito dele ou da situação da qual ele se origina. Aliás, Jung declarou especificamente que o sonho não diz ao sonhador o que fazer. Ele pode ou não apresentar uma escolha de possíveis soluções, mas deixa para a consciência a decisão com relação à ação apropriada a ser tomada. Jung encarava essa característica dos sonhos como análoga a uma bússola que informa ao viajante a direção do norte magnético, mas não o caminho a ser seguido.<sup>11</sup>

Não obstante, em alguns casos, o sonho parece transmitir um conselho implícito. Um exemplo relatado por Jung é o sonho de um ambicioso professor no qual *um trem estava prestes a descarrilar* (D14). Como o trem parecia representar o plano de vida do sonhador na época, a maneira óbvia para ele de evitar o desastre era mudar o seu plano.

Ocasionalmente, um sonho parece fornecer ao sonhador orientações explícitas, como, por exemplo, quando uma voz desencarnada ordena uma determinada linha de ação. No entanto, como o sonho é geralmente compensatório e não oracular, o sonhador precisa fazer um julgamento em cada ocorrência com relação a se deve seguir as instruções e, se for este o caso, se deve fazê-lo literalmente.

## As personalidades do intérprete e do sonhador

Como a interpretação dos sonhos é uma atividade humana, ela está sujeita a todas as possibilidades do erro humano. Até mesmo com as suposições excluídas, o intérprete precisa permanecer consciente de outra possível armadilha: sua inclinação psicológica. Ao sugerir significados para as imagens oníricas, o intérprete precisa ter um autoconhecimento suficiente para minimizar a possibilidade de se enredar em tendências pessoais.

Mais especificamente, é preciso que o intérprete de sonhos esteja envolvido no processo como uma pessoa completa e não apenas com a função superior, ou somente com o conhecimento. Embora não raro pareça que os sonhos são interpretados principalmente pela intuição, as outras três funções psicológicas – pensamento, sensação e sentimento – também são essenciais. A intuição pode oferecer possibilidades interpretativas, mas as outras funções são necessárias para testar as outras hipóteses de interpretação. A sensação fornece amplificações e, posteriormente, verifica a interpretação em relação às imagens oníricas originais. O pensamento é necessário para analisar as partes componentes do sonho e verificar se a interpretação pode ser razoavelmente inferida do contexto que foi estabelecido. O sentimento, salientado por Jung como “uma certa ‘intelligence du coeur’” (CW8, par. 543), é necessário para escolher entre abordagens alternativas, como a redutiva e a construtiva, e para avaliar a relevância das amplificações às imagens e da interpretação para a situação consciente do sonhador.

O impacto emocional que um sonho possui para o sonhador permeia todas as

funções. O intérprete que experimenta indiretamente parte desse impacto tem uma compreensão intensificada do significado e valor do sonho.

Nesse processo, contudo, o intérprete não deve sucumbir a ser subjugado pelas emoções despertadas pelas imagens do sonho. “Faz-se necessária uma ‘astúcia’ especial que depende de um vasto entendimento” (CW8, par. 543) da experiência humana para manter a objetividade intelectual mesmo quando estiver reagindo emocionalmente. Essa objetividade permite combater o que Jung chamava de tendência do “coração [...] [de] sucumbir ao sentimento” (CW17, par. 198). Tanto na objetividade quanto na reação emocional, quanto mais familiarizado o intérprete estiver com as experiências humanas, mais entendimento ele poderá levar à interpretação dos sonhos.

Não existe contradição alguma entre a última declaração e a advertência de que o intérprete não deve impor ao sonho nenhuma perspectiva ou amplificações pessoais. Quanto melhor o intérprete conhecer as experiências humanas, maior a sua capacidade de sentir empatia por uma grande variedade de emoções. O intérprete com uma visão pessoal estreita está mais propenso a tentar restringir a interpretação de um sonho, a partir do princípio de que o que ele percebe ou pensa é idêntico ao que o sonhador percebe ou pensa. Jung chegou ao ponto de afirmar que “O maior erro que um analista pode cometer é partir do princípio de que o seu paciente tem uma psicologia semelhante à sua” (CW8, par. 498). O intérprete precisa reconhecer que o sonho é o produto psíquico do sonhador, cuja psicologia – não a do intérprete – é a base da interpretação.<sup>12</sup>

Os conceitos de atitude e os tipos de função de Jung são de grande auxílio para avaliar as diferenças e semelhanças entre sonhador e intérprete. Não é necessário decidir qual o tipo que melhor caracteriza o sonhador. Basta reconhecer que este pode olhar para o mundo através de “lentes” muito diferentes daquelas do intérprete: um pode ser extrovertido enquanto o outro é introvertido, ou um pode usar melhor a função sensação enquanto o outro é altamente intuitivo.

O exame de todos esses fatores torna possível e necessário que a interpretação dos sonhos se baseie em um “processo dialético” (CW18, par. 492) entre as duas personalidades – a do sonhador e a do intérprete – em vez de em uma luta pela ascendência de uma sobre a outra; em outras palavras, o entendimento do sonho precisa se desenvolver a partir de uma reflexão conjunta e não deve ir além do significado que é proveitoso para o sonhador.

<sup>1</sup> Jung também disse que o intérprete “deve, em cada caso, estar preparado para construir uma teoria completamente nova sobre os sonhos” (CW16, par. 317). Isso parece ser simplesmente outra maneira de dizer que cada sonho transmite uma mensagem única.

<sup>2</sup> Jung usava, como a forma adjetival de “signo”, a palavra “semiótico”, para significar tanto “sintomático” quando “emblemático”.

<sup>3</sup> Jung admitiu que, “no nível filosófico, o conceito é sempre um símbolo, embora ele seja uma expressão para

algo conhecido” (Let-1, p. 202).

4 Jung foi acusado de negar a importância da sexualidade. A preocupação de Freud com os símbolos fálicos, contudo, pode ser encarada como um reflexo das atitudes do século XIX com relação à sexualidade. Praticamente qualquer imagem onírica pode ser interpretada como encerrando algum significado sexual, se for isso que o analista estiver buscando.

5 Jung encarava os sonhos como “ *a fonte mais comum e universalmente acessível para a investigação da faculdade de simbolizar do homem*, além dos conteúdos das psicoses, neuroses, mitos e os produtos das várias artes” (CW18, par. 431), e a “função dos nossos sonhos que produz símbolos [como] uma tentativa de conduzir a nossa mente de volta à consciência” (CW18, par. 591). Estes são conceitos valiosos, mas não afetam a efetiva interpretação dos sonhos.

6 Em um ensaio, Jung reconheceu o conteúdo latente, equiparando-o “aos elementos associativos trazidos à baila pela análise” (CW8, par. 591). Entretanto, ao mencionar o conteúdo latente, ele estava se referindo, aparentemente, às amplificações e não ao significado do sonho.

7 Alguns analistas junguianos rejeitam a interpretação de Jung de que o oficial da alfândega representava Freud. Seguindo a própria regra de Jung de que uma figura onírica não é uma substituição, eles preferem considerar a imagem inteiramente como uma faceta da personalidade de Jung.

8 Jung também escreveu que as imagens oníricas são mais como obras de arte do que dados científicos. Essa declaração pode ter algum significado poético, mas não é aplicável aqui.

9 Jung declarou em um texto não publicado que “Uma peculiaridade ou perturbação na imagem denuncia a interferência de um pensamento secreto por trás” (Z2, p. 82). Além de uma advertência geral de que é preciso prestar atenção aos detalhes, pouca ajuda prática pode ser extraída dessa declaração.

10 Recordativo do conceito de satisfação do desejo de Freud (consulte o Cap. 11).

11 Jung desenvolveu a analogia da bússola com a especificação de que uma “correção consciente” (CW10, pr. 34) precisa ser feita. Parece-me que a correção é incorporada pelo significado individualizado da imagem para o sonhador.

12 Jung admitiu a dificuldade de observar essa advertência em uma mensagem pessoal para J. B. Wheelwright: “O homem não pode transcender a si mesmo. Portanto, o fato é que a psicologia de Freud, [Alfred] Adler e a minha são todas generalizações e abstrações da nossa própria psicologia”.

## CARACTERIZAÇÃO OBJETIVA E SUBJETIVA DAS IMAGENS ONÍRICAS

A amplificação das imagens do sonho foi concluída, e o contexto do sonho foi estabelecido. O próximo passo importante é determinar a objetividade ou subjetividade das imagens oníricas. As figuras nas imagens são pessoas de verdade, ou facetas da personalidade do sonhador? Quando uma figura é caracterizada como objetiva, a imagem recebe uma interpretação objetiva; quando a figura é caracterizada como subjetiva, a imagem recebe uma interpretação subjetiva. Ao fazer a distinção entre objetivo e subjetivo, Jung sistematicamente empregava a palavra “interpretação”. Na minha análise do processo interpretativo, a interpretação da imagem se segue necessariamente à caracterização da figura do sonho como objetiva ou subjetiva; portanto, a caracterização e a interpretação são tanto objetivas quanto subjetivas.

Uma figura é caracterizada como *objetiva* quando aparece no sonho como uma pessoa verdadeira em um relacionamento efetivo com o sonhador. A figura é caracterizada como *subjetiva* quando aparece no sonho como retratando parte da personalidade do sonhador.<sup>1</sup>

Uma semelhança entre a interpretação objetiva de Jung e a maneira de Freud de lidar com as imagens oníricas procede do fato de que ambos começam por desmembrar o conteúdo do sonho em elementos da experiência desperta com outras pessoas e objetos externos, e de impulsos com relação a eles. Ao contrário de Freud, contudo, Jung especificava critérios tanto para as interpretações subjetivas quanto para as objetivas.

A interpretação subjetiva “separa os complexos subjacentes da memória com relação às suas causas externas, encara-os como tendências ou componentes do sujeito (o sonhador) e reúne-os com esse sujeito” (CW7, par. 130). Nesse contexto, “subjetivo” não possui as definições habituais de insubstancial, pessoal ou ilusório. Mais exatamente, significa que “todas as figuras no sonho [são] características personificadas da personalidade do sonhador” (CW8, par. 509). Jung comparava o sonho a “uma peça teatral na qual o sonhador é a cena, o protagonista, o produtor, o autor, o público e o crítico” (CW8, par. 509).<sup>2</sup> Portanto, uma imagem onírica de uma pessoa particular, considerada subjetivamente, significa que o sonhador tem alguma característica, pelo menos potencialmente, dessa pessoa do sonho.

Embora Jung tenha declarado que “a pessoa sonha em primeiro lugar, e quase excetuando tudo o mais, consigo mesma” (CW10, par. 321), ou seja, subjetivamente, ele fez uma ampla concessão para a interpretação objetiva, que transmite ao sonhador a opinião do inconsciente relacionada com uma pessoa ou situação externa específica. Essa

opinião tende a divergir em certa medida da percepção e avaliação conscientes do sonhador.

Jung parecia enfatizar a caracterização subjetiva porque ela ajuda no entendimento das figuras oníricas como partes do sonhador, cuja responsabilidade pessoal é, portanto, aumentada. Jung usou ironia para explicitar o valor da interpretação subjetiva dos sonhos:

As conseqüências para a nossa psicologia [...] mal podem ser imaginadas: nós não teríamos mais ninguém para criticar, ninguém para responsabilizar, ninguém para instruir, melhorar e punir! Pelo contrário, teríamos que começar, em todas as coisas, com nós mesmos; teríamos que exigir de nós mesmos, e de mais ninguém, todas as coisas que habitualmente exigimos dos outros (CW8, par. 524).

Jung criticava Freud por interpretar algumas imagens objetivamente e outras subjetivamente, presumivelmente sob a alegação de que Freud fazia a distinção de uma maneira arbitrária. Embora Jung usasse as duas categorias, ele diferia de Freud porque especificava os critérios para cada uma.

Quando Jung definiu e ilustrou seus critérios para escolher a interpretação objetiva ou subjetiva, ele se concentrou apenas em figuras humanas. Em exemplos apresentados por outras pessoas, contudo, ele também incluiu figuras oníricas de animais e objetos inanimados. Parece-me que essas figuras não humanas podem ser caracterizadas de acordo com os mesmos critérios das figuras humanas. Um capacho, por exemplo, poderia ser interpretado objetivamente, como algo a ser pisado, ou subjetivamente, como uma parte do sonhador que cria a susceptibilidade de ser “pisado”.

Jung não declarou especificamente se um sonho precisa ser considerado inteiramente objetivo ou inteiramente subjetivo. No entanto, como os elementos (imagens distinguíveis) no sonho se colocam em várias relações com o sonhador, podemos deduzir que cada elemento deve ser considerado separadamente. Assim sendo, um sonho pode conter alguns elementos objetivos e alguns subjetivos.

A abordagem objetiva é indicada se a figura do sonho for uma pessoa importante para o sonhador, como um membro da sua família imediata ou um amigo muito chegado; o “objeto” (a pessoa representada) é importante. Mas se a figura do sonho não for altamente significativa pa-

ra o sonhador, uma interpretação subjetiva provavelmente é mais apropriada. As figuras humanas que geralmente satisfazem esse último critério são parentes distantes; uma pessoa que talvez seja conhecida da família do sonhador, mas que desempenha um papel secundário na vida deste; personagens históricas; e figuras imaginárias, o que inclui as figuras designadas como desconhecidas.

Jung usou o exemplo do sonho de um homem no qual um amigo do sexo masculino aparece como uma ovelha negra. Se o amigo é alguém que o sonhador não vê há muito tempo, a figura deverá ser encarada subjetivamente: o sonhador tem uma “ovelha negra” na sua psique. Mas se o amigo é alguém atualmente importante na vida do sonhador, a interpretação deverá ser objetiva: o amigo é uma pessoa desonrosa ou existe alguma coisa sombria entre ele e o sonhador.

Outro critério para a escolha entre a interpretação objetiva e a subjetiva é a maneira pela qual a figura do sonho é retratada. Se ela for uma pessoa que o sonhador conhece bem e aparecer “fotograficamente” (como na vida), a figura do sonho é interpretada objetivamente. No entanto, se a figura do sonho for imprecisa, os traços enganadores provavelmente são atributos do sonhador ou efeitos do comportamento do sonhador. Um exemplo disso é o sonho de um homem no qual apareceu

~~uma mulher embriagada de álcool e um homem que estava bebendo e expressando a ideia de uma mulher degenerada que está estreitamente ligada ao sonhador. Essa ideia é projetada sobre a esposa, onde a declaração se torna falsa. A que ela se refere então? [...] Seu lado feminino não era agradável [...] A declaração do sonho [...] diz o seguinte: você está se comportando como uma mulher degenerada (CW18, par. 426, 428-429).~~

Algumas imagens oníricas, contudo, parecem apresentar uma imagem distorcida de alguém próximo do sonhador, mas devem ser encaradas objetivamente. Por exemplo:

[Uma] paciente, uma mulher jovem que se agarrava à mãe de uma maneira extremamente sentimental, sempre tinha sonhos muito sinistros a respeito dela. Ela aparecia nos sonhos como uma bruxa, um fantasma, um demônio perseguidor. A mãe a havia mimado exageradamente e a cegara de tal maneira por meio da ternura que a filha não tinha nenhuma ideia consciente da influência perniciosa da mãe (CW7, par. 280).

A interpretação, portanto, precisa levar em consideração a situação consciente do sonhador e a opinião do intérprete a respeito do que é necessário para o desenvolvimento psicológico do sonhador na ocasião. Uma interpretação objetiva no caso da jovem, por exemplo, serviria para proteger ou acentuar o desenvolvimento do seu ego ainda fraco. Em contrapartida, a interpretação subjetiva do sonho do homem presumiria um ego desenvolvido que agora precisa assumir uma maior responsabilidade pelo lado sombrio da sua personalidade.

A inexatidão na apresentação do sonho de uma pessoa verdadeira pode assumir a forma de retratá-la de uma maneira excessivamente positiva, talvez possuindo qualidades mágicas. Nesse caso, a interpretação subjetiva seria necessária porque o valor, incorretamente atribuído à figura do sonho, está no sonhador.

É claro que a exatidão ou inexatidão da descrição de uma pessoa é discutível. Às vezes ela pode ser verificada depois que outras informações são reunidas, como no caso do sonho do jovem oficial sobre *o comportamento escandaloso de sua noiva* (CW8, par. 542). Em outros casos, as percepções diretas do sonhador são as únicas informações disponíveis.

Mesmo que as qualidades negativas sejam atribuídas à figura do sonho com bastante exatidão, as amplificações podem revelar que elas atribuem a responsabilidade pelas qualidades ao sonhador, que pode tê-las trazido à tona por meio do seu comportamento. A caracterização é objetiva (porque as qualidades negativas estão efetivamente no objeto), mas, como em toda interpretação de sonho, em última análise, o foco está na mensagem do sonho sobre o que é necessário para superar o desequilíbrio psíquico do sonhador.

O número de associações do sonhador com a figura do sonho não é um critério para a caracterização objetiva ou subjetiva, mas a carga emocional com relação à associação é significativa. Se as associações estiverem altamente carregadas emocionalmente, a figura provavelmente deverá ser tratada pelo menos como parcialmente subjetiva, porque uma forte emoção com relação a uma pessoa sugere uma intensa projeção de um conteúdo inconsciente do sonhador. Essa regra é válida, especialmente, quando o sonhador faz uma associação com uma figura irrelevante do sonho, uma pessoa a quem o sonhador está ligado por uma forte emoção. De acordo com Jung, essa substituição não é um disfarce e sim uma forma de separar a emoção da pessoa que parece despertá-la e de ressaltar uma atitude ou modo de agir errôneo ou inadequado. Por exemplo, quando uma pessoa importante para o sonhador aparece num sonho como um escravo, o inconsciente pode estar lembrando ao sonhador que a pessoa não é tão poderosa quanto ele conscientemente acredita.

Jung aplicou a interpretação subjetiva a um dos seus próprios sonhos, no qual um complexo autônomo apareceu de forma personificada. Depois de um conflito pessoal com um Sr. A., Jung sonhou o seguinte:

*Consultei um advogado a respeito de uma determinada questão e, para o meu ilimitado assombro, ele exigiu honorários de nada menos do que cinco mil francos pela consulta – ao que me opus energicamente* (CW8, par. 511).

Ele associou o advogado com “uma reminiscência sem importância” (CW8, par. 512) dos seus dias de estudante, durante os quais ele teve várias discussões; a maneira brusca do advogado à do Sr. A; e os cinco mil francos à quantia que um estudante pobre pediu emprestada a Jung. Uma interpretação objetiva teria sido possível: o Sr. A. fizera uma exigência absurda a Jung. Mas essa interpretação desconsidera a associação com os cinco mil francos e a hipótese de que as imagens oníricas de pessoas sem importância na vida presente do sonhador devem ser interpretadas subjetivamente. A interpretação subjetiva que Jung adotou tem muito mais a recomendá-la: a sua parte brusca, briguenta (estudante) está fazendo uma forte exigência a ele. A discussão com o Sr. A. não podia se extinguir “porque o contestante presunçoso [em Jung] ainda gostaria que a discussão fosse conduzida a uma ‘legítima’ conclusão” (CW8, par. 513).

Jung não especificou como deve ser feita a escolha entre a interpretação objetiva e subjetiva quando algumas das diretrizes que ele ofereceu estão em contradição umas com as outras. Por exemplo, uma figura importante na vida do sonhador que, portanto, deveria ser interpretada objetivamente, tende a estar associada a uma forte emoção no sonhador que, por conseguinte, deveria ser interpretada subjetivamente. Embora advertindo contra a excessiva utilização da abordagem subjetiva, Jung se inclinava na direção de usá-la nos casos duvidosos, por achar que ela acentuava o desenvolvimento psicológico do sonhador porque o obrigava a lidar com o problema interior.

A questão de escolher entre uma interpretação objetiva e uma subjetiva é complicada, especialmente quando a figura do sonho é o analista. Nesse caso, ainda mais do que nos outros, a natureza do relacionamento entre o sonhador e a figura do sonho não pode ser

descoberta com base apenas nos elementos conscientes. A transferência pode causar falsificações de julgamento e pode afetar até mesmo a natureza das imagens oníricas. Uma transferência positiva pode resultar em sonhos que retratam o analista como todo-poderoso; uma transferência negativa pode produzir imagens oníricas demoníacas do analista. Interpretar os sonhos como refletindo a maneira como o sonhador percebe o analista constitui uma interpretação objetiva. Se essa interpretação se revelar improdutiva, a figura do analista pode ser interpretada subjetivamente, como um conteúdo projetado que pertence ao sonhador.

Ao lidar com os sonhos do paciente a respeito do analista, este precisa também avaliar se o autoentendimento, frequentemente desfavorável, pode ser obtido.<sup>3</sup> Na situação inversa, na qual o analista sonha com o paciente, uma interpretação objetiva geralmente é apropriada; ela pode contar para o analista alguma coisa que ele não saiba conscientemente a respeito do paciente ou a respeito da atitude do analista com relação ao paciente. No entanto, uma interpretação subjetiva pode ser proveitosa, além da objetiva, se o paciente tocar a esfera dos complexos do analista.

Com relação à escolha entre a caracterização objetiva e subjetiva, von Franz (1975) concluiu o seguinte: “Raramente o sonho por si só indica inequivocamente se ele deve ser considerado no nível objetivo ou subjetivo. A decisão é muito mais *uma questão de sentimento* da parte do sonhador ou do seu aconselhador. Por conseguinte, a interpretação dos sonhos também é uma questão ética, e não simplesmente um procedimento intelectual” (p. 93).

Mesmo quando é feita uma caracterização objetiva, Jung insistia em que a imagem do sonho não pode ser identificada com a pessoa efetiva com que sonhamos. Em vez disso, disse ele, é preciso fazer uma distinção entre a pessoa como uma pessoa e a pessoa como objeto do sonho. O sonho reflete a maneira como o sonhador vê a pessoa – a projeção do sonhador sobre o objeto do sonho. A qualidade vista pelo sonhador, contudo, precisa efetivamente estar presente em certo grau na outra pessoa para que a projeção tenha lugar. Jung referia-se à qualidade na outra pessoa como um “gancho” (CW8, par. 519) para a projeção do sonhador. No entanto, independentemente do fragmento dessa qualidade que esteja presente no objeto, ela é exagerada pelo sonhador, e o significado da qualidade é um produto da própria psique do sonhador. Se não houver nenhum reconhecimento da situação do sonhador como é retratada no sonho, o resultado pode ser a omissão dele de assumir a responsabilidade pelas suas próprias atitudes.

No entanto, a abordagem subjetiva não deve ir longe demais. Isso pode conduzir ao “exagero em uma ou outra direção” (CW8, par. 524) e fazer com que o sonhador se torne desligado da realidade e, portanto, bastante isolado.

Junto com essas advertências com relação a não exagerar a abordagem subjetiva, Jung, mesmo assim, defendia a interpretação subjetiva como ocupando um lugar legítimo na psicologia.

Frequentemente, tem sido alegado que a interpretação no nível subjetivo é um problema filosófico e que a aplicação desse princípio toca as raias de uma *Weltanschauung* e portanto deixa de ser científica. Não me surpreende que a psicologia

desemboque na filosofia, já que o pensamento que forma a base da filosofia é, afinal de contas, uma atividade psíquica que, como tal, é o próprio estudo da psicologia. Penso sempre na psicologia como abarcando a totalidade da psique, e isso inclui a filosofia, a teologia e muitas outras coisas. Porque, subjacentes a todas as filosofias, e a todas as religiões, estão os fatos da alma humana, que podem, em última análise, ser os árbitros da verdade e do erro (CW8, par. 525).

Achei proveitoso experimentar ambas as interpretações, a objetiva e a subjetiva – geralmente primeiro a objetiva. No caso de alguns sonhos, somente uma interpretação é possível. No caso de outros, especialmente daqueles nos quais a figura do sonho é alguém próximo do sonhador, existe algo a ser ganho com ambas as interpretações, já que cada uma delas contribui do seu próprio jeito para o entendimento do sonhador dos processos inconscientes. O sonho, aliás, tem a probabilidade de lidar objetivamente com a figura do sonho e o relacionamento do sonhador com a pessoa representada. Mas esse relacionamento pode ter um grande componente de projeção, que precisa ser examinado de perto e exige um entendimento subjetivo.

Um exemplo apropriado é o sonho do rapaz com *anoiva* (CW8, par. 542). Eles deram a ele uma imagem “objetiva” dela. No entanto, provavelmente valia a pena considerar se havia uma parte dele que desejava se comportar como ela se comportou no seu sonho. Jung disse que sentiu que essa consideração teria sido difícil para o homem; por essa razão, se ela fosse introduzida pelo analista, só deveria sê-lo depois que a interpretação original tivesse sido aceita e assimilada.

Outro enfoque da inter-relação entre as caracterizações objetiva e subjetiva é como uma interação. Quando o sonhador está envolvido em um intenso relacionamento amoroso, por exemplo, os sonhos podem revelar a característica no objeto (a pessoa amada) que oferece um “gancho” para a projeção. Ao mesmo tempo, os sonhos podem indicar qual aspecto do sonhador está tão fascinado pela pessoa amada.

A interpretação subjetiva dos sonhos não é mais tão controversa quanto o era quando Jung a introduziu como a alternativa para a abordagem quase exclusivamente objetiva de Freud. Muitos dos atuais teóricos do sonho, até mesmo alguns daqueles identificados como “neofreudianos”, a estão usando cada vez mais. Esse fato tende a confirmar a minha impressão de que a distinção entre objetivo e subjetivo é a mais proveitosa das hipóteses de Jung a respeito da interpretação dos sonhos. Para mim, ela está classificada acima das outras hipóteses dele porque fornece alternativas claras, e diretrizes mais específicas estão disponíveis para a sua aplicação.

<sup>1</sup> As caracterizações objetivas e subjetivas frequentemente são chamadas de “níveis”. Como o termo pode conotar um julgamento de valor de altura ou profundidade, evito usá-lo.

<sup>2</sup> Jung mencionou em outro lugar que “os atores, o libreto, o teatro e o público eram uma coisa só” (Let-1, p. 355). Em nenhuma das ocorrências ele mencionou o diretor, mas von Franz (1975) declarou que “o sonhador é

[...] o diretor” (p. 92). Não importa como os funcionários estejam relacionados, o Self pode ser considerado como sendo o diretor.

<sup>3</sup> Um comentário de Jung que é relevante aqui se aproxima de um símbolo específico que se encontra fora do escopo deste livro. Quando um paciente sonha que disse alguma coisa ao analista, o sonho é uma mensagem do inconsciente do sonhador para o analista (DA1, p. 195).

<sup>4</sup> “Cosmovisão” em alemão. (N.T.)

## A FUNÇÃO COMPENSATÓRIA DOS SONHOS

A pedra angular da teoria da interpretação dos sonhos de Jung geralmente é considerada como sendo a hipótese de que quase todos os sonhos são compensatórios. Em outras palavras, a efetiva interpretação dos sonhos, com relativamente poucas exceções (consulte o Cap. 12), é uma resposta à pergunta: Qual é a “*a verdadeira situação no inconsciente?*” (CW8, par. 505) que compensa a situação consciente do sonhador? Desse modo, a utilização do conceito da compensação<sup>1</sup> coloca o inconsciente em relação com a consciência e proporciona o que é necessário para o equilíbrio psíquico e, em última análise, para a totalidade.

O conceito da compensação de Jung pode ser encarado como uma expansão do conceito da satisfação do desejo de Freud. Ambos os conceitos refletem a observação de que os sonhos fornecem conteúdos que estão ausentes na consciência. Os dois conceitos diferem, contudo, porque a compensação fornece o que é necessário para a totalidade do indivíduo, enquanto a satisfação do desejo é útil apenas para o *id* ou o *ego*.

Apesar da sua oposição a tendências teóricas na abordagem da interpretação dos sonhos, Jung tratava o conceito da compensação como sendo, de um modo geral, proveitoso. Ele reconheceu a sua contradição, contudo, ao declarar que “É [...] [melhor] não fazer nenhuma suposição, nem mesmo a de que os sonhos precisam inevitavelmente ser compensatórios” (CW17, par. 189). Não obstante, ele aplicava o conceito da compensação à maioria das interpretações dos sonhos porque havia descoberto empiricamente, ao tentar resumir as diversas maneiras pelas quais um sonho se comporta, que “o conceito da *compensação* [parece] ser a única [fórmula] adequada” (CW8, par. 545). O comportamento de sonho varia de uma “flagrante oposição às nossas intenções conscientes” (CW8, par. 545) a um leve desvio com relação às nossas atitudes conscientes, ou até mesmo uma concordância com elas. O sonho não compensatório é incomum e deve ser interpretado como tal somente depois de as possibilidades de compensação terem sido completamente investigadas. Em geral, os sonhos prospectivos, traumáticos, extrassensoriais e proféticos são não compensatórios.

### **A compensação distinguida da complementação**

A fim de explicar o que queria dizer com *compensação*, Jung distinguiu o conceito da complementação.<sup>2</sup> “Complemento” vem do vocábulo latino *complere*, que significa “suplementar ou completar”. A complementação ocorre quando os elementos omitidos consciente ou inconscientemente da nossa conscientização de uma experiência no estado

desperto aparecem em um sonho. Para Jung, a complementação era restrita demais para descrever suficientemente a função dos sonhos porque “ela designa um relacionamento no qual duas coisas suplementam uma à outra mais ou menos mecanicamente” (CW8, par. 545).

A palavra “compensar”, por outro lado, deriva do vocábulo latino *compensare*, que significa “igualar”. A derivação sugere uma “equilibração e comparação [de] diferentes informações ou pontos de vista de maneira a produzir um ajustamento ou retificação”

(CW8, par. 545) realizado pelo inconsciente daquilo que foi perdido da consciência. Em outras palavras, a compensação é responsável pelo aparecimento em um sonho dos elementos psíquicos necessários para corrigir uma atitude unilateral na mente consciente. A função compensatória modifica a consciência de uma maneira propositada; a complementação atua automaticamente, sem um objetivo psicológico específico.

É difícil demonstrar que um sonho é meramente complementar, e Jung não forneceu exemplos desses sonhos. Foulkes (1966), contudo, discutiu o que talvez seja um sonho complementar quando narrou um sonho que contribuiu para a sua impressão de que o fenômeno Poetzl é possível. Uma das suas pacientes teve um sonho no qual *alguém mostrou a ela um quadro que era quase todo azul e continha sapatos* (p. 151). Várias semanas depois, ela notou que uma imagem de um calendário no seu escritório continha sapatos azuis. A complementação é vista na apresentação do sonho de uma percepção da qual a sonhadora não estivera consciente.<sup>3</sup> Assim sendo, o sonho completou as recentes experiências da sonhadora.

A compensação é mais flexível e engenhosa do que a complementação. Os sonhos compensatórios apresentam um conteúdo que é orientado na direção de produzir a totalidade<sup>4</sup> na personalidade, à diferença da conscientização de apenas um evento ou situação específica.

A compensação como um refinamento da complementação é ilustrada no sonho do empresário cujas *mãos e antebraços estavam cobertos de sujeira preta* (CW10, par. 826). A compensação é consumada com o sonho refletindo a percepção, que o homem não admitia durante o dia, de que a sua transação comercial aparentemente honrada o envolveria em uma fraude. A compensação entra no sonho com a intenção psíquica de que ele preste atenção aos aspectos mais sombrios da sua ação. Jung não especificou os aspectos mais sombrios, mas podemos deduzir que o sonhador, embora conscientemente honesto, tinha a propensão inconsciente de agir desonestamente visando o lucro monetário.

## **Os fundamentos da função compensatória dos sonhos**

A origem da compensação psíquica, na opinião de Jung, está no inconsciente coletivo, o “ser humano universal em nós [que corrige e compensa] a [...] unilateralidade da nossa vida consciente” (CW8, par. 557) “para formar uma totalidade, que é o *eu*” (CW7, par. 274). A função compensatória dos sonhos é um dos mecanismos autorreguladores da

psique. A autorregulação da psique pode ser comparada às funções homeostáticas do corpo: em circunstâncias normais, não nos apercebemos dos sistemas orgânicos e químicos que são mantidos trabalhando juntos de uma maneira natural e automática; no entanto, quando ocorre um flagrante desvio do normal em um dos sistemas, sinais sistêmicos, como febre, supuração ou dor anunciam a presença de uma avaria.

A psique funciona de uma maneira semelhante. Jung formulou a hipótese de que, “em condições ideais, quando a vida ainda é simples e inconsciente o bastante para seguir o caminho serpentina do instinto sem hesitação ou apreensão, [...] a compensação funciona” (CW9-II, par. 40) sem recorrer aos sonhos. Mas os estresses que afetam com frequência o indivíduo<sup>5</sup> resultam no desequilíbrio de uma consciência unilateral e, conseqüentemente, em uma adaptação inadequada – internamente, externamente, ou das duas maneiras. O inconsciente, a partir dos seus ilimitados recursos, reage, frequentemente por meio de sonhos, fornecendo o que quer que seja necessário para restabelecer o equilíbrio psíquico. O propósito específico de um determinado sonho pode se tornar evidente apenas depois de uma cuidadosa e exaustiva investigação, e talvez isso nunca aconteça.

A função da compensação também pode ser elucidada, de acordo com Jung, pela metáfora de uma liberação de energia do inconsciente. Essa energia se torna disponível por uma perda de energia da consciência, que “eleva a potência psíquica de certos conteúdos compensatórios no inconsciente” (CW16, par. 372) e os lança na consciência.

Bem diferentemente do desejo satisfeito da teoria freudiana, o conteúdo fornecido pelo inconsciente, na opinião de Jung, pode ser desagradável ou até mesmo doloroso porque ele mostra os aspectos da vida do sonhador – emoções e comportamento – que estão dando errado, mas que o sonhador conscientemente não admitiu. Os sonhos expressam o que o ego não sabe ou entende: a realidade interior, não como o sonhador gostaria que ela fosse, mas como ela é. Os sonhos podem ter relação com uma condição momentânea (até mesmo com uma disposição de ânimo), com uma situação mais geral na experiência do sonhador, ou até mesmo com todo o tempo de vida dele. (Quando a mensagem de um sonho reflete basicamente uma condição futura, o sonho provavelmente não é compensatório, mas sim prospectivo.) Às vezes, o sonho chama atenção para aparentes insignificâncias e, outras vezes, para questões muito importantes.

Como o conteúdo compensatório é parte da realidade do sonhador, os efeitos não podem ser evitados por meio da repressão ou desconsideração dos conteúdos. Usando outra analogia biológica, a repressão da sede não elimina a necessidade de água, tornando-a, pelo contrário, mais premente. Se a repressão continuar por um tempo longo o suficiente, os efeitos negativos resultam tão normalmente quanto as crescentes dificuldades que podem resultar quando sintomas físicos são desconsiderados. Se deixarmos passar as pontadas dolorosas de um nervo molar, por exemplo, uma dor mais forte se seguirá; se não dermos atenção a essa dor, um abscesso poderá se formar e a infecção resultante poderá se espalhar por todo o maxilar. Analogamente, o fato de o ego desconsiderar os sinais dos sonhos poderá conduzir ao acúmulo de uma “oposição inconsciente [...] [dos] sintomas e situações que frustram irresistivelmente as nossas

intenções conscientes” (CW7, par. 187). Até mesmo um acúmulo de “elementos explosivos” (CW16, par. 333) é possível no inconsciente, e a liberação da oposição do inconsciente por meio de um comportamento que prejudique a pessoa. Um exemplo dessas consequências destrutivas é o sonho que o professor teve de *um trem fazendo uma curva rápido demais e descarrilando* (D14). Ao se recusar a admitir a mensagem do sonho, o sonhador continuou a avançar rápido demais e, com o tempo, a sua carreira “descarrilou”.

### **Diversos modos de compensação**

O conceito da compensação é geralmente proveitoso porque atua de várias maneiras; em outras palavras, um sonho pode compensar a situação consciente de várias maneiras, da confirmação à oposição. O grau de disparidade entre a situação consciente e a mensagem do sonho depende da quantidade e natureza do desequilíbrio psíquico.

Um exemplo de um sonho confirmando a atitude consciente foi relatado por uma mulher de meia-idade que tinha assumido a direção de algumas atividades organizacionais. Embora tentasse oferecer uma liderança democrática, ela estava preocupada com a possibilidade de estar sendo excessivamente dominadora. Ela sonhou que *a família Kennedy estava promovendo uma venda para arrecadar dinheiro para campanhas políticas. O congressista do distrito da sonhadora e a mulher dele estavam presentes, comprando algumas coisas. A sonhadora estava interessada em joias, mas não comprou nenhuma, embora fossem baratas* (Arquivos de MAM). A sonhadora associou a família Kennedy com a dominância e o poder, e o congressista local com uma liderança firme e preocupação com os direitos e sentimentos dos outros. (Para que o leitor não desconfie de sectarismo, apresso-me em acrescentar que o congressista, assim como a família Kennedy, era democrata.) No sonho, os valores estavam indo da família Kennedy, um grupo voltado para o poder, para o congressista, uma pessoa que exercia o tipo de liderança que a sonhadora gostaria de oferecer. Embora algum dinheiro (energia) fosse para a família Kennedy, os bens valiosos (que valiam mais do que o dinheiro pago por eles) foram para o congressista. O principal significado do sonho pareceu ser a confirmação de que a sonhadora estava despendendo menos energia na dominação do que na liderança democrática; seus esforços estavam basicamente nas mãos do animus benévolo e democrático. (O fato de a sonhadora não ter comprado nenhuma joia pode contribuir para a interpretação, ou pode ser um reflexo do fato de que, na vida desperta, ela não estaria propensa a comprar esses artigos.)

Quando um sonho não comenta uma atitude consciente – especialmente uma decisão – é possível que a atitude seja considerada como confirmada pela psique. Além disso, os sonhos tendem a abordar uma situação somente depois de a mente consciente tomar uma decisão.

Alguns sonhos compensam a atitude consciente do sonhador, apresentando-a de uma forma exagerada. Jung caracterizou esse tipo de sonho como “o semelhante curando o

semelhante” (CW8, par. 489). Um exemplo é o sonho de um rapaz no qual *ele encontrou o ex-patrão, o Sr. T., que descreveu para o sonhador seus problemas de saúde. O sonhador o confortou e depois refletiu que os problemas do Sr. T. eram causados pelo cigarro, e também que ele tinha ossos ociosos* (Arquivos de MAM). O rapaz associou os ossos ociosos ao câncer de osso, que tinha matado um conhecido seu. Ele estava zangado com o Sr. T. por causa de uma controvérsia que surgira entre eles. O sonho compensou a situação consciente de raiva do sonhador com relação ao Sr. T.

apresentando a raiva na forma exagerada de “desejar” que o Sr. T. tivesse câncer. Portanto, o exagero ocorreu quando o sonhador não estava consciente do pleno impacto emocional de uma experiência consciente, e corria o risco de desconsiderar seus sentimentos. Muitos sonhos que produzem ansiedade também funcionam dessa maneira. O sonhador se sente ansioso, mas o sonho reflete uma ansiedade maior do que a que o sonhador percebe.

Alguns sonhos se desviam apenas um pouco da situação consciente, modificando-a apenas levemente. Esses sonhos ocorrem quando a atitude consciente é adequada para lidar com a realidade e está quase consumando a natureza do indivíduo. Um homem sonhou o seguinte: *Eu estava na floresta com a minha mulher. Ela tinha uma espingarda nas mãos. Um lobo atravessou correndo na nossa frente. Tomei a espingarda dela, atirei no animal e errei o tiro* (Arquivos de MAM). O “lobo”, na linguagem popular, um perseguidor de mulheres, representava o anseio do sonhador de flertar mais com as mulheres. Ao tomar a espingarda da esposa e mirar o lobo, ele estava aceitando a atitude dela de que o lobo precisava ser eliminado. Quando ele atirou no animal, contudo, ele errou – talvez deliberadamente. Assim sendo, ao representá-lo ameaçando o animal, porém sem matá-lo, o sonho modificou a atitude inconsciente do sonhador de desejar que o lado do lobo da sua personalidade vivesse.

O sonho adota um ponto de vista que é geralmente oposto à consciência quando a atitude consciente é inadequada ou até mesmo errada, ou quando ela ameaça as necessidades despercebidas do sonhador. Jung narrou um dos seus próprios sonhos que apresentou esse tipo de contraste surpreendente:

*Eu estava caminhando por uma estrada rural que atravessava um vale iluminado pelo sol do final da tarde. À minha direita, sobre um morro elevado, havia um castelo, e na torre mais alta, em uma espécie de balaustrada, uma mulher estava sentada. Para poder enxergá-la adequadamente tive que inclinar tanto a minha cabeça para trás que fiquei com o pescoço duro. Até mesmo no sonho, reconheci que a mulher era minha paciente* (CW7, par. 189).

A mulher do sonho era uma paciente que ele achava uma “cliente esquisita [...]”; a [sua] interpretação dos sonhos dela [não vinha] acertando o alvo” (CW7, par. 189), e suas sessões com ela tinham se tornado cada vez mais monótonas. Como ele precisou olhar de tão longe para enxergá-la no sonho, sua atenção foi atraída para o fato de que ele estivera encarando-a com desprezo na vida desperta.

Quando o contraste entre a situação consciente e a compensação do sonho é acentuado, o conflito entre as duas pode estimular o sonhador a reconsiderar uma

atitude. A questão ao redor da qual o conflito gira, por exemplo, pode ser a autopercepção do sonhador. Se essa autoavaliação for muito baixa, o sonho tenderá a corrigi-la para cima; se a autoavaliação for alta demais, o sonho provavelmente lembrará ao sonhador que algumas qualidades precisam ser melhoradas.

Típico da primeira categoria é o rapaz que sonha *que está saltando com o cavalo sobre um rego cheio d'água, enquanto o resto do grupo cai dentro do rego* (CW18, par. 163). O sonho sugeriu que o rapaz era capaz de fazer mais do que havia tentado. A

segunda categoria é exemplificada por outro sonho do ambicioso professor no qual *ele voltou à sua aldeia natal e ouviu os ex-colegas de escola, camponeses, comentando que ele não os visitava com frequência* (CW18, par. 163). O sonhador no primeiro exemplo foi encorajado por uma performance excepcional; no segundo, o sonhador foi humilhado por uma lembrança das suas origens modestas.

A compensação pode assumir mais de uma forma no mesmo sonho. Jung mencionou um homem modesto e discreto que frequentemente tinha encontros nos sonhos com grandes figuras da história, como Napoleão e Alexandre, o Grande (CW18, par. 509). Por um lado, os sentimentos de inferioridade do sonhador eram refletidos na sua insignificância em comparação com esses homens notáveis e famosos; por outro, os sonhos estavam estabelecendo uma visão exagerada da sua importância pela glória refletida dos seus encontros com pessoas ilustres.

Jung mencionou alguns tipos específicos de mensagens que são transmitidas pela compensação de sonhos. Uma delas é uma descrição crítica de características de personalidade do sonhador que são exageradas e ofensivamente unilaterais. O sonho da mulher que foi *introduzida em um estábulo para encontrar os "amigos"* (CW18, par. 469) é um exemplo disso. A mensagem criticou sua abordagem preconceituosa e despropositada a questões polêmicas.

Outra forma que a compensação pode assumir é a de responder a uma pergunta. A mulher que sonhou com o *congressista comprando joias na venda promovida pela família Kennedy* (Arquivos de MAM) vinha perguntando conscientemente a si mesma se sua liderança não seria dominadora demais. Se a pergunta não foi feita conscientemente, a compensação pode informá-la ao sonhador, por inferência, comunicando também a resposta. Por exemplo, o homem que sonhou que *"suas mãos e antebraços estavam cobertos de sujeira preta"* (CW10, par. 826) talvez estivesse fazendo a si mesmo, inconscientemente, a seguinte pergunta: "Há alguma coisa errada com essa proposta?".

### **Compensação negativa e positiva**

Embora praticamente todos os sonhos sejam compensatórios, alguns compensam negativamente, ou seja, redutivamente; outros, positivamente, ou seja, construtivamente.

Os dois tipos de compensação servem a um propósito<sup>6</sup> ou estão voltados para um objetivo específico, no sentido de que oferecem alguma coisa que o sonhador precisa para o equilíbrio psíquico.

### *Interpretação redutiva*

Durante alguns anos depois do seu rompimento com Freud, Jung continuou a definir a interpretação “redutiva” no sentido literal (e freudiano) de “reconduzir”, ou seja, retroceder as imagens oníricas até os seus “processos elementares de desejar ou se esforçar” (CW6, par. 788). “Redutivo” era igualado a “causal”, mas não no sentido popular de acreditar que uma imagem onírica é causada por uma experiência no estado desperto, como presenciar um acidente de automóvel ou pensar em um velho amigo (Jung se referia a essas experiências como marcas da “continuidade *inversa*” [CW8, par. 444] das imagens oníricas). Mais exatamente, “causal” se refere à descoberta dos eventos desagradáveis ou impulsos reprimidos dos quais as imagens se srncinaram. Para Freud, os impulsos eram sempre sexuais, geralmente de natureza infantil. Para Jung, eles nem sempre eram sexuais; o efeito do sonho era puxar a consciência do sonhador para trás, para a conscientização de quaisquer partes interiores que ele tenha rejeitado – temas infantis e destrutivos, talvez – mas não necessariamente impulsos sexuais.

Mais tarde, Jung passou a encarar a interpretação redutiva como perigosa, já que ela desvaloriza e até mesmo destrói atitudes conscientes. Ele considerou desnecessário o risco de usar essas interpretações, evidentemente porque a interpretação redutiva é não raro inválida, e indesejável porque ela é quase certamente ameaçadora para o ego já instável da pessoa que está fazendo psicoterapia.

Além disso, Jung descobriu que a interpretação redutiva, ao fazer a recondução do caso individual para fatos ou atitudes habitualmente adotadas, tende a incentivar a interação com os símbolos como se eles fossem fixos. Por conseguinte, uma interpretação redutiva pode perder grande parte do valor de uma imagem considerada ao limitar seu significado ao de uma classe de imagens, por exemplo, “símbolos” fálicos.

Ao mesmo tempo, Jung percebeu a importância de devolver à consciência elementos que haviam sido reprimidos devido a sua natureza desagradável, inclusive seguindo as srcens das imagens oníricas até as emoções da infância que ainda estão vivas no sonhador adulto. Ele atingiu seu propósito modificando o significado do termo “redutivo” para “negativamente compensatório”. Portanto, uma interpretação redutiva serve para ajudar o sonhador a se tornar consciente de “ilusões, ficções e atitudes exageradas” (CW17, par. 195) quando o desenvolvimento interior não acompanhou a adaptação e a realização externa. Embora seja preciso tomar cuidado para usá-la somente para modificar a atitude imediata do sonhador e não toda a personalidade, a compensação negativa é uma “operação retardadora” necessária (CW9-I, par. 277)<sup>7</sup> porque associa o sonhador a um lado natural e infantil.

Uma interpretação redutiva foi requerida por um sonho que foi apresentado pelo professor ambicioso:

*[ Ela se encontra em uma pequena aldeia na Suíça. Ele é uma figura de preto muito solene vestida com um longo casaco; carrega debaixo do braço vários livros volumosos. Há um grupo de meninos que ele reconhece como tendo sido seus colegas de turma. Estão olhando para ele e dizem: “Esse camarada não aparece por aqui com frequência” (CW18, par. 163).*

O sonhador procurara Jung porque sofria de vertigem, palpitação, náusea e exaustão. Quando Jung assinalou que esses eram sintomas do mal da montanha, a indisposição causada pelo ar rarefeito das montanhas, que acomete muitos alpinistas, o homem os reconheceu como tal. O sonhador tinha uma procedência camponesa pobre, havia subido rapidamente e esperava subir ainda mais para um cargo prestigioso. O sonho o confrontou com o indesejável fato reprimido de que ele raramente recordava suas cenas e que precisava reconhecer suas limitações. Sem dúvida, foi doloroso para o professor ouvir a interpretação, e esta foi aparentemente destrutiva ao ameaçar sua carreira bem-sucedida. No entanto, ela foi negativamente compensatória em vez de meramente redutiva, já que chamou a atenção dele para uma parte da sua experiência passada que ele precisava levar em conta enquanto buscava alcançar seus objetivos conscientes.

### *Interpretação construtiva*

A principal alternativa para a interpretação redutiva é a construtiva, ou sintética. Ela também responde à pergunta “Por quê?”, mas no sentido de “com que finalidade” ou “para que”? A interpretação construtiva adiciona alguma coisa à atitude consciente do sonhador, fortalecendo e protegendo no sonhador o que é saudável e vale a pena ser preservado, “de maneira a privar os estados mórbidos de qualquer posição segura” (CW17, par. 195). Ela se destina a ser usada quando a atitude consciente é mais ou menos normal, porém capaz de um maior desenvolvimento e refinamento, ou quando as tendências inconscientes, que são capazes de ser desenvolvidas, são mal interpretadas e estão sendo depreciadas pela mente consciente. Por conseguinte, uma interpretação construtiva abre o caminho para “a realização de uma parte da personalidade que [...] ainda está no processo de vir a ser” (CW8, par. 558). Essa realização pode ocorrer se o sonhador se tornar mais receptivo aos recursos inconscientes. Em outras palavras, a interpretação construtiva prepara o caminho para a conciliação de valores contraditórios.

Para ilustrar a abordagem construtiva, Jung aplicou-a aos sonhos do velho general que ele conhecera em um trem:

*Eu estava em um desfile com vários jovens oficiais, e o comandante fazia uma inspeção no nosso grupo. Ele finalmente se aproximou de mim mas em vez de fazer uma pergunta técnica, solicitou uma definição do belo. Tentei em vão encontrar uma resposta satisfatória e me senti terrivelmente envergonhado quando ele se dirigiu ao homem seguinte, um major muito jovem, e fez a ele a mesma pergunta. Esse homem se saiu com uma excelente resposta, exatamente a que eu teria dado se ela ao menos tivesse me ocorrido. Me deu um choque tão grande que eu acordei (CW17, par. 187).*

Jung considerou que o propósito do sonho era adicionar à atitude consciente do general os interesses estéticos que haviam sido negligenciados em vez de reprimidos. Portanto, o sonho é positivamente compensatório ao encorajar o desenvolvimento de um lado insuficientemente enfatizado da personalidade do sonhador; ele estava apontando para uma maneira de abandonar uma existência limitada, “uma possível linha de avanço [que o sonhador] jamais teria considerado [ele próprio]” (CW8, par. 847).

O perigo dessa abordagem é que, se for incorretamente usada, ela pode exagerar nas ilusões. Quando é usada de maneira apropriada, contudo, ela é mais individual do que a redutiva porque capta mais plenamente o significado da imagem particular. Além disso, ela amplia a visão de possibilidades criativas do sonhador, e pode até mesmo preparar o caminho, de acordo com Jung, para a função transcendente.<sup>8</sup>

A escolha da interpretação redutiva ou construtiva de uma imagem onírica particular depende da natureza das informações, do estado do desenvolvimento psíquico do sonhador e da avaliação da interpretação com relação ao que é necessário para o desenvolvimento do sonhador na ocasião. Uma decisão baseada na natureza das informações sugere que somente uma interpretação redutiva *ou* construtiva é possível para um sonho considerado. Frequentemente, contudo, ambas são possíveis, e a decisão com relação a qual delas deve ser usada precisa ser tomada com base na situação psíquica do sonhador. No caso de alguns sonhadores, a ênfase está na interpretação redutiva, pelo menos durante algum tempo, porque o analista e, conseqüentemente, as interpretações dos sonhos precisam começar com “um estudo cuidadoso de eventos e fantasias infantis” (CW18, par. 518). No caso de outros sonhadores, é possível começar com interpretações construtivas ou, como Jung formulou, começar “no topo, mesmo que isso [signifique] planar em uma névoa de especulações metafísicas extremamente improváveis” (CW18, par. 518). Embora reconhecesse os perigos, Jung constatou que essas especulações podem ser requeridas ao seguir os tentos do inconsciente [do sonhador individual] em direção à luz” (CW18, par. 518). De qualquer forma, a escolha entre uma interpretação redutiva e uma construtiva “depende em grande medida da disposição individual do sonhador” (CW18, par. 520).

Em outros casos, o intérprete precisa fazer uma avaliação com relação ao que é necessário para o desenvolvimento do sonhador na ocasião. “Se [o sonhador] estiver obviamente convencido da sua grandeza [...] será fácil mostrar a partir dos elementos associativos como as suas intenções são inapropriadas e infantis, e quanto elas emanam de desejos infantis de ser igual ou superior aos seus pais. No entanto [...] quando um sentimento profundo e abrangente de inutilidade já desvalorizou todos os aspectos positivos [da personalidade do sonhador], mostrar a ele [...] quão infantil ridículo ou até mesmo aberrante ele é seria bastante inadequado” (CW18, par. 514).

Um exemplo é o sonho do rapaz de que *o seu pai estava dirigindo embriagado* (CW16, par. 335). Jung enxergou duas possibilidades para uma interpretação redutiva: a de que o jovem estava projetando o seu próprio comportamento no pai, e que seu relacionamento consciente positivo com o pai se baseava em “resistências excessivamente compensadas” inconscientes (CW16, par. 335). Jung não viu nenhum fundamento para nenhuma dessas duas interpretações. Ele escolheu então uma interpretação construtiva: “o inconsciente do sonhador [...] está tentando humilhar o pai [obrigando] o filho a se comparar com o pai, que é a única maneira pela qual ele poderia se tornar consciente de si mesmo” (CW16, par. 336). Essa interpretação “aparentemente era a correta, já que ela [...] obteve a aprovação espontânea do sonhador, e nenhum valor autêntico foi danificado, nem para o pai nem para o filho” (CW16, par. 337).

Jung escreveu que as imagens arquetípicas não podem ser interpretadas redutivamente, porque elas “são experiências espirituais que resistem a qualquer tentativa de racionalização” (CW17, par. 208). Quando ele fez a declaração, aparentemente estava se referindo aos sonhos arquetípicos que encarava como característicos dos estágios avançados do processo de individuação, como os que ele incluiu em *A Study in the Process of Individuation* (CW9-I). Entretanto, ele aplicou uma interpretação redutiva a alguns sonhos arquetípicos. O sonho do rapaz que *foi picado no calcanhar por uma cobra* (CW8, par. 305) é um exemplo. As amplificações de Jung foram arquetípicas, mas sua interpretação foi a de reduzir o problema imediato do homem – a sua incapacidade de aceitar os seus sentimentos a respeito de levar o fora de uma jovem – ao do apego à mãe.

Como Jung demonstrou, alguns sonhos podem ser interpretados tanto redutiva quanto construtivamente, sem contradição. Com relação a um de seus exemplos, Jung apresentou as duas interpretações, indicando que a construtiva era preferível. Uma mulher solteira sonhou que *alguém lhe deu uma maravilhosa espada antiga, ricamente ornamentada, desenterrada de um túmulo* (CW8, par. 149).

As associações dela foram:

~~O pai dela, em todos os aspectos, certamente fez mal à mãe e ela decidiu, em que lhe parou, em ser mais forte e independente nos casos amorosos. Uma espada de bronze *céltica*, a paciente tem orgulho da sua linhagem céltica. Os celtas são temperamentais, impetuosos e exaltados. A ornamentação tem uma aparência misteriosa, antiga tradição, runas, signos de antiga sabedoria, antigas civilizações, herança da humanidade, retirados do túmulo e trazidos novamente à luz.~~

Jung descreveu a sonhadora:

[A] paciente tem um [...] rico conjunto de fantasias sexuais a respeito do pai, que ela perdeu cedo. Ela sempre se colocou no lugar da mãe, embora com fortes resistências com relação ao pai. Ela nunca foi capaz de aceitar um homem como seu pai e, portanto, escolheu homens fracos e neuróticos contra a sua própria vontade [...]. Até agora, a paciente tem sido o oposto [do seu pai] em todos os aspectos. Ela está bem no ponto de compreender que uma pessoa também pode querer alguma coisa e não precisa apenas ser conduzida como ela sempre acreditou [...] o seu caráter tem sido o de uma criança perpetuamente lamurienta, mal-acostumada, mimada [...] extremamente passiva.

A interpretação redutiva é a seguinte:

[...] O sonho desenterra o desejo da “arma” do pai, [...] apontando para uma fantasia fálica.

A interpretação construtiva é a seguinte:

É como se a paciente precisasse dessa arma. O pai tinha a arma. Ele era dinâmico, vivia pelo mesmo critério, e também assumia a responsabilidade pelas dificuldades inerentes ao seu temperamento [...] Essa arma é uma herança muito antiga da humanidade, que jazia enterrada na paciente e foi trazida à luz por meio da escavação (análise). A arma tem a ver com a percepção intuitiva, com a sabedoria. É um modo de ataque e defesa. A arma do pai era uma vontade exaltada, inflexível, com a qual ele avançou pela vida [...] A vontade baseada no conhecimento da vida e na percepção intuitiva é uma antiga herança da raça humana, que também está nela, mas até agora jazia enterrada (CW8, par. 151).

Se uma escolha tivesse que ser feita, eu optaria com Jung pela interpretação construtiva. Mas as interpretações redutiva e construtiva não parecem ser mutuamente exclusivas neste caso. É inteiramente possível que uma mulher tenha fantasias sexuais (que Jung considerava “impulsos instintivos”) a respeito do pai e, ao mesmo tempo, precise da atitude positiva dele diante da vida. Além disso, se as fantasias sexuais forem consideradas simbolicamente e não como signos, como Jung fortemente recomendava, o desejo “sexual” dela pelo pai poderia ser interpretado como o desejo de incorporar o estilo de vida vigoroso e arrebatado dele. O sonho indicou que essa atitude diante da vida existia nela como uma potencialidade.

#### *Avaliação da distinção redutivo-construtiva*

Alguns dos problemas com a distinção redutivo-construtiva podem ser inferidos da discussão do sonho da mulher sobre *uma espada antiga* (CW8, par. 149). Jung tratava a abordagem redutiva como essencialmente negativa. No entanto, é difícil enxergar como impulsos instintivos podem ser considerados inteiramente negativos, por mais inconvenientes que eles possam ser. Eles são necessários para a totalidade, especialmente para as pessoas excessivamente intelectuais. Em outras palavras, se os impulsos instintivos foram reprimidos, é importante que eles sejam devolvidos à consciência. Olhar para a abordagem redutiva a partir dessa perspectiva faz com que ela se mescle com a construtiva. Por conseguinte, uma mensagem proveitosa para o intérprete de sonhos é que ele tenha o cuidado de não “voar com arquétipos” (e portanto com as interpretações espirituais) nem reduzir a psique apenas a anseios biológicos.

Como tanto a interpretação redutiva quanto a construtiva são compensatórias, a clareza requer um exame de se as duas direções (modos principais) da função compensatória, a confirmação e a oposição, se aplicam tanto à interpretação redutiva quanto à construtiva. Parece evidente que sim. Entre os exemplos apresentados na discussão da compensação, alguns sonhadores são interpretados em cada direção e redutivamente, e outros em cada direção e construtivamente. Por exemplo, o sonho da

mulher sobre *a venda promovida pela família Kennedy* (Arquivos de MAM) foi confirmatório e construtivo, ao passo que o sonho do rapaz que *saltou com o cavalo* (CW18, par. 519) envolvia a oposição e era construtivo. O sonho do homem que *atirou no lobo e errou* (Arquivos de MAM) foi confirmatório e redutivo; o sonho do professor no qual ele *ouviu os ex-colegas de escola dizendo que ele não visitava sua aldeia natal com frequência* (CW18, par. 163) requereu uma interpretação que envolvia a oposição e era redutiva. Assim sendo, as duas direções contrastantes (confirmação e oposição) da compensação se aplicam tanto à interpretação redutiva quanto à construtiva, e um respaldo é dado à declaração de Jung de que as duas interpretações precisam estar disponíveis para que possamos obter uma “concepção completa da natureza dos sonhos” (CW8, par. 473).

### *Correlacionando as alternativas subjetiva e objetiva com as alternativas reductiva e construtiva*

Jung empregava o termo “analítico” como sinônimo de “reductivo”, mas também para descrever a caracterização objetiva. Analogamente, ele usava “sintético” como significando “construtivo”, e para descrever a caracterização subjetiva. A implicação parece ser que uma imagem compreendida objetivamente só pode ser interpretada reductivamente, e uma imagem compreendida subjetivamente requer uma interpretação construtiva. Alguns dos exemplos de Jung demonstram, contudo, que essa generalização não é válida. Uma ocorrência bem definida de uma interpretação reductiva para uma imagem compreendida subjetivamente é o sonho do professor *ouvindo os ex-colegas de escola dizendo que ele não visitava com frequência sua aldeia natal* (CW18, par. 163). Os ex-colegas representavam – subjetivamente – a parte dele que ainda morava na aldeia de sua infância. No entanto, a interpretação também era reductiva, ao lhe levar à memória o fato indesejável da sua humilde origem.

A combinação objetivo-construtiva é exemplificada pelo sonho do rapaz no qual *o pai estava dirigindo embriagado* (CW16, par. 335). O sonho era objetivo porque comentava o relacionamento do sonhador com o pai verdadeiro; era construtivo ao recomendar com insistência que o jovem se conscientizasse de seus próprios recursos.

Essa modificação da teoria de Jung (que as duas interpretações, objetiva e subjetiva, podem estar associadas às interpretações reductiva e construtiva) não deprecia, a meu ver, o valor nem da alternativa reductivo-construtiva nem da objetivo-subjetiva. Mais exatamente, ela as torna mais úteis por reconhecê-las como fatores independentes. Em outras palavras, ela oferece quatro abordagens possíveis, e portanto uma maior flexibilidade, onde apenas duas existiam de acordo com o agrupamento de Jung.

### **Possíveis efeitos terapêuticos da compensação**

A descoberta da compensação em um sonho não é apenas um exercício intelectual; estimula a autorreflexão que leva o sonhador além das preocupações do ego a se comunicar com partes separadas da psique, inclusive os “pensamentos que não foram pensados e os sentimentos que não foram sentidos durante o dia” (CW8, par. 300). A assimilação dos fatos psíquicos revelados no sonho frequentemente resulta na cura; em outras palavras, o sonhador passa por uma mudança de atitude, como vir a compreender a razão de uma emoção particular, ou aceitar a escuridão interior. Embora o efeito de um sonho isolado possa não ser dramático, o efeito cumulativo dos sonhos compensatórios é “um novo nível de consciência” (CW11, par. 779). Seguem-se categorias e exemplos de alguns dos possíveis efeitos terapêuticos da compensação dos sonhos.

### *Entendendo a base das emoções*

Uma jovem mulher casada veio a compreender a razão de uma emoção particular em decorrência da interpretação do seguinte sonho: *“Eu me casei com D. em uma cerimônia de casamento. Depois, ele se recusou a ser o meu marido. Ele se recusou a morar comigo”* (Arquivos de MAM). D. era um homem mais jovem a respeito de quem a sonhadora tinha tido fantasias sexuais que ela sentia serem inapropriadas, de modo que as empurrara para fora de sua mente. D. nunca prestara muita atenção a ela. Ela passara a noite antes do sonho com um grupo de amigos, entre eles D., e ele não fizera caso dela. Ela deu consigo em uma disposição de ânimo zangada no dia seguinte ao sonho. O sonho poderia ser encarado como uma explicação da sua raiva, como uma reação ao fato de D. não ter dado atenção a ela, e como uma projeção de sua rejeição das fantasias sexuais que ela alimentara a respeito dele. Para essa sonhadora, que tinha fortes e frequentes emoções negativas – algumas eram inexplicáveis para ela, e outras ela atribuía às ações do marido ou dos filhos – era terapêutico ser confrontada com a parte desempenhada por suas próprias expectativas.

### *Mudança de atitude*

Uma mudança de atitude em dois níveis foi o efeito do sonho de outra mulher jovem:

*Dirigindo um trator ou uma escavadeira, H. se aproxima de mim. Ele pergunta se eu conheço a marcha Número 7. Eu digo que conheço, que é a marcha a ré. Ele apresenta então uma longa explicação técnica a respeito dela. Não estou interessada na sua explicação. Para mim, basta que eu saiba o que é a marcha Número 7 e como ela se comporta* (Arquivos de MAM).

Tanto a sonhadora quanto H., um colega, trabalhavam com assuntos técnicos. O sonho fez com que a jovem percebesse que vinha demonstrando pouco interesse pela tecnologia por trás do seu trabalho. Depois de discutir o sonho na sessão analítica, ela ficou mais interessada nas explicações técnicas e também nas suas motivações, que puderam ser compreendidas como a “tecnologia” por trás das ações.

### *Aceitando o “outro” em si mesmo*

A necessidade da psicoterapia não raro é vivenciada como depressão, que pode surgir, desaparecer e aparecer de novo, inexplicavelmente. Muitos analistas junguianos constataam que a depressão frequentemente é causada pela negação de aspectos inaceitáveis da personalidade do sonhador. Esses aspectos, quando enfrentados conscientemente, como pode acontecer por meio da análise dos sonhos, produzem dor na ocasião em que isso acontece, mas a depressão crônica tende a desaparecer.

A parte menos aceitável da pessoa pode aparecer como um “outro”, talvez desconhecido, entre as figuras oníricas. Uma jovem do tipo pensamento, altamente intelectual, sonhou que *um amigo encontrou uma jovem com uma mentalidade fraca no mato e golpeou-a com um machado* (Arquivos de MAM). O amigo era um tipo

sentimento. O sonho indicou que a função inferior da sonhadora fora violentamente destrutiva para com a parte não desenvolvida do seu intelecto. À medida que a análise prosseguiu, a sonhadora passou a aceitar cada vez mais tanto o seu lado sentimento quanto sua falta de desenvolvimento em certas áreas intelectuais.

A finalidade da compensação do sonho nem sempre é “moral”; em outras palavras, ela nem sempre incentiva o sonhador a se comportar melhor. Às vezes, ela torna o sonhador consciente de uma tendência “imoral”. O homem cuja mulher o entediava e que estava tendo dificuldade em reconhecer seus impulsos eróticos era uma pessoa assim (D8). Essa conscientização pode levar uma pessoa extremamente virtuosa a praticar ações que ela rejeitara anteriormente.

Em outros casos, um lado moral reprimido vem à consciência, como no caso do rapaz que sonhou que *pegara uma maçã*(D4); ele se conscientizou da culpa que sentiu com relação ao seu caso amoroso com uma criada.

### *A eficácia da compensação sem a interpretação dos sonhos*

Às vezes, a compensação pode ser eficaz, mesmo que o sonho não seja compreendido. Um exemplo de um sonho que teve uma função compensatória antes de ser interpretado foi o de Barbara, uma mulher de quarenta anos:

*Eu estava observando um xerife atirar com uma pistola. Olhei para as árvores e avistei muitos esquilos mortos. Eles tinham buracos no abdômen e eu pude ver sementes de girassol se projetando para fora. Eu me perguntei se eles teriam explodido e morrido por estar cheios demais de sementes de girassol. Eu me senti realmente mal por eles estarem mortos; eu amava os esquilos. Fui dominada pelo horrível sentimento de que o xerife atirara nos esquilos e os matara. Senti repulsa por tudo aquilo, e pensei que, afinal de contas, a barriga deles não tinha explodido por estar cheia de sementes de girassol. Ele foi muito frio e prosaico a respeito de tudo(Arquivos de MAM).*

A mãe de Barbara a estava visitando. Tinha a tendência de ser pouco entusiástica, e até mesmo crítica, com relação às diversas atividades educacionais da filha: um curso de espanhol, aulas de piano e de ioga. Antes do sonho, Barbara reagiu às atitudes da mãe com uma frieza que ela não apreciou em si mesma. Depois do sonho, ela começou a sentir que estava menos zangada com as críticas da mãe e foi até mesmo capaz de expressar alguma ternura por ela.

Alguns dias depois, o sonho foi interpretado na sessão analítica. Barbara associou os esquilos com aqueles que ela estava acostumada a ver diariamente nas árvores pela janela da cozinha. Ela os via como brincalhões, cheios de vida, “felizes por ser esquilos”. Ela descreveu como eles corriam até a ponta de um galho e como guinchavam quando ele se curvava, dando a impressão de estar brincando de pique. Ela associou o xerife no sonho ao xerife da sua localidade, que ela considerava frio, condenatório e sarcástico, especialmente quando lidava com os jovens. As sementes de girassol, quando torradas e salgadas, eram degustadas como tira-gosto por seus filhos. O sonho foi interpretado como indicando que seu lado brincalhão não estava se matando devido ao abuso de

guloseimas, mas sim que a frieza dentro dela estava matando o lado brincalhão. O impacto emocional do sonho, talvez por uma espécie de compreensão subliminar mesmo antes de o sonho ser interpretado, possibilitou que ela modificasse a atitude com relação à mãe. Apesar da possibilidade de um sonho compensar sem ser interpretado, Jung considerava a compensação ainda mais eficaz quando o sonho é compreendido por meio de uma interpretação válida.

### *O processo de individuação*

O processo de individuação, de acordo com Jung, depende da assimilação de conteúdos inconscientes que se tornam acessíveis por intermédio dos sonhos. Ao prestar atenção às imagens oníricas, que expressam os níveis mais profundos da psique, o sonhador “pode ser reconduzido à lei natural do seu próprio ser” (CW16, par. 351). Assim sendo, a importância terapêutica dos sonhos no dia a dia, com seus sucessivos atos de compensação, dá lugar a um processo de desenvolvimento na personalidade. O terapeuta pode observar “em tratamentos longos e difíceis [que incluem] uma série de sonhos que atingem, com frequência, várias centenas, [...] [que o que parecem ser ajustes momentâneos de unilateralidade] parecem se conectar e [...] se subordinar a uma meta comum, [...] esse processo inconsciente que se expressa espontaneamente no simbolismo de uma longa série de sonhos [é] o processo de individuação” (CW8, par. 550). Uma série de sonhos que reflete esse processo de desenvolvimento é encontrada em *Psychology and Alchemy*(CW12).

Cada etapa do processo de individuação começa com um conflito psíquico que, geralmente, se baseia na resistência da atitude consciente à intrusão de pensamentos e sentimentos incompatíveis do inconsciente. A psique é estimulada pelo conflito a criar uma solução satisfatória na forma de uma nova atitude que seja capaz de lidar com os opostos, como a luz e a escuridão. Com o tempo, é alcançada uma situação de vida subsequente na qual a solução assim produzida é inadequada, e um novo conflito se desenvolve, provocando uma nova reação compensatória do inconsciente, iniciando assim a etapa seguinte no processo de individuação.

### **Problemas com a compensação**

Embora a função compensatória dos sonhos atue em geral na direção de uma maior totalidade psíquica, ela nem sempre é benévola. Por exemplo, quando uma pessoa parece estar se encaminhando para uma decisão ou ação que ameaça ter resultados destrutivos, até mesmo o suicídio, o sonho pode não refrear o sonhador; ele pode até mesmo conduzir mais a pessoa na direção destrutiva. Jung acreditava que essa eventualidade é compensatória porque mostra ao sonhador todos os aspectos da psique; ele baseava essa convicção na alegação de que “aparentemente é mais importante para a natureza que a

pessoa deva ter consciência e entendimento do que evitar o sofrimento” (Z10, p. 71).

Ao mesmo tempo, é aconselhável examinar duas vezes o que está sendo ameaçado de destruição. Pode ser uma coisa “irremediavelmente ineficiente ou nociva” (CW14, par. 149); a destruição dela é uma reação compensatória. O sonho *do assassinato de Alice* (Arquivos de MAM) poderia ter sido interpretado como revelando a raiva assassina da sonhadora, ou como um impulso saudável de eliminar alguma coisa que fora destrutiva para ela a vida inteira. Essa interpretação era obviamente preferível. Além disso, alguns sonhos aparentemente destrutivos, perdem seu aspecto perigoso quando o sonhador assume uma atitude receptiva diante do inconsciente.

O valor da função compensatória dos sonhos pode ser perdido quando a atitude consciente é “negativa, crítica, hostil ou depreciativa” (CW10, par. 33). A perda pode ocorrer por meio da incompreensibilidade das imagens oníricas ou da incapacidade da pessoa de recordar os sonhos. Ela pode ocorrer por meio de pesadelos, que o sonhador evita lembrar ou ponderar, ou quando o sonhador experimenta os sonhos como ameaçadores, a ponto de não conseguir dormir. Além disso, até mesmo “os sonhos mais belos e impressionantes frequentemente não causam um efeito duradouro ou transformador no sonhador” (CW9-I, par. 211), por razões desconhecidas.

Às vezes, um sonho deixa de funcionar de uma maneira compensatória; essa falha é um sinal de perigo. O sonho do alpinista que *experimentou êxtase quando foi subindo cada vez mais e pisou no espaço vazio* (D1) é um exemplo de um sonho sem uma função compensatória. (Este foi um sonho antecipatório; consulte o Cap. 12.)<sup>9</sup> O sentimento de êxtase no sonho não forneceu uma verdadeira imagem da catástrofe que poderia se seguir à ação e deixou o sonhador sujeito a levar a cabo sua autodestruição.

Esses exemplos extremos provavelmente só ocorrem raras vezes, mas Jung constatou que ele teve muitos casos de sonhos que “exibiam sinais de uma tendência para a autodestruição com semanas de antecedência” (CW7, par. 194). Jung descobriu que “Se a advertência do sonho não receber a devida atenção, verdadeiros acidentes poderão acontecer” (CW18, par. 471).

Em outros sonhos, a ausência de uma solução para uma catástrofe óbvia poderá indicar uma falha de compreensão. Um exemplo é o sonho de infância relatado sobre *Pai da criança em uma cratera pedindo ajuda* (CD38, p. 80).

A ação compensatória dos sonhos também pode ser perdida quando a mente consciente está enfatizando em excesso a importância do inconsciente. Jung advertiu que “O reconhecimento do inconsciente não é uma experiência bolchevista que coloca os mais baixos no topo, restabelecendo, portanto, a própria situação que pretendia corrigir” (CW16, par. 338). Nessa “experiência bolchevista”, o conteúdo recém-reprimido reapareceria como uma compensação inconsciente. O que é ainda pior, se o inconsciente for tratado como superior à consciência, “deveríamos então ser rebaixados ao nível mental de cartomantes e seríamos obrigados a aceitar toda a futilidade da superstição, ou então, seguindo a opinião vulgar, negar que os sonhos tenham qualquer valor” (CW7, par. 489).

Portanto, os valores da personalidade consciente precisam permanecer intactos para

que a compensação inconsciente seja eficaz. “A assimilação nunca é uma questão de ‘isto *ou* aquilo’, mas sempre de ‘isto *e* aquilo’” (CW16, par. 338), escreveu Jung. Os valores conscientes precisam ser mantidos, especialmente quando a compensação do sonho é considerada na tomada de decisões. Se a mente consciente não “[cumprir] as suas tarefas até o limite” (CW8, par. 568), o inconsciente será sobrestimado e o poder da decisão consciente ficará prejudicado.

### **Testando a teoria da compensação**

Dados experimentais que respaldam a função compensatória dos sonhos foram reunidos por Bash (1952). Em seu estudo, a Lâmina IX do teste de manchas de tinta de Rorschach foi exposta duzentas vezes a cada voluntário. Em uma sala escura, a lâmina era iluminada durante cinco segundos, depois do que uma resposta era solicitada. “Certos voluntários davam respostas ricas em fantasia, conexas e de natureza onírica, que eles próprios, com frequência, comparavam espontaneamente com sonhos.” Quando essas respostas eram comparadas com as respostas dos mesmos voluntários depois que eles faziam o teste em condições comuns, “na grande maioria dos casos, uma inversão do tipo de experiência havia ocorrido durante o episódio semelhante ao sonho” (p. 295); em outras palavras, os extrovertidos davam respostas introvertidas e vice-versa. Bash considerou essas constatações como uma confirmação da tese de Jung de que a atitude do inconsciente é compensatória à da mente consciente.

Dallett (1973) examinou o grau em que os sonhos compensam a incapacidade de uma pessoa de satisfazer uma importante necessidade psicológica, como a estimulação sensorial ou a interação social. Os resultados que ela obteve só foram claramente positivos em casos selecionados, e ela concluiu que “o que é compensado pode ser em parte a fraqueza do sonhador com relação a um ambiente particular, se esse ambiente for proeminente para ele” (p. 4).

Como muitos consideram a teoria da compensação o cerne da abordagem de Jung à interpretação dos sonhos, parece-me que ela deve receber o máximo de atenção na explicação, ilustração, demonstração clínica e testagem por meio de estudos empíricos adicionais. Na realidade, trabalhos relevantes têm sido realizados por pesquisadores de sonhos fora da escola junguiana. Alguns dos trabalhos quantitativos mais cuidadosos sobre sonhos foram feitos por Hall e seus colaboradores, usando o método da análise do conteúdo. Sua pesquisa levou-os a acreditar que os sonhos refletem a personalidade no estado desperto. Por exemplo:

Se uma pessoa tem muitos sonhos nos quais está discutindo ou brigando com outras, concluiríamos que ela é uma pessoa agressiva na vida desperta. Geralmente, este é o caso. A agressão nos sonhos tende a refletir a agressão na vida desperta. Às vezes, contudo, a agressividade na vida desperta não se manifesta em um comportamento observável, expressando-se na fantasia e nos pensamentos privativos [...] Nestes casos, poderíamos concluir que os sonhos estavam compensando o que a pessoa carecia na vida desperta. Na realidade, contudo, essa aparente falta de correlação ou correlação inversa entre a maneira como uma pessoa

age nos sonhos e o modo como ela age na vida desperta é rara (Bell e Hall, 1971, p. 122).

A conclusão dos autores de que os sonhos raramente “compensam uma carência da pessoa na vida desperta” poderia ser considerada um desmentido da teoria da compensação. Parece-me, contudo, que Bell e Hall não estavam contestando todo o conceito da função compensatória dos sonhos e sim limitando-o a um único aspecto. É inteiramente compatível com a teoria de Jung formular a hipótese de que muitos sonhos refletem o comportamento do sonhador no estado desperto. Na realidade, no início da sua carreira, ele escreveu que “o sonho é [...] uma imagem subliminar da efetiva situação psicológica do indivíduo, no seu estado desperto” (CW4, par. 552). Embora suas declarações posteriores, citadas no início deste capítulo, enfatizem a função do sonho de refletir conteúdos inconscientes, a distinção pode ser menos acentuada do que poderia parecer. O comportamento no estado desperto nem sempre é consciente. Uma pessoa pode agir de uma maneira muito agressiva, por exemplo, mas experimentar subjetivamente esse comportamento como uma defesa necessária contra ataques injustificáveis. Além disso, a pessoa pode ter consciência de certos comportamentos, mas não ter consciência das motivações que a levam a se comportar dessa maneira. Por exemplo, a atividade em uma causa política pode estar, até onde a pessoa sabe, dedicada a ajudar a humanidade sofredora. No entanto, um forte desejo de poder pode estar misturado a essa motivação. O sonho poderia compensar a consciência, chamando atenção para a motivação inconsciente do comportamento.

É evidente que é muito difícil testar a teoria da compensação. Hall e seus colaboradores, bem como Bash, iniciaram alguma coisa, mas para testar completamente a hipótese de Jung será necessário o refinamento da metodologia de pesquisa e, talvez, da teoria.

<sup>1</sup> A rigor, a expressão correta é “a função compensatória dos sonhos”. Assim como Jung, contudo, sigo a prática de usar o termo mais breve e manejável, “compensação”.

<sup>2</sup> Jung às vezes empregava os dois termos de forma sinônima, embora geralmente ele fizesse uma distinção entre eles. Além disso, ele definia a compensação como um “refinamento psicológico” (CW8, par. 545n) ou alargamento da complementação. Tanto que, certa vez, ele usou “complementar” como significando o oposto da atitude consciente: “Quanto mais unilateral é a situação consciente, mais a compensação assume um caráter *complementar*. Exemplos óbvios disso podem ser encontrados em pessoas que ingenuamente enganam a si mesmas ou que se agarram a alguma crença fanática. Como sabemos, cenas extremamente chocantes de tentação são representadas nos sonhos dos ascetas” (CW18, par. 1487).

<sup>3</sup> Uma interpretação compensatória do sonho também poderia ser possível se fôssemos capazes de examinar todo o conteúdo do sonho.

<sup>4</sup> Jung usava às vezes o termo “equilíbrio psíquico” e às vezes “totalidade” para caracterizar o resultado da compensação dos sonhos. Ele parecia partir do princípio de que cada sonho compensatório sucessivo corrigia um pouco mais o equilíbrio psíquico do sonhador e o conduzia para mais perto da totalidade.

<sup>5</sup> Jung atribuía o estresse e o desequilíbrio psíquico resultante à influência da civilização (CW9-11, par. 40), porém pesquisas antropológicas posteriores ao trabalho de Jung mostram que os povos pré-letrados também sofrem desequilíbrios psíquicos.

6 Jung às vezes usava “voltado para um objetivo final” sinonimicamente a “servir a um propósito”, mas ele distinguia “final” da teleologia filosófica, que fora rejeitada pela ciência natural da sua época, acrescentando: “Ao mencionar finalidade, estou me referindo apenas ao esforço psicológico imanente de alcançar uma meta” (CW8, par. 456).

A questão com a qual Jung se debatia, como está refletido na sua declaração, não é mais um problema tão grande. Embora a “causa final” de Aristóteles provavelmente ainda seja inaceitável para a maioria dos cientistas, o comportamento propositado dos seres humanos, dos animais inferiores a até mesmo das máquinas é um fato geralmente aceito. Como A. Rapaport (1959) explicou, por exemplo, a própria existência de servomecanismos corrobora a afirmação de que o comportamento, inclusive o comportamento propositado, dos organismos, “pode ser explicado em função de leis físicas conhecidas” (p. 1744).

7 Jung não rotulou o trecho da “operação retardadora” como sendo aplicável à interpretação redutiva, mas o conteúdo deixa a conexão clara.

8 No ensaio “The Transcendent Function” (CW8, par. 131-193), Jung declarou uma preferência por fontes não oníricas de elementos inconscientes porque ele as considerava mais proveitosas do que os sonhos no desenvolvimento da função transcendente: “ideias ‘súbitas’, deslizos, simulações e lapsos de memória, ações sintomáticas [e] fantasias espontâneas” (CW8, par. 154-155), bem como o processo que posteriormente ele chamou de “imaginação ativa”. Quando esse ensaio foi escrito em 1916, Jung considerava os sonhos “inadequados ou difíceis de ser usados no desenvolvimento da função transcendente, porque eles fazem exigências grandes demais ao sujeito” (CW8, par. 153). Não obstante, Jung descobriu posteriormente, cada vez mais, que a função transcendente está ativa nos sonhos. Ele a discutiu especificamente, contudo, somente em relação às interpretações de sonhos construtivas. No meu ponto de vista, uma interpretação redutiva também poderia preparar o caminho para a função transcendente ao tornar consciente o conflito entre a sombra reprimida e os valores conscientes.

9 Admite-se, de um modo geral, que uma interpretação antecipatória (prospectiva) seja “melhor” do que uma interpretação compensatória. Esse sonho refuta essa suposição: ele não chega a cumprir uma função compensatória e tem um significado negativo, mas cumpre uma função prospectiva.

## SONHOS NÃO COMPENSATÓRIOS

Embora a preponderância de sonhos seja compensatória, alguns não são. Os sonhos não compensatórios podem ser classificados como prospectivos, traumáticos, extrassensoriais ou proféticos.<sup>1</sup>

### Sonhos prospectivos

Provavelmente, os sonhos não compensatórios mais numerosos são os prospectivos,<sup>2</sup> ou antecipatórios. Eles podem ser distinguidos dos sonhos compensatórios pela situação em que ocorrem, bem como por sua função psíquica. O sonho compensatório ocorre quando “a atitude consciente é mais ou menos adequada” (CW8, par. 494); ele indica o que é necessário para a totalidade. O sonho prospectivo ocorre quando a atitude consciente é “obviamente insatisfatória” (CW8, par. 494); ele mostra como o desenvolvimento necessário poderia acontecer<sup>3</sup> ou as consequências de a pessoa prosseguir no rumo atual.

Uma interpretação prospectiva é apropriada quando a atitude consciente é altamente insatisfatória e o inconsciente produz um sonho que é mais do que compensatório. Esse sonho impele o sonhador em direção a uma adaptação, interna e externamente, no seu “verdadeiro nível” (CW8, par. 495). Jung constatou que esses sonhos eram relativamente raros, mas quando ocorriam, quase sempre eram eficazes para mudar a atitude do sonhador.

O sonho prospectivo pode ser comparado a um exercício, esboço ou plano preliminar que é traçado de antemão.<sup>4</sup> Ele pode delinear a solução de um conflito singularmente difícil ou pode preparar o sonhador para uma futura atitude que poderá só ser reconhecida semanas ou até meses depois do sonho. O significado do sonho pode ser positivo ou negativo e, ocasionalmente, ele pode prenunciar uma situação afortunada ou uma catástrofe específica. A função prospectiva dos sonhos “recebe a aprovação do *consensus gentium*, já que nas superstições de todos os tempos e raças o sonho sempre foi encarado como um oráculo verídico” (CW8, par. 491).

Os fenômenos naturais, contudo, fornecem a base para a função prospectiva ou antecipatória dos sonhos. Jung constatou que “Os sonhos anunciam certas situações, advertindo ou preparando o sonhador para elas muito antes que efetivamente aconteçam. Isso não é necessariamente um milagre ou precognição. Quase todas as crises [...] têm um longo período de incubação [no inconsciente]” (CW18, par. 473). Por conseguinte,

um sonho prospectivo “resulta da fusão de percepções, pensamentos e sentimentos [...] subliminares” (CW8, par. 493).

Como exemplos da função prospectiva dos sonhos, Jung citou três sonhos de uma jovem que o procurou depois de ter tentado se tratar com outros dois analistas. No início do tratamento com cada um dos analistas, ela teve um sonho. Eis como Jung relatou os três sonhos:

*Preciso cruzar a fronteira para outro país, mas não consigo encontrar o local da alfândega aonde devo ir para declarar o que carrego comigo, e ninguém consegue me dizer onde está esse lugar.* (Esse sonho fez com que ela sentisse que nunca seria capaz de ter uma relação adequada com o analista; entretanto, como ela tinha sentimentos de inferioridade e não confiava em seu discernimento, permaneceu com ele [...] durante dois meses, embora o tratamento se revelasse malsucedido.) Procurou, então, outro analista. Uma vez mais ela sonhou: *Preciso atravessar a fronteira, mas a noite está muito escura e não consigo encontrar a alfândega. Depois de muito procurar, avisto uma luz minúscula à distância. Alguém me diz que é lá que fica a alfândega. Mas para chegar lá, tenho que passar através de um vale e de uma floresta sombria, onde eu me perco. Estou com medo de continuar, mas mesmo assim prossigo, e depois reparo que há alguém do meu lado. De repente, ele se agarra a mim na escuridão como um louco. Tento me soltar, mas a pessoa se agarra ainda mais a mim e, de repente, descubro que é o meu analista.*

Esse tratamento também foi interrompido depois de algumas semanas porque o analista, inconscientemente, se identificou com a paciente, e o resultado foi uma completa perda de orientação de ambos os lados.

O terceiro sonho teve lugar quando ela estava se tratando comigo: *Preciso cruzar a fronteira suíça. É de dia e consigo enxergar a alfândega. Atravesso a fronteira e entro na alfândega, onde se encontra um funcionário da alfândega suíça. Ele deixa a mulher que estava na minha frente passar; e aí chega a minha vez. Tenho apenas uma mala de mão comigo e acho que nada tenho a declarar. Mas o funcionário olha para mim e pergunta: “O que você tem na mala?” Respondo: “Oh, nada demais”, e abro-a. Ele introduz a mão na mala e, para minha grande surpresa, puxa para fora uma coisa que vai crescendo cada vez mais, até que se torna duas camas completas.* O problema da jovem era que ela tinha uma resistência ao casamento; ela estava noiva e se recusava a se casar por certas razões, e aquelas camas eram as do casamento. Extraí esse complexo dela e fiz com que ela compreendesse o problema; logo depois, ela se casou (Combinação de relatos editados em CW16, par. 307-312, par. 346-348).

Os dois primeiros sonhos “previram as dificuldades que ela teria com os médicos em questão” (CW16, par. 311), baseados nas percepções subliminares dela a respeito dos terapeutas; o terceiro previu tanto um tratamento mais frutífero quanto o problema

específico com o qual ela teria que lidar<sup>5</sup>

É mais provável que a situação antevista pelo sonho relate um estado interior do sonhador do que um evento externo. Jung usou o exemplo da morte próxima. É improvável que o sonho preveja a morte, mas ele poderá comentar a atitude potencial do sonhador com relação à morte e assuntos correlatos, como a possibilidade da imortalidade.

Independentemente do conteúdo específico, Jung descobriu que os sonhos prospectivos personificam o fato de que “tudo o que virá a existir acontece como consequência do que existiu” (CW9-1, par. 499). “O inconsciente é capaz [...] de manifestar uma inteligência e determinação superiores ao discernimento da consciência efetiva [...] este é um fenômeno religioso básico [às vezes] observado [...] em uma pessoa cuja atitude mental consciente [parece] não se inclinar nem um pouco a produzir

fenômenos religiosos” (CW11, par. 63).

Os sonhos prospectivos podem parecer proféticos, como pressupõem muitas pessoas, no sentido de vaticinar eventos futuros específicos, mas os sonhos são tão proféticos quanto “um diagnóstico médico ou uma precisão do tempo. Eles são meramente uma combinação antecipatória de probabilidades que podem coincidir com o comportamento efetivo das coisas, mas não precisam [...] se harmonizar em todos os detalhes” (CW8, par. 493). (Jung classifica esses sonhos, como o do alpinista que traduziu em ação o seu sonho, como antecipatórios em vez de proféticos, evidentemente porque a ação resulta do mesmo estado psíquico que produziu o sonho.)

A função prospectiva dos sonhos é um conceito muito interessante, mas que envolve perigos correspondentes. Jung associou a função tanto com a criatividade quanto com a individuação, e às vezes indicava que um sonho prospectivo só prenuncia acontecimentos positivos. Os exemplos que ele deu, contudo, como os dois primeiros sonhos de *cruzar a fronteira* (CW16, par. 307-308); CW18, par. 346-347), demonstram a incompletude dessa perspectiva. Embora alguns sonhos prospectivos forneçam soluções, outros anteveem ocorrências negativas, até mesmo catastróficas.

Jung não apresentou critérios adequados para a escolha de uma interpretação de sonho prospectiva em vez de compensatória. A partir das escolhas que ele fazia, contudo, podemos inferir que a interpretação prospectiva só é admissível quando a compensatória não parece válida. Mesmo então, o intérprete precisa permanecer aberto à possibilidade de ele simplesmente não ter encontrado a interpretação compensatória adequada. Por conseguinte, Jung advertiu contra o emprego excessivo de interpretações prospectivas, “porque poderíamos facilmente ser levados a supor que o sonho é uma espécie de psicopompo que, devido ao seu conhecimento superior, conduz infalivelmente a vida na direção correta” (CW8, par. 494). Descobri, além disso, que uma interpretação prospectiva pode conduzir a uma noção inflada das possibilidades do sonhador, seja de uma maneira positiva ou negativa. Por essa razão, tendo a avançar com cautela nessas interpretações. Não obstante, a ocorrência de um sonho prospectivo é imprevisível. Seja qual for o sonho, ele precisa ser corretamente interpretado, caso contrário o processo de individuação poderá ser frustrado.

### **Sonhos traumáticos**

O sonho reativo ou traumático é aquele que recorda uma situação que ameaçou a vida do sonhador, como uma guerra ou catástrofe natural, ou ainda que reflete uma condição física patológica, como uma dor intensa. Esse tipo de sonho é sempre recorrente. Ele não é compensatório porque não está relacionado com a situação consciente do sonhador (a não ser pela preocupação com a experiência traumática), e “a assimilação consciente do fragmento [da psique] reproduzido pelo sonho não [...] acaba com a perturbação que determinou o sonho” (CW8, par. 500).

Nem todos os sonhos recorrentes que repetem experiências carregadas com afeto são

traumáticos. Para que um sonho se qualifique como traumático, seu significado precisa residir exclusivamente na revivência de uma experiência efetiva. Se um sonho se qualifica ou não dessa maneira é determinado por eventos subsequentes à interpretação. Os sonhos não traumáticos deixam de ocorrer tão logo são interpretados corretamente. Os verdadeiros sonhos traumáticos permanecem imperturbados pela análise; continuam a se repetir até que o impacto emocional do trauma tenha diminuído o suficiente.

De acordo com Jung, os psiquiatras militares na Primeira Guerra Mundial tinham uma conscientização intuitiva da natureza não compensatória dos sonhos das cenas de guerra. Eles observavam que, por vida de regra, “Os soldados que estão no campo de batalha sonham muito mais com a sua terra natal do que com a guerra. Os psiquiatras militares consideravam um princípio básico que um homem deveria ser retirado da linha de frente quando começava a sonhar demais com cenas de guerra, pois isso significava que ele não possuía mais defesas psíquicas contra as impressões vindas de fora” (MDR, p. 273).

### Sonhos extrassensoriais

Um terceiro tipo de sonho não compensatório reflete percepções extrassensoriais. Jung mencionou dois tipos: o telepático e o precognitivo. O sonho telepático frequentemente também encerra um significado compensatório, e a significação telepática pode não ser reconhecida na ocasião em que o sonho é analisado. Pode ser discernida somente quando o evento refletido pelo sonho se torna conhecido pelo sonhador. Além disso, a significação telepática só é encontrada no conteúdo manifesto, ou seja, o contexto é desconsiderado. Embora o sonho telepático frequentemente lide com um evento importante como uma morte, ele pode vaticinar uma coisa irrelevante como a chegada de uma carta sem importância. Jung encarava os sonhos telepáticos como sendo baseados em algo inacessível para o nosso atual nível de conhecimento e não como sobrenatural.<sup>6</sup>

Ele citou o exemplo de um sonho no qual o sonhador

*Viu e vivenciou [...] a morte repentina de um amigo, com todos os detalhes característicos. O sonhador estava na Europa na ocasião, e o amigo, nos Estados Unidos. A morte foi confirmada na manhã seguinte por telegrama, e dez dias depois uma carta comprovou os detalhes. A comparação da hora europeia com a americana mostrou que a morte ocorrera pelo menos uma hora antes do sonho. Experiências desse tipo frequentemente têm lugar um pouco antes ou depois do evento crítico (CW8, par. 852).*

Jung, contudo, não aceitava aparentemente os sonhos telepáticos no seu sentido literal de “ação à distância” (CW8, par. 503); ele insistia em que eles deveriam ser investigados em busca de outras possíveis explicações. Ele mencionou as possibilidades de criptomnésia (memória oculta, que foi definida por Masserman [1946, p. 271] como a “recordação de eventos não reconhecidos pelo sujeito como parte da sua experiência efetiva”), “processos psíquicos paralelos” ou “concordância de associações” (CW8, par. 503). Evidentemente Jung considerava sinônimos os dois últimos termos, designando

uma tendência entre pessoas com uma estreita ligação psíquica, como uma família, para produzir imagens e outros conteúdos mentais semelhantes, ou paramnésia (definida no Random House Dictionary como “distorção da memória na qual o fato e a fantasia são confundidos”). A experiência um tanto comum do “déjà vu” pode estar baseada em uma imagem de sonho anterior, talvez com uma srcem telepática.

Existe algum respaldo experimental para a hipótese de Jung da influência telepática sobre os sonhos. Ullman, Krippner e Vaughan (1973) citaram numerosas experiências nas quais as imagens oníricas eram influenciadas por meio da telepatia, como indicado por um nível estatístico bem superior ao acaso. Por exemplo, “o alvo visado pelo [experimentador] era a representação de um mosaico colorido. A cor violeta, proeminente na representação, apareceu em algumas [imagens]” (p. 88).<sup>7</sup> No entanto, os sonhos experimentais eram menos claramente influenciados pela telepatia do que aqueles mencionados por Jung como telepáticos, como o sonho da morte do amigo.

### Sonhos proféticos

A precognição, outra forma de percepção extrassensorial, é a base dos sonhos “proféticos”, o quarto tipo de sonho não compensatório. Eles vaticinam, com detalhes precisos, eventos futuros (além do dia seguinte) que são importantes para outras pessoas além do sonhador. Embora a opinião popular diga que muitos sonhos são proféticos, Jung constatou que estes são raros e citou apenas um exemplo que ele rotulou como profético, ou seja, precognitivo.<sup>8</sup> O sonho não pode ser considerado telepático porque satisfaz claramente as especificações de Jung para a profecia, embora ele não tenha especificado se e como a importância do sonho era mais do que pessoal.

Lembro-me da história de um estudante amigo meu cujo pai lhe havia prometido uma viagem para a Espanha se ele passasse satisfatoriamente no exame final. Depois disso, meu amigo sonhou que *estava caminhando por uma cidade espanhola. A rua ia dar em uma praça, onde havia uma catedral gótica. Ele então virou à direita, em uma esquina, e entrou em outra rua. Nesta, ele se deparou com uma elegante carruagem com dois cavalos de cor creme.* Nesse momento, ele acordou. Ele nos descreveu o sonho quando estávamos sentados ao redor de uma mesa tomando cerveja. Pouco depois, tendo passado com êxito no exame, ele foi para a Espanha, e lá, em uma das ruas, ele reconheceu a cidade do sonho. Encontrou a praça e a catedral, que correspondiam exatamente à imagem do sonho. Ele queria ir diretamente para a catedral, mas se lembrou de que, no sonho, ele virava à direita, na esquina, e ia para outra rua. Curioso para descobrir se o sonho seria adicionalmente corroborado, virou à direita. Mal dobrara a esquina, efetivamente avistou a carruagem com os dois cavalos de cor creme (CW8, par. 973).

Jung considerou que o sonho demonstrou uma “presciência existente” (CW8, par. 973); não obstante, ele lembrou aos leitores que pouco ou nada se sabe a respeito da srcem dessa precognição.

Outro exemplo de um sonho profético, embora Jung não o tenha identificado dessa maneira, foi

o sonho de um velho chefe tribal, no qual *ele tomou conhecimento de que uma das suas vacas havia parido,*

*e ele estava agora com ela à beira do rio, em uma clareira particular.* Ele estava muito velho para tomar conta de todos os seus bois e vacas que pastavam nos espaços abertos da floresta, de modo que, naturalmente, ele não sabia que essa vaca iria parir, e muito menos onde. Mas a vaca e o bezerro foram encontrados exatamente no lugar no qual ele sonhara que eles estariam (CW18, par. 1291).

O sonho satisfaz a exigência (para uma interpretação profética) de corresponder à situação externa. Embora o velho chefe presumivelmente estivesse em comunicação com os pastores que provavelmente sabiam que a vaca estava grávida e quando ela deveria parir, a imagem de sonho do local efetivo onde os animais puderam ser encontrados foi profética, além disso, encontrar os animais provavelmente tinha alguma importância para uma tribo que vivia no nível de subsistência.

Ocasionalmente, um sonho parece profetizar um evento significativo na vida de muitas pessoas ou, até mesmo, para uma ou mais nações. Um desses eventos foi o assassinato do presidente Kennedy; muitas pessoas afirmaram ter sonhado a respeito dele de antemão. Sonhos desse tipo parecem ser raros. Uma pesquisa para determinar sua frequência exigiria o registro de toda a produção de sonhos recordados de um grande número de pessoas.

O ceticismo de Jung com relação aos sonhos proféticos sugere que ele só cogitava a possibilidade de eventos tão improváveis porque encontrara ocorrências deles. Além disso, ele insistia que cada sonho precognitivo só pode ser confirmado como tal “quando o evento prognosticado efetivamente aconteceu” (Let1, p. 460), geralmente muito tempo depois da ocorrência do sonho; por essa razão, esses sonhos são de pouca utilidade para a predição do futuro. Está evidente, portanto, que Jung abordava os sonhos de uma maneira empírica, e não com o misticismo do qual ele é acusado.

<sup>1</sup> Frey-Rohn (1974) afirmou que somente os sonhos traumáticos são não compensatórios. No entanto, ao aceitar o sonho como “*uma expressão espontânea de processos inconscientes*[bem como] uma reação significativamente compensadora a convicções e tendências conscientes” (p. 241; grifo adicionado), ela implicitamente reconheceu a função prospectiva como uma que não está agrupada na função compensatória.

<sup>2</sup> Jung (CW6, par. 701) concedeu crédito a Alphonse Maeder (1916) pelo conceito da função prospectiva dos sonhos. Maeder foi um neurologista e psiquiatra alemão, e, durante algum tempo, discípulo de Freud. Ele era presidente da Associação Psicanalítica de Zurique em 1912, quando o rompimento entre Freud e Jung estava chegando ao clímax, e posteriormente se aliou a Jung. Maeder era mais jovem do que Jung e, assim como este, estava na equipe do Hospital Burghölzli, onde desenvolveu, mais tarde, um método de psicoterapia breve baseado nos princípios da autorregulação da psique e da autocura.

<sup>3</sup> Em seus primeiros trabalhos, Jung às vezes usava “prospectivo” alternadamente com “construtivo”. Em alguns trechos (por exemplo, CW3, par. 391; CW8, par. 496), definiu “prospectivo” como eu defini “construtivo”; em outros trechos (por exemplo, CW8, par. 493), ele usou “prospectivo” da maneira como defini aqui. Como esse emprego é mantido na última declaração de Jung publicada sobre a interpretação dos sonhos (CW18, par. 545), eu o estou adotando como representando seu pensamento refinado.

<sup>4</sup> Essa ideia é uma expansão de uma declaração incluída na obra de Jung de 1912 *Psychology of the Unconscious* (obra publicada no Brasil pela Edi-

tora Vozes com o título *Psicologia do Inconsciente* (N.T.) (CW5, *Symbols of Transformation*) (Obra publicada no Brasil pela Editora Vozes com o título *Símbolos da Transformação* (N.T.), na qual ele afirma: “O sonho [...] prepara o sonhador para os eventos do dia seguinte” (CW5, par. 5).

5 Jung comentou que a sua “interpretação do terceiro sonho foi um desapontamento para ela, mas o fato de o sonho ter mostrado a fronteira como tendo sido atravessada a encorajou a prosseguir apesar de todas as dificuldades” (CW16, par. 312).

6 Mais para o fim da vida, Jung postulou a PES ou “fenômenos psíquicos” como sincronísticos em vez de “atribuíveis a quaisquer faculdades supranormais (psíquicas)”, sob a alegação de que “eles estão *sujeitos a ocorrerem* certas circunstâncias se o espaço, o tempo e a causalidade não foram axiomáticos e sim meramente verdades estatísticas” (Let-2, p. 541). Em outras palavras, “o arquétipo pode, por sua própria natureza, se manifestar não apenas no indivíduo diretamente interessado, mas também em outra pessoa ou, até mesmo, em várias pessoas ao mesmo tempo – por exemplo, em sonhos paralelos, cuja “transmissão” seria considerada mais um fenômeno psíquico do que qualquer outra coisa” (Let-2, p. 542).

7 Faraday (1974) criticou as conclusões de Ullman sob a alegação de que “nunca podemos saber se a PES tem lugar no sonho propriamente dito ou se entrou na mente durante a vida desperta rápido demais para ser conscientemente registrada; assim como qualquer outro estímulo captado no decorrer do dia, ela poderia permanecer latente até o cérebro que sonha repetir detalhadamente os eventos do dia” (p. 258). Assim sendo, ela pareceu estar se referindo ao fenômeno que Jung chamava de “criptomnésia”.

8 Jung apresentou o sonho como um exemplo de sincronicidade, mas declarou que “às vezes é difícil evitar a impressão de que existe uma espécie de presciência da série vindoura de eventos” (CW8, par. 972). J. W. Dunne (1938) citou muitos sonhos que ele considerou verdadeiramente proféticos.

## OS SONHOS E O PROCESSO TERAPÊUTICO

Na terapia junguiana, a análise dos sonhos é aceita como ponto pacífico, “se não houver nenhuma contra-indicação” (CW18, par. 476). Ela é considerada a maneira mais direta e eficaz de descobrir os conteúdos inconscientes que o sonhador precisa assimilar, de colocar a consciência e o inconsciente em relação um com o outro, relação essa que é necessária para a totalidade, e de efetivar a assimilação dos conteúdos inconscientes. Jung descobriu que a terapia requer “uma mudança no inconsciente e por intermédio dele [e que] à luz do nosso conhecimento atual isso só pode ser realizado pela [...] assimilação de conteúdos inconscientes” (CW16, par. 326). Sem essa assimilação, os componentes inconscientes da personalidade “parecem ser apenas sintomas neuróticos” (CW16, par. 326).

A pessoa que busca ajuda psicoterapêutica está reconhecendo a incapacidade de resolver problemas sem ajuda. O terapeuta, que só pode oferecer auxílio com uma limitação de tempo, usa quaisquer recursos disponíveis para levar rapidamente o paciente ao processo de cura. Os sonhos do paciente são um desses recursos.

É claro que o terapeuta precisa avaliar se e quando deve empreender a análise dos sonhos com um paciente particular. Jung advertiu: “Desde que outros métodos de educação sejam eficazes e proveitosos, não precisamos da ajuda do inconsciente. Na realidade, seria um erro grave se tentássemos substituir métodos conscientes bastante utilizados pela análise do inconsciente. O método analítico deve ser explicitamente reservado para os casos nos quais outros métodos falharam” (CW17, par. 282). Nessa frase, Jung praticamente equiparou o método analítico à análise dos sonhos, enfatizando a posição central do trabalho com os sonhos na análise, mas não em toda a psicoterapia. Não obstante, muitos pacientes que procuraram terapeutas junguianos constataram que a terapia é inadequada quando não utiliza os sonhos. (Embora os junguianos não estabeleçam uma distinção precisa entre terapia e análise, o termo “análise” é geralmente reservado para um processo mais profundo e prolongado.)

A análise dos sonhos pode ser proveitosa fora do processo terapêutico, o que será discutido mais adiante neste capítulo. A maioria das interpretações de sonhos, contudo, ocorrem dentro do contexto da terapia. O uso da interpretação dos sonhos na terapia tem importantes ramificações: os sonhos não apenas influenciam como são influenciados pela situação e processo terapêuticos. Em outras palavras, na terapia orientada para o sonho, muitos sonhos provavelmente são determinados pelo relacionamento do paciente com o terapeuta. Na realidade, o terapeuta aparece como uma figura em alguns sonhos. Além disso, a interpretação dos sonhos influencia sonhos subsequentes. E Jung descobriu que era uma “ocorrência diária na análise [ele dizer para um paciente] ‘Não sei qual é a

resposta, mas veremos o que o inconsciente tem a dizer a respeito disso', e então o sonho seguinte [trazia] uma solução incrível, como se [nós] tivéssemos apresentado a coisa toda a uma suprema autoridade superior" (DA2, p. 123). Além disso, a interpretação aumenta a importância de todos os sonhos na vida do paciente, e não raro afeta a frequência dos sonhos que são lembrados.

### **A frequência dos sonhos**

Os pacientes diferem enormemente no número de sonhos que são lembrados e levados para as sessões. Frequentemente surge a questão de quais são os fatores que fazem a diferença, especialmente quando poucos sonhos, ou até mesmo nenhum, são relatados. Pesquisas (por exemplo, Rechtschaffen e Verdone, 1964) revelaram diferenças individuais confiáveis na quantidade de sono REM, e a quantidade de sono REM está relacionada ao número de sonhos que a pessoa lembra quando acorda (Antrobus, Dement e Fisher, 1964; Goodenough, Shapiro, Holden e Steinschreiber, 1959). Assim sendo, alguns sonhadores podem ter potencialmente mais sonhos disponíveis para recordar.

Não obstante, todo mundo sonha e, tanto na minha experiência quanto na de Jung, os pacientes geralmente começam a se lembrar dos sonhos quando iniciam um tratamento com terapeutas que valorizam os sonhos e, conseqüentemente, passam a prestar mais atenção aos sonhos. Alguns pacientes trazem relatos de sonhos vívidos no início da terapia e subseqüentemente não informam mais nenhum. (Embora Jung, às vezes, tenha dito que esses pacientes não sonhavam, ele declarou em outras ocasiões que eles não se lembravam dos sonhos. Essa explicação é claramente preferível à luz da evidência psicofisiológica de que todo mundo sonha.) Fatores situacionais, como ser acordado por um despertador ou responsabilidades imediatas ao acordar parecem reduzir o número de sonhos relembrados. Esses fatores, contudo, frequentemente podem ser mitigados se a pessoa acordar mais cedo.

Quando um paciente não conseguia se lembrar dos sonhos, Jung constatava frequentemente que a pessoa estava ocultando alguma informação, consciente da análise, ou desejava permanecer passiva e deixar o terapeuta fazer o trabalho. Um paciente que talvez seja incapaz de admitir para o terapeuta uma qualidade pessoal que não aprecie pode, conseqüentemente, projetar o "defeito" no terapeuta, "calmamente pressupondo que como [o terapeuta] é mais ou menos moralmente deficiente, certas coisas desagradáveis [não podem ser comunicadas] para ele" (CW4, par. 535).<sup>1</sup> Com "moralmente deficiente" Jung parecia querer dizer carecendo da coragem de enfrentar as realidades ofensivas da vida. Provavelmente, o obstáculo mais comum à recordação dos sonhos é o medo do paciente de que os sonhos revelarão alguma coisa que ele não gostará de saber.

Existem outras razões para a escassez de sonhos relatados. Às vezes, um paciente deixa de registrar ou informar um sonho que não parece formar uma história coerente ou

parece um fragmento pequeno demais até mesmo para ser descrito. Às vezes, tenho a impressão de que quando os sonhos trazidos para uma sessão não são adequadamente interpretados, a recordação do paciente de sonhos subsequentes é inibida. Uma interpretação inadequada pode ser atribuível a uma discussão insuficiente ou a interpretações incorretas dos sonhos apresentados.

Às vezes, o paciente se concentra com tanta intensidade nos sonhos que chega a prestar pouca atenção a outros aspectos da vida. O inconsciente parece então retaliar, bloqueando a lembrança dos sonhos, como se o paciente precisasse enfrentar esses aspectos da vida antes de ser capaz de recordar os sonhos. Na realidade, Witkin e seus colaboradores (citado por Ullman et al., 1973) descobriram empiricamente que as pessoas que não se lembram dos sonhos podem ser “menos diferenciadas”, ou seja, elas talvez “recorram mais ao mundo exterior para o seu senso de identidade” (p. 75-76). Quando as barreiras são superadas, o paciente fica propenso a começar ou voltar a se lembrar dos sonhos. (Para uma ajuda prática na recordação dos sonhos, consulte Reed, 1976.)<sup>2</sup>

A diminuição da frequência dos sonhos também pode ser encontrada, de acordo com Jung, nos últimos estágios da análise, quando “a objetivação das imagens substitui os sonhos” (CW18, par. 399). Jung estava se referindo aqui à utilização da sua técnica de “imaginação ativa”, ou seja, ao esforço ativo do analisando de observar e interagir com as imagens oníricas e as imagens do estado desperto. Ele acreditava que esse procedimento tende a acelerar o processo de individuação. Na minha experiência, a individuação é, de fato, acelerada pela imaginação ativa, mas não existe necessariamente uma redução na frequência dos sonhos.

Na outra extremidade da escala de frequência está o sonhador que se lembra de um grande número de sonhos. Essa frequência elevada em si não é anormal, mas pode ser atribuída a “uma sobrecarga do inconsciente [...], geralmente porque existe uma situação problemática que o sonhador tem a tendência de desconsiderar ou que ele não dominou” (Let-1, p. 182). O sonhador pode ficar emocionalmente perturbado pela quantidade e pelo conteúdo dos sonhos recordados, mas a perturbação é geralmente temporária e não é motivo para alarme.

Uma base menos demonstrável para uma frequência excepcionalmente elevada de sonhos é a das “fantasias inconscientes não realizadas” (CW9-I, par. 101), uma hipótese que soa freudiana postulada por Jung em 1936. Quando essas fantasias, baseadas em “[instintos reprimidos], [...] se tornam conscientes, os sonhos mudam a sua característica e se tornam mais fracos e menos frequentes” (CW9-I, par. 101). Novamente, a minha experiência não está inteiramente em harmonia com a de Jung. Constato que pacientes, em todos os estágios de desenvolvimento e em qualquer estado momentâneo, podem se lembrar de um número de sonhos bem acima ou abaixo da sua própria média ou da média dos pacientes em geral.

## **O diagnóstico e o prognóstico da interpretação dos sonhos**

Embora Jung tenha advertido contra usar os sonhos apenas para descobrir as srcens da neurose do sonhador, ele achava que alguns sonhos forneciam fatos valiosos para a avaliação dos problemas do sonhador em um grau pelo menos equivalente ao do Teste de Associação de Palavras. Em alguns casos, os fatos do sonho oferecem a chave para a psicologia do sonhador – revelam complexos. Essa chave poderia ser usada para testar outros indícios dos complexos, ou na ausência desses indícios.

Às vezes, a interpretação de um sonho oferece um diagnóstico na forma de uma categoria psiquiátrica, talvez acompanhado pelo prognóstico correspondente. Um exemplo de um sonho desse tipo foi apresentado por Jung no caso do paciente de dezesseis anos que

teve como o sintoma inicial de uma grave neurose compulsiva o seguinte sonho: *Ele está caminhando por uma rua desconhecida. Está escuro, e ele ouve passos atrás de si. Com um sentimento de medo, ele acelera o passo. O som dos passos fica mais próximo, e o seu medo aumenta. Ele começa a correr, mas os passos parecem o estar alcançando. Finalmente, ele se vira, e avista o demônio. Em um terror mortal, ele salta no ar, onde fica suspenso.* Esse sonho foi informado duas vezes, um sinal da sua urgência especial [...] Depois desse sonho, a neurose começou, e a sua característica fundamental era que o paciente tinha, como ele mesmo disse, que permanecer em um estado “temporário” ou “não contaminado” de pureza [...] Mesmo antes de o paciente ter qualquer suspeita da existência diabólica que se estendia diante dele, o sonho lhe mostrou que se ele queria descer novamente à terra, teria que haver um pacto com o diabo (CW7, par. 285-286).

O sonho, portanto, além de atuar como um sintoma da neurose, sugeriu o diagnóstico e deixou entrever a forma da cura.

Os sonhos também são diagnósticos quando revelam a etiologia dos sintomas específicos. Um exemplo é um dos sonhos do professor que procurou Jung sofrendo do mal da montanha, que aflige os alpinistas que sobem rápido demais. O sonho era que *ele visitou sua aldeia natal e ouviu seus antigos colegas camponeses, quando meninos, comentar que ele raramente ia até lá* (CW18, par. 163). Jung interpretou o sonho como significando que o professor havia perdido o contato com suas srcens humildes ao escalar montanhas – profissionalmente – rápido demais.

O segundo sonho do professor foi prognóstico. Foi o sonho no qual *ele viu o trem que pretendia pegar fazendo uma curva rápido demais e descarrilando* (D14). O prognóstico foi que o seu estilo de vida atual resultaria na destruição psíquica, mas ainda era possível para ele evitar a catástrofe.

O diagnóstico e o prognóstico convergem quando um sonho chama atenção para uma psicose latente.<sup>3</sup> Um médico que disse que desejava se tornar um analista apresentou um sonho desse tipo a Jung. O homem estava certo de que não tinha problemas, e nas primeiras sessões ele parecia ser normal sob todos os aspectos. No entanto, ele relatava tão poucos sonhos quanto problemas, e Jung começou a ficar apreensivo com relação a ele. Depois de cerca de duas semanas, o paciente levou para a sessão um sonho do qual ele tinha despertado em pânico: *ele estava em um prédio onde não havia outras pessoas, e acabou indo parar em uma sala gigantesca. No centro da sala havia um menino idiota com mais ou menos dois anos de idade, sentado em um penico, espalhando fezes no próprio corpo* (D15). Jung não interpretou o sonho para o paciente;

ele viu o sonho como a indicação de uma psicose latente que a aparente supernormalidade estava compensando. As sessões prosseguiram, mas somente até Jung conseguir encontrar um pretexto aceitável para encerrar a análise. O homem não teve dificuldades subsequentes graves, mas Jung estava convencido de que, se a análise tivesse continuado, a psicose teria vindo à tona.

A ausência da lise em um sonho também pode indicar um prognóstico infeliz, porém não necessariamente. Na realidade, nenhuma categoria de diagnóstico psicológico possui sinais certos nos sonhos. Por exemplo, embora Jung às vezes diagnosticasse uma psicose latente, ele advertia que não é fácil detectar esse distúrbio. Até mesmo os sonhos e visões mais estranhos não indicam necessariamente a presença de uma psicose na ocasião; os mesmos estranhos elementos inconscientes são encontrados nos sonhos de pessoas neuróticas e normais assim como nos sonhos de psicóticos, bem como no trabalho de poetas e de outros artistas.

A evidência experimental não parece respaldar a hipótese de Jung de que os sonhos dos psicóticos são indistinguíveis dos das pessoas normais. Embora algumas pesquisas (Bolgar, 1954, e Kant, 1942) tenham deixado de encontrar diferenças significativas no conteúdo dos sonhos entre os dois grupos, outros (Sheppard, 1963; e Sheppard e Saul, 1958) descobriram que ao usar um sistema de avaliação do ego para o conteúdo dos sonhos, eles conseguiam distinguir claramente entre os sonhos de um grupo de pacientes psicóticos e os de um grupo de funcionários industriais.

Um sonho pode ser prognóstico em doenças tanto orgânicas quanto psicóticas. Dois sonhos, um da antiguidade e o outro moderno, usaram imagens semelhantes com o mesmo significado aparente. O primeiro foi citado por Artemidoro de Daldis no século II d.C.:

Um homem sonhou que *viu o pai morrer nas chamas de uma casa que estava se incendiando*. Pouco tempo depois, ele próprio morreu de um *phlegmone* (fogo, febre alta), presumivelmente de pneumonia (CW18, par. 544).

Jung citou um paralelo moderno:

Um colega meu estava sofrendo de uma febre gangrenosa fatal – na realidade, de um *phlegmone*. Um ex-paciente dele, que não tinha o menor conhecimento da natureza da doença do médico, sonhou que *o médico estava morrendo em um grande incêndio*. O sonho aconteceu [...] quando [o médico] acabara de dar entrada no hospital e a doença estava apenas [...] começando. O sonhador só tinha conhecimento do fato de que o médico estava doente e tinha sido internado no hospital. [Três semanas depois, o médico morreu] (CW18, par. 544).

De um ponto de vista metafórico, como na apresentação “do corpo doente como a casa terrena de um homem, e a febre como o calor de uma conflagração que está destruindo a casa e o seu habitante” (CW18, par. 545), ambos os sonhos ofereceram um prognóstico preciso e vívido da morte por meio da “queima”.

Como exemplo de um sonho que identificou uma doença orgânica em uma parte específica do corpo, Jung mencionou um sonho que fora relatado por um paciente do Dr.

T. M. Davie (1935).

*Alguém do meu lado não parava de me perguntar alguma coisa a respeito de lubrificar uma máquina. Leite foi sugerido como o melhor lubrificante. Aparentemente, eu achava que a lama escorregadia era preferível. Em seguida, um laguinho foi drenado, e na lama foram encontrados dois animais extintos. Um deles era um minúsculo mastodonte. Eu me esqueci de qual era o outro.*

O comentário de Davie: “Achei que seria interessante submeter esse sonho a Jung e perguntar qual seria a sua interpretação. Ele não hesitou em afirmar que o sonho indicava algum distúrbio orgânico, e que a doença não era basicamente psicológica, embora houvesse numerosos derivativos psicológicos no sonho. Ele interpretou o [...] laguinho [que foi drenado] como o represamento da circulação do fluido cerebrospinal” (CW18, par. 135n).

A interpretação de Jung foi uma descrição apropriada da doença que foi diagnosticada mais tarde: epilepsia periventricular.

Os sonhos da jovem nos quais a *mãe cometia suicídio se enforcando e um cavalo saltou pela janela e morreu* (D11) pareceram prognosticar a morte do corpo. A mãe pode ser compreendida como a origem, ou seja, a base necessária da vida da mulher. O cavalo pode ser interpretado como a vida animal, ou biológica. A morte de cada figura é uma imagem de morte corporal.

A descoberta de Jung de que os sonhos podem diagnosticar doenças orgânicas tem sido respaldada por outros teóricos do sonho. Medard Boss (1957), por exemplo, também deu exemplos desses sonhos. (Ele afirmava que eles refletiam um estado da “essência completa” do sonhador [p. 160], um dos aspectos da qual é a doença física.) Por exemplo, uma paciente teve um sonho que se repetiu mais de uma vez em cada uma de duas noites sucessivas no qual

*um demônio de doença balinês aparecia para ela e a obrigava a se sentar sobre uma tubulação de aquecimento central superaquecida. Ela sentia uma dor ardente insuportável entre as pernas [...] que sempre fazia com que ela acordasse. No entanto, depois de acordar, ela não sentia mais nenhuma dor. Na terceira noite, a dor persistiu depois de ela ter acordado [do sonho]. Ao mesmo tempo, ela estava tendo calafrios. O médico (que anteriormente deixara de pedir um exame de urina da paciente), pôde agora diagnosticar uma cistite aguda (p. 160).*

Os exemplos demonstram que, quando um diagnóstico orgânico é indicado, as associações pessoais do sonhador com as imagens oníricas não são adequadas para estabelecer o contexto do sonho porque nesses sonhos as imagens são relativamente fixas. A amplificação necessária é a disfunção análoga, cujo conhecimento é transmitido ao sonhador por meio de percepções subliminares.

O fato de que as percepções subliminares podem ser internas é postulado por um pesquisador de sonhos citado anonimamente por Diamond (1962). “Quando não temos que prestar atenção à agitação dos eventos externos, podemos nos conscientizar de leves dores e incômodos que haviam passado despercebidos anteriormente” (p. 209). A evidência desses fenômenos é encontrada em experiências com privação sensorial. Em uma dessas experiências,

Entre [...] doze voluntários havia três médicos que permaneceram em [um] tanque por até seis horas,

flutuando na água tépida com máscaras de látex cobrindo o rosto. Um dos médicos relatou como ficou surpreso ao ouvir os sons do seu próprio coração com “uma intensidade de encher os ouvidos”. Outro declarou que ouviu “o repetido som estalante” de suas próprias cúspides aórticas fechando no final de cada sístole, ou contração, do coração. Um terceiro informou, impressionado, que pela primeira e única vez na sua vida tinha ouvido “o som deslizante” feito pelo movimento das suas grandes articulações (Shurley, 1960, p. 210).

## Sonhos iniciais

O paciente pode trazer para uma das primeiras sessões de terapia um “sonho inicial” de extrema importância. O conteúdo desses sonhos varia enormemente, é claro, já que cada um deles reflete a situação e necessidade particulares do sonhador, mas é possível que o sonho inicial “revele para o médico [...] todo o programa do inconsciente” (CW16, par. 343). (Se ele fizer isso, trata-se de um sonho prospectivo.) Um sonho inicial pode relembrar experiências esquecidas do passado, nas quais as principais possibilidades de desenvolvimento, bem como graves feridas, podem estar enterradas; ou ele pode apontar para fatos atuais, como o casamento ou a posição social do sonhador, um aspecto problemático que pode não ter sido reconhecido pela mente consciente.

Quando os problemas do paciente são muito sérios, o sonho inicial pode ter uma natureza visionária na sua clareza e qualidade impressiva. Os sonhos iniciais, em geral, de acordo com Jung, tendem a ser mais transparentes do que os sonhos trazidos mais tarde durante a análise. Essa transparência pode ser atribuível à ingenuidade do paciente.

A identificação de um sonho inicial não se baseia em nenhum critério claro. Ele pode ser o primeiro sonho que é lembrado depois da primeira sessão analítica, ou um sonho que ocorre pouco antes da primeira sessão; às vezes o sonho ocorre pouco antes ou depois do paciente em perspectiva marcar a hora da primeira sessão; em outros casos, o sonho trazido pode ser na realidade o segundo ou terceiro que ocorreu depois de um desses eventos. Nesse caso, é claro, ele é “inicial” somente em um sentido geral de “cedo”, não literalmente de “primeiro”.

Os sonhos iniciais estão entre os mais prováveis de fornecer um diagnóstico e, talvez, um prognóstico da condição psicológica do sonhador. O sonho em que o professor teve de *visitar sua aldeia natal e ouvir seus antigos colegas, quando meninos, comentarem que ele raramente ia até lá* (CW18, par. 163) foi diagnóstico. O sonho do mesmo homem do *trem entrando rápido demais na curva e descarrilando* (D14) foi prognóstico. Ambos podem ser considerados sonhos iniciais porque ambos tiveram lugar na noite da véspera da primeira consulta do sonhador com Jung.

Alguns sonhos iniciais indicam um prognóstico para a terapia em vez de para a “doença”. Um desses sonhos foi o da jovem que procurou Jung depois de ter se consultado anteriormente com dois terapeutas. O sonho inicial no tratamento com o segundo médico a retratou como *tendo se perdido e encontrado alguém que se agarrou a ela como um louco* (CW16, par. 308). O sonho anteviu corretamente a identificação inconsciente do analista com a paciente.

Alternativamente, o sonho inicial pode refletir a atitude do paciente com relação ao

terapeuta, mesmo antes de os dois terem se encontrado, e com relação à terapia a ser empreendida. Outra jovem, que também fizera análise previamente com dois analistas, sonhou, depois da primeira sessão com o terceiro, que

*ela disse ao marido que não poderia continuar com a análise. Ela estava se sentindo completamente esgotada e deprimida. O marido perguntou por que os médicos tinham deixado as coisas chegarem àquele ponto com ela. Finalmente, enquanto ela ficou sentada sem dizer nada, o marido conversou com o chefe. De algum modo, foi combinado que ela o veria por um custo de \$X (Arquivos de MAM).*

A sonhadora tinha a tendência de depreciar todos os seus analistas; ela estava deprimida com relação à dificuldade de ficar fisicamente mais saudável por meio da terapia, e era passiva nas sessões de terapia. Além disso, \$X era mais do que as suas sessões analíticas anteriores haviam custado. O sonho parece refletir suas atitudes passivas e negativas com relação à terapia. Assim sendo, ele indicava sua atitude na ocasião. Ele também previu sua atitude ao longo da terapia (que terminou um ano depois porque ela se mudou para um estado distante).

Outros sonhos iniciais dão uma ideia do tratamento de que o sonhador precisa. Um sonho desse tipo foi outro que a jovem que procurou Jung depois de ter tido dois analistas teve. No seu sonho inicial da análise com Jung, *um funcionário da alfândega puxou um par de camas de solteiro para fora da mala dela* (CW16, par. 310). Jung considerou as camas escondidas na mala uma indicação da resistência ao casamento. Por conseguinte, o sonho “prescreveu” o tratamento: ela precisava de ajuda para reconhecer a resistência.

Uma dificuldade que atrapalha a máxima utilização do sonho inicial é o fato de o novo paciente estar tão preocupado com a crise que tornou a terapia necessária que as primeiras sessões são usadas na descrição da situação e na assimilação das emoções intensificadas que foram despertadas. Quando finalmente alguma atenção pode ser prestada aos sonhos, a situação consciente do sonho inicial não pode ser determinada. Se não for suficiente tomar o início da análise como a situação consciente, pouca interpretação é possível.

### **Vários estágios da terapia e dos sonhos**

Os estágios iniciais da terapia são especialmente importantes para a observação dos sonhos, mas uma análise completa de cada sonho pode ser menos importante, nessa ocasião, do que reunir amplificações. Quando o sonhador começa a ter consciência de problemas por meio das associações, a interpretação dos sonhos pode começar a hipotetizar o que o inconsciente está dizendo.

Os primeiros sonhos da terapia, de acordo com Jung, contêm uma grande quantidade de elementos sombrios que o sonhador está relutante em examinar, o que inclui alguns que revelam as maneiras do sonhador de resistir ao autoconhecimento e reter atitudes

erradas. Esses sonhos, como ele descobriu, tendem a ser mais completos e mais bem

compostos do que os posteriores.<sup>5</sup> No entanto, na minha experiência, os primeiros sonhos tendem mais do que os posteriores a ser difusos, de modo que é difícil descobrir neles mensagens concentradas. De qualquer modo, o intérprete e o sonhador fazem o que podem com os sonhos disponíveis.

Como sempre, o contexto do sonho é de crucial importância para interpretações válidas de sonhos. No início da terapia, mais do que posteriormente, a visão subjetiva do sonhador dos seus problemas e necessidades está propensa a ser distorcida por complexos. Por conseguinte, uma avaliação exata da situação consciente do sonhador é especialmente importante.

Depois do sonho inicial com sua provável clareza e extensa importância, e os primeiros sonhos, que podem ser claros para o intérprete ou até mesmo para o sonhador, frequentemente ocorrem sonhos que parecem muito mais obscuros. Jung advertiu que o intérprete não pode pressupor que esses sonhos reflitam a resistência do sonhador à terapia. Eles podem refletir, mais exatamente, o fato de que a terapia alcançou importantes camadas da personalidade.

Diferentes estágios da terapia requerem interpretações variadas de algumas imagens oníricas, de acordo com Jung, por causa das necessidades em constante transformação do desenvolvimento psicológico do sonhador. Uma imagem sexual explícita, como a do sonhador tendo relações sexuais com uma pessoa amada, por exemplo, pode ser interpretada como um desejo por essa experiência se o sonho ocorrer no início da terapia, quando os impulsos sexuais do sonhador podem ainda estar reprimidos. Mais tarde, quando os impulsos sexuais do sonhador foram trazidos para a consciência, a mesma interpretação poderia resultar na suspensão do desenvolvimento da personalidade. Mais apropriada nessa ocasião seria uma interpretação simbólica do contato sexual como uma união potencial ou efetiva com um aspecto inconsciente da personalidade do sonhador. Em termos gerais, os sonhos que ocorrem mais tarde na terapia estão mais propensos do que os primeiros a requerer uma interpretação subjetiva e uma construtiva.<sup>6</sup>

Em qualquer estágio da terapia, o exame dos sonhos pode expandir o processo terapêutico, mesmo sem interpretação. Além do valor terapêutico das amplificações discutidas anteriormente, descobri que um sonho pode ser tão obviamente relevante para um problema particular que o sonhador sabe, tão logo o sonho é registrado, que a situação ou tema problemático que tem sido evitado precisa ser levado para uma sessão analítica.

## **A transferência e os sonhos**

A reação inconsciente do analisando ao analista é conhecida como transferência. Jung definiu a transferência como as “projeções que funcionam como um substituto para um relacionamento psicológico autêntico” (CW16, par. 284). Não se trata sempre, como Freud achava, de uma transferência para o terapeuta da reação do paciente a um ou

ambos os pais; na visão de Jung, alguma transferência dos pais para o terapeuta pode ser encontrada, mas a projeção está sempre presente. Por exemplo, o paciente pode perceber o terapeuta como a fonte de toda sabedoria. O terapeuta, por mais sábio que seja, é humano, e a percepção do paciente é um óbvio exagero. O paciente está evidentemente projetando no terapeuta seu próprio potencial para a sabedoria.<sup>7</sup>

Quando Jung escreveu que “O fenômeno da transferência é uma característica

8

inevitável de toda análise psicanalítica” (CW 16, par. 283), ele parecia querer dizer que a transferência é inevitável de toda análise psicanalítica (por exemplo, o paciente para a sabedoria) por meio das emoções que são despertadas devido à projeção dessa qualidade no terapeuta. Essas emoções são tanto positivas quanto negativas; por exemplo, a adulação do terapeuta “sábio”, e a raiva porque o terapeuta nem sempre fala e age com sabedoria.

A transferência não raro é uma ajuda para a análise dos sonhos, especialmente para os pacientes que vivenciam os sonhos como pouco mais do que narrativas curiosas. Para eles, a transferência para o analista pode ser ao mesmo tempo um substituto temporário para o interesse pelos sonhos e uma maneira de adquirir esse interesse. Se o analista está convencido da importância dos sonhos, seus pacientes se mostrarão propensos a começar a valorizá-los também.

Uma interação adicional entre a transferência e os sonhos é que os primeiros indícios do surgimento da transferência podem ser encontrados nos sonhos. O seguinte sonho, relatado por uma mulher nas primeiras semanas de análise, contém evidências dos seus sentimentos, ainda não conscientes, com relação à analista:

*Eu estava procurando um lugar que supostamente iria me ajudar a me recuperar. Uma mulher que se parecia um pouco [com a minha analista] estava me ajudando a procurar. Eu não conseguia entender como um lugar poderia me ajudar até que me ocorreu que eu poderia deixar a minha carga (Arquivos de MAM).*

O desenrolar subsequente da análise confirmou a impressão de que o “lugar” era o consultório da analista. O fato de a analista ajudar a sonhadora a “encontrá-lo” pode significar ajudá-la a compreender a sua disponibilidade. A transferência, neste caso, foi a sonhadora enxergar a analista como alguém que a estaria ajudando.

Em algumas situações, a interpretação de um sonho pode até mesmo contribuir para o desenvolvimento de uma transferência positiva, ou seja, quando a interpretação impressiona o sonhador com a sua competência. Esse foi o caso da mulher que sonhou que *o sobrinho tinha morrido* (Arquivos de MAM). A sonhadora reagira de uma maneira positiva ao analista antes do sonho, mas não fora capaz de compreender a base e as implicações das tentativas do analista de conscientizá-la de como ela estava se agarrando a princípios tradicionais. A interpretação do sonho aumentou a confiança da mulher na capacidade de o analista entender o inconsciente, de modo que ela pôde se tornar mais aberta a mudanças nas suas próprias atitudes.

Outros sonhos revelam atitudes específicas do sonhador que refletem a transferência, como sentimentos negativos e críticos que o paciente não expressou em palavras. Em um desses sonhos, *o sonhador estava andando em um carro dirigido pelo analista. Um*

*gigantesco homem negro apareceu na frente deles, e o sonhador se perguntou se o analista escaparia dele. Ele escapou* (Arquivos de MAM). Com o ímpeto do sonho, o paciente foi capaz de dizer que sentia que o analista o estava ajudando a evitar enfrentar o seu lado sombrio. Jung aconselhava cada terapeuta a levar a sério as críticas apresentadas por esses sonhos a fim de obter discernimento. Somente depois de examinar cuidadosamente a crítica e constatar que ela não é aplicável, o analista deveria concluir que a imagem do sonho é subjetiva – refletindo conteúdos projetados inconscientes do paciente. Na minha experiência, quer a imagem do analista seja tratada objetiva, quer subjetivamente, ela quase sempre revela a impressão do paciente com relação à personalidade do analista.

A influência dos sonhos na transferência também pode ser vista na resolução da transferência. Em um exemplo de uma transferência muito difícil, que precisou ser resolvida para que a paciente fosse curada da sua neurose, ela sonhou que

*O pai (que na realidade era de baixa estatura) postava-se com ela em um morro que estava coberto de campos de trigo. Ela era bem pequena do lado dele, e ele parecia um gigante para ela. Ele a levantou do chão e a segurou nos braços como se ela fosse uma criança. O vento soprou nos trigais, e enquanto o trigo balançava no vento, ele a embalou nos braços (D16).*

Inicialmente, Jung achou que o sonho significava que, nas suas fantasias, a sonhadora o estava vendo como uma combinação quase divina de pai e amante. Quando essa interpretação, e outras semelhantes a respeito de outros sonhos, deixaram de alcançar o objetivo de resolver a transferência, ele buscou uma interpretação alternativa. Ocorreu-lhe que o sonho poderia significar que a paciente estava tentando criar um deus como resposta a um profundo anseio que era mais forte do que o anseio pelo amor de um ser humano. Essa hipótese não foi totalmente aceitável para a sua “paciente extremamente crítica [...] Não obstante [...] ocorreu agora [...] uma espécie de enfraquecimento subterrâneo da transferência. As relações da paciente com certo amigo se aprofundaram perceptivelmente, [...] de modo que quando chegou o momento de ela deixar [Jung], o evento não foi catastrófico, e sim uma separação perfeitamente razoável” (CW7, par. 217).

## **Assimilação e individuação**

O entendimento genuíno de um sonho – tanto no nível emocional quanto no intelectual – contribui para o processo terapêutico. O paciente assimila os conteúdos inconscientes apresentados pelo sonho, ou seja, atitudes e comportamentos são modificados.<sup>9</sup>

A assimilação geralmente ocorre lentamente. A lentidão é provavelmente uma vantagem porque pode aliviar o medo de alguns sonhadores de que a mente consciente será oprimida por conteúdos inconscientes emocionalmente carregados. No entanto, de acordo com Jung, esse perigo só é grande quando o ego é muito fraco. A opressão da

mente consciente está mais propensa a ocorrer quando o inconsciente é depreciado pela exclusão da vida ou é falsamente interpretado. Com a assimilação ao longo do tempo, a divisão entre várias partes da personalidade, particularmente entre conteúdos conscientes e inconscientes, provavelmente será superada. Compartilhar os sonhos com alguém que respeite os sonhos mas não os tema, como um analista, parece uma das melhores maneiras de acentuar a assimilação gradual.

A assimilação sucessiva de conteúdos inconscientes pode ser bem mais importante do que curar os sintomas; ela satisfaz o propósito da análise – o desenvolvimento psicológico – e pode até mesmo conduzir a “completa realização de todo o ser humano, ou seja, a individuação” (CW16, par. 352).

### **A interpretação dos sonhos fora da situação terapêutica**

A interpretação dos sonhos fora da situação psicoterapêutica era um tema a respeito do qual Jung teve pouco a dizer. Na verdade, ele pareceu designar essas tentativas geralmente como improdutivas quando escreveu que não compreendia os seus próprios sonhos melhor do que qualquer pessoa sem nenhum conhecimento da interpretação dos sonhos (CW18, par. 244). Não obstante, ele registrou ter compreendido “instantaneamente” (CW18, par. 490), devido ao que ele chamava de intuição “esmagadora”, um sonho que relatou para Freud, e ele aparentemente trabalhava sistematicamente na interpretação dos seus próprios sonhos. As dificuldades que ele encontrou estão refletidas na sua declaração de que ele tinha que “começar bem no começo e chegar a uma análise extremamente meticulosa” (DAI, p. 185).

Os meus sonhos não parecem nem tão fáceis nem tão difíceis de entender quanto Jung estimava. A análise deles é ajudada pelo fato de que as minhas associações pessoais e situação consciente estão mais prontamente disponíveis para mim do que as de outra pessoa. No entanto, considerando-se um suprimento comparável de ampliações, a interpretação dos próprios sonhos da pessoa encerra dificuldades devido aos pontos cegos psicológicos do sonhador, os quais a interpretação dos sonhos está projetada para iluminar.

Jung encarava os sonhos basicamente como um assunto para a terapia analítica, como é evidenciado na sua declaração de que “é sobretudo o médico que terá que se preocupar com os sonhos, porque a interpretação destes oferece a chave para o inconsciente” (CW17, par. 191). (Com “médico”, ele parecia estar se referindo especificamente a um analista médico.) Tomando como base o fato de os sonhos serem fenômenos normais, não patológicos, ele reconheceu que “a psicologia dos sonhos é [...] a prerrogativa [...] dos psicólogos em geral” (CW17, par. 191). No entanto, ele não descartou a possibilidade de uma pessoa interpretar os próprios sonhos sem a ajuda de um terapeuta. Jung encarava a interpretação dos sonhos como parte da educação das pessoas normais bem como um método de lidar com problemas que são graves o bastante para requerer a psicoterapia. (Ele usou “educação” no sentido do desenvolvimento psicológico, não

como a acumulação de um conteúdo cognitivo.)

Jung apresentou sugestões específicas para a interpretação dos sonhos fora da situação terapêutica principalmente para pessoas na terapia que estão prestes a terminar o tratamento. Ele as exortou a

manter um registro cuidadoso dos seus sonhos e das interpretações apresentadas. [Ele também mostrou] a elas como elaborar os sonhos [...] para poder levar o sonho e o seu contexto por escrito para a consulta. Em um estágio posterior [ele pediu] a elas que também elaborassem a interpretação. Dessa maneira [ele constatou 929]. O paciente aprende a lidar corretamente com o seu inconsciente sem a ajuda do médico. (CW16, par. 929). A maioria dos analistas junguianos segue essa prática de incentivar seus analisandos a continuar interpretar os próprios sonhos depois do término da análise.

Jung aconselhou aos sonhadores que não tenham feito terapia que anotem por escrito cada sonho imediatamente depois de acordar, em uma coluna, com colunas adicionais para ampliações e tentativas de interpretação.

Apesar da escassez de sugestões específicas de Jung a respeito de como interpretar os próprios sonhos fora da situação terapêutica, acredito que os métodos e diretrizes detalhados neste livro, se forem cuidadosamente seguidos, poderão ajudar as pessoas a interpretar os próprios sonhos. No caso da maioria das pessoas, é melhor empreender inicialmente a interpretação dos sonhos na companhia de um amigo ou de um grupo bem

pequeno de pessoas que conheçam e confiem suficientemente umas nas outras para compartilhar as experiências íntimas inerentes aos sonhos. Jung advertiu o seguinte: “A aplicação não inteligente e incompetente da análise e interpretação dos sonhos certamente não é aconselhável, particularmente quando existe uma dissociação entre uma consciência muito unilateral e um inconsciente correspondentemente irracional ou ‘louco’” (CW18, par. 476). (Para uma discussão adicional sobre como lidar os próprios sonhos com uma abordagem junguiana, consulte Hillman, 1967, Cap. 11. Faraday, 1972, 1974 tem uma abordagem eclética da interpretação dos sonhos, mas incorpora grande parte da teoria junguiana e está essencialmente em harmonia com ela.)

Às vezes, os sonhos conduzem a pessoa à terapia. Em outras palavras, um sonho pode ser tão vívido, fascinante ou assustador que o sonhador decide consultar alguém que possa ajudá-lo a compreendê-lo. Uma ou duas sessões com um terapeuta com uma orientação onírica poderão ser suficientes, ou o sonhador poderá querer empreender um processo mais extenso com um terapeuta.

<sup>1</sup> Embora essa declaração tenha sido escrita em 1913, ela parece estar em harmonia com o pensamento mais desenvolvido de Jung.

<sup>2</sup> Jung também mencionou a possibilidade de uma “condição mental na qual os sonhos são redundantes, na medida em que compensações para a atitude consciente não são necessárias” (Let-2, p. 514). Ele parecia se referir a um raro estado psíquico que é equilibrado o bastante para evitar a necessidade da compensação onírica. As evidências experimentais, contudo, tendem a desmentir a declaração de Jung.

3 Com “psicose latente” Jung quis dizer “a possibilidade de que um indivíduo possa ficar mentalmente perturbado em algum período da sua vida” (CW3, par. 520). Outros psiquiatras usaram o termo “psicose potencial”.

4 Um adivinho de Éfeso. Ele disse que ele escreveu “por exortação de Apolo” os quatro livros sobre a arte da interpretação dos sonhos, *Oneirocritica*, que são principalmente uma compilação de obras de autores anteriores. Grande parte de toda a sua obra sobre sonhos foi preservada (Encyclopedia Britannica, 1965, Vol. 2, p. 507a).

5 Jung também escreveu que “A grande maioria dos sonhos, especialmente aqueles nos estágios iniciais da análise, são superficiais [...]” (CW10, par. 99). Ele pareceu querer dizer que eles são não arquetípicos.

6 Jung também escreveu que “A descoberta do significado [...] prospectivo é particularmente importante quando a análise está [...] bastante avançada” (CW4, par. 548). No entanto, essa frase apareceu em um artigo de 1913, antes de ele ter diferenciado “prospectivo” e “construtivo”. Considerando que os exemplos de Jung de sonhos prospectivos incluem uma grande proporção de sonhos iniciais, parece provável que ele tenha querido dizer “construtivo” em vez de “prospectivo” na sua definição refinada da declaração citada.

7 Algumas pessoas argumentariam que, como a criança enxerga os pais como sábios, a projeção de sabedoria no analista é uma transferência do pai ou da mãe. Como nem todos os pais são sábios, a transferência pode ser do pai ou mãe arquetípica. Quando Freud escreveu a respeito da transferência, ele pareceu estar se referindo à projeção no terapeuta de qualidades efetivas do pai ou mãe efetiva.

8 Jung também declarou que a transferência não é necessária para a cura, se o analista puder interpretar uma quantidade suficiente de elementos essenciais nos sonhos do paciente. A aparente contradição desaparece à luz da repetida declaração de Jung de que ele se sentia mais à vontade não sendo o objeto de uma forte transferência. A minha impressão é que na última declaração ele usou o termo “transferência” para se referir à dependência emocional, que pode resultar da transferência – por exemplo, do pai ou mãe forte.

9 Jung escreveu que “Assimilação [...] significa penetração mútua do consciente e do inconsciente, e não – como é comumente concebido e praticado – uma avaliação, interpretação e deformação unilaterais de conteúdos inconscientes pela mente consciente” (CW16, par. 327). Como ele não explicou como o consciente pode afetar o inconsciente de uma maneira desejável, a “penetração” do inconsciente pelo consciente pode ser uma busca e ativação, em vez de uma inserção de um novo conteúdo.

## SONHOS DA INFÂNCIA

O interesse de Jung pelos sonhos da infância era determinado, pelo menos em parte, por seus próprios sonhos sobre essa época que ele recordou a vida inteira. Muitos adultos se lembram de sonhos da infância; os que são lembrados tendem a ter sido assustadores e recorrentes. Alguns sonhos da infância são trazidos espontaneamente para análise; outros são solicitados pelo analista. Quase todos os sonhos da infância que Jung analisou, inclusive os narrados nos três volumes dos seus seminários não publicados sobre “Psychological Interpretation of Children’s Dreams”<sup>1</sup> (CD36, 38, 40), foram narrados para ele por adultos. Embora a maioria das suas declarações a respeito da interpretação de sonhos infantis tenham se baseado em sua experiência com sonhos da infância relatados por adultos, eles parecem se aplicar igualmente bem à análise dos sonhos atuais das crianças.

O caráter assustador dos sonhos das crianças talvez possa ser atribuído ao fato de eles geralmente conterem conteúdos arquetípicos. Esses conteúdos são quase sempre impressionantes, e os sonhos lembrados durante um longo tempo tendem a ser assustadores. Os sonhos arquetípicos das crianças, de acordo com Jung, “são os últimos vestígios de uma psique coletiva declinante” (CW17, par. 94) que é dominante na criança ao nascer. Embora Jung baseasse suas declarações a respeito dos sonhos das crianças em constatações clínicas, uma confirmação empírica adicional foi fornecida por Kluger (1975) e Van de Castle (1970). Van de Castle declarou (p. 39): “Os animais são importantes [personagens nos sonhos das crianças], possivelmente representando símbolos arquetípicos no sentido junguiano”. Kluger (1975) analisou os conteúdos dos sonhos das crianças e constatou que paralelos mitológicos estavam presentes em 47% dos sonhos até a idade de seis anos, e em 36% até os nove anos, em comparação com 26% nos sonhos de adultos.

Embora o adulto tenha pouco acesso às associações da infância aos primeiros sonhos, ele pode ter alguma memória da situação consciente relevante. As associações atuais com uma imagem de sonho podem ser úteis na análise dele, contudo, especialmente se o sonho da infância for lembrado por causa de um sonho atual. O sonho atual e as suas associações contribuem para a amplificação do sonho da infância, e vice-versa. As amplificações não pessoais não dependem de associações atuais, é claro, e podem e devem ser aplicadas quando isso for relevante.

Quando uma criança apresenta um sonho atual, podem ser feitas perguntas mais específicas. Por exemplo, se uma das imagens do sonho for uma ponte, o intérprete poderá perguntar como a criança se sente a respeito das pontes, se alguma coisa aconteceu naquela ponte, onde está a casa com relação à ponte, e aonde ela poderá estar

indo depois de atravessá-la.

Mesmo quando a criança que teve o sonho está disponível, pode ser difícil determinar as associações pessoais e a situação consciente, devido à contaminação da psique da criança pela psique do pai ou da mãe. Jung descobriu a existência de uma acentuada contaminação nos sonhos de um menino de oito anos, cujo pai estava fazendo análise com Jung. O pai não se lembrou de nenhum sonho durante algum tempo depois de ter começado a análise. A pedido de Jung, o homem relatou os sonhos do seu filho, que pareceram para Jung não pertencer a uma criança. Jung analisou os sonhos como se fossem do pai, e eles demonstraram explicar claramente os problemas eróticos e religiosos do homem. Os sonhos de estilo adulto do menino pararam quando o pai começou a se lembrar de seus sonhos (CW17, par. 106).

Quase todas as imagens nos sonhos de crianças que Jung interpretou em suas obras publicadas e não publicadas receberam uma caracterização objetiva. Uma exceção parcial é o sonho de uma menina de treze anos:

*Vi a minha mãe escorregar na banheira e eu soube que ela estava se afogando, mas não consegui me mexer. Em seguida, fiquei terrivelmente assustada e comecei a chorar porque eu tinha deixado que ela se afogasse. Acordei chorando (CW17, par. 221)*

“A caracterização objetiva de Jung conduziu à interpretação de que o sonho se referia a “[um desejo da] morte da mãe, [...] a reação do inconsciente da criança à ambição da mãe [...] [que ‘matou’] a individualidade da filha [...]” (CW17, par. 223). Ele acrescentou uma interpretação subjetiva, contudo, em um comentário adicional: “Para a filha, a mãe representa a camada fundamental instintiva feminina, que, nesse caso, está profundamente perturbada” (CW17, par. 223n). Desse modo, Jung pareceu encarar o sonho como significando a morte da parte “materna” da sonhadora.

A predominância de interpretações objetivas dos sonhos das crianças se deve, em parte, à frequência com que os problemas dos pais estão refletidos neles. Por exemplo, o problema do pai foi revelado no sonho da filha de nove anos, que era profundamente apegada a ele. Os pais estavam pensando em se divorciar, e a criança estava apática e incapaz de frequentar a escola, e apresentara uma temperatura corporal abaixo do normal durante três meses. Ela sonhou o seguinte:

*Fui com papai visitar a vovó. A vovó estava em um grande barco. Ela queria que eu a beijasse e queria me abraçar, mas eu estava com medo dela. Papai disse: “Neste caso, eu vou beijar a vovó!” Eu não queria que ele fizesse isso, pois eu estava com medo de que alguma coisa acontecesse a ele. Em seguida, o barco partiu, eu não consegui encontrar ninguém e fiquei assustada (D17).*

O sonho reflete o apego erótico do pai pela própria mãe (ele disse que a beijaria) e o sentimento da menina de que ela estava isolada pelo apego (“o barco partiu, eu não consegui encontrar ninguém”).

Em outro exemplo, os sonhos de três filhas refletiram a psicose potencial de uma

mãe durante uma dedicação. Quando as meninas estavam se aproximando da puberdade, elas começaram

delas]. Elas sonhavam que *ela era uma bruxa ou um animal perigoso* não conseguiam entender de jeito nenhum o motivo, já que a mãe era tão adorável e extremamente dedicada a elas. Anos mais tarde, a mãe ficou maluca, e a sua insanidade exibiu uma espécie de licantria [a pessoa imagina que é um animal] na qual ela andava de quatro de um lado para o outro e imitava o grunhido de porcos, o latido de cães e o bramido de ursos (CW17, par. 107).

Mais tarde, Jung concluiu que o tom “adulto” dos sonhos de muitas crianças era, em parte, um reflexo do caráter arquetípico deles, mas permaneceu alerta aos problemas dos pais como determinantes psíquicos dos sonhos das crianças.

Muitos sonhos de crianças são “sonhos simples, ‘infantis’ e [...] imediatamente compreensíveis” (CW8, par. 98). Em outras palavras, eles retratam a satisfação dos desejos conhecidos da criança. Outros sonhos de crianças são de uma qualidade muito diferente; o sonho da criança está mais propenso do que o do adulto a ter uma importância de longo alcance na previsão e formação do destino da pessoa. Com essa declaração, Jung pareceu querer dizer que o sonho da criança geralmente requer uma interpretação construtiva. No entanto, ele constatou que os sonhos de algumas crianças respondiam a questões de causalidade. Esses sonhos aparentemente requerem uma interpretação redutiva. Outros ainda, ao contrário dos sonhos dos adultos, podem revelar “intuições retrospectivas” (CW8, par. 98) com relação à vida dos antepassados da criança.

“Quanto mais tempo um sonho permanece espontaneamente na memória, maior a importância que lhe deve ser atribuída” (CW4, par. 475), de acordo com Jung. Um clérigo relatou um sonho que ele teve quando tinha cerca de cinco anos de idade; ele sonhou que

*estava em um banheiro que ficava fora da casa e, de repente, alguém o obrigou a colocar nas costas toda a casinha do banheiro[...] Ele teve que carregar o banheiro com tudo o que este continha* (Z10, p. 56).

Jung considerou o sonho muito apropriado para um futuro clérigo: ele enfatizou a necessidade de ele carregar “esse corruptível corpo de imundície” (Z10, p. 56). (A relação entre os sonhos lembrados da infância e as variáveis da personalidade adulta, inclusive o conteúdo dos sonhos adultos, poderia ser estudada empiricamente.)

No trabalho prático com crianças, Jung aconselhava aos educadores que dissessem alguma coisa à criança a respeito da imagem, como que a figura é uma fada boa, para que a criança consiga lidar com ela. Ao mesmo tempo, ele recomenda que eles se abstenham de entrar em “detalhes psicológicos” (CW17, par. 211), com o que ele parecia estar se referindo à interpretação, para evitar penetrar “profundamente no inconsciente [da criança]” (CW17, par. 179).

A cautela de Jung com relação a contar às crianças a interpretação de seus sonhos era causada pela observação de que a adaptação da criança ao ambiente só é possível depois que a atenção é retirada dos sonhos e fantasias arquetípicos. “Se esses [...] conteúdos permanecerem conscientes por um tempo excessivamente longo, o indivíduo é ameaçado por uma incapacidade de adaptação; ele é perseguido por um constante anseio de permanecer com a visão arcaica [da condição psicológica do início da infância] ou voltar

a ela” (CW18, par. 204). É importante que essa “conexão com a inconsciência primordial [seja] rompida” (CW17, par. 211) para que a criança se adapte ao ambiente. A incapacidade de fazer isso é frequentemente o precursor de uma morte prematura.

Um exemplo de uma criança com esse problema é o de uma menina que, aos oito anos,<sup>2</sup> ainda estava tendo muitos sonhos arquetípicos. O pai levou para Jung uma série de sonhos dela (D18); eram principalmente a respeito da morte ou de situações que punham a vida em perigo, como cair na água. Jung não disse ao pai que achava que eles “continham um prognóstico nefasto” (CW18, par. 205). Evidentemente, ele esperava que a criança morresse, o que aconteceu um ano depois.

Embora Jung tivesse relativamente pouco a dizer a respeito da interpretação dos sonhos das crianças como tal, todas as suas declarações sobre o tema parecem ser compatíveis com suas declarações a respeito da interpretação dos sonhos em geral. Onde diretrizes explícitas estiverem ausentes, portanto, podemos estender para os sonhos das crianças o método interpretativo bastante completo que Jung desenvolveu para os sonhos dos adultos.

<sup>1</sup> Tradução literal: “Interpretação Psicológica de Sonhos de Crianças”. (N.T.)

<sup>2</sup> Em CW9-I, par. 623, Jung declarou que a criança tinha dez anos. A partir de informações posteriores, ele pôde esclarecer (CW18, par. 525) que ela tinha oito quando teve os sonhos, dez quando o pai levou os sonhos para Jung, e onze quando faleceu.

## A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

### **Formulando a hipótese da interpretação**

Quando o contexto do sonho foi estabelecido, as imagens do sonho, caracterizadas, e os fatos situacionais (a situação terapêutica e a idade do sonhador), anotados, surge o momento ideal para tentar uma interpretação. Na realidade, em qualquer ocasião durante os procedimentos da análise do sonho, o intérprete pode ter uma intuição do significado do sonho. Uma pessoa com pouca experiência na interpretação de sonhos pode ficar animada com uma ideia intuitiva e desejar expor de imediato o que ela acha que o sonho significa. Jung advertiu, contudo, que a interpretação prematura deve ser evitada. Essa advertência se baseia, primeiro, na necessidade de reunir a maior quantidade possível de evidências antes que uma interpretação seja formulada a fim de evitar a imposição de ideias preconcebidas, e, segundo, na importância da cooperação entre sonhador e intérprete no desenvolvimento da interpretação. O intérprete cuidadoso que propõe a interpretação de um sonho não está apresentando uma conclusão e sim formulando uma hipótese que será avaliada tendo em vista os fatos do sonho e os testes de verificação antes que seja aceita ou rejeitada.

Jung comparou a descoberta do significado de um sonho à tradução de um idioma<sup>1</sup>. Cada elemento no sonho é uma “palavra”. A equivalência da “palavra” na linguagem psicológica do sonhador só pode ser descoberta a partir das amplificações, e não em um sentido predeterminado, palavra por palavra. Se o elemento do sonho só der margem a uma amplificação, a tradução é simples: por exemplo, se “ferocidade” for a única associação do sonhador com a imagem de um tigre, a tradução é estabelecida de acordo com esse critério. A fim de levar em consideração múltiplas amplificações, Jung adaptou sua analogia da filologia. Traduzir um elemento de sonho com múltiplas amplificações pode ser comparado a descobrir o significado de uma palavra rara que aparece em vários trechos de um texto. Estudamos os trechos e formulamos uma hipótese com relação ao significado da palavra em cada trecho; a partir dos vários significados, formulamos a hipótese de uma definição e, finalmente, testamos a última hipótese inserindo a definição em todos os trechos srcinais. Se a hipótese estiver correta, os trechos textuais adquirem significado. Na interpretação de um sonho, cada imagem é tratada como uma palavra. Por exemplo, se um sonhador tem tido sonhos nos quais certo amigo roubou algo dele, o aparecimento do amigo em sonhos subsequentes seria traduzido como uma força inconsciente que priva o sonhador de uma coisa valiosa.

Às vezes, apesar do cuidadoso trabalho preceituado nos capítulos anteriores, o intérprete e o sonhador fracassam na tentativa de hipotetizar uma interpretação do sonho.

Nesse caso, Jung advertiu que uma explicação não deve ser forçada e recomendou que o sonho deve ser tratado como um objeto desconhecido: carregue-o de um lado para o outro; examine-o a partir de todos os ângulos; converse com outras pessoas a respeito dele; deixe sua imaginação divertir-se com ele; pergunte a si mesmo: por que estou contando essa história para mim mesmo? Em seguida, adote uma atitude de espera. Sonhos subsequentes fornecerão outras pistas, ou um palpite sobre o significado do sonho surgirá na mente do intérprete. Paciência e perseverança adicionais possibilitarão que o palpite se desenvolva.

Certas partes do sonho gradualmente ficam mais claras, e começamos a enxergar, no emaranhado de imagens aparentemente sem sentido, alguns vislumbres de um enredo – no início, apenas frases desconexas, depois cada vez mais [...] (CW17, par. 264).<sup>2</sup>

Todo o processo é acelerado se contarmos a história do sonho com diferentes palavras. Por exemplo, o sonhador pode descrever uma imagem de sonho como uma figura atingindo outra e sendo por sua vez posteriormente atingida. Ao reformular a cena como um evento no qual a primeira figura está “começando uma briga”, uma analogia relevante com uma disputa verbal pode ser traçada. É claro que o procedimento nem sempre é tão simples; não obstante, quando o intérprete e o sonhador tentam traduzir cada elemento do sonho para um conceito ou imagem que esteja relacionado de uma maneira reconhecível com a vida desperta do sonhador, o significado frequentemente fica claro.

Ocasionalmente, um evento externo explica o sonho, especialmente se este for precognitivo. Se for esse o caso, a conexão provavelmente só se tornará evidente muito depois de o sonho ter ocorrido.

Embora Jung rejeitasse a hipótese de Freud de que o sonho é um “mero sintoma” (CW8, par. 703) de repressão, ele admitiu que a repressão pode deformar e distorcer o sonho. Não obstante, não temos critério algum que possa nos ajudar a reconhecer a existência dessa distorção. A hipótese da distorção, portanto, oferece pouca ajuda prática na análise dos sonhos.

Alguns teóricos dos sonhos conjecturam, ao contrário da opinião de Jung, que nem todos os sonhos são significativos: “alguns sonhos podem ser apenas uma distração, com a mente vagando ociosamente e brincando consigo mesma” (Kiester, 1975, p. 19). Kiester também sugeriu que o sonho lembrado pode ser fragmentário demais; como o sonhador pode “recordar apenas partes do sonho final, nós não compreendemos o seu significado, assim como ficaríamos aturdidos com o ato final de uma peça se tivéssemos perdido os atos anteriores” (p. 18). Não obstante, na terapia, uma tentativa deve ser feita para hipotetizar uma interpretação de cada sonho que o sonhador deseje acompanhar. Não raro, uma interpretação que nos escapa quando o sonho está recente emerge em uma época posterior.

Existem interpretações que deixam de explicar alguns dos detalhes do sonho apesar da aplicação de todas as diretrizes discutidas neste livro. Ainda assim, essas interpretações podem servir como hipóteses proveitosas, se levarem em conta a tendência geral e a

atmosfera emocional do sonho.

Jung advertiu contra ficarmos “satisfeitos com um vago sentimento de ter compreendido [um sonho]” (CW18, par. 577). Assim como todas as hipóteses, uma interpretação experimental de um sonho precisa ser testada com relação aos fatos relevantes: os elementos do sonho, sua inter-relação, as amplificações que foram reunidas e as interligações entre as amplificações. Se qualquer elemento do sonho não for levado em consideração, ou se a interpretação não for condizente com os elementos como são apresentados no sonho, a hipótese precisa ser revisada, e a hipótese modificada, testada com relação ao enredo do sonho. Os testes com relação às imagens do sonho e a modificação das hipóteses são repetidos até que as inadequações sejam superadas.

Um exemplo de testagem e modificação é encontrado no sonho *do homem que atira num lobo* (Arquivos de MAM). A primeira interpretação foi que o homem estava tomando uma atitude para matar seu lado lupino, e que o fato de ter errado o tiro provavelmente foi deliberado. Essa interpretação teria se encaixado numa imagem de sonho na qual o homem estivesse carregando a arma. No entanto, foi a mulher do sonhador quem levou a arma para a floresta. Essa imagem, aliada ao fato de ele ter tomado a arma dela, exigiu que a interpretação fosse modificada para reconhecer que a ameaça dele ao lobo foi uma atitude que ele estava arrebatando da esposa. Portanto, a interpretação é aprofundada ou até mesmo radicalmente modificada: ela expôs para o sonhador tanto sua própria ameaça ao lado lupino de si mesmo quanto a origem dessa atitude na influência da esposa sobre ele.

Finalmente, se a interpretação puder ser declarada simplesmente – em poucas palavras, por assim dizer – ela está propensa a causar um impacto maior no sonhador do que uma declaração mais complexa causaria, e ela pode ser testada mais de imediato para ser confirmada.

## **O sonhador e a interpretação**

As interpretações de sonho mais criativas e precisas resultam, provavelmente, de um processo de cooperação do qual tanto o intérprete quanto o sonhador participam plenamente e emergem com uma interpretação que é satisfatória para ambos. Existem muitas ocasiões, contudo, em que o intérprete formula mentalmente a hipótese de uma interpretação e depois se pergunta se deverá dizer ao sonhador a respeito dela. Uma avaliação da força emocional do sonhador no momento pode advertir que poderá ocorrer um dano se o sonhador ouvir mais do que é capaz de entender e aceitar.

As interpretações de sonhos que revelam ilusões de nada servem para o sonhador que ainda não é capaz de aceitar a verdade, de acordo com Jung. Quando a autoestima do sonhador é precária, ser confrontado rápido demais pela interpretação de um sonho pode ser perigoso. No caso de um sonho inicial, Jung disse que se o sonhador pudesse

entendê-lo quando ele ocorreu, ele saberia cedo demais. Além disso, alguns sonhadores

podem usar a interpretação para repelir o impacto do sonho ou para revelar menos no sonho seguinte.

Certo paciente de Jung narrou vários “sonhos indecentes” (CW8, par. 533) e depois perguntou por que alguns de seus sonhos eram tão repulsivos. É melhor, de acordo com Jung, não dar nenhuma resposta à pergunta se o analista sentir que o sonhador não está pronto para entender a interpretação, e uma possível resposta inábil poderá ser mais prejudicial do que benéfica. Um sonho que produz uma inflação (exaltação pessoal) no sonhador também requer silêncio; é provável que o sonho esteja compensando sérios sentimentos de inferioridade e um senso de inutilidade, e uma interpretação seria destrutiva para o sonhador.

Independentemente do que seja feito com o conteúdo do inconsciente pessoal, Jung advertiu que “no início de um tratamento [...] [o sonhador] ficaria completamente desorientado se o aspecto coletivo de seus sonhos fosse evidenciado para ele” (CW13, par. 478). A regra geral defendida por Jung era “nunca ir além do significado que é eficaz para o [sonhador]; [...]” (CW16, par. 99).

Outra interpretação de sonho que provavelmente não deve ser compartilhada com o sonhador, devido à possibilidade de ela estar errada, é a que indica uma catástrofe iminente inevitável, como *os sonhos da menina da morte da mãe e da morte de um cavalo* (D11). O diagnóstico e o prognóstico de uma doença orgânica fatal, que Jung extraiu desses sonhos, foram compartilhados apenas com o médico da menina.

A comunicação da interpretação para o sonhador tende então a ser introduzida apenas gradualmente na terapia, a não ser, talvez (na minha opinião), no caso de pessoas que tenham estado suficientemente interessadas nos sonhos a ponto de registrá-los por conta própria; elas podem ser capazes de empreender mais rapidamente a interpretação dos sonhos. Além disso, essas pessoas não raro vêm fazendo as suas próprias interpretações, talvez errôneas. A terapia poderia ser retardada se a interpretação dos sonhos fosse adiada nas sessões.

Até mesmo quando o intérprete chega a uma interpretação que ele decide compartilhar com o sonhador, é importante que ele se abstenha de insistir que o sonhador aceite a interpretação se este não concordar com ela. Quando um insucesso desse tipo ocorre, uma interpretação que é sob outros aspectos correta torna-se incorreta “porque antevê e, portanto, tolhe o desenvolvimento do paciente” (CW16, par. 314; consulte o Cap. 16 para uma plena discussão da confirmação das interpretações de sonhos). Jung pareceu querer dizer que o sonhador pode supor que certa direção é desejável para o seu desenvolvimento psicológico. Buscar interiormente os sentimentos ou atitudes apropriados pode resultar na repressão de alguns sentimentos genuínos. A interpretação do sonho torna-se, portanto, incorreta porque impede que o desenvolvimento genuíno ocorra.

Embora Jung tenha aconselhado cautela ao intérprete ao contar para o sonhador a sua visão da mensagem do sonho, ele constatou que era pouco provável que uma interpretação incorreta convencesse o sonhador. “O [sonhador] não é um saco vazio que podemos recheiar com qualquer coisa que desejemos; ele traz consigo os seus conteúdos

particulares que resistem obstinadamente à sugestão e pressionam repetidamente para adquirir proeminência. As ‘sugestões’ analíticas meramente distorcem a expressão, mas não o conteúdo” (CW4, par. 648); as pessoas só são suscetíveis a sugestões com as quais tendem a concordar.

Na minha experiência, frequentemente é proveitoso para o intérprete introduzir sua interpretação na forma de uma pergunta ou declaração hesitante, por exemplo, “Talvez o sonho esteja dizendo [...]”. Dessa maneira, o sonhador recebe algo para avaliar que deixa o caminho aberto para uma discussão ou divergência, e mostra consideração pelo ponto de vista do sonhador. Este, por sua vez, pode-se sentir seguro o bastante para ficar aberto a revelações perturbadoras oriundas dos sonhos que ele poderia rejeitar se fossem declaradas de uma maneira mais dogmática.

Em outras ocasiões, embora possa ser desejável oferecer uma interpretação, é importante que o terapeuta admita que não entendeu o sonho. O cliente poderá amadurecer mais rapidamente se souber que o terapeuta nem sempre entende os sonhos e que o paciente precisa desenvolver a capacidade de compreender os seus próprios sonhos.

Quando figuras arquetípicas aparecem nos sonhos de uma pessoa, Jung aconselhou que deve ser explicado ao sonhador “que o caso dele não é particular e pessoal, mas que a psicologia dele está se aproximando de um nível que é universalmente humano. Essa perspectiva é muito importante, porque a pessoa neurótica se sente tremendamente isolada e envergonhada de sua neurose. Mas se ela souber que seu problema é genérico e não apenas pessoal, isso faz muita diferença” (CW18, par. 233). Jung restringiu seus conselhos aos sonhos que ocorrem nos estágios finais da análise, mas parece-me que eles também se aplicam aos estágios anteriores, mesmo que Jung estivesse certo ao afirmar que as imagens arquetípicas são menos frequentes nestes.

Em quase todas as circunstâncias, de acordo com Jung, é importante que o intérprete diga alguma coisa a respeito do sonho para indicar que ele está presente com o sonhador e prestando atenção à mensagem do inconsciente, e não apenas aos propósitos conscientes do sonhador. Jung, enquanto terapeuta, tentava se expressar de uma maneira breve, prática e pessoal.

Um cuidado pessoal precisa ser tomado ao interpretar sonhos para uma pessoa com um estado mental desequilibrado. Nessas pessoas, a consciência geralmente é muito unilateral, e o inconsciente é correspondentemente irracional. Uma pessoa desse tipo pode parecer “supernormal”, como se para compensar artificialmente uma psicose latente. Na realidade, um sonho pode advertir o analista da ameaça, possibilitando que ele oriente o paciente a escolher uma linha de ação que tenha a menor probabilidade de precipitar uma crise psicótica. Um sonho desse tipo foi o do médico que sonhou com a *criança idiota com fezes espalhadas pelo corpo* (D15). O sonho levou Jung a não aceitar o homem para o treinamento analítico. Na maioria desses casos, inclusive este, a interpretação não deve ser compartilhada com o sonhador.

Por outro lado, quando o sonhador tem um estado mental menos precário, o intérprete deve chamar atenção para o significado transpessoal (arquetípico) do sonho

porque, se o significado não for descoberto, o sonhador poderá levar o problema excessivamente para o lado pessoal, diminuindo assim a conscientização da sua semelhança com os de outros seres humanos, com isso, permanecendo isolado. Um exemplo é o sonho no qual o *jovem oficial foi picado no calcanhar por uma cobra e ficou instantaneamente paralisado* (CW8, par. 305). Ele era incapaz de admitir o sofrimento por ter sido rejeitado pela jovem por quem estava apaixonado. Como não conseguia reconhecer que seus sentimentos eram como os de outros seres humanos, foi preciso um sonho para lhe mostrar a universalidade de sua experiência através de sua dimensão mitológica.

Caso o analista sonhe com o paciente, é melhor narrar o sonho para ele, acreditava Jung, sob a alegação de que o paciente poderia entender alguma coisa a respeito do sonho ou chegar a um novo entendimento por causa dele. Jung usou como exemplo um próprio sonho seu no qual ele *viu uma mulher, que ele reconheceu como sua paciente, sentada em um lugar bem acima de onde ele estava, na balaustrada de um castelo* (CW7, par. 189). Ele concluiu que devia ter estado encarando-a com desprezo na vida desperta. Quando contou a ela o sonho e a interpretação, “uma completa mudança teve lugar na situação [...] e o tratamento decolou [...]” (CW7, par. 190).

Apesar do ponto de vista de Jung sobre a questão, eu hesitaria em generalizar a conveniência de contar ao paciente o sonho do analista porque existem situações nas quais isso pode ser destrutivo para o paciente. A diferença de perspectiva a respeito desse assunto talvez seja atribuível ao fato de Jung só ter se lembrado de ter sonhado com seus pacientes quando eles estavam bem adiantados no processo analítico. Minha experiência é que esses sonhos podem ocorrer em qualquer momento do trabalho analítico do paciente.

Jung atribuía uma ênfase considerável à análise dos sonhos na psicoterapia, a ponto de declarar que o método analítico consiste basicamente da análise dos sonhos. Parece-me que esse ponto de vista pode dar ao analisando a impressão de que, ao discutir os sonhos com o analista, o desenvolvimento psicológico está assegurado. Na minha experiência, tanto como analista quanto como analisanda, o desenvolvimento psicológico requer mais do que a análise dos sonhos. Por mais valiosas que sejam as interpretações dos sonhos, o analisando ainda precisa lidar com a vida desperta, o que inclui as emoções e os relacionamentos com outras pessoas, frequentemente começando com sentimentos com relação ao analista.

<sup>1</sup> Berry (1974) contestou a prática de traduzir imagens em palavras, sob a alegação de que “qualquer forma na qual a imagem seja moldada é uma transposição dela, talvez mais distante” (p. 68). Ela defendeu que devemos “nos ater à imagem”. Sua abordagem parece estar bastante em harmonia com a de Jung, sendo talvez a melhor aplicação possível do entendimento de Jung da linguagem do sonho. Na minha experiência, contudo, as imagens não falam diretamente para muitos sonhadores, e traduções verbais são frequentemente necessárias para que o sonhador alcance o valor dos seus sonhos.

2 Jung na realidade escreveu: “cada vez mais do contexto”, mas o “enredo” emergente se refere mais corretamente à sucessão de imagens do que ao contexto.

## CONFIRMANDO A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

À medida que a interpretação dos sonhos passa a ser do interesse de um maior número de pessoas e cada vez mais usada dentro e fora da psicoterapia, a seguinte pergunta torna-se mais premente: “Como podemos saber se a interpretação de um sonho está correta?”. Para alguns intérpretes de sonhos, uma interpretação é considerada correta se ela for verdadeira para as teorias de personalidade e de sonhos aceitas pelo intérprete. Jung rejeitava a ideia de que a interpretação dos sonhos pudesse ser confirmada por uma teoria e buscou uma base de verificação em outro lugar. Suas tentativas eram experimentais, porque ele reconhecia que a interpretação dos sonhos é uma “tentativa de explicar a natureza [e que toda tentativa desse tipo] é um risco. Um método confiável só passa a existir muito tempo depois de o trabalho pioneiro ter sido consumado” (CW10, par. 319).

Jung encontrou algum impedimento da verificação objetiva na maior importância que ele atribuía à contribuição da interpretação dos sonhos para o processo terapêutico. Em outras palavras, sua longa experiência demonstrou para ele que, idealmente, as interpretações de sonhos resultam de um “processo dialético” (CW18, par. 492) entre sonhador e intérprete que não se manifesta necessariamente em resultados “cientificamente verificáveis” (CW16, par. 86). O objetivo da interpretação dos sonhos para Jung era o desenvolvimento psicológico do sonhador.

Ele parecia achar, contudo, que quanto menor o número de erros na interpretação de um sonho, mais ela contribui para o processo terapêutico. Por conseguinte, ele apresentou quatro testes de verificação da verdade de uma interpretação, a ser aplicados depois de a hipótese ter sido testada com relação aos fatos do sonho. Por ordem de aplicação, os testes são os seguintes:

1. A interpretação “bate” com o sonhador?
2. A interpretação “funciona” para o sonhador?
3. A interpretação é confirmada (ou não é desmentida) por sonhos subsequentes?
4. Os eventos antevistos pela interpretação ocorrem na vida desperta do sonhador?

Uma resposta afirmativa para uma ou mais dessas perguntas serve para confirmar uma interpretação.

### **Testes para a confirmação da interpretação de um sonho**

*Teste 1: A interpretação “bate” com o sonhador?*

Jung aplicava rotineiramente o teste de se a interpretação “batia” (CW18, par. 505) com o sonhador, ou seja, se o sonhador a aprovava. (Alguns sonhadores têm uma reação “é isso aí!”; outros concordam de uma maneira mais reservada.) Por exemplo, quando Jung interpretou para um rapaz o sonho no qual *o pai estava dirigindo embriagado* (CW16, par. 335) como compensatório para os sentimentos excessivamente positivos do sonhador para com o pai, a interpretação “acertou em cheio [e] obteve a concordância espontânea do sonhador” (CW16, par. 337).

Quando uma interpretação não “bate” imediatamente com o sonhador, ela não está necessariamente incorreta. Ele pode rejeitá-la porque as implicações dela lhe causam mal-estar ou simplesmente por não achá-la convincente. Não raro a não aceitação se deve a uma incapacidade temporária de entender e aceitar essa mensagem particular do inconsciente. Se for este o caso, o sonhador poderá confirmá-la mais tarde, ou um dos outros três testes poderá ratificá-la. Consequentemente, o intérprete deve ter em mente cada interpretação.

### *Teste 2: A interpretação “funciona” para o sonhador?*

A interpretação de um sonho pode ser confirmada se ela “der novo ânimo à vida [do sonhador]” (CW16, par. 86), quer ou não ela seja aceita cognitivamente pelo sonhador. A nova vitalidade pode se tornar visível no estímulo conferido ao processo terapêutico e ao fluxo de sentimentos positivos entre terapeuta e paciente. O inverso também acontece, como Jung descobriu. Os erros na interpretação dos sonhos se refletem na “tristeza, esterilidade e inutilidade” (CW7, par. 189) das sessões.

Um exemplo da confirmação da interpretação de um sonho em função do fato de ela funcionar para o sonhador é encontrado no sonho no qual *o pai em tamanho gigante da sonhadora a segurou nos braços como se ela fosse uma criança* (D16). O forte apego a Jung não foi afetado pela interpretação aparentemente mais provável: que o apego era uma transferência do forte vínculo com o pai.<sup>1</sup> Jung insistiu no problema, e chegou à interpretação de que o apego da sonhadora a ele era causado pelo profundo anseio por um deus. Essa “hipótese não foi inteiramente plausível” (CW7, par. 217) para ela, ou seja, não “bateu” com ela. Mas funcionou para ela, como foi evidenciado pelo fato de que seu apego a Jung diminuiu. A interpretação, aliada a um aprofundamento concomitante de seu relacionamento com um amigo, possibilitou que ela encerrasse a análise com Jung sem grande angústia.

A capacidade de a interpretação de um sonho funcionar para um sonhador pode ser confirmada tanto “negativamente” quanto “positivamente”. Jung descreveu um sonhador que exibiu um conjunto de sintomas que voltaram quando ele desconsiderou a mensagem de um sonho específico e desapareceram quando ele prestou atenção a ela. O enredo do sonho é, em parte, como se segue:

*Quisera a uma casa, estranha e misteriosa, impôsio “Casa da Beunião” que, uma coisa de-livrar a imagem da*

*mulher, porque você não pode se livrar dessa imagem[...] Você dará à luz a sua religião a partir da plenitude da vida; somente então você será abençoado!* (D19).

O sonhador era um cientista altamente instruído com uma grave neurose (não especificada por Jung). Embora tivesse sido criado na religião católica, na maior parte da sua vida ele nunca prestara atenção à religião. Nas discussões sobre religião, o sonhador se inclinava a assumir o que Jung chamava (mas não definiu) de “uma atitude tradicional”, aparentemente para se defender das suas próprias emoções. Jung interpretou a “imagem da mulher”, ou seja, a alma, como se referindo às necessidades emocionais do sonhador. O sonho em si foi uma experiência numinosa, revelando ao sonhador o fato de que, na tentativa de lidar com a vida de uma maneira inteiramente intelectual, ele havia rejeitado suas emoções junto com sua religião tradicional estéril. Ao acolher novamente suas emoções em sua vida, ele pôde vivenciar uma religião verdadeira e vital, bem como uma vida mais plena. Jung observou que sempre que o sonhador “tentava ser desleal com suas experiências ou negar a voz, o estado neurótico retornava instantaneamente” (CW11, par. 74).

### *Teste 3: A interpretação é confirmada (ou desmentida) por sonhos subsequentes?*

Um terceiro teste é o dos sonhos subsequentes. Quando um sonho é interpretado de uma maneira incompleta ou incorreta, o sonhador às vezes traz um sonho subsequente no qual o principal tema do primeiro sonho se repete mais claramente ou recebe uma distorção negativa por meio de uma “paráfrase irônica” (CW7, par. 189), ou a interpretação do primeiro sonho é claramente antagonizada. Jung comparava a interpretação errada a dar ao paciente um veneno psíquico; o sistema o rejeita da mesma maneira como rejeita uma substância tóxica.

Um exemplo de uma interpretação que um sonho subsequente revelou ser incorreta ocorreu na terapia de uma mulher que estava separada do homem com quem estava profundamente envolvida. Em um sonho, *ela e o seu amigo foram assistir a uma parte de um espetáculo, e depois descobriram que a segunda parte estava em outro lugar* (Arquivos de MAM). O analista deduziu que o relacionamento da sonhadora com o homem teria que continuar “em outro lugar”, e interpretou essa declaração como significando que o rompimento do relacionamento da paciente com o homem em carne e osso teria que ser aceito. Em seguida, a luta poderia se tornar um conflito interno com as qualidades “masculinas” da sonhadora – agressividade e competitividade – que o amigo personificava. Depois de ouvir a interpretação, a paciente sonhou que *estava em um local onde ia fazer um aborto; o médico fez uma incisão no seu abdômen e a natureza fez o resto* (Arquivos de MAM). Quando o segundo sonho foi compreendido como significando que o analista (médico) era o agente da destruição (aborto) de uma nova vida psicológica, pareceu evidente que a interpretação do primeiro sonho estava incorreta. O primeiro sonho foi reinterpretado como significando simplesmente que deveria haver uma transição (literalmente “mudança de local”, ou seja, lugar) no

relacionamento entre a sonhadora e o amigo. Essa transição só poderia ocorrer se o relacionamento continuasse. A nova interpretação foi verificada pelo fato de que uma transição de fato ocorreu: o relacionamento se aprofundou, e a sonhadora e o amigo lidaram eficazmente com os conflitos existentes entre eles.

Podemos esperar que os sonhos que confirmam as interpretações de sonhos anteriores sejam menos frequentes do que aqueles que contestam interpretações anteriores, de acordo com a teoria de Jung da função compensatória dos sonhos. Uma interpretação correta não requer a modificação suprida através da compensação por um novo sonho. Mas sonhos ratificadores ocorrem, talvez, como reação a uma atitude consciente que ainda não esteja firme. Por exemplo, uma pessoa que está deprimida pode ter um sonho que seja interpretado como significando que a depressão é causada pela insatisfação com o emprego. Em um segundo sonho, que confirma a interpretação do primeiro, o sonhador pode estar trabalhando satisfeito, de uma maneira produtiva, em outro tipo de emprego.

Um caso especial de verificação por sonhos subsequentes é o do sonho traumático (reativo). O sonho traumático não pode ser interpretado no sentido de traduzir as imagens do sonho em palavras. Ele simplesmente se repete até que o impacto emocional da experiência desperta retratada no sonho tenha sido assimilado. Portanto, se um sonho que parece traumático continuar a ocorrer, a conclusão de que ele era traumático provavelmente está correta. Se ele tiver sido interpretado pelo método descrito neste livro para sonhos compensatórios (não traumáticos) e parar de ocorrer, ele não era traumático, e a interpretação provavelmente estava correta.

#### *Teste 4: Os eventos antevistos pela interpretação ocorreram na vida desperta do sonhador?*

O quarto teste de Jung para a verificação das interpretações dos sonhos consiste em fatos da vida desperta do sonhador: eventos que são antevistos pelos sonhos, inclusive a ocorrência ou fuga de dificuldades; a persistência ou desaparecimento de sintomas; e outros eventos físicos, como acidentes, doenças orgânicas ou a morte.

Dificuldades subsequentes confirmaram a interpretação de Jung do sonho que o professor teve que *um trem fez uma curva rápido demais e descarrilou* (D14). O sonho pareceu significar que o sonhador estava determinado a avançar na carreira em um ritmo impetuoso apesar do perigo de “descarrilar” e arruinar seu futuro. Ele insistiu em perseguir uma cátedra, e a catástrofe antevista pelo sonho aconteceu. Ele conseguiu o cargo e depois o perdeu.

Outro sonho do professor, aquele no qual *ele visitou sua aldeia natal e ouviu os colegas dizerem que ele não ia lá com muita frequência* (CW18, par. 163) foi interpretado como ele tendo subido alto demais. Essa interpretação foi validada pelo desaparecimento dos sintomas do mal da montanha quando seu *status* diminuiu.

Às vezes, a interpretação de um sonho que diagnostica uma doença orgânica é

confirmada por exames médicos ou pela morte. Por exemplo, o sonho do paciente de T. M. Davie incluiu a imagem de *drenar um lagozinho* (CW18, par. 135n). Jung interpretou a imagem como descrevendo alguns dos fatos fisiológicos da epilepsia periventricular, doença da qual foi constatado mais tarde que o paciente estava sofrendo.

Uma interpretação de sonho apresentando um diagnóstico diferencial entre sintomas orgânicos e histéricos pôde ser confirmada pelo desenrolar subsequente da doença. Um exemplo é o caso dos sonhos da jovem das *mortes autoinfligidas da sua mãe e de um cavalo* (D11). O diagnóstico de Jung, baseado na sua interpretação dos sonhos, de que os sintomas da sonhadora eram orgânicos, se revelou correto.

### **Outros possíveis testes de verificação**

Os testes de verificação das interpretações de sonhos que foram descritos até aqui são aqueles que Jung geralmente usava para confirmar as interpretações dos sonhos que lhe eram apresentados. Seguem-se outros métodos possíveis, que ele achava que mereciam ser investigados.

O Teste de Associação de Palavras, que Jung utilizou bastante na sua carreira, revelava os complexos da pessoa que estava fazendo o teste. Jung publicou um trabalho detalhado de seus testes com uma jovem. Ele também apresentou nove sonhos dela e a maneira como ele os interpretou, que ele constatou confirmar os resultados do Teste de Associação de Palavras (CW2, par. 793-862). Experiências semelhantes puderam ser realizadas, porém na ordem inversa: administrando o Teste de Associação de Palavras para confirmação da interpretação do sonho que identifica os complexos. Outros testes de personalidade poderiam ser usados de uma maneira comparável, na medida em que refletem estados emocionais do dia a dia<sup>2</sup>

Farber e Fisher (1943) usaram um método adicional: pedir ao sonhador no estado hipnótico para interpretar seus sonhos; 20 por cento dos voluntários hipnotizados se mostraram competentes na interpretação. A concordância das interpretações sob hipnose com as do estado desperto, com ou sem a ajuda de um terapeuta, poderia constituir uma verificação. A validade desse método poderia ser estudada comparando a verificação das interpretações que obtêm a aprovação do sonhador com aquelas que não obtêm.

Quer ou não a interpretação de um sonho possa ser confirmada por um dos testes sugeridos, o valor terapêutico da análise dos sonhos persiste. Ao apresentar vários pontos de vista, as interpretações alternativas de sonhos aprimoram o processo terapêutico por estimular a interação entre terapeuta e paciente. Portanto, até mesmo a incerteza habitual com relação à precisão de uma interpretação tem valor, escreveu Jung. Valiosa ou não, a incerteza é inevitável porque

A prática do tiro ao alvo em um estande de tiro está longe de ser um campo de batalha, mas o médico precisa lidar com baixas em uma guerra de verdade. Por conseguinte, ele precisa se envolver com realidades psíquicas mesmo que não possa defini-las de uma maneira científica (CW19, par. 571).

1 Jung não especificou se verbalizou essa interpretação do sonho para ela, mas indicou que a ideia fora repetidamente apresentada para ela, a partir de um conteúdo não onírico.

2 Métodos adicionais de verificação foram sugeridos porém não recomendados por Jung. Dois deles estão em trabalhos publicados. “Um método – o qual, no entanto, não é científico – seria antever futuros acontecimentos a partir dos sonhos por meio de um livro de sonhos e confirmar as interpretações por intermédio de eventos subsequentes, pressupondo, é claro, que o significado dos sonhos reside na previsão deles do futuro” [Como Jung se referiu em outro lugar a “livrinhos vulgares de sonhos” (CW8, par. 543), sua avaliação desse método como “não científico” está sendo suavizada.] “Outra maneira de chegar diretamente ao significado do sonho poderia ser voltar-se para o passado e reconstruir experiências anteriores a partir das ocorrências de certos temas nos sonhos. Embora isso seja possível em um grau limitado, só teria um valor decisivo se conseguíssemos descobrir dessa maneira alguma coisa que, embora tenha efetivamente acontecido, tenha permanecido inconsciente para o sonhador, ou, de qualquer forma, algo que ele não gostaria de divulgar em nenhuma circunstância. Se nenhuma das duas coisas for o caso, então estamos lidando simplesmente com imagens da memória cujo aparecimento no sonho (a) não é negado por ninguém e (b) é completamente irrelevante no que diz respeito a uma função de sonho significativa, já que o sonhador poderia igualmente ter suprido conscientemente as informações” (CW8, par. 537-538).

(Embora Jung indicasse que o segundo procedimento é um método de verificação, tenho a impressão de que se trata mais de um método de interpretação.)

Um terceiro método de interpretação que Jung sugeriu, mas não recomendou apareceu em um trabalho não publicado. O método envolve aplicar uma interpretação a “casos paralelos” (CD38, p. 2) – evidentemente os sonhos de outros sonhadores – e depois decidir se ela também os explica. Parece que Jung estava se referindo a imagens oníricas específicas, presumivelmente símbolos relativamente fixos, e não a sonhos inteiros.

## UM SONHO E A SUA INTERPRETAÇÃO

### Antecedentes do sonhador

J. K., filha de pais judeus, é uma mulher de 30 anos que se converteu ao cristianismo aos 18 anos. Quatro anos depois, ela se casou com um protestante que estava planejando entrar para o ministério da igreja; o casamento terminou em divórcio dois anos depois.

Depois da conversão, que foi dolorosa para os pais dela, J. K. se mudou para um estado distante. Durante dois anos, ela frequentou uma faculdade luterana não reconhecida que treina assistentes religiosos e missionários. Alguns anos depois, desencantou-se com a abordagem evangelista da religião e mudou sua afiliação para a Igreja Episcopal. Ingressou em uma universidade estadual e se formou em história aos 29 anos. Estava fazendo análise havia três anos na ocasião em que relatou o sonho e estava na metade de um programa de mestrado em história. Na época do sonho, o trabalho analítico de J. K. se concentrava em um doloroso complexo que assumiu a forma de querer dominar os outros e, ao mesmo tempo, de querer ser dominado. Ela e eu nos referíamos a ele simplesmente como “o Complexo”.

### O sonho

*Tenho nas mãos a minha placa do Pessach de Israel, que está encerrada em um cubo de vidro ou de plástico. Está implícito que a placa me foi dada pela Rainha Elizabeth I (imagem dela caminhando na minha direção). Digo para Margaret e Elaine: “Esta é a Grande Placa da Inglaterra e não posso permitir que nada aconteça a ela – ela não pode ser tocada, quebrada, perdida, lascada nem mesmo contemplada!” Eu a agarro, e depois penso em colocá-la no porta-malas do meu carro para que fique protegida*

(Arquivos de MAM).

### Identificando o sonho

J. K. havia anotado o sonho por escrito, e o texto parecia completo. No entanto, ao relatar suas associações com a Placa do Pessach, ela mencionou que *ela era turquesa* (“a cor das águas profundas”) e *tinha duas alças de bronze ou latão, concavidades para os alimentos rituais e letras hebraicas douradas em cada concavidade com o nome do alimento que ali deveria ser colocado*. Essa descrição foi incorporada ao enredo do sonho.

## **A estrutura do sonho**

A *estrutura* do sonho é reconhecível, embora seja um tanto irregular.

A *exposição* está incompleta, já que nenhuma declaração de tempo ou lugar é apresentada.

Os *protagonistas* compreendem as seguintes pessoas: (1) a sonhadora; (2) Margaret e Elaine; (3) a Rainha Elizabeth I.

O *desenvolvimento do enredo* já aconteceu: a Placa foi entregue à sonhadora pela Rainha Elizabeth I.

O *clímax* do sonho é a declaração da sonhadora para Margaret e Elaine de que a Placa não deve ser danificada, perdida ou contemplada.

A *lise* é a colocação da Placa no porta-malas pela sonhadora para protegê-la.

## **Amplificações**

A maioria das amplificações são as associações da sonhadora, algumas são oriundas de informações geralmente disponíveis e algumas são paralelos mitológicos. (Os paralelos mitológicos levados às imagens desse sonho são todos da tradição judaico-cristã.)

## **O PESSACH**

As associações de J. K. com o Pessach começaram com ele sendo a única festa judaica que ela conseguia se lembrar de ter celebrado na infância; a celebração tinha lugar na casa do seu avô. Até sua conversão, tudo o que ela sabia a respeito do Pessach era que ele celebrava a saída dos judeus do Egito. No entanto, ele apareceu na sua introdução ao cristianismo. Ela ouviu um evangelista hebreu-cristão traçar paralelos entre o Pessach e a Comunhão: o sangue do cordeiro na ombreira das portas e o sangue de Cristo. Agora, ela relaciona o Pessach com a Quinta-Feira e a Sexta-Feira Santas, importantes celebrações cristãs. A importância destas para J. K. estava refletida na sua declaração: “Essa é a minha época do ano”. Ela acrescentou que o Pessach é a mais antiga festa religiosa que é continuamente celebrada na história ocidental, e que ela se sentia “muito judia” durante o período da festa.

## **A PLACA**

J. K. recebeu a Placa do Pessach de presente de uma amiga que expressou assim o seu respeito pela srcem de J. K.: “nem depreciando-a nem enaltecendo-a”. Ela expandiu a associação com o fato de que alguns de seus colegas na faculdade tinham se sentido pouco à vontade com relação à sua condição judaica e pareciam não saber o que dizer a ela a respeito do assunto. Durante as discussões sobre o cristianismo e o Novo

Testamento, eles a tratavam com superioridade; quando era a vez do judaísmo e do Antigo Testamento, eles partiam do princípio de que ela era especialista. Eles pareciam assombrados com a conversão de J. K. à fé que era tradicional para eles.

Para a sonhadora, a Placa estava também associada à antiguidade; era uma relíquia sagrada. Ter a Placa, disse ela, era como ter um pedaço de Israel.

## **ISRAEL**

Suas associações com Israel começavam com o fato de que é a Terra Santa. Desde sua conversão, J. K. esteve determinada a fazer uma peregrinação a Jerusalém. Encarava Israel como pertencendo a ela de uma maneira como não pertence aos não judeus. Durante a “Guerra dos Seis Dias” em 1967, ela ficou muito agitada e teve um sonho tocante a respeito de estar em Israel. Considerava-se uma sionista “política”, porém não “religiosa”, ou seja, acreditava que Israel tem o direito político de existir, mas nem todos os judeus precisavam morar lá, e os não judeus que desejassem viver em Israel deviam ter permissão para fazê-lo. J. K. desenvolveu suas associações com a declaração de que, ao se converter para o cristianismo, ela tinha consciência de que estava manifestando certa rejeição por sua tradição judaica, e estava consciente de que alimentava certos sentimentos negativos com relação aos judeus, especialmente quando estes assumiam a atitude de que o simples fato de ser judeu é, de algum modo, uma virtude.

## **CUBO DE VIDRO OU DE PLÁSTICO**

Nas associações com o cubo de vidro ou de plástico, ela assinalou as características de ele ser sólido, porém transparente, e tridimensional. Propiciava uma cobertura protetora indestrutível para a Placa.

## **RAINHA ELIZABETH I**

Na condição de estudante de história, J. K. tinha um interesse particular na Rainha Elizabeth I. O fato de o nome de Elizabeth ter sido dado a uma época reflete o lugar especial da Rainha na história. J. K. encarava a Rainha como sendo bem-educada e possuindo um excelente senso de humor. Ao permanecer virgem, ela “superou a esmagadora dominância masculina” que poderia ter se manifestado num casamento, reteve seu poder hereditário e foi capaz de governar e lidar com problemas muito difíceis. Por exemplo, ela derrotou a Espanha por meio da destruição da Armada, evitou o emaranhamento com a França, fez um esforço para controlar a inflação e impôs a resolução dos conflitos religiosos da Inglaterra de uma maneira que foi tolerante para a época. Foi exigido que tanto os católicos quanto os protestantes se conformassem externamente, frequentando a Igreja Anglicana, mas suas opiniões privadas sobre

questões religiosas não poderiam ser submetidas ao escrutínio público ou estatal.

Além disso, para J. K., a Rainha era uma “figura heroica, quase uma deusa, não exatamente humana”. No nível histórico, a Rainha era “muito humana”; na fantasia de J. K., Elizabeth era “sobre-humana, capaz de quase tudo, [possuindo] sabedoria e autoridade”. A sonhadora adicionou a amplificação não pessoal de que existem mitos e lendas de deuses que concedem dádivas aos seres humanos, como Jeová, que entregou a Moisés os Dez Mandamentos.

## **MARGARET**

J. K. descreveu Margaret, com quem ela dividia residência, como sua amiga mais íntima e uma pessoa enérgica, e associou a ela um “profundo sentimento pelas coisas judaicas, como se esse [sentimento] fosse para mim”. Margaret parecia esperar que J. K. reagisse com a mesma intensidade, e às vezes presumia “conhecer” os valores de J. K. Além disso, Margaret não parecia levar a sério o Complexo de J. K.

## **ELAINE**

Elaine era amiga de Margaret e visitava frequentemente a casa de J. K. e Margaret. J. K. via Elaine como uma pessoa que analisa tudo, inclusive valores e experiências numinosas. J. K. descreveu a si mesma como tendo feito isso certa vez.

## **A GRANDE PLACA DA INGLATERRA**

A Grande Placa sugeriu à sonhadora o nome de uma corrida de cavalos chamada “A Placa da Rainha”, na qual o prêmio para o vencedor é uma placa. J. K. ouviu falar dessa corrida depois do sonho. Sentia muito entusiasmo pelas corridas de cavalos, considerando-as “incríveis”. O fascínio pelas corridas girava em torno da genealogia dos animais; ela gostava de prognosticar os vencedores com base na imagem. Sentia que esse interesse derivava em parte da falta de conhecimento a respeito de seus antepassados e do desejo de continuidade. O interesse pelas corridas de cavalos também refletia a busca pelo “cavalo perfeito”. Quando criança, J. K. cavalgava muito quando visitava o avô. Considerava a corrida de cavalos um teste de resistência; montar um cavalo e “controlar a natureza”.

A sonhadora associou a monarquia e a realeza à Inglaterra. Ela desenvolveu essa ideia com o fato de que muitas bênçãos hebraicas começam saudando Deus como o Rei do Universo. O cristianismo é uma monarquia, acrescentou; ela estava impressionada com o fato de Jesus reivindicar o trono por ser da linhagem de Davi. Essa reivindicação contribuiu para a sua conversão.

## **NÃO TOCADO, QUEBRADO, PERDIDO OU LASCADO**

As associações da sonhadora com essas imagens tomaram a forma de sentimentos. A declaração do sonho de que nada deveria acontecer à Placa significava “mantenha-se afastada”, e a Placa era tão importante para ela que “o transpessoal se torna terrivelmente pessoal”.

## **OU ATÉ MESMO CONTEMPLADO**

Apresentei como uma amplificação a determinação do Antigo Testamento de que ninguém pode contemplar a face de Deus e viver. (“Mas [disse o Senhor], ‘Não poderás ver a minha face, porque nenhum homem pode me ver e viver’” [Êxodo 33,20].)

## **O PORTA-MALAS**

A sonhadora declarou que a mala do carro dela era a única coisa móvel que ela tinha com uma fechadura. O carro representava fonte de poder e mobilidade.

## **O SONHO COMO UM TODO**

Além de fazer associações com elementos específicos do sonho, a sonhadora apresentou voluntariamente os seus sentimentos a respeito do sonho como um todo. Ela disse que experimentara assombro. Ela “se sentira honrada, e escolhida para uma responsabilidade especial que [lhe] fora conferida”. O sonho, para ela, era estimulante; estava dizendo coisas boas a respeito do futuro. Ela sentia que estava “no caminho certo”, e teve um novo ímpeto de autoconfiança. “Alguém ou alguma coisa maior que eu havia entregado aos meus cuidados um valioso objeto. Eu era a guardiã da Placa da Rainha.”

## **Temas interligados**

É possível identificar no sonho quatro temas, indicados pelas interligações entre as amplificações:

1. A tensão entre lealdades religiosas é o principal tema de ligação. Essas lealdades são judaicas e cristãs, luteranas e episcopais. O tema conecta as amplificações do Pessach, a Placa do Pessach, Israel, a Inglaterra e, no conflito entre católicos e protestantes da sua época, a Rainha Elizabeth I.
2. O tema da continuidade interliga as amplificações do judaísmo e do cristianismo, a antiguidade da Placa, regras de hereditariedade, a genealogia e a resistência dos

cavalos, a celebração do Pessach e o papel do avô de J. K. (elo com os ancestrais) em suas experiências da infância com a celebração do Pessach e seu apreço por cavalos.

3. O tema da responsabilidade especial aparece na reação da sonhadora ao recebimento da Placa, nas reações dela própria e dos outros à sua identidade como judia e como cristã, e em sua opinião sobre a Rainha Elizabeth.
4. O tema da reunião do divino com o humano aparece nas ampliações à Rainha Elizabeth, na Placa (fabricada por mãos humanas, porém numinosa demais para ser contemplada) e nas ampliações que mencionam a cristandade, cuja figura central é o Deus-homem Jesus Cristo.

### **A situação consciente**

Na ocasião do sonho, J. K. estava deprimida e tendo dificuldade em trabalhar na sua tese de mestrado, cujo tema era a penitência. Ela atribuía a depressão em parte ao desconforto de um joelho intensamente dolorido, à restrição de movimento resultante disso e ao fato de os médicos não terem chegado a nenhum diagnóstico. A possível origem psicogênica dessa limitação, como uma expressão do seu Complexo, foi discutida em várias sessões analíticas: o uso do joelho na genuflexão o associa à submissão – com ser dominada. Conflitos entre ela e Margaret, bem como o sentimento de J. K. de ser emocionalmente desprezada por Margaret, também contribuíam para a depressão.

### **A formulação da hipótese da interpretação**

A ausência de especificações de tempo e lugar do cenário do sonho de J. K. indica que ele é uma resposta de longo alcance ao seu problema em vez de uma compensação do momento. A corroboração dessa sugestão pode ser encontrada em uma associação com a Rainha Elizabeth I – o fato de uma época inteira ter recebido o seu nome. O enredo do sonho começa com a declaração de que a sonhadora está segurando alguma coisa, ou seja, que ela possui alguma coisa e está prestando atenção a ela. O objeto que J. K. tem nas mãos no sonho é a sua Placa do Pessach de Israel. Ela reflete a tensão na dualidade da sua orientação e antecedentes religiosos, o que foi sugerido pelas suas associações: tomar conhecimento do significado do Pessach por intermédio de um hebreu-cristão, e a ligação direta do Pessach, uma festa religiosa judaica, com as práticas cristãs da Quinta-Feira e da Sexta-Feira Santas; a Placa recebida como presente de uma amiga como expressão do valor que a doadora atribuía aos antecedentes duplos de J. K.; o desenvolvimento a partir da experiência cristã de J. K. do seu interesse pelo estado judaico de Israel; e a ligação da Placa com o judaísmo por meio do Pessach e Israel em conjunto com o fato de ela lhe ter sido apresentada no sonho pela líder da Igreja (cristã)

da Inglaterra.

A Placa do Pessach também sugere a continuidade do judaísmo e do cristianismo, tanto histórica quanto ideologicamente. A interpretação da Placa como indicando continuidade é respaldada pela associação do Pessach com o avô de J. K., para ela, o portador da continuidade da sua família. Além disso, o Pessach é a mais antiga festa religiosa continuamente celebrada na história ocidental. A continuidade aponta para o fenômeno do tempo: passado, presente e futuro.

A circularidade da Placa e o seu *status* no sonho como um presente de uma figura real numinosa sugere a totalidade. Adicionalmente, J. K. identificou a cor da Placa como sendo a da água, um símbolo relativamente fixo do inconsciente coletivo, que é a fonte da totalidade psicológica.

A tridimensionalidade do cubo de vidro ou de plástico no qual a Placa está encerrada confere profundidade a ela; o encerramento indica a inacessibilidade ao toque. A inacessibilidade da Placa deixa entrever o desejo da sonhadora de proteger o objeto numinoso, o que é expressado mais adiante no sonho, mas também aponta para uma relutância a tocar – dar atenção a – os problemas com os quais o sonho a confronta.

A interpretação da Rainha Elizabeth I, que entregou a Placa a ela, como uma figura divino-humana, está baseada na amplificação dos mitos de deuses dando presentes para os seres humanos. Se adicionarmos a isso o fato das extraordinárias realizações de Elizabeth e o *status* real, torna-se evidente que, para J. K., Elizabeth é uma imagem do Self. A Rainha resolveu o conflito inter-religioso da sua época, lidou com êxito com a dominância masculina (*animus*) e é ao mesmo tempo humana e divina. Todas essas amplificações sugerem fortemente que para J. K. a tensão entre o judaísmo e o cristianismo e o seu Complexo definem a esfera do seu processo de individuação. A imagem da Rainha Elizabeth caminhando na direção da sonhadora indica a iniciativa do Self no processo. O tema de interligação da responsabilidade especial corrobora o processo de individuação como uma parte da mensagem do sonho.

A Grande Placa da Inglaterra parece ser uma condensação das imagens da Placa do Pessach e de uma corrida de cavalos. As amplificações a essas duas imagens respaldam a hipótese de que o sonho antevê o desenvolvimento do processo de individuação de J. K. Essa hipótese se baseia na sugestão de continuidade, na circularidade da Placa do Pessach e no esforço característico da corrida de cavalos. Quando a hipótese foi testada diante de todas as imagens do sonho, contudo, algumas modificações tiveram que ser feitas. A busca da perfeição (mencionada com relação a um cavalo, implicando um esforço da sonhadora) é antitética à totalidade (na opinião de Jung) porque a perfeição exclui o lado sombrio. Além disso, o espírito competitivo inerente a uma corrida de cavalos não pareceria estar em harmonia com a individuação. Portanto, o impulso de J. K. em direção à individuação é diminuído por desejos conflitantes.

A Inglaterra, a quem a Grande Placa “pertence”, é amplificada pelo israelismo britânico antissemita, que traz à mente o próprio “antissemitismo” de J. K. na rejeição parcial da sua herança judaica e dos seus sentimentos negativos para com os judeus etnocêntricos. Esse “antissemitismo” da sonhadora é um lembrete adicional do problema

da sonhadora de conciliar a sua dupla participação nas comunidades judia e cristã.

Quando a sonhadora diz que não pode permitir que nada aconteça à Placa, ela parece estar expressando a determinação de não perder os valores que a Placa personifica. Na realidade, a sonhadora especifica os infortúnios que poderiam se abater sobre a Placa, como se dizendo que esta não deve ser assim diminuída. Como olhar para a Placa em si não a diminui, a proibição de contemplá-la precisa ser compreendida de uma maneira diferente. Não olhar para a Placa – uma representação dos problemas da sonhadora –

sugere que ela não está enfrentando diretamente nem os seus conflitos e complexos nem a responsabilidade potencial inerente em um vislumbre do Self. Com base na amplificação da proibição de contemplar a face de Deus, e na reação de sentimento da sonhadora à Placa, esta pode ser vista como numinosa e, portanto, como um tabu. Por conseguinte, o conflito religioso é grande, porém importante para o desenvolvimento de J. K.

Para Margaret, que às vezes “conhece” os valores de J. K., diz a sonhadora, na sua declaração de que essa é a Grande Placa da Inglaterra, “Estou colocando o meu próprio valor na Placa”. Para Elaine, que tende a analisar tudo, a sonhadora diz, nas palavras “não posso permitir que nada aconteça a ela”, que o valor dela não deve ser analisado – quebrado e reduzido.

Ao agarrar o valioso objeto, a sonhadora demonstra que tem um sentimento excessivamente ansioso e protetor com relação à Placa. Ao mesmo tempo, ela a mantém próxima e, assim, toma-a para si.

A sonhadora, então, coloca (declarado como: “Acho que vou colocá-la”) a Placa no porta-malas para protegê-la. Ao fazer isso, ela a defende; a mala do carro pode ser trancada, e por essa razão proporciona segurança. J. K. pode carregar a Placa consigo aonde quer que vá, mas ela não está à vista; assim, talvez, a Placa não esteja sujeita aos perigos que ela relaciona, mas tampouco é mantida na consciência. Em outras palavras, J. K. pode não estar pronta ainda para lidar plenamente com os problemas ou as possibilidades expressas no sonho.

### **Realçando as aplicações da teoria de Jung**

Qualquer sonho ilustra apenas uma parte da teoria de Jung da interpretação dos sonhos. Os pontos exemplificados pelo sonho de J. K. são especificados aqui.

### **AMPLIFICAÇÕES**

O processo interpretativo utilizou todos os principais tipos de amplificações. A sonhadora apresentou amplificações pessoais para quase todas as imagens, como as descrições de Margaret e Elaine. As informações do ambiente assumiram a forma de um fato que a sonhadora desconhecia na ocasião do sonho, ou seja, que existe uma corrida

de cavalos chamada “A Placa da Rainha”. Entre as amplificações arquetípicas estão várias da Bíblia. As amplificações que foram usadas na interpretação foram aquelas que serviram para identificar os temas que se interligam.

## **A SITUAÇÃO CONSCIENTE RELEVANTE**

Os aspectos relevantes da situação consciente foram verificados pelo fato de que eles causaram um impacto emocional na sonhadora, tornando-a deprimida. O Joelho doferido e suas implicações para o Complexo, e o fato de ela se sentir emocionalmente desprezada por Margaret. O fato de que a situação consciente era de uma época na vida da sonhadora foi confirmado pelo tema de interligação da continuidade.

## **SÉRIES DE SONHOS**

Não foram encontrados sonhos anteriores ou subsequentes que amplificassem esse sonho ou confirmassem a sua interpretação.

## **A ABORDAGEM DA INTERPRETAÇÃO DO SONHO**

### *Evitando suposições*

Como a Rainha Elizabeth pode ser vista como uma figura do Self, seria tentador supor que o presente dela da Placa do Pessach de Israel, uma imagem que parece judia, estava apoiando a tradição judaica em detrimento da cristã, como um instrumento do processo de individuação. Essa suposição violaria os sentimentos da sonhadora pelo seu compromisso cristão e possibilitaria que ela evitasse a tensão das lealdades religiosas que emergiram no cuidadoso processo de interpretação que foi seguido.

### *As imagens do sonho como símbolos*

As imagens do sonho foram tratadas como símbolos, já que foram interpretadas com base em amplificações, inclusive a experiência individual da sonhadora; algumas revelaram ter múltiplos significados. A Placa foi interpretada, por exemplo, como indicando a totalidade, mas, também, a busca da perfeição (que é antitética à totalidade por excluir o lado sombrio da personalidade).

*O sonho não é um disfarce, e sim um conjunto de fatos psíquicos*

A interpretação tomou as imagens como eram, sem nenhuma suposição de que elas estavam ocultando alguma coisa. A Rainha Elizabeth I, por exemplo, encerra um significado específico para a sonhadora e não é um disfarce para uma “mulher problemática” (por exemplo, uma figura materna) na vida da sonhadora.

### *O sonho não diz à sonhadora o que fazer*

O sonho declara o que é, não o que deveria ser feito. Na declaração da sonhadora de que ela “não pode permitir” que a Placa seja contemplada, por exemplo, ela expressa a sua relutância em examinar os problemas trazidos à consciência pela Placa. É possível que o desenvolvimento de J. K. fosse acentuado se ela examinasse esses problemas, mas o sonho não a orienta a fazer isso.

### *A s personalidades da intérprete e da sonhadora*

A minha inclinação, por ser uma pessoa com uma abordagem menos romântica da vida do que a sonhadora, poderia ser subenfatizar a numinosidade da figura da Rainha Elizabeth I. Por conseguinte, o valor do sonho poderia ter sido danificado se eu tivesse seguido a minha inclinação em vez das associações da sonhadora e a reação de sentimento ao sonho.

## **CARACTERIZAÇÃO OBJETIVA E SUBJETIVA**

A análise das imagens do sonho as revela como sendo quase todas subjetivas. O ego do sonho, a Placa do Pessach, a Rainha Elizabeth I, Elaine e o carro da sonhadora precisam ser tomados quase que certamente como aspectos da psique da sonhadora. O único elemento objetivo é a necessidade, implícita na declaração feita a Margaret e Elaine, de lidar com o fato de Margaret não levar suficientemente a sério o Complexo da sonhadora. Caracterizar objetivamente a figura de Margaret está em harmonia com caracterizar objetivamente as imagens oníricas de pessoas próximas ao sonhador.

## **ANÁLISE REDUTIVA E CONSTRUTIVA**

A interpretação redutiva confronta a sonhadora com os seus problemas, como a sua relutância em enfrentar o seu conflito religioso. A interpretação construtiva aponta na direção da individuação para a sonhadora. Ambas as interpretações estão incluídas na hipótese interpretativa.

## **A COMPENSAÇÃO**

Entre os aspectos compensatórios do sonho estão o foco dele na tensão na sonhadora entre a sua formação judaica e as suas convicções cristãs. Uma atitude consciente da sonhadora é que ela lidou com esse problema percebendo o cristianismo como a culminação do judaísmo e, conseqüentemente, não como separado dele. A compensação da sonhadora confirma a tensão, mas indica que ela pode ser transcendida, mostrando a Placa de Israel como idêntica à Grande Placa da Inglaterra. No entanto, como a Placa está encerrada dentro de vidro ou plástico, a conciliação não está acessível agora.

Adicionalmente, o sonho diz que a sonhadora ainda não está pronta para “olhar para” o problema. O prognóstico é positivo, já que a Placa é um presente da figura do Self, a Rainha Elizabeth.

Uma compensação adicional é encontrada no ímpeto da sonhadora de se proteger das atitudes associadas a Margaret e Elaine, que correspondem a atitudes nela própria, ou seja, a avaliação prematura e a análise excessiva da tensão simbolizada pela Placa.

A interpretação pode ser apresentada “em poucas palavras” como uma tradução da linguagem do sonho. A sonhadora possui, nas suas afiliações judaicas e cristãs, uma fonte de grande tensão e grande valor. Ela foi dada a ela pelo Self como um recurso de individuação. J. K. está determinada a protegê-la, colocando nela o seu próprio valor, e não permitindo que ela seja reduzida pelo questionamento intelectual. Entretanto, ela não está pronta para enfrentar o problema, e o coloca em um lugar seguro para carregá-lo consigo.

## **A CONFIRMAÇÃO DA INTERPRETAÇÃO**

A interpretação formulada foi confirmada por meio da obtenção da aprovação da sonhadora, que havia participado ativamente no desenvolvimento da interpretação. Essa aprovação foi especialmente significativa, já que o sonho já tinha “contribuído positivamente” para a sonhadora e esta tinha uma base firme para dar sua aprovação. A ação da sonhadora afetou a depressão de J. K., que se concentrou na sua dificuldade de trabalhar na sua tese de mestrado. A tese era sobre o sistema medieval de penitência, que despertava o seu Complexo, sempre que ela tentava trabalhar nela; por conseguinte, a tese permanecera intocada durante algumas semanas. Depois do sonho, a depressão desapareceu e J. K. pôde retomar o trabalho. Aparentemente, uma liberação de energia psíquica resultou (a) da conscientização da tensão das lealdades religiosas e (b) de um vislumbre do Self.

## AValiação DA TEORIA DE INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS DE JUNG

Ao avaliar a teoria de interpretação dos sonhos de Jung, estou consciente de que vivo, trabalho e escrevo em uma época, lugar e cultura, bem como a partir de uma formação pessoal, diferentes das dele. Os anos formativos dele foram passados no último quarto do século XIX, na estabilidade da Europa antes da Primeira Guerra Mundial; os meus foram passados nos Estados Unidos no segundo quarto do século XX, no tumulto político e econômico do período entre as duas guerras. Compartilho com Jung antecedentes parcialmente rurais, mas os dele foram em uma pequena nação montanhosa radicada na Idade Média e caracterizada por uma estrutura de classes estável; os meus ocorreram em um estado de pradarias que ainda estava próximo da sua história pioneira (talvez simbolizada pela carroça coberta de lona) e caracterizado pela mobilidade social. A cultura familiar de Jung e a minha tinham algumas semelhanças na forma ou até mesmo no conteúdo: um sentido da história, uma elevada valorização da educação, uma religiosidade convencional e ideias firmes a respeito de questões importantes para elas. No entanto, o aprendizado dele foi clássico; o meu, pragmático.

Apesar dessas diferenças, a abordagem de Jung da interpretação dos sonhos funciona para mim e para os meus analisandos, como confirmado pelos múltiplos exemplos que usei para ilustrar aspectos da teoria de Jung. A beleza da teoria de Jung, de acordo com a minha experiência, é que ela é tão abrangente que pode ser adaptada de imediato, e de uma maneira apropriada, aos sonhos de uma época posterior e de outra cultura. Por conseguinte, ela tem muito a oferecer ao intérprete de sonhos no mundo de hoje.

Jung não se propôs a formular uma teoria de interpretação de sonhos; mais exatamente, ele desenvolveu uma série de hipóteses. Sua suposição básica era que cada sonho (e séries de sonhos) é exclusivo do sonhador e, portanto, só pode ser interpretado do ponto de vista da sua constituição psicológica, experiências conscientes e relacionamentos pessoais. Ele só se desviou dessa suposição na análise de alguns sonhos arquetípicos, os quais requeriam uma interpretação pertinente a um grande grupo de pessoas.

A concepção do inconsciente coletivo de Jung, no qual se inscrevem as imagens oníricas arquetípicas, era o desenvolvimento lógico da sua busca de uma explicação para as imagens oníricas que atravessam as fronteiras do tempo e da cultura. Com seu antigo interesse pela arqueologia e pela religião, é compreensível que ele fosse fascinado pelas imagens oníricas que estavam relacionadas à história da humanidade e, até mesmo, com a pré-história, e que dedicasse um tempo considerável à investigação e discussão dos

arquétipos. No entanto, seria um erro deduzir que ele subordinava, na análise dos sonhos, sua suposição básica (que os sonhos são exclusivos dos sonhadores) à sua fascinação pelo arquétipico. Além de esperar que os sonhos arquétípicos reflitam mais o processo de individuação do que os sonhos não arquétípicos (talvez porque um número enorme dos seus pacientes apresentassem sonhos arquétípicos quando o processo terapêutico já estava bastante adiantado), ele não parece, essencialmente, ter tratado esses sonhos de uma maneira diferente dos outros. A suposição básica de Jung para a análise dos sonhos, combinada com as hipóteses e procedimentos que ele formulou para usar no processo interpretativo, forma, portanto, sua "teoria" (na falta de um termo inclusivo melhor) aplicável a todos os sonhos.

A abrangência da teoria de interpretação dos sonhos de Jung teve origem nos múltiplos desafios que foram apresentados a ele pelo número quase inimaginável de sonhos – 67.000 é o número frequentemente citado – que ele analisou durante sua carreira profissional. A abordagem empírica de Jung, que levava em conta os fatos psíquicos apresentados por um número tão grande de sonhos, o obrigou a modificar, elucidar e expandir repetidamente sua teoria (ou método) ao longo de muitos anos. Por conseguinte, a teoria se desenvolveu e se modificou organicamente.

Apesar da abordagem flexível de Jung, sua teoria permaneceu extraordinariamente estável ao longo dos anos. Muitas das suas ideias germinaram como expansões, modificações ou contra-hipóteses das ideias de Freud, cuja maioria Jung tinha defendido, com reservas. Estas se tornaram mais importantes até que ajudaram a precipitar o rompimento. Posteriormente, Jung desenvolveu sua própria abordagem dos sonhos, começando com um surto de ideias durante os cinco anos que se seguiram ao rompimento com Freud. A estabilidade da teoria de Jung reflete o fato de que quase todos os rudimentos estavam presentes nos seus primeiros trabalhos pós-freudianos e na sua interpretação, embora mais vinte ou trinta anos tenham sido necessários para o esclarecimento e a reformulação. (Para uma discussão completa dos precursores freudianos das teorias de sonho junguianas, consulte Frey-Rohn, 1974.)

No entanto, a frequente modificação encerra algumas dificuldades para os intérpretes de Jung. Ao enfrentar várias situações e audiências, Jung usava diferentes conjuntos de palavras para expressar a mesma ideia. Além disso, como ele era um orador e autor poético, ele não raro se expressava por intermédio de termos que se caracterizam mais pela expressão literária do que pela objetividade. Por conseguinte, com frequência não podemos ter certeza se Jung estava repetindo uma ideia que apresentara anteriormente, ou se a estava modificando.

Surgem diferenças de opinião entre os intérpretes de sonhos junguianos a respeito da intenção de algumas declarações de Jung devido às diferentes maneiras com as quais ele expressa as mesmas ideias. Em decorrência disso, é grande a tentação de usar as partes da teoria que são apropriadas e desconsiderar o resto. Alguns intérpretes, por exemplo, interpretam praticamente todos os sonhos subjetiva e construtivamente, e deixam de considerar as alternativas que são parte integrante da teoria de Jung: as interpretações objetivas e redutivas.

Neste livro, apresento a teoria de Jung da maneira mais abrangente possível. Embora eu discorde da teoria em pontos específicos, as diferenças não interferem na minha concordância com a preponderância dos conceitos. Como a teoria não é monolítica, é possível contestar partes dela sem rejeitar o todo. Minhas concordâncias, discordâncias e avaliações das ideias de Jung são apresentadas nesta avaliação. Seria mesquinho criticar a coerência e a eficácia com que ele aplicava suas ideias, como está refletido em seus exemplos. Da mesma maneira, não exponho minhas indagações a respeito dos fatos de Jung, como a frequência de certos tipos de sonhos. Elas podem ser testadas empiricamente, mas não promovem nem depreciam a teoria.

Uma importante vantagem do método de Jung é sua amplitude, que torna possível a aplicação individualizada: o sonho é interpretado em seu próprio contexto, que inclui as associações e a situação consciente do sonhador; as imagens do sonho são tratadas como uma linguagem a ser traduzida, e não como um disfarce; a exatidão da interpretação é verificada pelas reações do sonhador. Esse envolvimento do sonhador na análise do sonho impede, em grande medida, a imposição das tendenciosidades ou ideias preconcebidas do intérprete.

A amplitude da teoria de interpretação dos sonhos de Jung é igualada pela sua profundidade, que é um atributo do fato de Jung perceber as imagens oníricas como símbolos e não como signos. A profundidade da interpretação também é acentuada pela inclusão de amplificações arquetípicas no repertório de possibilidades.

Na minha opinião, o principal defeito da teoria de Jung é a falta de precisão que acompanha a sua amplitude, talvez necessariamente. Ao tentar explicar a mais extensa gama possível de sonhos, Jung desenvolveu conceitos que, em uso, se prestam a uma quantidade ilimitada de possíveis definições. A hipótese da função compensatória dos sonhos é o exemplo perfeito. Como ela foi expandida para se aplicar praticamente a todos os sonhos, ela é definida com menos rigor do que eu gostaria. Por exemplo, uma imagem de sonho que seja semelhante à realidade no estado desperto pode ser interpretada como confirmando ou se opondo a esta, dependendo da avaliação do intérprete. (Como a maior parte da interpretação de sonhos é parte integrante da psicoterapia, pouco se sabe a respeito do grau em que os intérpretes concordam.)

A falta de precisão também está evidente nas diretrizes excessivamente generalizadas para a interpretação dos sonhos no conjunto de obras de Jung. Essa generalização excessiva talvez pudesse ser corrigida se os critérios para a aplicação das diversas diretrizes fossem definidos com mais firmeza. Além disso, algumas das declarações de Jung parecem mais radicais do que eu acredito que elas tenham tido a intenção de ser. Um exemplo é a afirmação dele de que um sonho não diz ao sonhador o que fazer. Existem ocasiões nas quais o sonho parece indicar ou até mesmo declarar o que o sonhador deveria fazer: por exemplo, tomar medidas para evitar uma catástrofe; ou uma figura de sonho pode especificar uma instrução, como pedir demissão do emprego. É claro que o sonhador é livre para agir ou não agir de acordo com as determinações, mas quando, como acontece em uma proporção muito pequena de sonhos, as instruções são

dadas por uma figura de sonho que é altamente confiável, o sonhador poderá sentir que a

escolha foi feita pelo sonho.

Ao mesmo tempo, a excessiva generalização de Jung é acompanhada pelo que eu considero emparelhamentos demasiadamente restritivos de categorias e descrições interpretativas. Por exemplo, Jung indicou que uma interpretação reductiva é sempre negativa porque critica o comportamento ou valores do sonhador. No meu ponto de vista, uma interpretação reductiva pode ser crítica, mas também positiva, já que ela pressiona o sonhador a se conscientizar de motivações instintivas ou outras motivações da sombra anteriormente reprimidas que, se aceitas, poderão ser vantagens positivas bem como um empurrão em direção a totalidade.

Outro emparelhamento de Jung, que parece ser desnecessariamente limitante para a gama de possíveis interpretações de um sonho, é o do objetivo com a interpretação reductiva e o subjetivo com a interpretação construtiva. A mesma crítica pode ser feita a respeito da propensão dele de quase sempre interpretar construtivamente os sonhos arquetípicos, e positivamente os sonhos prospectivos.

Uma exceção na falta de precisão da teoria de Jung é encontrada na distinção entre as caracterizações objetivas e subjetivas das imagens oníricas. Jung definiu claramente as alternativas e apresentou diretrizes bastante específicas para a sua aplicação.

Até mesmo a distinção muito útil entre as caracterizações objetivas e subjetivas, contudo, requer um esclarecimento ulterior quando os procedimentos que apontam para uma ou para a outra são conflitantes. Por exemplo, quando a imagem de sonho de alguém pode ser considerada uma representação de outra pessoa (com a finalidade de desalojar a emocionalidade concomitante)? Esse esclarecimento aumentaria a utilidade da distinção entre o subjetivo e o objetivo.

O mérito de uma teoria de interpretação de sonhos é medida, em parte, pelo seu valor terapêutico. Nessa esfera, a evidência empírica para a teoria de Jung é esmagadora. Além dos seus próprios dados clínicos, uma amostra dos quais é apresentada neste livro, quase todos os trabalhos sobre psicologia junguiana contribuem para a acumulação de elementos de casos nos quais a interpretação de sonhos junguiana foi usada terapêuticamente.

O valor de uma teoria de interpretação de sonhos, como qualquer teoria, também é medido pelo seu valor heurístico – a sua capacidade de estimular a investigação. Embora a teoria de interpretação de sonhos de Jung tenha inspirado poucos trabalhos experimentais, ela tem sido alvo de muitas pesquisas acadêmicas, especialmente no que tange aos motivos arquetípicos (por exemplo, a Grande Mãe). Além disso, ela é bastante significativa por ser a primeira teoria de interpretação de sonhos que hipotetizou muitas das ideias aceitas atualmente pela maioria dos teóricos do sonho, entre estes teóricos que não estão conscientes de que Jung é seu precursor.

Muitas possibilidades para pesquisas empíricas são mencionadas neste livro com relação a aspectos específicos da teoria de Jung. Algumas pesquisas empíricas adicionais poderiam ser realizadas com os métodos existentes. Por exemplo, o método de análise do conteúdo (Hall e Van de Castle, 1966) é útil para entender as informações de um grande número de sonhos. Outro método aplicável ao estudo dos sonhos e a sua interpretação é

o método “idiopático” criado por Allport, exemplificado nas suas *Letters from Jenny* (1965). Com ele, podemos examinar experiências singulares, ou pelo menos casos individuais, como variáveis psicológicas.

Os pontos principais deste livro foram que o sonho é um aspecto importante da experiência humana, que precisa ser levado em consideração na busca da totalidade, e que a interpretação dos sonhos é uma arte que pode ser aprendida. No entanto, a linha de frente provavelmente reside em usar os sonhos e a sua interpretação para estudar o funcionamento da mente humana. Muitas pesquisas foram dedicadas à descoberta de quando e como as pessoas sonham, mas praticamente todos os cientistas de pesquisa concordariam, acho eu, em que a questão mais importante é *por que* nós sonhamos.

“Por que” sonhamos provavelmente não será respondido enquanto uma atenção considerável não for concedida à interpretação dos sonhos. Como os “sonhos de casa” recordados parecem ter um conteúdo diferente dos sonhos de laboratório recordados, e os sonhos que recordamos desempenham um papel diferente na nossa vida do que aqueles dos quais não nos lembramos, os experimentalistas talvez tenham que se deslocar do laboratório e ir para o ambiente clínico para estudar o significado – a interpretação – dos sonhos em busca de pistas para resolver a questão de por que nós nos lembramos de alguns sonhos e não de outros, e a questão relacionada de por que nós sonhamos.

O argumento de que o método científico geralmente aceito não pode ser aplicado a elementos tão subjetivos e internos como os sonhos me parece ser uma ação retardadora. Argumentos comparáveis têm sido frequentemente utilizados na história da ciência, e especialmente da psicologia, e se revelaram espúrios quando mentes sem preconceitos decidiram trabalhar no problema. Por exemplo, a teoria do desenvolvimento infantil de Piaget foi preterida durante muitos anos como não sendo científica; ela só se baseava em observações dos seus próprios filhos. Não obstante, quando psicólogos americanos se interessaram pelo trabalho de Piaget, eles conceberam métodos de testar empiricamente o seu considerável corpo de teoria. Algo semelhante pode acontecer com as teorias de Jung, especialmente com a sua teoria da interpretação de sonhos. Embora grande parte do trabalho de Jung sobre a interpretação de sonhos seja mais método do que teoria, o método se baseia em premissas teóricas como a autorregulação da psique e o inconsciente coletivo. Essas premissas podem se tornar hipóteses testáveis.

Ao considerar o trabalho de Jung como não científico, os psicólogos deixam passar o fato de que o empreendimento científico possui, de acordo com o filósofo da ciência Reichenbach (1938), dois componentes básicos: o “contexto da descoberta” e o “contexto da justificação” (p. 239). A maioria dos psicólogos americanos se concentra no contexto da justificação: testar experimentalmente hipóteses em comparação com informações que eles são versados em reunir. O principal interesse de Jung recaía no contexto da descoberta: construir hipóteses por indução a partir de dados clínicos que ele encontrou por casualidade. Tanto a experimentação quanto a formulação de hipóteses são empíricas, já que utilizam informações, mas elas usam as informações de maneiras diferentes e com propósitos distintos.

Por conseguinte, é possível para a pesquisa sobre a interpretação de sonhos associar

outros empreendimentos científicos, como os do mapeamento do cérebro e da observação do comportamento manifesto, ao contribuir para o nosso entendimento da misteriosa esfera da criatividade porque sonhar é a atividade criativa vivenciada pela maioria das pessoas.

## APÊNDICE

DI.(Caps. 1, 3, 11)

“[...] Um colega meu [...] sempre caçoava de mim por causa das minhas interpretações de sonhos. Bem, eu o encontrei na rua certo dia, e ele me chamou, dizendo: ‘Como vão as coisas? Ainda interpretando sonhos? Por falar nisso, tive outro sonho idiota. Ele também significa alguma coisa?’. Eis o que ele tinha sonhado: *Estou escalando uma montanha elevada com escarpas íngremes e cobertas de neve. Subo cada vez mais alto, e o tempo está maravilhoso. Quanto mais eu subo, melhor eu me sinto. Eu penso: Se ao menos eu pudesse continuar a subir assim para sempre!. Quando chego ao cume, minha felicidade e euforia são tão grandes que sinto que eu poderia subir no espaço. E descubro que efetivamente posso fazer isso: eu subo no espaço vazio, e acordo no mais absoluto êxtase’.*

“Depois de conversarmos um pouco, eu disse: ‘Meu querido amigo, eu sei que você não pode desistir do alpinismo, mas vou lhe implorar para não praticar mais o esporte sozinho de hoje em diante. Quando for escalar, leve dois guias com você, e me dê a sua palavra de honra que irá segui-los incondicionalmente’. ‘Você é incorrigível!’ retorquiu ele, rindo, e em seguida acenou se despedindo [...] Dois meses depois [...] quando estava escalando sozinho, ele foi enterrado por uma avalanche, mas foi desenterrado na hora H por uma patrulha militar que, por acaso, estava passando pelo local. Três meses depois [...] ele foi escalar com um amigo mais jovem, mas sem guias. Um guia que estava mais embaixo o viu pisar literalmente no ar enquanto descia um penhasco. Ele caiu sobre a cabeça do amigo, que estava esperando mais embaixo, e ambos se espatifaram na queda. Esse foi um *ecstasis* bastante violento!” (CW16, par. 323-24).

Jung relatou o mesmo sonho em outro lugar com algumas informações adicionais: “O sonhador era um homem de cerca de cinquenta anos de idade com uma educação acadêmica [...] Eu sabia que ele era [...] um alpinista experiente [e] entusiástico [...] Ele me contou quanto gostava de ir sozinho para as montanhas, sem guia, porque o próprio perigo disso encerrava um tremendo fascínio para ele. Ele também me descreveu várias excursões perigosas, e a ousadia que ele exibiu [...] ele acrescentou, ficando ao mesmo tempo mais sério, que não tinha medo do perigo, já que achava que a morte na montanha seria uma coisa muito bela [...] ele [declarou] muito enfaticamente que jamais ‘desistiria das suas montanhas’, que ele tinha que ir até elas para se afastar da cidade e da sua família. ‘Essa coisa de ficar em casa não combina comigo’, disse ele [...] Além disso, ele parecia desgostoso com sua vida profissional. Ocorreu-me que sua paixão excepcional pelas montanhas poderia ser uma maneira de ele escapar de uma existência que se tornara intolerável para ele.

“Por conseguinte, interpretei privadamente o sonho da seguinte maneira: como ele

ainda se agarrava à vida apesar do que sentia, a escalada da montanha foi inicialmente laboriosa. No entanto, quanto mais ele se entregava à sua paixão, mais ela o seduzia e emprestava asas aos seus pés. Finalmente, ela o seduziu completamente para fora de si mesmo: ele perdeu toda a sensação de peso corporal e subiu ainda mais alto do que a montanha, saindo para o espaço vazio. Obviamente, isso significou a morte nas montanhas.

“[...] Eu disse a ele sinceramente o que eu achava, isto é, que ele estava procurando a morte nas montanhas, e que com aquela atitude ele tinha uma elevada probabilidade de encontrá-la.

“‘Mas isso é absurdo’, retrucou ele, rindo. ‘Pelo contrário, estou procurando a minha saúde nas montanhas’” (CW17, par. 117-122).

Em ainda outro relato, Jung declarou que o homem “estava inextricavelmente envolvido em uma série de assuntos duvidosos. Ele desenvolveu uma paixão quase mórbida pelo alpinismo perigoso como uma espécie de compensação: ele estava tentando ‘ir além de si mesmo’ [...] Um guia de montanha observava enquanto ele e [o] amigo desciam por uma corda em um lugar difícil. O amigo encontrara uma saliência onde pôde apoiar temporariamente o pé, e o sonhador estava descendo atrás dele. De repente, ele soltou a corda ‘como se estivesse saltando no ar’, segundo o que o guia relatou posteriormente” (CW18, par. 471).

Jung mencionou o sonho uma quarta vez de forma mais sucinta, sem incluir nenhuma informação adicional (CW8, par. 164).

## D2. (Cap. 2)

*“Eu estava [no] prado [do vicariato que se erguia isolado perto do castelo de Laufen]. De repente, encontrei no chão um buraco escuro, retangular, revestido de pedra. Eu nunca o vira antes. Avancei correndo, curioso, e espiei para dentro. Em seguida, divisei uma escada de pedra que descia pela parede do buraco. Hesitante e amedrontado, desci. Quando cheguei embaixo, vi um portal com um arco redondo, fechado por uma cortina verde. Era uma cortina grande e pesada de um material trabalhado como brocado, e tinha uma aparência muito suntuosa. Curioso para ver o que poderia estar oculto atrás dela, eu a empurrei para o lado. Na luz mortiça, eu me vi diante de uma câmara retangular com cerca de dez metros de comprimento. O teto era abobadado e de pedra trabalhada. O piso era coberto por lajotas, e no centro um tapete vermelho estava estendido da entrada até uma plataforma baixa. Sobre essa plataforma erguia-se um esplêndido trono dourado. Não estou certo, mas talvez houvesse uma almofada vermelha no assento. Era um trono magnífico, um verdadeiro trono dos reis dos contos de fadas. Algo se erguia sobre ele, que eu inicialmente pensei ser um tronco de árvore com quatro ou cinco metros de altura e cerca de cinquenta ou sessenta centímetros de espessura. Era uma coisa enorme, que quase chegava ao teto. Mas a sua composição era curiosa: era feita de pele e carne, e no alto havia algo como uma cabeça redonda sem rosto e cabelo. Bem no topo da cabeça havia um único*

*olho, que olhava imóvel para cima.*

*“Estava relativamente claro no aposento, embora não houvesse janelas e nenhuma fonte aparente de luz. Acima da cabeça, contudo, havia uma aura de luminosidade. A coisa não se moveu, embora eu tivesse a sensação de que ela poderia a qualquer momento rastejar do trono como verme e avançar lentamente na minha direção. Fiquei paralisado de terror. Naquele momento, ouvi a voz da minha mãe vindo do lado de fora, por cima de mim. Ela gritou: ‘Sim, apenas olhe para ele. Esse é o comedor de gente!’ Isso intensificou ainda mais o meu terror e eu acordei suando, apavorado. Durante muitas noites subsequentes fiquei com medo de ir dormir, porque estava com medo de ter outro sonho como esse.*

“O sonho me obcecou durante anos. Somente muito mais tarde compreendi que eu tinha visto um falo, e passaram-se décadas até que eu me desse conta de que se tratava de um falo ritual. Nunca consegui discernir se minha mãe quisera dizer *‘Esse é o comedor de gente’* ou *‘Esse é o comedor de gente’*. No primeiro caso, ela teria querido dizer que Jesus Cristo ou o Jesuíta [cujo manto negro me assustara, e em cuja presença o meu pai parecera irritado e temeroso] não era o devorador de criancinhas, e sim o falo; no segundo caso, que o ‘comedor de gente’ em geral era simbolizado pelo falo, de modo que o Jesus Cristo escuro, o Jesuíta, e o falo eram idênticos.

“O significado abstrato do falo é mostrado pelo fato de ele estar entronizado por si mesmo, ‘elehipofalicamente’ ([...] ‘ereto’). O buraco no prado provavelmente representava um túmulo. O túmulo propriamente dito era um templo subterrâneo cuja cortina verde simbolizava o *prada* em outras palavras o mistério da Terra com a sua cobertura de vegetação verde. O tapete era *vermelho-sangue*. E a abóbada? Será que eu já tinha ido ao Munôt, a cidadela de Schaffhausen? Isso é improvável, já que ninguém levaria até lá uma criança de três anos. Portanto, não pode ser um vestígio de memória. Igualmente, não sei de onde o falo anatomicamente correto pode ter vindo. A interpretação do *orificium urethrae* como um olho, com a fonte de luz aparentemente sobre ele, aponta para a etimologia da palavra falo ([...] reluzente, brilhante).

“De qualquer modo, o falo desse sonho parece ser um Deus subterrâneo ‘que não deve ser designado’, e assim ele permaneceu durante toda a minha juventude, reaparecendo sempre que alguém falava enfaticamente a respeito de Jesus Cristo. Jesus Cristo nunca se tornou inteiramente real, aceitável ou digno de amor para mim, já que repetidamente eu pensava no seu congêneres subterrâneo, uma revelação assustadora que me fora concedida sem que eu a buscasse. O ‘disfarce’ do jesuíta lançou sua sombra sobre a doutrina cristã que me haviam ensinado. Não raro ela me parecia uma solene mascarada, uma espécie de funeral no qual os enlutados vestem uma face pesarosa, mas no momento seguinte estavam rindo secretamente e nem um pouco realmente tristes. Jesus Cristo me parecia de algumas maneiras um deus da morte, prestimoso, é verdade, já que afugentou os terrores da noite, mas ele próprio sinistro, um cadáver crucificado e sangrento. Secretamente, seu amor e sua bondade, que eu sempre ouvi serem elogiados, me pareciam duvidosos, principalmente porque as pessoas que mais falavam a respeito do ‘querido Jesus Cristo’ usavam sobrecasacas pretas e botas pretas reluzentes, que me

faziam lembrar de enterros. Eram os colegas do meu pai bem como oito dos meus tios – todos clérigos. Durante muitos anos, eles me inspiraram medo – sem falar nos ocasionais padres católicos que me faziam lembrar do apavorante jesuíta que havia irritado e até mesmo assustado o meu pai. Nos anos posteriores e até a minha crisma, eu me esforcei ao máximo para me obrigar a adotar a atitude positiva requerida diante de Cristo. Mas nunca consegui superar minha desconfiança secreta.

“O medo do ‘homem negro’, que toda criança sente, não era a coisa essencial nessa experiência: era, mais exatamente, o reconhecimento que trespassava o meu cérebro infantil: Isso é um jesuíta. Portanto, a coisa importante no sonho era o seu cenário extraordinariamente simbólico e a espantosa interpretação. ‘Esse é o comedor de gente.’ Não o ogro ou um bicho-papão da criança, mas o fato de que *esse* era o comedor de gente, e que *ele* estava sentado em um trono dourado debaixo da terra. Para a minha imaginação infantil, era antes de tudo o rei que se sentava em um trono dourado; depois, em um trono muito mais bonito, mais alto e muito mais dourado, longe, bem longe, no céu azul, se sentavam Deus e Jesus Cristo, com coroas douradas e mantos brancos. No entanto, desse mesmo Jesus Cristo desceu o ‘jesuíta’, com vestes pretas de mulher, com um largo chapéu preto, do monte arborizado. Eu tinha que levantar os olhos para lá de vez em quando para ver se outro perigo não poderia estar se aproximando. No sonho, desci pelo buraco na terra e encontrei algo muito diferente em um trono dourado, uma coisa não humana e subterrânea, que olhava fixamente para cima e se alimentava de carne humana. Foi somente cinquenta anos depois que uma passagem em um estudo de ritual religioso, que envolvia o tema do canibalismo que está por traz do simbolismo da Missa, captou a minha atenção. Somente então ficou claro para mim quanto o pensamento que tinha começado a irromper na consciência nessas duas experiências era extraordinariamente nada infantil, quanto ele era sofisticado e demasiadamente sofisticado. Quem estava falando dentro de mim? De quem era a mente que as concebera?

Que tipo de inteligência superior estava em funcionamento?

“Quem se dirigiu a mim na ocasião? Quem falou a respeito de problemas muito além do meu conhecimento? Quem reuniu o Em Cima e o Embaixo, e assentou o fundamento de tudo o que iria preencher a segunda metade da minha vida com tempestuosa paixão? Quem senão aquele hóspede estranho que vinha tanto de cima quanto de baixo?”

“Por intermédio desse sonho da infância, fui iniciado nos segredos da terra. O que aconteceu então foi uma espécie de enterro na terra, e muitos anos se passariam antes que eu sáísse novamente. Eu sei que aquilo aconteceu para levar a maior quantidade possível de luz para a escuridão. Foi uma iniciação na esfera da escuridão” (MDR, p. 12-15).

*D3*.(Cap. 3)

“Sonho: *‘Eu estava em um barco com um homem. Ele disse: Precisamos ir para a extremidade do lago, onde os quatro vales convergem, para levar os rebanhos de*

carneiros para a água. *Quando ele chegou lá, encontrou um carneiro manco no rebanho, e eu encontrei uma pequena ovelha que estava grávida. Fiquei surpresa, porque ela me pareceu jovem demais para estar grávida. Pegamos carinhosamente nos braços os dois carneiros e os levamos para o barco. Continuei a abraçá-los. O homem disse: Eles devem morrer, estão tremendo muito. Portanto, eu os abracei novamente.*

“[...] [A sonhadora] está em movimento [...] Ela está no barco com um homem. A situação do sonho envolve um lago que obviamente é o Lago de Zurique, já que o menino [no sonho anterior] é Suíço. A situação, então, está localizada aqui – a situação efetiva, não uma situação da memória, e o desconhecido que está com ela é o professor de música [de um sonho anterior]. [...] Dessa vez [...] ele é o homem que manobra o barco, [...] o homem no timão toma a iniciativa, e diz: ‘Precisamos ir para a extremidade do lago’. É uma necessidade elevada, um *precisar*; precisamos ir até o fim da coisa, percorrer toda a extensão do lago. É uma espécie de empreendimento, uma incumbência, e precisa ser feita completamente, até o fim. E agora acontece uma coisa impressionante: o sonho diz: ‘onde os quatro vales convergem’. Aqui as coisas estão ficando bastante mitológicas [...] Viajar com um homem desconhecido em um barco encerra uma conotação mitológica. Poderia ser uma metáfora. A pessoa está no mesmo barco que alguém – é o mesmo empreendimento [...] O homem [...] é o novo espírito que ela adquiriu ou criou na Suíça, e esse espírito agora a leva com ele. Ele a está conduzindo pela mão, dizendo: ‘Você vai aonde eu vou, você me segue’, e ela aceita, e o empreendimento seguinte é uma aventura, viajar pelo lago e ir até a extremidade dele [...] Na mitologia [isso seriam] os Argonautas, a busca do Velocino de Ouro [...] na outra extremidade não há nenhum velocino, mas há carneiros [...] Os Argonautas [...] [tiveram] que passar pelas rochas onde o pombo perde a cauda, e tudo isso. Eles fazem uma viagem extremamente psicológica: [...] a jornada noturna pelo mar. O lago é o inconsciente [...] porque quando tentamos examinar o inconsciente não vemos nada – vemos apenas o nosso ego, [...] porque é escuro embaixo e claro em cima, e vemos apenas nós mesmos. No entanto, sabemos que milhares de coisas estão depositadas ali, existem monstros, a noite eterna se encontra ali [...] O mundo dos nossos ancestrais, até mesmo o mundo da nossa infância, ainda está acontecendo nessas profundezas. É como a superfície brilhante de um lençol d’água, que é ao mesmo tempo profunda e escura. Podemos pressupor que o mundo inteiro está submerso nas profundezas do mar – como a Atlântida – e nada vemos além da nossa própria imagem refletida nessa superfície reluzente. Esse é o motivo pelo qual o inconsciente é expresso pelo mar ou por qualquer corpo de água, até mesmo pela água estagnada.

“Essa viagem à extremidade do lago é uma experiência séria [...] ela nos conduz ao final, e lá esperaríamos encontrar alguma coisa definida, algo novo. E essa coisa que é tão nova e definida é simbolizada por quatro vales que [...] se reúnem, [...] e rebanhos de carneiros estão descendo para beber a água da vida. Essa imagem é quase bíblica [...] Não consigo me lembrar de nenhum lugar onde quatro vales convirjam, e quando perguntei à paciente, ela ficou completamente desconcertada [...] Bem, pensamos nas quatro direções; nos Pueblos, os povoados indígenas, ouvimos falar nos quatro pontos

cardeais do horizonte, pensamos na orientação dos templos de acordo com os quatro pontos cardeais. Há também um [...] elemento dinâmico [nessa imagem]: [...] Rebanhos de carneiros estão vindo dos quatro cantos para chegar ao centro, para beber da água [...] Algo semelhante [...] [está na] lenda de que quando Jesus nasceu e imagina-se que os três magos tenham vindo dos quatro cantos do mundo e se reunido, não eram três homens, e sim quatro, mas o quarto não chegou a tempo. Jesus é a fonte da vida, e os seus seguidores são os carneiros. Esse é o lugar das águas da vida onde as pessoas

buscarão sua salvação [...] [Outra analogia é o Jardim do Éden,] a imagem inversa: o centro, e as águas da vida vindo para fora em quatro rios [...] Depois, outra imagem, rebanhos da humanidade afluindo [para a Cidade de Quatro Portões] [...] no Apocalipse, o Dia do Juízo Final, onde todos os povos da terra fluem juntos, como carneiros. Eles separam os carneiros dos bodes. E no centro de todo o espetáculo está a Jerusalém Celestial onde o Julgamento é realizado [...] Encontramos [também o símbolo quádruplo] nos Pueblos, na Índia, na China [...] Nós o encontramos até mesmo no *tetraktys* de Pitágoras [...]

“[...] Quando o homem pega o carneiro manco, ele está pegando uma coisa que [...] o expressa de uma maneira, [...] como os profetas no Antigo Testamento agiam profética ou simbolicamente [...] Quando as figuras do sonho pegam esses animais, é como se eles estivessem falando por meio da sua ação, [...] como se dissessem, por exemplo, ‘Estou fazendo isso para lhe mostrar que devemos sentir compaixão’ [...]

“[...] Esses carneiros podem ser de srcem cristã, porque os carneiros, particularmente o cordeiro, desempenham um papel muito grande no simbolismo cristão, e é bastante certo que os símbolos cristãos aflorariam em algum lugar com a nossa paciente [...] Ela simplesmente não conseguiu resolver seus problemas com o típico ponto de vista protestante [...] Esse simbolismo do cordeiro é um pedaço de catolicismo EM nossa paciente que é bastante inesperado [...]

“[...] [O simbolismo é uma analogia para] a figura do pastor que pega um cordeirinho e o carrega [...] O homem assumiu o papel do bom pastor. Ele já é um guia – ele guia a sonhadora para o lugar dos quatro vales e, quando se aproxima do seu rebanho, pega um carneiro manco. Ele é uma figura que pode ser comparada a uma antiga figura muito interessante da igreja primitiva, chamada o *Poimen*, que desapareceu da terminologia eclesiástica. O bom pastor permaneceu, mas a outra figura desapareceu com certo livro que era quase canônico na época, chamado *O Pastor de Hermas*. Quando os textos do Novo Testamento foram reunidos, esse livro foi omitido. Preciso usar aqui a palavra grega *Poimen* porque esse *Poimen* é uma figura pré-cristã. Ele não é uma invenção cristã, é uma invenção pagã, e tem uma relação histórica direta com Orfeu. E Orfeu é outra figura relacionada com Cristo; ele era interpretado como uma antecipação de Cristo porque domava as paixões turbulentas na forma de animais selvagens com sua música delicada. Ele também é como um pastor, e, além disso, é chamado de ‘o Pescador’, e como tal desempenhou um grande papel nos mistérios dionisíacos, que eram, é claro, pré-cristãos. Portanto, vemos a figura do Cristo em cultos pagãos. Encontramos até mesmo, em certas inscrições, Cristo quase idêntico a Baco, completamente no mesmo

nível [...] Nos primeiros dias, a figura de Cristo era bastante nebulosa, a ideia que temos dele é uma invenção inteiramente nova [...] Essa figura impessoal nunca foi chamada de Cristo. Esse nome era tabu. Ele era chamado de Pastor dos Homens [...]

“[...] A nossa boa mulher [...] retorna aqui ao padrão arquetípico [...] do líder de homens semelhante ao espírito. Isso recua aos líderes espirituais das tribos primitivas – nas quais certos homens chamados de curandeiros são, às vezes, possuídos por espíritos, principalmente espíritos ancestrais, que os conduzem e lhes dizem o que é bom para o

popo [...] Não podemos ver isso exatamente a partir desse sonho. Só obtemos um indício, [...] Ele chega mais tarde e [...] lentamente se transforma no líder espiritual primitivo, um vidente que enxerga antecipadamente todas as coisas que ela está destinada a passar mais tarde [...] O líder espiritual [...] tomará a iniciativa, irá antever e experimentar por antecipação, e ela seguirá o mesmo caminho e terá a experiência na sua própria vida.

“Ora, pegar um dos carneiros mancos denota a qualidade dele de bom pastor. Existe algo errado com os carneiros: um é manco, e a ovelha que ela pega está grávida, o que é uma anormalidade, uma coisa que efetivamente não deveria estar acontecendo, de modo que ambos devem morrer, como o pastor insinua. Ele diz que os animais devem morrer porque estão tremendo muito; já estão com bastante frio. Assim sendo, se tomarmos esse simbolismo do carneiro como indicando uma maneira cristã específica de resolver o grande problema de como viver, poderíamos então dizer que isso é demonstrado aqui em duas partes.

“[...] Aqui no sonho, essa mulher está com a ovelha por ser ainda um membro instintivo da igreja cristã. Sua mente é manca, e ela está grávida. Ainda é jovem demais para carregar uma criança no ventre e, no entanto, está grávida do futuro. Isso significa que ela é jovem demais como pessoa, não está sazoadada, madura, está grávida do futuro, mas não pode carregá-lo [...]

“Depois desse sonho, a paciente foi atacada por um extraordinário sentimento de lassidão e fadiga. Isso era perfeitamente inexplicável para ela, mas a razão é bastante óbvia a partir do sonho. A coxeadura e a doença dos carneiros é um fato vivo nela. Temos esse sentimento de exaustão, uma espécie de resignação, de desespero, quando perdemos a esperança – uma forma na qual poderíamos viver, por exemplo. Quando essa possibilidade desaparece, somos dominados por esse tipo de fadiga psicogênica. Trata-se de uma consequência direta do sonho, ou da compreensão que teve lugar no sonho. Além disso, veja bem, essa reação aconteceu antes de o termos analisado. Ela não sabia o que o sonho comunicou, mas sentiu seu efeito, o que frequentemente é o caso” (VSI, p. 19-21, 23-28).

D4.(Cap. 5, 11)

“[...] Um rapaz sonha o seguinte: *‘Eu estava num estranho jardim e peguei uma maçã de uma árvore. Olhei com cuidado em volta, para ter certeza de que ninguém tinha me visto’.*

“O conteúdo do sonho associado é a lembrança de ter, certa vez, quando menino, arrancado secretamente duas peras do jardim de um vizinho. O sentimento de má consciência, que é uma característica proeminente do sonho, o faz lembrar de uma situação vivida no dia anterior. Ele encontrou uma jovem na rua – uma simples conhecida – e trocou algumas palavras com ela. Naquele momento, passou por eles um cavalheiro que ele conhecia, em consequência do que ele foi tomado repentinamente por uma sensação de constrangimento, como se estivesse fazendo algo errado. Ele associou a maçã com a cena do Jardim do Éden, e também com o fato de que nunca realmente entendera por que comer do fruto proibido deveria ter consequências tão terríveis para os nossos primeiros pais. Isso sempre o deixara zangado; parecia para ele um ato injusto de Deus, já que Deus criara os homens como eles eram, com toda a sua curiosidade e cobiça.

“Outra associação foi que, certas vezes, o pai o punira por certas coisas de uma maneira que lhe parecera incompreensível. O pior castigo lhe fora aplicado depois que ele fora apanhado observando secretamente meninas tomando banho. Isso levou à confissão de que ele havia iniciado recentemente um caso amoroso com uma criada, mas ainda não o conduzira à sua conclusão natural. Na noite que antecedeu o sonho, ele tivera um encontro com ela.

“Ao analisar essas informações, podemos ver que o sonho contém uma referência muito transparente a esse incidente. Os elementos associativos mostram que o episódio da maçã pretende obviamente ser uma cena erótica. Por várias outras razões, também pode ser considerado extremamente provável que essa experiência do dia anterior tenha continuado a atuar no sonho. No sonho, o rapaz pega a maçã do Paraíso, a qual, na realidade, ele ainda não apanhou. O restante das informações associadas ao sonho está relacionado com outra experiência do dia anterior, isto é, a sensação peculiar de má consciência que tomou conta do sonhador quando ele estava conversando com sua conhecida. Isso, uma vez mais, estava associado à queda do homem no Paraíso e, finalmente, a um pequeno delito da sua infância, pelo qual o pai o punira severamente. Todas essas associações estão ligadas pela ideia da *culpa*.

“Vamos apreciar primeiro esses elementos a partir do ponto de vista causal de Freud; em outras palavras, vamos ‘interpretar’ o sonho, para usar a expressão de Freud. Um desejo do dia anterior foi deixado insatisfeito. No sonho, esse desejo é satisfeito sob o *símbolo* do episódio da maçã. Mas por que essa satisfação está disfarçada e oculta sob uma imagem simbólica em vez de ser expressa num pensamento claramente sexual? Freud apontaria para o inconfundível elemento de culpa nesses elementos e diria que a moralidade inculcada no rapaz desde a infância está determinada a reprimir esses desejos e, com esse intuito, estigmatiza o anseio natural como uma coisa dolorosa e incompatível. O pensamento doloroso reprimido só pode, portanto, se expressar ‘simbolicamente’. Como esses pensamentos são incompatíveis com o conteúdo moral da consciência, uma autoridade psíquica postulada por Freud, chamada o censor, impede esse desejo de passar abertamente para a consciência.

“Avaliar o sonho a partir do ponto de vista da finalidade, que eu distingo do ponto de

vista causal de Freud, não envolve – como eu gostaria expressamente de enfatizar – uma negação das causas do sonho, e sim uma interpretação diferente das informações associativas reunidas ao redor do sonho. Os fatos materiais permanecem os mesmos, mas o critério por meio do qual eles são julgados é diferente. A questão pode ser formulada simplesmente da seguinte maneira: qual é o propósito desse sonho? Que efeito ele tem a intenção de ter? Essas perguntas não são arbitrárias, visto que podem ser aplicadas a toda atividade psíquica. Em toda parte, a questão de ‘por que’ e do ‘motivo’ pode ser levantada, porque toda estrutura orgânica consiste numa complicada rede de funções dotadas de propósito, e cada uma dessas funções pode ser decomposta em uma série de fatos individuais com uma orientação dotada de propósito.

“Está claro que o conteúdo adicionado pelo sonho à experiência erótica do dia anterior enfatiza principalmente o elemento da culpa no ato erótico. A mesma associação já se revelara operante em outra experiência do dia anterior, no encontro com a conhecida casual, quando o sentimento de uma má consciência foi automática e inexplicavelmente despertado, como se naquele caso o rapaz também estivesse fazendo uma coisa errada. Esse sentimento também desempenha um papel no sonho e é adicionalmente intensificado pela associação das informações adicionais, a experiência erótica do dia anterior antes de ser retratada pela história da Queda, que foi acompanhada por uma severa punição.

“Afirmando que existe no sonhador uma propensão ou tendência inconsciente de representar suas experiências eróticas como culpa. É característico que o sonho seja seguido pela associação com a Queda e que o rapaz nunca tenha realmente entendido por que a punição teria sido tão drástica. Essa associação lança luz sobre as razões nas quais ele simplesmente não pensou: ‘O que estou fazendo não é correto’. Obviamente, ele não sabe que poderia condenar sua conduta como moralmente errada [...] Sua convicção consciente é que, moralmente, sua conduta não tem a menor importância, já que todos os seus amigos estavam agindo da mesma maneira, além do que ele era bastante incapaz sob outros aspectos de compreender a causa de tanto estardalhaço.

“Nesse sonho, podemos discernir uma função compensadora do inconsciente pela qual esses pensamentos, inclinações e tendências, que na vida consciente são muito pouco valorizados, entram espontaneamente em ação durante o estado de sono, quando o processo consciente está em grande medida eliminado [...]

“O roubo da maçã é um tema de sonho típico que ocorre em muitas diferentes variações em numerosos sonhos. Também é um tema mitológico bastante conhecido, é encontrado não apenas na história do Jardim do Éden, mas também num sem número de mitos e contos de fadas de todas as épocas e lugares” (CW8, par. 457-464, 466, 476).

#### D5.(Cap. 5)

*“Eu estava com um desconhecido, um homem moreno, um selvagem, em uma paisagem montanhosa rochosa e solitária. Ainda não amanhecera; o céu oriental já estava claro e as estrelas desapareciam. Ouvi então a trompa de Siegfried soar por*

*sobre as montanhas e eu soube que tínhamos que matá-lo. Estávamos armados com rifles e ficamos de emboscada esperando por ele em um caminho estreito sobre as rochas.*

*“Siegfried então apareceu em destaque no topo da montanha, no primeiro raio do sol nascente. Em um carro de guerra feito com os ossos dos mortos, ele desceu a uma velocidade furiosa o íngreme despenhadeiro. Quando fez uma curva, atiramos nele, e ele despencou no abismo, morrendo em seguida.*

*“Repleto de asco e remorso por ter destruído algo tão grande e belo, voltei-me para fugir, impulsionado pelo medo de que o assassinato pudesse ser descoberto. Mas um tremendo aguaceiro começou a cair, e eu soube que ele apagaria todos os vestígios da morte. Eu escapara do perigo da descoberta; a vida poderia continuar, mas um sentimento insuportável de culpa permaneceu.*

“[...] Uma voz dentro de mim disse: ‘Você precisa entender o sonho, e precisa fazê-lo imediatamente!’. A urgência interior aumentou até que chegou o terrível momento em que a voz disse: se você não entender o sonho, você precisa dar um tiro em si mesmo! Na gaveta da minha mesinha de cabeceira havia um revólver carregado, e fiquei assustado [...] De repente, o significado do sonho se tornou claro. ‘Ora, esse é o problema que está sendo representado no mundo.’ Siegfried, pensei, representa o que os alemães querem alcançar, impor heroicamente a sua vontade, fazer as coisas como eles querem. ‘Querer é poder!’ Eu desejara fazer o mesmo. Mas agora isso não era mais possível. O sonho mostrou que a atitude personificada por Siegfried, o herói, não me convinha mais. Por conseguinte, ela precisava ser destruída.

“Depois do feito, senti uma esmagadora compaixão, como se eu tivesse recebido um tiro: um indício da minha identidade secreta com Siegfried, bem como da dor que um homem sente quando é obrigado a sacrificar seu ideal e suas atitudes conscientes. Essa identidade e o meu idealismo heroico tinham que ser abandonados, pois existem coisas mais elevadas do que a vontade do ego, e temos que nos curvar a elas.

“Esses pensamentos foram suficientes naquele momento, e voltei a pegar no sono.

“O pequeno selvagem moreno que me acompanhou e que na realidade tomara a iniciativa da morte era uma personificação da sombra primitiva. A chuva mostrou que a tensão entre a consciência e o inconsciente estava sendo superada” (MDR, p. 180-181)

D6.(Cap. 8)

*“O sonhador está em uma reunião social. Ao ir embora, ele veste o chapéu de um desconhecido em vez do seu.*

“O chapéu, como uma cobertura para a cabeça, tem o sentido genérico de uma coisa que simboliza a cabeça. Assim como ao fazer um resumo nós colocamos ideias ‘sob uma categoria’<sup>1\*</sup> (*unter einen Hut*), também o chapéu, como uma espécie de ideia dominante, cobre toda a personalidade e transmite a ela o seu próprio significado. A coroação dota o governante da natureza divina do sol, o capelo do doutor confere a dignidade de um acadêmico, e o chapéu de um desconhecido transmite uma natureza

estranha. Meyrink usa esse tema no seu romance *The Golem* [...], no qual o herói veste o chapéu de Athanasius Pernath e, como resultado, envolve-se em uma estranha experiência. Está bastante claro em *The Golem* que a coisa que enreda o herói em fantásticas aventuras é o inconsciente. Vamos enfatizar de imediato a importância do paralelo com *The Golem* e partir do princípio de que o chapéu no sonho é o chapéu de um Athanasius, um imortal, um ser além do tempo, o homem universal e perene diferente do homem mortal efêmero e ‘acidental’. Envolvendo a cabeça, o chapéu é redondo como o disco solar de uma coroa e, portanto, contém [uma] alusão à mandala. O inconsciente com as suas figuras [...] ergue-se como uma sombra atrás do sonhador e força o caminho em direção à consciência” (CW12, par. 53).

#### D7.(C. 8)

*Um ator esmaga o seu chapéu contra a parede, onde ele fica assim: [um diagrama de uma roda com oito eixos e um centro preto compacto].*

“Como mostram certas informações não incluídas aqui, o ‘ator’ diz respeito a um fato definido na vida pessoal do sonhador. Até agora, ele vinha mantendo certa ficção a respeito de si mesmo que o impedia de se levar a sério. Essa ficção se tornou incompatível com a atitude séria que ele agora alcançou. Ele precisa desistir do ator dentro de si que rejeitou o eu” (CW 12, par. 255).

#### D8.(Cap. 8)

“[...] O primeiro sonho contém todo o problema dele e uma dica quanto à sua solução.

*“Tomo conhecimento de que um filho da minha irmã mais nova está doente e o meu cunhado me procura e pede que eu o acompanhe ao teatro e vá jantar com ele depois. Eu já comi, mas acho que posso ir com ele.*

*“Chegamos a uma grande sala, com uma longa mesa de jantar no centro que já está posta; e nos quatro lados da grande sala há fileiras de bancos ou assentos como um anfiteatro, mas com as costas para a mesa – da maneira inversa. Nós nos sentamos e pergunto ao meu cunhado por que a mulher dele não veio; em seguida, penso que é provavelmente porque a criança está doente e pergunto como ela está. Ele diz que ela está bem melhor, que só tem agora um pouco de febre.*

*“Depois, estou na casa do meu cunhado, e vejo a criança, uma menina de um ou dois anos de idade” (ele acrescenta: na verdade, essa menina não existe, mas havia um menino de dois anos). ‘A criança parece bastante doente, e alguém me informa que ela não está pronunciando o nome da minha esposa, Maria. Eu pronuncio esse nome e peço à criança que o repita, que diga Tia Maria-ah ah, como um bocejo, apesar dos protestos das pessoas que estão à minha volta com relação à maneira de pronunciar o nome da minha mulher.’*

“Este sonho comum nos introduz na atmosfera do lar do paciente [...] Ele está

obviamente envolvido na terminologia da sua família, de modo que, talvez, seu inconsciente tenda a enfatizar o fato de que é nela que reside o problema dele.

“ *Filho da irmã mais nova.* Dois anos antes, o primeiro filho dela morrera, um lindo menino de dois anos. Ele disse: ‘Nós compartilhamos muito a tristeza dos pais durante a doença e quando ele morreu de disenteria – ele era meu afilhado’. A irmã está ligada ao sonhador principalmente por meio dessa perda, e existe uma situação semelhante no sonho: a doença da menina evoca a época em que o menino estava doente e morreu [...]

Ele está ligado à irmã por meio de uma memória emocional de perda: [...] Ele é ameaçado agora com uma perda semelhante, mas esta é psicológica, uma *façon de parler* simbólica, representada por uma menina. Por conseguinte, a situação é um tanto semelhante, mas na realidade não existe nada desse tipo, nenhuma doença na família [...].

“ *A irmã mais nova* sempre foi a sua queridinha, ela é onze anos mais jovem [...] ela é o elo com a criança doente, e a criança pertence à própria psicologia dele [...] Portanto, a irmã é simbólica, ela vive no exterior, em um país distante, e ele não tem nenhuma correspondência efetiva com ela [...] Ela representa uma mulher desconhecida, ou um fator feminino de natureza desconhecida dentro dele, que tem uma criança imaginária que está doente [...]. “ *Doença da criança* o primeiro filho de sua irmã sofrera de problemas intestinais e morrera por causa deles [...] Depois da morte dessa criança, a irmã ficou muito ansiosa, com medo de que o segundo menino pudesse ficar doente, mas isso não aconteceu. Ela se tornou bastante séria e se envolveu com a ciência cristã, e foi como se o menino realmente ficasse melhor; o homem não sabe se foi coincidência ou consequência do fato de a irmã estar mais tranquila e cuidar da criança com mais autoconfiança [...] A conotação da ciência cristã também tem a ver com esse caráter feminino da sua própria psicologia, [...] O fator feminino passou por certa conversão, e, nos últimos dois ou três anos, [o sonhador] começou a se interessar por filosofia, ocultismo, teosofia e [...] espiritualismo [...] Houve uma mudança nele. Ele era um empresário, e todo o seu vigor estava associado a assuntos de negócios, mas esses outros interesses se infiltraram nele, ele foi lentamente imbuído de ideias filosóficas [...].

“O *cunhado* é a segunda figura no sonho. Eles tinham relações cordiais [até mesmo] antes do casamento; estavam na mesma área de negócios e iam juntos à ópera, pois o cunhado gostava muito de música. Ele disse: ‘Tudo o que eu conheço de música – que não é muito – me foi transmitido pelo meu cunhado, quando ele veio trabalhar na minha firma por meu intermédio; ele agora tem um cargo de diretor; fiquei bastante desapontado porque ele levou muito tempo para se familiarizar com o novo trabalho, mas ele tem mais facilidade do que eu para lidar com as pessoas’ [...] O cunhado [...] tinha se retirado completamente do negócio e deixado o país. Então, na verdade, o cunhado também mora longe, as cartas são poucas, e ele não desempenha papel algum na vida dele que valha a pena mencionar [...] Ele se dava melhor com a esposa dele no próprio caso [do sonhador]. O paciente não é nem um pouco artístico; [...] O cunhado, por meio de suas qualidades musicais e menos metódicas, simboliza outro lado do sonhador; ele não é tão eficiente quanto o sonhador, mas tem um fator positivo no lado

artístico. A música simboliza uma perspectiva mais harmoniosa para o sonhador, ela é a arte do sentimento *par excellence*[...].

“O cunhado [...] *pede que ele o acompanhe ao teatro e vá jantar com ele depois*: O paciente diz: ‘Não me lembro de ter ido ao teatro com o meu cunhado desde o seu casamento; se isso aconteceu, certamente estávamos acompanhados das nossas esposas; tampouco me lembro de termos jantado juntos em outro lugar que não fosse a casa dele’. Novamente, isso [...] nunca aconteceu na realidade, e é, portanto, uma invenção simbólica. O teatro é o lugar da vida irreal, é vida na forma de imagens, podemos ver ali como essas coisas funcionam [...] Portanto, ao convidá-lo para ir ao teatro, o cunhado o está convidando para encenar os seus complexos – onde todas as imagens são as representações simbólicas ou inconscientes dos seus próprios complexos. *E para jantar depois*: [...] A comunhão significa comer um animal complexo, principalmente sacrificial, o animal totem, a representação dos instintos básicos desse clã particular. Nós comemos o nosso inconsciente ou ancestrais e assim adicionamos força a nós mesmos [...] nós os integramos [...].

“O teatro e o jantar são uma antecipação do processo de análise [...] O lado sentimento da sua personalidade, o lado de si mesmo que não estava nos negócios, que estava fechado para a vida, que não estava nem mesmo no seu casamento. O cunhado é como uma segunda personalidade inconsciente, que o convida no sonho para jantar sozinho com ele, sem as [...] esposas: elas são as emoções, pois essa é a maneira com a qual o homem geralmente se familiariza com a mulher. Ele precisa deixar em casa o fator emocional, caso contrário não haverá nenhuma objetividade; ele não pode olhar para as imagens ou pensar em si mesmo quando está emocional [...].

“*Ele acha que já jantou*, de modo que é supérfluo jantar novamente. Ele não tem associações, de modo que estamos livres para tentar adivinhar. Talvez ele ache que já se assimilou, que está completo, que é um indivíduo perfeitamente normal, atualizado, que não precisa me procurar ou assimilar mais nada – uma certa resistência à análise. Não obstante, ele concorda e sai com o cunhado. ‘Não tenho o hábito de sair à noite, prefiro ficar em casa. É preciso que haja uma condição particular que me induza a sair, por exemplo, uma peça na qual a minha mulher estaria interessada, quando, se eu não for, ela iria cedo para a cama.’ Ele aceita o fato de que poderia ver mais a respeito de si mesmo e fazer análise; no entanto, ele enfatiza o fato de que não gosta de sair, e que só sairia para ir a alguma coisa especialmente interessante ou algo que interessasse à sua mulher. Essa é a correção dele; um homem fora de casa é suspeito, um marido só deve estar interessado em assuntos públicos ou em coisas que a esposa aprecia, e nunca ir a peças ou lugares fora do normal. Seu último comentário – que ela vai cedo para a cama – abre uma perspectiva. A esposa preferiria dormir do que ficar terrivelmente entediada ao lado dele. Que noite interessante! Obviamente, essa é a situação em casa – essa associação com o ‘a’ no final de ‘Mari’ [...].

“A grande sala na qual nosso paciente e o cunhado foram jantar era como o salão de uma estalagem, como aquelas onde os Vereins [clubes] se reúnem na Suíça [...] O paciente se lembra de ter participado de reuniões em uma sala como essa em duas

ocasiões oficiais.

“ *A longa mesa de jantar no meio da sala estava posta* como se para um grande número de pessoas. Em seguida, ele descobre *a disposição peculiar dos assentos, situados nos quatro cantos do anfiteatro, mas com as costas voltadas para a mesa.* [Esse era o seu teatro particular, onde ele podia ver a encenação do seu próprio drama interior] Muito provavelmente, comer, em conexão com o teatro, significa a assimilação de imagens vistas no teatro privado, ou seja, os elementos de fantasia ou outros elementos revelados por meio da introspecção [...].

Tanto a grande sala [...] quanto o teatro [...] são locais públicos, a mesa está posta; [...] ele foi ao teatro e a certo lugar para jantar, de modo que podemos ter certeza absoluta de que essa parte do sonho pertence ao mesmo tema.

“Vamos examinar agora os *assentos que estão de costas para a mesa.* Ele disse: ‘Tivemos que subir uma escada que começava na porta como se em direção a uma espécie de tribunal, e da escada tivemos acesso às fileiras de bancos voltadas para as paredes da sala. Ví como as pessoas estavam sentadas nesses assentos, e não percebi ninguém perto da mesa no meio da sala; aparentemente, o jantar ainda não estava para começar’. Ele se lembrou de ter visto uma sala como essa em uma cidade argelina, onde estavam jogando *jeu de paumę* uma espécie de *pelote de Basque*, como o antigo tênis inglês. A sala também lembrava um anfiteatro, mas os assentos estavam dispostos ao longo de apenas dois dos lados da sala, chegando quase ao meio, mas deixando um espaço aberto para o jogo. Nesse jogo, a bola é jogada contra uma parede com uma força tremenda, de modo que o braço se eleva acima do ombro. É mais ou menos como o “fives” inglês, o precursor do tênis inglês. Ele também fez uma associação com uma clínica, onde havia assentos de anfiteatro no auditório. Ele vira uma foto de uma sala assim e também estivera em uma na vida real quando um professor demonstrou no quadro-negro uma operação à qual a sua esposa iria se submeter.

“É preciso lembrar que a sala de jantar é um lugar onde as coisas devem ser assimiladas, mas a refeição ainda não começou, e parece que a ideia é que ela não deva ainda começar [...] Essa sala de jantar é um local público [...] O sonho diz: ‘Suponha que você está em um lugar público onde há outras pessoas, como em um concerto, teatro ou jogo de bola, e você tem que fazer ‘como tantas outras pessoas’, um trabalho coletivo, de modo nenhum um trabalho individual; aqui estão os fantasmas dos seus sonhos, é muito difícil ter que engolir que você é um covarde, um cachorro preguiçoso, etc.! [...] Essa parece ser, para o paciente, uma tarefa quase impossível. Ele a executa com muita hesitação, com muito pouco apetite, porque parte do princípio de que é a única pessoa, desde o início do mundo, que precisou executá-la [...].

“Assim, o sonho diz para o homem: ‘Essa coisa que você está fazendo é uma tarefa coletiva; você pensa que a está fazendo privadamente no consultório do médico, mas muitas outras pessoas estão fazendo a mesma coisa’ [...] O paciente sofre particularmente com o fato de não poder dizer a verdade, e o sonho diz que se trata de uma tarefa coletiva.

“Agora, por que esse jogo de bola? A mesa seria o lugar onde a refeição tem lugar, e

os assentos atenderiam às pessoas que estão presentes nessa refeição coletiva – realmente uma comunhão psicológica. A raiz psicológica da comunhão, e a preliminar necessária, é sempre a confissão; precisamos confessar antes de sermos dignos de receber a comunhão [...] Por que aqueles assentos estão com as costas voltadas para a mesa? Isso obviamente significa algo muito anormal, [...] que você está se recusando a entrar na comunhão [...] O sonho diz: ‘O que você está fazendo no seu sigilo é o que todas as outras pessoas estão fazendo, todo mundo está voltando as costas para os seus semelhantes’

*Nos nos sentamos e eu pergunto ao meu cunhado por que a mulher dele não veio.* Ao mesmo tempo que pergunto, eu me lembro do motivo pelo qual ela está ausente; não esperei por uma resposta porque eu queria mostrar ao meu cunhado que eu não esquecerá que a criança estava doente.’ Quanto à *doença*, ele diz: ‘Minha mulher nunca é social, nunca sai por prazer se uma das crianças não está perfeitamente bem, ou se ela acha que as crianças não seriam suficientemente controladas enquanto ela estiver longe.’ Como eles tinham vivido tanto tempo em países tropicais onde as crianças pequenas requerem muitos cuidados, criá-las fora mais difícil do que se eles morassem na Suíça [...] A *criança doente* agora está muito melhor, tem apenas um pouco de febre. Na sua associação com esse fato, ele se referiu ao menino do seu cunhado: ‘Antes de o menino morrer, eu perguntava repetidamente ao meu cunhado como a criança estava’. Toda essa conversa a respeito da mulher do cunhado diz respeito, é claro, ao seu problema pessoal, ao fato de que a esposa não o acompanha, que eles não têm comunhão alguma. Ele disse: ‘Quando um dos nossos filhos fica doente, minha mulher fica sempre terrivelmente preocupada, de uma maneira exagerada’. A doença da criança é a razão mais óbvia pela qual ele e a esposa dão as costas um para o outro; mas a doença de uma criança de verdade não criaria um obstáculo entre um homem e sua mulher [...] Assim como, de fato, uma esposa é chamada em outro lugar pela doença de um filho, psicologicamente ela também não se junta a ele por causa da doença da criança no sonho. Como a doença da criança continua durante o sonho inteiro, temos que presumir que isso significa mais do que a mera oportunidade para a esposa não participar da situação. E o fato de a criança que está doente ser uma menina é importante.

“A verdadeira criança que morreu era um menino, e não tinha nenhuma importância efetiva aqui [...] A alusão ao menino morto é uma alusão à própria juventude morta do paciente. Ele tinha chegado à segunda parte da vida, quando a nossa psicologia muda: a juventude está morta, a segunda parte da vida está começando. Mas isso é apenas uma alusão; nosso interesse agora é a doença da menina [...].

“Eu gostaria agora de voltar ao *jeu de paume* a *pelote de Basque* [...] Aprendemos com os manuscritos medievais que o antigo ritual *jeu de paume* era jogado até o século XII, e em certos lugares remotos, como em Auxerre, na França, por exemplo, até o século XVI [...] Esses jogos eram jogados ‘para o consolo e recreação da alma’ [...] Possivelmente existe uma conexão com a cerimônia da *‘bride-ball’*<sup>2\*</sup> que era jogada entre a noiva e o noivo. E em outros jogos, nas igrejas, a bola era chutada ou feita em pedaços como o deus nos anos anteriores [...] É bastante provável que a bola do

sonhador simbolize o sol [...] O jantar, os assentos, a *pelote* todos esses elementos se reúnem no sonho e na associação do sonhador [...].

“[...] O sonhador está agora na casa do cunhado, onde ele vê a criança, uma menina pequena, de um ou dois anos de idade [...] A cena mudou para um lugar privativo dentro do indivíduo [...] Eis o que ele disse a respeito da casa do seu cunhado: ‘Meu pai morou vários anos naquela casa, e minha irmã a herdou; ela fica a menos de cem metros da minha casa, de modo que frequentemente [víamos] um ao outro. A casa e as persianas são monotonamente pintadas de cinza, o que lhes confere um aspecto sombrio e monótono. Eu gostaria que eles pelo menos pintassem as persianas com uma cor diferente para animar um pouco a casa’[...].

“[...] A partir dessa associação, nós obtemos a importante informação de que a casa do sonhador não está distante, o que significa que ela não está muito longe da consciência [...] A casa do cunhado seria, é claro, o aspecto inconsciente da sua própria casa, o lugar onde o sonho está acontecendo. A casa [...] significa a atitude habitual ou herdada, o modo de vida habitual, de alguma coisa adquirida como uma casa, ou talvez a maneira como a pessoa vive com toda a família. A atitude habitual do sonhador é desinteressante e cinzenta como a casa do cunhado, e ele anseia pôr mais cor nela [...].

“ *A criança* na realidade, quem ficou doente e morreu foi um menino de dois anos, e as duas outras irmãs do sonhador têm, cada uma, uma menina de sete anos de quem ele gosta. Ele diz: ‘Em geral, gosto muito mais das meninas do que dos meninos, elas são muito mais agradáveis e expressivas, gosto mais da minha filha do que dos meus filhos’. Não há outras associações, de modo que chamo a atenção para a idade da criança [...] ‘E dois anos atrás?’ ‘Há dois anos, eu voltei do exterior e me fixei na Suíça. Comecei a estudar então a literatura oculta, espiritismo, teosofia e todos os tipos de coisas; apenas ultimamente desisti mais ou menos de tudo isso, porque não estava satisfeito, não era apenas falta de interesse, mas um certo ódio em torno desse estudo. Quando o meu sobrinho morreu há dois anos, eu estava lendo um livro de Dennis Bradley *Towards the Stars*<sup>3\*</sup> (evidentemente um livro religioso). Gostei particularmente dele e o dei para a minha irmã depois da morte do menino.’

“Ele também lera literatura oculta alemã: ‘Li um famoso livro alemão, *A Vidente de Prevorst* escrito pelo Dr. Justinus Kerner, 1829, [...] a primeira história de um caso de sonambulismo psicologicamente observado, e extremamente interessante’. Ele [...] queria que um determinado médico escrevesse um estudo sobre ela, mas [...] [temia] que o homem fosse prejudicado por isso.

“ *A menina é a criança da sua alma*, e tem a ver com a energia criativa, e vindo do lado oculto é espiritual [...] Ele próprio desistiu do estudo porque este exerceu uma má influência sobre ele. Ele achou que os estudos ocultos tornavam as pessoas muito irrealistas, havia tantas questões duvidosas, especulativas e, no entanto, tão extraordinárias, que a cabeça das pessoas ficava cheia dos mais diferentes tipos de ideias extravagantes; com muita frequência, essas coisas encerravam uma irrealidade venenosa [...] Portanto, um dos lados do sonhador está envolvido com um fator criativo decididamente espiritual que tem dois anos de idade, e o médico representa o seu lado racional que ele está usando ao

estudar o elemento poético expresso pela criança. Nos últimos dois anos, uma coisa nova vem crescendo neste homem, não apenas o seu interesse por assuntos ocultos, que mantinha a sua mente ocupada, mas também um interesse e intenção criativos, que seria a expressão não de pensamentos, mas sim de sentimentos, e que conferiria cor à sua casa.

“[...] A cor do rosto da criança não está boa, e seus traços estão distorcidos, exatamente como os do menino que morreu. E ele acrescenta sem uma ligação aparente:

‘Estou lendo muito pouco a respeito de ocultismo hoje em dia’. O material oculto transcendia os seus poderes digestivos, ele sofreu de indigestão mental. Por outro lado, como a menina está ligada ao menino que morreu, precisamos presumir que ela também sofre de problemas intestinais; ela fora alimentada com literatura oculta, e esse não é o tipo de alimento adequado para a pequena alma poética que está se desenvolvendo nele.

“ ‘Alguém me informa que ela não está pronunciando o nome da minha esposa’, e por causa disso ele pronuncia o nome da mulher para a criança e procura fazer com que ela o repita. Ele diz: ‘Minha mulher é muito querida por todos os sobrinhos e sobrinhas; geralmente, o primeiro nome que as crianças conseguem pronunciar é o dela’. E ele menciona que relativamente pouco tempo antes ele recebera uma carta de uma das suas outras irmãs na qual esta lhe dizia que o filhinho havia composto uma melodia na qual ele cantava: ‘Tia Mary é um querido menino’. Contrastando com a realidade, essa criança de sonho se recusa ou não consegue pronunciar o nome da esposa do sonhador, ela está evidentemente em oposição a ela. Sabemos que a relação entre o sonhador e a esposa é um tanto monótona, e no intervalo de dois anos, uma transformação teve início nele que produziu um ser humano que se afastava da esposa. Essa criança da sua alma está ligada a interesses ocultos e a uma possível atividade até certo ponto científica e artística. Ele fica confuso com isso, e tenta ensinar a criança a pronunciar adequadamente o nome, e fica bastante chocado pelo fato de que algo que não está em conformidade com a esposa, algo que não se encaixa no casamento, possa se desenvolver nele. ‘Sempre me esforcei para ensinar aos meus filhos e às minhas irmãs a pronunciar da maneira correta palavras que eles pronunciavam incorretamente.’ Ele defende a forma apropriada; não deve haver nada na sua mente ou no seu coração que não seja correto. Portanto, o fato de que algo nele não deseja pronunciar o nome da esposa simplesmente não deveria existir [...].

“O nome da esposa é Maria, e ele menciona o seguinte: ‘Uma velha tia da minha esposa também se chama Tia Maria, mas ela está muito afastada, não temos nada a ver com ela’. Ele então prossegue: ‘Enquanto eu estava ensinando a criança a pronunciar adequadamente a palavra *Maria* achei divertido o fato de eu dizer apenas *Mari*-e em vez de pronunciar o *a* eu bocejei, adicionando um bocejo ao nome em vez de pronunciar a última vogal; no sonho, eu me achei extremamente espirituoso ao fazer isso, mas não consigo perceber a graça na vida desperta’. Toda a *família protesta* contra essa suposta brincadeira, e ele diz: ‘De fato, eles estão certos, não devemos exibir para as crianças esses maus modos, porque, ao contrário dos adultos, elas não conseguem distinguir entre a realidade e uma brincadeira’. Novamente, a atitude correta. Essa parte do sonho foi

antevista na casa com persianas pintadas de cinza. A casa é cinza e ele está entediado, e o seu inconsciente expressa isso por meio daquela alusão engraçada, – o fato de ele bocejar ao pronunciar o nome da esposa [...].

“[...] *O cunhado*: o sonhador tinha um cargo importante, era diretor de uma empresa comercial, e o cunhado, sendo um homem mais jovem, o sucedeu; então ele o seguiu, ele é o representante daquele que nos segue, a sombra [...] se o cunhado representa uma sombra, segue-se que a esposa da sombra é uma figura muito definida e precisa ter as

características dessa figura, a esposa é a alma [...].  
“[...] A alma é uma entidade definida, e assim essa criança é uma entidade definida, e ainda mais perigosa porque é uma criança imaginária. Ela é perigosa porque poderia se refletir no próprio paciente [...] Ela tem cerca de dois anos de idade, [...] está pálida e doente, e [...] ela é o produto da união da sombra com a alma – elas se reúnem de alguma maneira [...] [Há dois anos] ele começou os seus estudos de ocultismo, o que o conduziu à análise [...].

“A ciência oculta que ele estava tentando estudar representaria simbolicamente o lado escuro e desconhecido das coisas; como esse interesse nasceu da união da sombra com a alma, ele naturalmente se expressaria por alguma coisa oculta [...] Agora o inconsciente diz que se trata de uma espécie de ocupação doentia e, portanto, a criança está doente [...] O fato de ele ir jantar com a sombra significa que ele aceita a existência da sombra [...] A criança está doente porque ele iniciou os seus estudos da maneira errada, ele deveria começar [com] a sombra [...].

“[...] Houve a associação do *jeu de paume* e a *pelote de Basque*. Os jogos não eram exatamente iguais. O *jeu de paume* era jogado na Idade Média, com a palma da mão e não com uma raquete; e a *pelote de Basque* encerrava a mesma ideia, mas a bola era lançada contra a parede; depois, uma terceira versão foi o *jeu de paume* como era jogado na igreja, com os clérigos jogando a bola uns para os outros. Não sei que tipo de figura eles faziam, mas todos estavam jogando o mesmo jogo. E nós também o jogamos, o jogo de bola se tornou quase uma figura de linguagem conosco; usamos frequentemente os símiles ‘atire a bola’, ‘jogue o jogo’, ‘eu a pego’ etc. Isso simplesmente significa jogar juntos; todos jogamos juntos e, uma vez que todos reagimos, estamos todos no jogo, responsáveis e vivos [...].

“Existe então uma versão particular aqui, uma mera associação, de modo que não devemos pressioná-la demais; no caso da *pelote* jogada contra a parede onde a bola é apanhada não por outras pessoas, mas pela própria pessoa, pode haver um elemento de autoisolamento ou autoerotismo [...].

“Se o sonhador seguir a intimação da sombra, verá seu problema como um problema coletivo que precisa ser de um modo geral relacionado com o espírito da sua época, e não oculto, pressupondo que ele seja o erro de um único indivíduo [...].

“Depois dessa declaração geral, que prepara o sonhador para uma atitude inteiramente diferente diante do seu problema particular, o sonho volta novamente para o aspecto pessoal das coisas, a condição patológica da criança. A condição é mórbida porque os estudos do oculto não conduzem a nenhum lugar; eles são apenas uma tentativa de

sublimação, sublimação essa que nunca responde ao verdadeiro e urgente problema da época. O que deve ser feito agora com a criança? É muito fácil dizer que esse é um problema coletivo, [...] volte para seu próprio problema, seu próprio filho, venha e admita que você está entediado com a sua querida esposa em casa. Psicologicamente, isso significa que ele precisa *reconhecer a sua sombra*, o homem inferior que não age de acordo com condições racionais, uma espécie de primitivo mais consciente das necessidades da natureza, que o obriga a admitir seu tédio. [...] Depois, a sombra será separada da sua anima, porque à medida que ele se torna consciente da sua sombra, esta é liberada do seu inconsciente. Então, entre a sombra e a anima uma relação autêntica pode ter lugar com o resultado que a criança será normal.

“[...] Quando a sombra e a anima tiverem um relacionamento adequado, existe uma chance de que a sua relação com a esposa se torne melhor, que ele possa ter um relacionamento individual com ela, porque ele só poderá estabelecer um relacionamento genuíno quando estiver consciente da sua sombra [...] O nosso homem precisa desistir das suas ilusões, admitir que não é respeitável e que está entediado; e ele precisa dizer à esposa que está terrivelmente entediado e ao mesmo tempo ‘às vezes a minha sublimação deixa de funcionar’. Se ao menos ele conhecesse a esposa, isso seria mais fácil.

“[...] [A doença da criança era grave.] a associação com a doença daquela criança era que a irmã do sonhador perdera um filho com disenteria intestinal. De acordo com essa associação, podemos presumir que a criança do sonho está doente, assim como o filho efetivo da irmã está doente [...] Nada é dito diretamente no sonho a respeito da duração da doença, mas podemos concluir a partir do paralelo que ela deve ter sido bem rápida, que os estudos ocultos não perturbaram a criança durante muito tempo. Trata-se provavelmente de uma doença grave que teve origem na indigestão. Ele me disse que estava se sentindo ‘peculiarmente vazio’ depois de algum tempo e jogou fora os livros. ‘Eu me cansei disso’” (DA1, p. 9-15, 18-21, 23-24, 27-29, 31-34, 38-39, 42-43, 50-52, 55).

#### *D9* (Cap. 8)

“O segundo sonho aconteceu quatro dias depois e se baseou no seu conhecimento do primeiro sonho. Eis o sonho: *A minha mulher me pede que vá com ela visitar uma jovem pobre, uma costureira. Ela mora e trabalha em um buraco insalubre e está tuberculosa. Vou até lá e digo à moça que ela deveria trabalhar ao ar livre. Digo que ela poderia trabalhar no meu jardim – mas ela diz que não tem uma máquina de costura. Eu digo que ela pode usar a máquina da minha esposa.*

“[...] Nas suas associações, ele diz que ‘apesar do fato de não haver nada erótico no sonho, senti que ele tinha essa atmosfera. Quando minha mulher me pediu para fazer a visita, senti que alguma coisa poderia acontecer [...] Minha esposa desempenhou um papel completamente passivo, mas eu aparentemente agi como se eu estivesse bastante sozinho. Ela (a costureira) estava vestida com uma roupa escura, e eu me lembrei de que

alguém me dissera que as pessoas tuberculosas eram frequentemente eróticas. Quando a libido das pessoas não é usada, o lado erótico aflora. A máquina de costura pertence à minha esposa, e senti que ela deveria dizer a primeira palavra’.

“Ele associa sua vida limitada com a vida da moça. Ele não consegue permitir que seus sentimentos atuem abertamente – a única coisa a fazer é levar a moça para trabalhar no seu jardim com a máquina de costura da esposa. Os sentimentos de um homem respeitável não podem atuar abertamente, de modo que ‘no seu jardim’ significa forçar

os sentimentos de volta para o casamento. Um dos motivos da respeitabilidade é o medo de que sua saúde possa ser afetada por uma doença venérea [...] E muito difícil para um homem racional admitir o que o seu Eros realmente é [...].

“[...] Ele está solitário com o seu problema [...] Quando o sonho diz ‘a minha mulher me pediu para visitar a moça’, ele mitiga o problema do homem. Se este puder sentir que a esposa não está contra ele, o sonho começa a fazer com que ele se sinta menos solitário [...].

“[...] A moça representa os sentimentos dele que vão para fora, a esposa, o sentimento em casa, o sentimento respeitável. A interpretação é ‘os meus sentimentos, que estão com a minha mulher, têm interesse em tentar lidar com esses outros sentimentos’. Na realidade, a esposa não tem interesse algum nesses sentimentos com relação a outras mulheres, mas o sonho diz que isso tornará o seu sentimento para com a esposa mais individual, mais real, se ele lidar com os outros sentimentos. Ele talvez venha pensando na esposa de uma maneira rígida e inflexível porque causou uma injustiça semelhante aos seus sentimentos. Se ele conseguir aprender a lidar com os sentimentos que saem para fora, que são sentimentos criativos, sua relação para com a esposa se tornará viva, porque duvidosos [...].

“Quando ele presta atenção aos seus sentimentos, ele os encontra associados a uma moça que está contaminada por uma doença grave. Os sentimentos e os pensamentos podem adoecer e morrer [...].

“A moça no sonho é uma costureira, o que significa que ela fabrica roupas; ela cria novas atitudes [...].

“Existem duas máquinas, dois métodos. Um da moça, o outro da esposa [...] A moça diz ‘Eu tenho o meu próprio jeito’. Ele oferece o método da sua esposa [...] Costurar é prender as coisas umas nas outras [...] O que deve ser unido no homem, psicologicamente, é o consciente e o inconsciente.

“[...] O método da máquina de costura significaria uma maneira mecânica, puramente de causa e efeito, uma maneira desprovida de alma [...].

“[...] Nas suas associações, o sonhador diz: ‘seria possível que a moça, que está contaminada por tuberculose, represente os meus sentimentos doentes, indicando que eles precisam viver em um buraco escuro? Tive a sensação de que a máquina de costura realmente pertencia à minha mulher, e ela deveria dizer a primeira palavra’ [...].

“Ele interpreta o método como puramente mecânico, e essa é a maneira como ele encara o sexo [...].

“[...] Os sentimentos do paciente não lhe permitem atuar abertamente. Como a

máquina de costura pertence à sua mulher, os mecanismos do sexo pertencem a ela. Esse sonho lhe deu muito prazer, embora ele esteja diante do fato de que seria embaraçoso para ele estar apaixonado por essa moça” (DA1, p. 66-72),

D10.(Cap. 8)

“O sonho seguinte da noite seguinte. O paciente diz: *‘Eu possuo uma espécie de jaula sobre uma carroça, uma jaula que poderia ser para leões ou tigres. A jaula consiste de diferentes compartimentos. Em um deles, eu tenho quatro pequenas galinhas. Preciso observá-las com cuidado porque elas estão sempre tentando fugir, mas apesar dos meus frenéticos esforços, elas escapam perto da roda traseira. Eu as apanho com a mão e as coloco em outro compartimento da jaula, o que eu acredito ser mais seguro. Ele tem uma janela, mas esta está protegida por uma tela. A parte inferior da tela não está adequadamente presa, de modo que decido pegar mais algumas pedras e colocá-las na beirada inferior da tela para impedir que os animais escapem. Em seguida, ponho as galinhas em uma bacia com laterais lisas e altas, presumindo que assim elas terão dificuldade de sair. Elas estão no fundo da bacia, e percebo que uma delas não está se mexendo, e acho que é porque as apertei demais. Penso que, se a galinha estiver viva, ela não poderá ser assada. Enquanto estou observando, ela começa a se mexer,*

“Ele faz muito poucas associações. *Jaula* ‘os animais selvagens do circo são mantidos nessas jaulas. Nós, seres humanos, somos os guardiões dos nossos pensamentos e devemos tomar cuidado para que os nossos pensamentos não fujam, porque se o fizessem seria muito difícil conseguir apanhá-los’. Ele se pergunta se os pássaros são pensamentos ou sentimentos, fatores psicológicos que tentam se libertar e que ele tenta refrear mesmo correndo o risco de pressioná-los demais a ponto de eles morrerem e deixarem de ser comestíveis. Mas o fato de eles serem animais parece apontar para algo instintivo.

“*Roda traseira* em um automóvel, essa é uma parte muito importante porque é a parte motora e indispensável ao carro [...].

“[...] Esses pequenos animais [...] representam a dissociação da [...] individualidade [...] Existe algo nele que luta contra a concentração. Ele está obviamente cansado da restrição, ele já tem tanta na sua vida atual. Essa é a razão da sua dissociação, ele acha que já teve concentração suficiente, e detestaria ter que se controlar ainda mais. Seu inconsciente está lhe mostrando algo no processo efetivo de manter esses animais juntos, de modo que o inconsciente obviamente deseja que ele mantenha a sua individualidade unida. A resistência dele diz respeito a uma falsa analogia. Poderíamos concluir que esse controle é como a sua vida, mas não existe nada no sonho que mostre isso. Ele precisa se concentrar no centro da individualidade, [...] o Self, e essas quatro galinhas obviamente pertencem a esse centro; e a interferência do paciente e o seu maior cuidado são necessários, caso contrário, o centro ficará sempre se desintegrando e se separando [...]

Tem a ver com quatro galinhas a ser reunidas em uma bacia, e também com a ideia de

galinhas assadas. É uma maneira engraçada de representar esse centro.

“No I Ching existe um hexagrama, o No. 50, chamado “o Caldeirão”. De acordo com o Prof. Wilhelm, um caldeirão com três pernas é o signo da técnica iogue para a produção do novo homem. Existe uma coisa muito boa no caldeirão, é a refeição para o rei, ele contém a gordura de faisões. Lá temos a galinha. Essa parte do sonho sugere que o centro do não ego não existe realmente, ele precisa ser produzido pelo próprio paciente e com grande cuidado.

“[...] O I Ching [...] sugere que precisamos coletar coisas raras do mundo inteiro, cozinhá-las juntas no caldeirão, e algo poderá aparecer, talvez o ouro. Essa é a ideia do sonho. Existem quatro animais que tentam fugir, e eles precisam ser caçados e colocados dentro do caldeirão. O paciente tem a impressão de que um deles está pronto para ser comido. A refeição está pronta para o homem perfeito. Os instintos são o alimento a ser apanhado e transformado sobre o fogo [...] Depois desse processo, ele não está mais dividido pelos pares de opostos, estando em harmonia consigo mesmo [...].

“O paciente não tinha praticamente nenhuma associação com ‘galinhas’, a não ser para comê-las. As galinhas são animais pelos quais não podemos ter grande respeito. Elas estão em geral sujeitas a pânico frequentes, são criaturas cegas, embotadas, que correm para a estrada justo quando um carro está passando. São um excelente símile para tendências fragmentárias reprimidas ou com as quais nunca nos deparamos, vivendo uma vida autônoma bastante separada do nosso conhecimento. Essas partículas de alma fragmentária, assim como as galinhas, estão elaborando um terrível absurdo, todas as coisas tolas que as pessoas sensatas fazem [...].

“[...] Por que ele está apertando a galinha com tanta violência a ponto de ela parecer morta? Essa galinha é obviamente uma das funções dele que tentou escapar, de modo que podemos presumir que seja a sua função inferior, a que está mais fora de controle. Ele é um tipo intelectual e a sua função inferior é o sentimento. Ele apertou demais o seu sentimento; ele o vem apertando para agradar à sua esposa, mas o ganho aparente não vale a pena [...] Ele pegou o seu sentimento, apertou-o, quase o matou e depois olhou para ele [...] Quando os deuses querem ocasionar alguma coisa, eles a removem, fazem Tapas, contemplam-na. Assim, neste caso, quando o paciente começa a olhar para a galinha que ele julga estar morta, ela volta à vida [...]” (DA1, p. 79-82).

DII.(Cap. 9, 15, 16)

“A paciente [disse]: ‘[...] Tenho sonhos terríveis. Recentemente sonhei *estava voltando para casa à noite. Tudo está quieto como a morte. A porta que dá para a sala de estar está entreaberta, e vejo a minha mãe pendurada no candelabro, balançado de um lado para o outro no vento frio que sopra através das janelas abertas.* Em outra ocasião, sonhei que *um barulho terrível irrompeu à noite na casa. Eu me levanto e descubro que um cavalo assustado está destruindo os aposentos. Finalmente, ele encontra a porta que dá para o vestibulo e salta através da janela do quarto andar, caindo na rua. Fiquei aterrorizada quando o vi caído ali, todo mutilado.*’

“A pavorosa natureza dos sonhos por si só é suficiente para dar o que pensar. Ainda assim, outras pessoas têm sonhos de ansiedade de vez em quando. Precisamos, portanto, examinar mais de perto o significado dos dois principais símbolos, ‘mãe’ e ‘cavalo’. Eles devem ser equivalentes, já que ambos fazem a mesma coisa: cometem suicídio. A ‘mãe’ é um arquétipo e diz respeito ao lugar de origem, à natureza, ao que cria passivamente, portanto, à substância e à matéria, à materialidade, o útero, as funções vegetativas. Também significa o inconsciente, a nossa vida natural e instintiva, a esfera fisiológica, o corpo no qual habitamos ou estamos contidos, pois a ‘mãe’ também é a matriz, a forma, oca, o veículo que conduz e alimenta, e assim ela corresponde psicologicamente aos alicerces da consciência. Estar dentro ou contido em alguma coisa também sugere a escuridão, algo noturno e assustador, que confina a pessoa. Essas alusões dão a ideia da mãe em muitas das suas variantes mitológicas e etimológicas; elas também representam uma parte importante da ideia do Yin na filosofia chinesa [...].

“A palavra ‘mãe’, que soa tão familiar, aparentemente se refere à mais conhecida, à mãe pessoal – à ‘minha mãe’. Mas a mãe-símbolo aponta para um pano de fundo mais sombrio que se esquia da formulação conceitual e só pode ser vagamente compreendido como a vida oculta do corpo, ligada à natureza. No entanto, até mesmo isso é restrito demais e exclui uma quantidade excessiva de significados subsidiários vitais [...].

“Se aplicarmos as nossas constatações ao sonho, a interpretação dele será a seguinte: a vida inconsciente está destruindo a si mesma [...].

“O ‘cavalo’ é um arquétipo que está bastante presente na mitologia e no folclore. Como animal, ele representa a psique não humana, o lado animal, sub-humano, o inconsciente. É por esse motivo que os cavalos, no folclore, às vezes têm visões, ouvem vozes e falam. Como animal de carga, ele está estreitamente relacionado ao arquétipo da mãe (presenciem as Valquírias, que conduzem o herói morto para o Valhalla, o cavalo de Troia etc.). Como um animal inferior ao homem, ele representa a parte inferior do corpo e os impulsos animais que aí têm origem. O cavalo é uma força dinâmica e veicular: ele arrebatava a pessoa como um ímpeto de instinto. Ele está sujeito a ter acessos de pânico, como todas as criaturas instintivas que carecem de uma consciência superior. Além disso, ele tem a ver com a bruxaria e as fórmulas mágicas – especialmente os cavalos negros da noite, que anunciam a morte.

“Está evidente, portanto, que o ‘cavalo’ é um equivalente da ‘mãe’ com uma leve mudança de significado. A mãe representa a vida na sua origem; o cavalo, a vida meramente animal do corpo. Se aplicarmos esse significado ao enredo do nosso sonho, a interpretação deste será a seguinte: a vida animal está destruindo a si mesma” (CW16, par. 344-348).

D12.(Cap. 9)

*“[A cena era] uma região montanhosa na fronteira entre a Suíça e a Áustria. Era quase noite, e vi um homem idoso vestindo o uniforme de um funcionário da alfândega do Império Austríaco. Ele passou por mim, um pouco vergado para a frente, sem*

*prestar nenhuma atenção a mim. Sua expressão era mal-humorada, um tanto melancólica e contrariada. Outras pessoas estavam presentes, e alguém me informou que o velho não estava realmente lá, que ele era o fantasma de um oficial da alfândega que morrera anos antes. 'Ele é um desses que ainda não conseguiram morrer adequadamente.'*

“[...] Com relação à ‘alfândega’, imediatamente pensei na palavra ‘censura’. Com relação à ‘fronteira’, pensei na fronteira entre a consciência e o inconsciente por um lado, e entre as opiniões de Freud e as minhas pelo outro. A inspeção extremamente rigorosa na fronteira me pareceu uma alusão à análise. Em uma fronteira, as malas são abertas e examinadas para verificar se há contrabando. Durante esse exame, suposições inconscientes são descobertas. Quanto ao velho oficial da alfândega, seu trabalho obviamente lhe proporcionara tão pouco que fosse agradável e satisfatório que ele adotara uma visão amarga do mundo. Não pude me recusar a enxergar a analogia com Freud.

“Nessa época, Freud havia perdido grande parte da sua influência sobre mim. Mas eu ainda o considerava uma personalidade superior, sobre quem eu projetava o pai, e na ocasião do sonho, essa projeção ainda estava longe de estar eliminada [...] Eu ainda tinha Freud em grande consideração, mas ao mesmo tempo eu o criticava. Essa atitude dividida é um sinal de que eu ainda estava inconsciente da situação e não chegara a uma resolução com relação a ela [...] O sonho me estimulou a enxergar a necessidade de esclarecer essa situação.

“Sob a influência da personalidade de Freud, eu tinha, na medida do possível, colocado de lado as minhas opiniões e reprimido as minhas críticas. Esse era o pré-requisito para colaborar com ele. Eu dissera a mim mesmo: ‘Freud é muito mais erudito e experiente do que você. No momento, você deve simplesmente ouvir o que ele disser e aprender com ele’. E então, para minha surpresa, dei comigo sonhando com ele como um rabugento oficial da monarquia do Império Austríaco, como um defunto, o fantasma de um inspetor da alfândega que ainda caminha. Poderia isso ser o desejo de morte que Freud havia insinuado que eu sentia com relação a ele? Não consegui encontrar nenhuma parte de mim mesmo que normalmente poderia ter esse desejo, já que eu desejava a todo custo poder trabalhar com Freud e, de uma maneira francamente egoísta, compartilhar a sua enorme experiência. A amizade dele significava muito para mim. Eu não tinha nenhum motivo para desejar a morte dele. Mas era possível que o sonho pudesse ser encarado como um corretivo, como uma compensação ou antídoto para a minha elevada opinião e admiração conscientes. Por conseguinte, o sonho recomendou uma atitude bem mais crítica com relação a Freud. Fiquei decididamente chocado com ele, embora a frase final do sonho tenha me parecido uma alusão à imortalidade potencial de Freud.

“O sonho não tinha chegado ao fim com o episódio do oficial da alfândega; depois de um hiato, veio uma segunda parte bem mais extraordinária. *Eu estava em uma cidade italiana, por volta do meio-dia, entre meio-dia e uma hora da tarde. Um sol ardente brilhava intensamente sobre as ruas estreitas. A cidade era construída sobre colinas e me lembrava de uma parte particular de Basel, o Kohlenberg. As pequenas ruas que*

*conduzem ao vale, o Birsigtal, que corre através da cidade, são em parte lances de escada. No sonho, uma dessas escadarias descia até o Barfüsserplatz. A cidade era Basel, e no entanto também era uma cidade italiana, algo como Bérgamo. Era verão; o sol ardente estava no zênite, e tudo estava banhado por uma luz intensa. Uma multidão avançou rapidamente na minha direção, e eu soube que as lojas estavam fechando e as pessoas estavam indo para casa almoçar. No meio dessa multidão, caminhava um cavaleiro vestindo uma armadura completa. Ele subiu os degraus na minha direção.*

*Ele usava um elmo do tipo que é chamado de bacinete, com fendas para os olhos e coifa de malha. Sobre isso sobrepunha-se uma túnica branca na qual estava tecida, na frente e atrás, uma grande cruz vermelha.*

“É possível imaginar facilmente como me senti ao ver, de repente, em uma cidade moderna, na hora do rush do meio-dia, um cruzado vindo na minha direção. O que me impressionou como particularmente bizarro foi que nenhuma das pessoas que estavam caminhando na minha direção parecia percebê-lo. Era como se ele estivesse completamente invisível para todo mundo exceto para mim. Perguntei a mim mesmo o que essa aparição significava, e então foi como se alguém tivesse me respondido – mas não havia ninguém lá para falar: ‘Sim, essa é uma aparição regular. O cavaleiro sempre passa por aqui entre meio-dia e uma hora, e ele vem fazendo isso há muito tempo [entendi que se tratava de séculos] e todo mundo sabe disso’.

“O cavaleiro e o oficial da alfândega eram figuras contrastantes. O oficial da alfândega era indistinto, alguém que ‘ainda não tinha conseguido morrer adequadamente’ – uma aparição efêmera. O cavaleiro, por outro lado, estava cheio de vida e era completamente real. A segunda parte do sonho foi extremamente numinosa, ao passo que a cena na fronteira fora prosaica e, em si, nada impressionante; eu fora atingido pelas minhas reflexões sobre ela.

“No período que seguiu a esses sonhos, pensei muito a respeito da misteriosa figura do cavaleiro. Mas foi somente muito mais tarde, depois que eu meditara sobre o sonho por um longo tempo, que fui capaz de ter alguma ideia do seu significado. Até mesmo no sonho, eu sabia que o cavaleiro pertencia ao século XII. Esse foi o período em que tanto a alquimia quanto a busca do Santo Graal estavam começando. As histórias do Graal tinham sido extremamente importantes para mim desde que eu as lera pela primeira vez, aos quinze anos de idade. Eu tinha uma suspeita de que um grande segredo ainda estava oculto por trás dessas histórias. Por conseguinte, me pareceu bastante natural que o sonho evocasse o mundo dos Cavaleiros do Graal e a sua busca – porque esse era, no sentido mais profundo, o meu próprio mundo, que praticamente não tinha nada a ver com o de Freud. Todo o meu ser estava buscando algo ainda desconhecido que poderia conferir significado à banalidade da vida” (MDR, p. 163-165).

D13.(Cap. 9)

“As aranhas, como todos os animais que não têm sangue quente ou que não têm um sistema nervoso cerebrosinal, funcionam nos sonhos como símbolos de um mundo

psíquico profundamente estranho. Até onde consigo enxergar, elas expressam conteúdos que, embora ativos, são incapazes de chegar à consciência; eles ainda não entraram na esfera do sistema nervoso cerebrosinal, mas estão como se alojados nos sistemas simpático e parassimpático mais profundos [...].

“Com relação a isso, lembro-me do sonho de um paciente que tinha uma enorme dificuldade em conceber a ideia da totalidade de ordem superior da psique e sentia uma extrema resistência a ela. Ele [...] era incapaz de distinguir entre o ego e o eu, e, devido à sua mácula hereditária, era ameaçado por uma inflação psicológica. Nessa situação, ele sonhou que *estava dando uma busca no sótão da sua casa, procurando alguma coisa.*

*Em uma das janelas do sótão, ele descobriu uma linda teia, com uma grande aranha de jardim no centro. A aranha era azul, e o seu corpo reluzia como um diamante.*

“[...] O sonho, [...] como o oráculo délfico, se revela ambivalente. Na verdade, ele diz: ‘O que o está perturbando na cabeça (sótão) é, embora você possa não saber, uma joia rara. É como um animal estranho para você, formando simbolicamente o centro de muitos círculos concêntricos, evocativos do centro de um mundo grande ou pequeno, como o olho de Deus nas imagens medievais do universo’ [...] Qualquer um que entre na teia da aranha é envolvido como um casulo e privado da própria vida. Está isolado dos companheiros, de modo que eles não podem mais alcançá-lo, e nem ele é capaz de chegar até eles. Ele mora na solidão do criador do mundo, que é tudo e nada tem fora de si mesmo. Se, além de tudo isso, você tiver um pai insano, existe o perigo de que você irá começar a ‘girar’ a si mesmo, e por essa razão a aranha tem um aspecto sinistro que não deve ser negligenciado.

“A aranha metálica redonda do nosso sonhador provavelmente tem um significado semelhante. Ela obviamente já devorou uma série de seres humanos, ou suas almas, e pode muito bem ser um perigo para os habitantes da terra. É por isso que a oração, que reconhece a aranha como um ser ‘divino’, pede a ela que conduza as almas ‘para baixo’ e ‘mantenha-as em segurança lá embaixo’, porque elas ainda não são espíritos que partiram e sim criaturas terrestres vivas. Como tal, elas estão destinadas a consumir a sua existência terrestre com convicção e não permitir a si mesmas nenhuma inflação espiritual, caso contrário acabarão na barriga da aranha. Em outras palavras, elas não devem colocar o ego no lugar mais elevado e torná-lo a autoridade suprema, devendo ficar sempre atentas ao fato de que ele não é o único mestre na sua própria casa e está cercado por todos os lados pelo fator que chamamos de o inconsciente [...]” (CW10, par. 671-673).

*DI4*.(Cap. 9, 11, 13, 16)

“Eis o segundo sonho: *‘Estou com muita pressa porque quero viajar. Fico procurando coisas para empacotar, mas não consigo encontrar nada. O tempo voa, e o trem logo vai partir. Tendo finalmente conseguido reunir todas as minhas coisas, corro pela rua, mas descubro que esqueci uma pasta contendo importantes documentos. Volto correndo quase sem fôlego, finalmente encontro a pasta, e em seguida corro até a*

*estação, porém quase não faço nenhum progresso. Com um último esforço corro até a plataforma, mas chego apenas a tempo de ver o trem deixar a estação soltando fumaça. Ele é muito longo, e avança em uma curiosa curva em forma de S. Ocorre-me que se o maquinista não tomar cuidado e soltar vapor quando entrar na linha reta, os vagões de trás ainda estarão na curva e serão lançados para fora dos trilhos pela crescente velocidade. E é exatamente isso que acontece: o maquinista solta vapor, tento gritar, os vagões de trás balançam assustadoramente e são lançados para fora dos trilhos.*

*Ocorre uma terrível catástrofe. Acordo apavorado?*

[...] Não é preciso nenhum esforço para entender a mensagem do sonho. Ele descreve a pressa frenética do paciente em se promover ainda mais. Mas como o maquinista na frente avança implacavelmente, a neurose acontece atrás: os vagões balançam, e o trem descarrila.

“É óbvio que, na atual fase de sua vida, o paciente atingiu o ponto mais elevado de sua carreira; o esforço da longa ascensão a partir de sua origem humilde exauriu sua força. Ele deveria ter ficado satisfeito com suas realizações, mas em vez disso sua ambição o impulsiona ininterruptamente, fazendo-o subir cada vez em uma atmosfera que é excessivamente rarefeita para ele e à qual ele não está acostumado. Por conseguinte, a neurose o acomete como um aviso.

“[...] O destino retratado no sonho atingiu a sua conclusão natural. Ele tentou tirar partido das oportunidades profissionais que estavam seduzindo a sua ambição, e descarrilou tão violentamente que a catástrofe aconteceu na sua vida real.

“Portanto, o que só pôde ser deduzido a partir da anamnese consciente – ou seja, que o mal da montanha era uma representação simbólica da incapacidade do paciente de subir mais alto – foi confirmado pelos sonhos como um fato” (CW16, par. 299-303).

Jung narrou o mesmo sonho com diferentes palavras em CW18, par. 165-6.

*D15* (Cap. 13, 15)

*“Ele sonhou que estava viajando por via férrea. O trem fazia uma parada de duas horas em certa cidade. Como não conhecia a cidade e queria ver um pouco dela, ele se dirigiu ao centro. Lá, encontrou um prédio medieval, provavelmente a câmara municipal, e entrou nele. Vagou sozinho por longos corredores e viu salas bonitas com as paredes revestidas de quadros antigos e belas tapeçarias. De repente, percebeu que escurecera e que o sol se pusera. Ele pensou: preciso voltar para a estação. Nesse momento, descobriu que estava perdido, e que não sabia mais onde ficava a saída. Ao mesmo tempo que ficou alarmado, ele se deu conta de que não encontrara uma única pessoa no prédio. Começou a se sentir inquieto, e acelerou o passo, esperando topiar com alguém. No entanto, não encontrou ninguém. Em seguida, avistou uma grande porta, e pensou, aliviado: essa é a saída. Abriu a porta e descobriu que tinha se deparado com uma sala gigantesca. Ela era tão enorme e escura que ele nem mesmo conseguia enxergar a parede oposta. Profundamente assustado, o sonhador atravessou correndo a sala grande e vazia, esperando encontrar a saída no outro lado. Em*

*seguida, ele viu – exatamente no meio da sala – uma coisa branca no chão. Ao se aproximar, descobriu que se tratava de uma criança idiota de mais ou menos dois anos de idade. Ela estava sentada em um penico e havia espalhado fezes pelo corpo. Nesse momento, ele acordou com um grito, em um estado de pânico [...].*

“O sonho diz mais ou menos o seguinte: a viagem que ele empreende é a viagem para Zurique. No entanto, ele fica lá apenas por pouco tempo. A criança no centro da sala é ele próprio aos dois anos de idade. Esse estranho comportamento é um tanto incomum na criança pequena, mas ainda assim é possível. Ela pode ficar intrigada com suas fezes, que são coloridas e tem um cheiro bizarro. Criada em um ambiente urbano, e possivelmente de uma maneira rígida, uma criança poderia facilmente ser culpada dessa inadequação.

“Mas o sonhador, o médico, não era nenhuma criança; era um homem adulto. Por conseguinte, a imagem do sonho no centro da sala era um símbolo sinistro. Quando ele me contou o sonho, percebi que sua normalidade era uma compensação [...] A psicose latente estava prestes a irromper e se manifestar” (MDR, p. 135-136).

*D16.(Cap. 13, 16)*

*“[...] O pai dela (que na realidade era de baixa estatura) estava se levantando, e ele parecia um gigante para ela. Ele a levantou do chão e a segurou nos braços como se ela fosse uma criança. O vento soprou nos campos, e enquanto o trigo balançava ao vento, ele a embalou nos braços.*

“A partir desse sonho e de outros como ele [...] fiquei com a impressão de que o inconsciente dela estava se agarrando firmemente à ideia de que eu era o pai-amante, de modo que o vínculo decisivo que estávamos tentando desfazer parecia ser duplamente fortalecido. Além disso, dificilmente seria possível evitar perceber que o inconsciente colocava uma ênfase especial na natureza sobrenatural, quase ‘divina’ do pai-amante, acentuando assim ainda mais a valorização excessiva causada pela transferência. Por conseguinte, perguntei a mim mesmo se a paciente ainda não tinha compreendido o caráter completamente fantástico da sua transferência, ou se o inconsciente talvez jamais pudesse ser alcançado pelo entendimento, tendo que perseguir de uma maneira cega e idiota algumas quimeras absurdas [...].

“[...] Enquanto eu revolia os sonhos na minha mente, despontou outra possibilidade. Pensei comigo mesmo: não pode ser negado que os sonhos continuam a se expressar com as mesmas velhas metáforas com as quais as nossas conversas tornaram o médico e a paciente nauseantemente familiares. Mas a paciente tem um indubitável entendimento da sua fantasia de transferência. Ela sabe que eu aparento ser para ela um pai-amante semidivino, e ela pode, pelo menos intelectualmente, distinguir isso da minha realidade factual. Por conseguinte, os sonhos estão obviamente reiterando o ponto de vista consciente desprovido da crítica consciente, a qual eles desconsideram completamente.

Eles reiteram os conteúdos conscientes, não *in toto*, mas insistem no ponto de vista

fantástico em oposição ao ‘bom senso judicioso’.

“Eu naturalmente me perguntei qual era a origem dessa obstinação e qual era o propósito dela [...] Um cuidadoso exame e análise dos sonhos, especialmente do que acaba de ser citado, revelou uma tendência muito acentuada – em contraste com a crítica consciente, – de dotar a pessoa do médico de atributos sobre-humanos. Ele precisava ser gigantesco, primordial, bem maior do que o pai, como o vento que sopra sobre a terra – deveria então se tornar um deus? Ou então, eu disse para mim mesmo, seria o caso de o inconsciente estar tentando *criar* um deus a partir da pessoa do médico, como se fosse libertar uma visão de Deus dos véus do pessoal, para que a transferência para a pessoa do médico não fosse nada mais do que um engano da parte da mente consciente, uma peça estúpida pregada pelo ‘bom senso judicioso’? [...] Poderia o anseio por um deus ser uma *paixão* que jorrava da nossa natureza mais sombria e instintiva, uma paixão não afetada por nenhuma influência externa, mais profunda e mais forte talvez do que o amor por uma pessoa humana? Ou seria ele talvez o mais elevado e genuíno significado daquele amor inapropriado que chamamos de transferência, um pouco do verdadeiro *Gottesminne*, que está perdido para a consciência desde o século XV? [...]

“Essa nova hipótese não foi inteiramente plausível para a minha paciente, que era extremamente crítica. A concepção anterior de que eu era o pai-amante, e como tal apresentava uma solução ideal para o conflito, era incomparavelmente mais atrativa para a maneira como ela se sentia. Não obstante, seu intelecto era suficientemente claro para reconhecer a possibilidade teórica da nova hipótese. Nesse ínterim, os sonhos continuaram a desintegrar a pessoa do médico e dilatá-lo para proporções cada vez mais vastas. Simultaneamente a isso, ocorreu algo que, inicialmente, fui o único a perceber, e com enorme assombro, a saber uma espécie de debilitação insidiosa subterrânea da transferência. Suas relações com certo amigo se aprofundaram perceptivelmente, apesar do fato de que, conscientemente, ela ainda se agarrava à transferência. Assim sendo, quando chegou a hora de ela me deixar, não foi uma catástrofe, e sim uma despedida perfeitamente razoável [...] Vi como o ponto de controle transpessoal desenvolveu – não posso chamá-lo de outra coisa – uma *função norteadora* e paulatinamente reuniu para si todas as antigas supervalorizações pessoais; como, com esse afluxo de energia, ela adquiriu influência sobre a mente consciente resistente sem que a paciente o percebesse conscientemente o que estava acontecendo. A partir disso, compreendi que os sonhos não eram apenas fantasias, mas autorrepresentações de fenômenos inconscientes que possibilitaram que a psique da paciente gradualmente abandonasse o vínculo pessoal fora de propósito” (CW7, par. 212-214).

*D17*(Cap. 14)

“[...] Uma menina de cerca de nove anos [...] apresentara uma temperatura corporal abaixo do normal durante três meses e fora incapaz de frequentar a escola. [Ela estava sofrendo] de perda de apetite e de uma crescente apatia. O médico não conseguia

encontrar nenhum motivo para o estado da criança. Tanto o pai quanto a mãe estavam certos de que gozavam da completa confiança da filha, e que ela não estava de modo algum preocupada ou infeliz. A mãe finalmente admitiu para o psicólogo que ela e o marido não estavam se dando bem, mas afirmou que nunca tinham discutido os seus problemas na frente da menina, que estava completamente alheia a eles. A mãe queria o divórcio, mas não conseguia se decidir a enfrentar as drásticas mudanças que ele causaria [...] os pais não faziam nenhum esforço para resolver nenhuma das dificuldades que causavam a sua infelicidade. Ambos [os pais] tinham um apego possessivo exagerado pela filha [...] Ela dormia no quarto do pai em uma pequena cama ao lado da dele e ia para a cama dele todas as manhãs. Ela narrou o seguinte sonho:

“*Fui com papai visitar a vovó. A vovó estava em um grande barco. Ela queria que eu a beijasse e queria me abraçar, mas eu estava com medo dela. Papai disse: Neste caso, eu vou beijar a vovó! Eu não queria que ele fizesse isso, pois eu estava com medo de que alguma coisa acontecesse a ele. Em seguida, o barco partiu, eu não consegui encontrar ninguém e fiquei assustada.*”

“Ela sonhou várias vezes com a avó. Certa vez, a avó era apenas uma boca, bem aberta. Em outra ocasião, ela sonhou com ‘uma grande cobra, que saiu debaixo da minha cama e brincou comigo’. Falava frequentemente sobre o sonho da cobra, e teve um ou dois outros como ele. Ela contou o sonho a respeito da avó com relutância, mas depois confessou que todas as vezes que o pai se afastava ela tinha medo de que ele nunca mais voltasse. Ela percebera a situação dos pais e contou para o psicólogo que sabia que a mãe não gostava do pai, mas não queria conversar sobre o assunto, ‘porque faria com que eles se sentissem mal’. Quando o pai viajava a negócios, ela sempre tinha medo de que ele fosse deixá-las. Também notara que a mãe ficava sempre mais feliz nessas ocasiões [...] Com o tempo [os pais decidiram se separar] e explicaram a situação para a filha [...] a saúde dela melhorou tão logo a verdadeira situação foi revelada [...]’ (CW17, par. 216-217).

#### *D18*(Cap. 14)

“[...] Eis os temas proeminentes nos sonhos:

“1. O ‘animal perverso’: um monstro semelhante a uma cobra com muitos chifres, que mata e devora todos os outros animais. Mas Deus vem dos quatro cantos, sendo na verdade quatro deuses, e faz renascer todos os animais.

“2. Ascensão ao céu, onde danças pagãs estão sendo celebradas, e descida ao inferno, onde anjos estão praticando boas ações.

“3. Um bando de pequenos animais assusta a sonhadora. Os animais crescem, ficam enormes, e um deles a devora.

“4. Um pequeno camundongo é penetrado por vermes, cobras, peixes e seres humanos. Desse modo, o camundongo se torna humano. Essa é a srceem da humanidade em quatro estágios.

“5. Uma gota d’água é examinada através de um microscópio: ela está cheia de

ramificações. Essa é a srcem do mundo.

“6. Um menino mau com um torrão de terra. Ele o atira nas pessoas que passam, e elas também se tornam más.

“7. Uma mulher embriagada cai na água e emerge sóbria e renovada.

“8. Nos Estados Unidos, muitas pessoas estão rolando em um formigueiro, sendo atacadas pelas formigas. O sonhador, em pânico, cai num rio.

“9. A sonhadora encontra-se num deserto na lua. Ela afunda tanto no solo que chega ao inferno.

10. Ela toca uma bola numinosa vista numa visão. Vapores saem da bola. Em seguida, um homem sai e a mata.

“11. Ela está gravemente doente. De repente, pássaros saem de sua pele e a encobrem completamente.

“12. Enxames de mosquitos escondem o sol, a lua e as estrelas, exceto uma estrela que, então, cai sobre o sonhador.

“No srcinal completo em alemão, cada sonho começa com as palavras do conto de fadas: ‘Era uma vez...’. Com essas palavras, a pequena sonhadora sugere que ela sente que cada sonho era uma espécie de conto de fadas, que ela deseja contar ao pai como um presente de natal. O pai não conseguiu elucidar os sonhos por meio do contexto deles, já que não parecia haver associações pessoais [...].

“[...] Os principais pensamentos [dos sonhos] são, de certo modo, como problemas filosóficos. O primeiro sonho, por exemplo, fala de um monstro perverso que mata todos os outros animais, mas Deus os faz renascer por meio de uma espécie de *apocatástase*, ou restituição. No mundo ocidental, essa ideia é conhecida em toda a tradição cristã. Ela pode ser encontrada nos Atos dos Apóstolos 3,21: ‘[Cristo,] que o céu precisa receber até os tempos da restauração de todas as coisas [...]’. Os antigos Padres Gregos da Igreja (Orígenes, por exemplo) insistiam particularmente na ideia de que, no final dos tempos, tudo seria restaurado pelo Redentor ao seu estado srcinal e perfeito. De acordo com Mateus 17,11, já havia uma antiga tradição judaica que Elias ‘na verdade há de vir, e restaurará todas as coisas’. 1Coríntios 15,22 refere-se à mesma ideia nas seguintes palavras: ‘Pois assim como em Adão todos morrem, também em Cristo todos serão vivificados’

“Nove dos doze sonhos dizem respeito ao tema da destruição e restauração. Encontramos a mesma ligação em 1Coríntios 15,22, onde Adão e Cristo, ou seja, a morte e a ressurreição, estão ligados. Nenhum desses sonhos, contudo, mostra nada além de indícios superficiais de uma educação ou influência especificamente cristã. Pelo contrário, eles exibem uma analogia maior com narrativas primitivas. Isso é corroborado pelo outro tema – o mito cosmogônico da criação do mundo e do homem, que aparece nos sonhos 4 e 5 [...].

“A ideia do Cristo Redentor pertence ao tema pré-cristão espalhado pelo mundo do herói e salvador que, embora devorado pelo monstro, reaparece de uma maneira milagrosa, tendo dominado o dragão ou a baleia, ou seja o que for que o tinha engolido.

Como, quando e onde surgiu esse tema ninguém sabe [...]. A nossa única certeza é que

cada geração, até onde conseguimos enxergar, o considera uma antiga tradição [...] O ambiente no qual a nossa pequena sonhadora vivia só tinha conhecimento da tradição cristã e, mesmo assim, de um modo muito superficial. Os traços cristãos podem ser representados nos seus sonhos por ideias como Deus, anjos, céu, inferno e o mal, mas a maneira como eles são tratados aponta para uma tradição que é inteiramente não cristã.

“Tomemos o primeiro sonho, do Deus que realmente consiste de quatro deuses, que vêm dos ‘quatro cantos’ [...] A quaternidade em si é uma ideia estranha, mas ela desempenha um importante papel nas religiões e filosofias orientais [...].

[...] A serpente cornifera aparece na alquimia latina como *quadricornutus serpens* (serpente de quatro chifres), um símbolo de Mercúrio e antagonista da Trindade Cristã [...].

“No sonho 2, aparece um tema que é definitivamente não cristão e uma inversão de valores: danças pagãs executadas por homens no céu e boas ações praticadas por anjos no inferno. Isso sugere, no mínimo, uma relativização de valores morais [...].

[...] Esses sonhos [...] são, de certa maneira, análogos às doutrinas ensinadas aos jovens nas tribos primitivas quando eles são iniciados na maturidade. Nessas ocasiões, eles tomam conhecimento do que Deus, ou os deuses, ou os animais ‘fundadores’ fizeram, como o mundo e o homem foram criados, como será o fim do mundo, e o significado da morte. E quando nós, na nossa civilização cristã, fornecemos essas instruções? No início da adolescência. Mas muitas pessoas começam a pensar novamente nessas coisas na velhice, quando a morte se aproxima.

“Nossa sonhadora, na verdade, se encontrava nessas duas situações, pois estava se aproximando da puberdade e, ao mesmo tempo, do fim da vida. Pouco ou nada no simbolismo dos sonhos aponta para o início de uma vida adulta normal, mas existem muitas alusões à destruição e à restauração [...] A atmosfera dos sonhos lembra o antigo ditado romano, *vita somnium breve* (a vida é um breve sono), e não a alegria e exuberância da primavera da vida...

[...] Os sonhos [...] eram uma preparação para a morte, que se expressava por meio de contos, como as instruções nas iniciações primitivas, ou *oskoans* do zen budismo. É uma instrução que não se parece com a doutrina ortodoxa cristã, sendo mais como o pensamento primitivo [...].

[...] Era como se os eventos futuros estivessem lançando sua sombra à frente ao despertar formas-pensamento que, embora normalmente adormecidas, estão destinadas a descrever ou acompanhar a aproximação de um resultado fatal” (CW18, par. 525-527, 529-534, 536-539).

Jung relatou dois dos sonhos em detalhe e os comentou. Num deles, a criança *viu um animal que tinha muitos chifres. Ele perfura pequenos animais com eles. Ele se retorcia como uma cobra e era assim que ele vivia. Então, uma neblina azul surgiu dos quatro cantos, e o animal parou de comer. Deus então veio, mas havia na verdade quatro Deuses nos quatro cantos. O animal então morreu, e todos os animais que ele comera saíram novamente vivos.*

“Esse sonho descreve um processo de individuação inconsciente: todos os animais são

comidos por esse animal. Tem lugar então a enantiodromia: o dragão se transforma em pneuma, que corresponde à quaternidade divina. Em seguida segue-se a apocatástase, a ressurreição dos mortos” (CW9-1, par. 623-624).

No segundo sonho detalhado, a sonhadora *“está num espaço cósmico vazio, percorrendo uma espécie de caminho, e à sua frente, bem longe, ela avista uma luz redonda, a qual, à medida que ela se aproxima, vai se tornando cada vez maior e, finalmente, é um globo enorme que vai chegando cada vez mais perto, e é claro que ela fica com medo. Em seguida, quando o globo está bem perto, o caminho se bifurca e ela não sabe se deve ir para a direita ou para a esquerda,”* e nesse momento ela acorda; é um pesadelo. Esse é um sonho muito típico do tipo que eu chamo de sonhos cósmicos da infância; eles são experiências arquetípicas das crianças com poderosas memórias do que os tibetanos chamariam de vida do Bardo, um estado pré-natal da mente, as condições que antecedem o nascimento neste mundo espacial. Isso se mostra primeiro sob seu aspecto absoluto, um mundo morto e vazio para o qual a vida é completamente estranha, particularmente a vida humana, e explica também por que o homem tem uma mente ou uma consciência. Ele precisa ter algo diferente, que não seja do mesmo tipo, caso contrário não poderia ser consciente; ele precisa ter algo que seja divergente das condições do nosso espaço” (Z8, p. 153).

#### *D19* (Cap. 16)

*“Chego a uma casa estranha e misteriosa – a ‘Casa da Reunião’. Muitas velas estão acesas em segundo plano, dispostas em um padrão peculiar com quatro pontos voltados para cima. Do lado de fora, um velho está postado na porta da casa. Pessoas estão entrando. Elas nada dizem e permanecem imóveis a fim de se recolher interiormente. O homem na porta faz o seguinte comentário a respeito dos visitantes da casa: ‘Quando elas saem, elas estão purificadas’. Entro na casa e constato que consigo me concentrar perfeitamente. Uma voz então diz: ‘O que você está fazendo é perigoso. A religião não é um imposto a ser pago para que você possa se livrar da imagem da mulher, porque você não pode se livrar dessa imagem. Ai daqueles que usam a religião como um substituto para outro lado da vida da alma; eles estão errados e serão amaldiçoados. A religião não é um substituto; ela deve ser adicionada às outras atividades da alma como a suprema conclusão. Você dará à luz a sua religião a partir da plenitude da vida; somente então você será abençoado!’.* Embora a última frase esteja sendo pronunciada num tom ressonante, ouço uma música distante, simples acordes de órgão. Alguma coisa a respeito dela me faz lembrar a Música do Fogo de Wagner. Quando saio da casa, vejo uma montanha em chamas e sinto o seguinte: *‘O fogo que não é apagado é um fogo sagrado* (Shaw, *St. Joan*).

“O sonhador assinala que esse sonho foi uma ‘poderosa experiência’. Na realidade, ele encerra uma qualidade numinosa, e portanto não estaremos muito errados se presumirmos que ele representa um novo clímax de *insight* e entendimento. A ‘voz’ tem como regra um caráter completamente autoritário [...].

“A casa provavelmente corresponde ao quadrado, que é um ‘local de reunião’ [...] Os quatro pontos brilhantes em segundo plano indicam, uma vez mais, a quaternidade. O comentário a respeito da purificação se refere à função transformadora da área tabu. A produção da totalidade, que é impedida pela ‘evasão de impostos’, requer naturalmente a ‘imagem da mulher’, já que como anima ela representa a quarta função ‘inferior’, feminina porque está contaminada pelo inconsciente. Em que sentido o ‘imposto’ deve ser pago depende da natureza da função inferior e da sua auxiliar, e também do tipo de atitude. O pagamento pode ser concreto ou simbólico, mas a mente consciente não está qualificada para decidir qual é a forma válida.

“[Na] visão do sonho de que a religião pode não ser um substituto para ‘outro lado da vida da alma’ [...] a religião é equiparada à totalidade; ela até mesmo aparece como a expressão de um eu integrado à ‘plenitude da vida’.

“O débil eco da Música do Fogo – o tema de Loki – não é dissonante, já que [...] existem aqui todas as razões para alguma ansiedade, já que o homem como um ser completo lança uma sombra. O quarto não foi separado do terceiro e expulso para o reino do fogo eterno gratuitamente. Mas uma máxima não canônica do nosso Senhor não declara: ‘Quem está assim perto de mim está perto do fogo?’.

“Devemos examinar o tema da Montanha em Chamas [...] apoiados no Livro de Enoque. Enoque vê as sete estrelas acorrentadas ‘como grandes montanhas e ardendo com fogo’ no local de punição do anjo. Contrastando com esse tema ameaçador, há uma ligação com os milagres de Javé revelados no Monte Sinai, enquanto de acordo com outras fontes o número sete não é de modo nenhum sinistro, já que ele está na sétima montanha da terra ocidental onde a árvore com o fruto vital é encontrada, ou seja, a *arbor sapientiae*” (CW12, par. 293-298).

<sup>1</sup> A frase em inglês é “under one head”, que traduzido literalmente seria “sob uma cabeça”. (N.T.)

<sup>2</sup> “Bola da noiva.” (N.T.)

<sup>3</sup> *Rumo às Estrelas.*(N.T.)

# REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

## REFERÊNCIAS

AP se refere a *Analytical Psychology*[Psicologia Analítica], notas sobre o seminário conduzido pelo Dr. C. G. Jung, Zurique, 23 de março a 6 de julho de 1925. Compiladas por F. de Angulo (texto datilografado).

CD se refere às palestras de Jung sobre sonhos de crianças, apresentadas na Eidgenössische Technische Hochschule, Zurique.<sup>1</sup>

36. Seminário sobre sonhos de crianças e trabalhos mais antigos sobre a interpretação de sonhos, semestre de inverno 1936-7. Editado por Hans H. Baumann (mimeografado).

38. *Psychological Interpretation of Children's Dreams*[Interpretação Psicológica de Sonhos de Crianças]. Notas sobre as Palestras, outono-inverno 1938-9. Editado por L. Frey e R. Scharf. Traduzido para o inglês por M. Foote com C. Brunner (mimeografado).

40. *Psychologische Interpretation von Kinderträumen*. Semestre de inverno 1939-40. Editado por L. Frey e A. Jaffé (mimeografado).

CW se refere aos *Collected Works*<sup>17</sup> de Jung, Vol. 1-18. Editores: Sir Herbert Read, Michael Fordham, Gerhard Adler e William McGuire. Bollingen Séries XX. Publicado inicialmente por Pantheon e, depois, pela Princeton University Press. Salvo onde indicado, o tradutor do alemão para o inglês foi R. F. C. Hull.

Vol. 1. *Psychiatric studies*(2ª ed.), 1957.

Vol. 2. *Experimental researches*(trad. de L. Stein com D. Riviere), 1973.

Vol. 3. *The Psychogenesis of mental disease*, 1960.

Vol. 4. *Freud and psychoanalysis* 1961.

Vol. 5. *Symbols of transformation*(2ª ed.), 1956.

Vol. 6. *Psychological types*(tradução para o inglês de H. G. Baynes, revista por R. F. C. Hull), 1971.

Vol. 7. *Two essays on analytical psychology*(2ª ed. revista e ampliada), 1966.

Vol. 8. *The structure and dynamics of the psyche*(2ª ed.), 1960.

Vol. 9. (Parte 1). *The archetypes and the collective unconscious*(2ª ed.), 1959.

Vol. 10. *Civilization in transition*(2ª ed.), 1964.

Vol. 11. *Psychology and religion: West and east*(2ª ed.), 1958.

Vol. 12. *Psychology and alchemy*(2ª ed.), 1953.

Vol. 13. *Alchemical studies*, 1967.

Vol. 14. *Mysterium coniunctionis*(2ª ed.), 1963.

Vol. 15. *The spirit in man, art, and literature*, 1966.

Vol. 16. *The practice of psychotherapy*(2ª ed.), 1954.

Vol. 17. *The development of personality*, 1954.

Vol. 18. *The symbolic life: Miscellaneous writings*, 1976.

DA se refere aos seminários de *Dream Analysis*[Análise de Sonhos] de Jung, Vol. 1 e 2 (3ª ed.), 1958. Notas dos seminários em Psicologia Analítica, Zurique, 1928-1930. Compilado e editado por M. Foote, C. H. Deady e

C. F. Baumann. Publicadas privadamente pelo The Committee of the Psychological Club of Zurich.<sup>2</sup>

(Dreams) se refere a *Dreams from the Collected Works of C. G. Jung*[Sonhos das Obras Completas de C. G. Jung] traduzido para o inglês por R. F. C. Hull. Bollingen Séries XX. Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1974.

FJ se refere a *The Freud/Jung letters*[As cartas trocadas entre Freud e Jung]. (Consulte McGuire, W., na lista da Bibliografia que se segue.)

KY se refere a *Psychological commentary on Kundalini Yoga*[Comentário psicológico sobre Kundalini Yoga], *Spring* 1975, p. 1-32, e *Spring* 1976, p. 1-31.\*

Let 1 e 2 se referem a *C. G. Jung letters*[Cartas de C. G. Jung], Vol. 1 e 2. (Consulte Adler, GI, na lista da

Arquivalência de referências nos arquivos clínicos de Mary Ann Mattoon.

MDR se refere a *Memories, Dreams, Reflections*[Memórias, Sonhos, Reflexões]. (Consulte Jaffé, A. na lista da Bibliografia que se segue.)

MHS se refere a *Man and His Symbols*[O Homem e Seus Símbolos]. (Consulte Jung, C. G. et al. na lista da Bibliografia que se segue.)

MP se refere às palestras de Jung, *Modern Psychology*[Psicologia Moderna], Vol. I-II (2ª ed.), 1959. Notas sobre palestras apresentadas em Zurique, 1933-1935. Compiladas e editadas por E. Welsh e B. Hannah (Janeiro de 1938). Impresso privadamente.\*

par. = parágrafo.

SE se refere à *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*[Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud]. (Consulte Freud, S. na lista da Bibliografia que se segue.)

SW se refere a *Dreams and Symbolism*[Sonhos e Simbolismo], palestras apresentadas em Swanage por C. G. Jung. Notas não autorizadas feitas em letra cursiva por M. W. Harding, Swanage, Inglaterra, julho-agosto de 1925 (texto datilografado).<sup>3</sup>

VS se refere a *The Visions Seminars*[Seminários das Visões], Vol. 1 e 2, por C. G. Jung. Zurique: Spring Publications, 1976.<sup>4</sup>

Z se refere ao seminário de Jung apresentado em Zurique, *Psychological Analysis of Nietzsche's Zarathustra*[Análise Psicológica de Zarathustra de Nietzsche]. Partes 1-10, 1934-39. M. Foote, Editor. Publicação Privada (mimeografada).<sup>5</sup>

## BIBLIOGRAFIA

- ADLER, A. *What life should mean to you*. Nova York: Capricorn, 1931, 1958.
- ADLER, G. *The living symbol*. Nova York: Pantheon, 1961.
- \_\_\_\_\_. Carta ao editor. *Psychological Perspectives*, 1977, 8(1), p. 117.
- ADLER, G.; JAFFÉ, A. (eds.) *C. G. Jung letters*, Vol. 1 (1906-1950); Vol. 2 (1951-1961). Princeton University Press, Bollingen Series XCV 1973, 1975.
- ALLPORT, G. W. (ed.) *Letters from Jenny*. Nova York: Harcourt, Brace & World, 1965.
- ANDERSON, H.; ANDERSON, G. *An introduction to projective techniques*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1951.
- ANTROBUS, J. S.; DEMENT, W.; FISHER, C. Patterns of dreaming and dream recall: An EEG study [Padrões de sonhos e recordação dos sonhos: um estudo de EEG]. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 1964, 69, p. 341-344.
- BARKER, C. *Healing in depth*. Londres: Hodder & Stoughton, 1972.
- BASH, K. W. Zur experimentellen Grundlegung der Jungschen Traumanalyse. *Scheizerische Zeitschrift für Psychologie und ihre Anwendungen*, 1952, 11(4), p. 282-295.
- BAYNES, H. G. *Analytical Psychology and the English mind*. Londres: Methuen, 1950.
- BELL, A. H. *Analytical Psychology and the English mind*. Londres: Methuen, 1971.
- BELL, J. E. *Projective techniques*. Nova York/Londres/Toronto: Longmans, Green 1948.
- BENNET, E. A. C. *G. Jung*. Nova York: E. P. Dutton, 1962.
- \_\_\_\_\_. *What Jung really said*. Nova York: Schocken, 1967.
- BERRY, P. An approach to the dream [Uma abordagem do sonho]. *Spring*, 1974, p. 58-79.
- BOLGAR, H. Consistency of affect and symbolic expression: A comparison between dreams and Rorschach responses [Coerência do afeto e da expressão simbólica: uma comparação entre sonhos e reações a Rorschach]. *American Journal of Orthopsychiatry*, 1954, 24, p. 538-545.
- BOSS, M. *The Analysis of dreams*. (Tradução de A. J. Pomeranz.) Londres: Rider, 1957.
- BRADWAY, K. Jung's Psychological Types [Os Tipos Psicológicos de Jung]. *The Journal of Analytical Psychology*, 1964, 9(2), p. 129-35.
- BRADWAY, K.; DETLOFF, W. Incidence of psychological types among Jungian analysts [Incidência dos tipos psicológicos entre os analistas junguianos]. *Journal of Analytical Psychology*, 1976, 21(2).
- BREGER, L.; HUNTER, I.; LANE, R. W. *The effect of stress on dreams*. Nova York: International University Press, 1971.
- CALIGOR, L.; MAY, R. *Dreams and symbols*. Nova York: Basic Books, 1968.

- CAMPBELL, J. *The portable Jung*. Nova York: Viking, 1971.
- CARTWRIGHT, R. D. Dreams, reality, and fantasy [Sonhos, realidade e fantasia]. In: FISHER, J.; BREGER, L. *The meaning of dreams: Recent insights from the laboratory*. State of California Department of Mental Hygiene Research Symposium No. 3, 1969, p. 101-119.
- CATELL, R. B. *Personality and motivation structure and measurement*. Yonkers: World Book, 1957.
- DALLETT, J. The effect of sensory and social variables on the recalled dream: complementarity, continuity, and compensation [O efeito de variáveis sensoriais e sociais no sonho recordado: complementaridade, continuidade e compensação]. Resumo da Dissertação, 1973 (mimeografado).
- DAVIE, T. M. Comments upon a Case of "Periventricular Epilepsy" [Comentários sobre um Caso de "Epilepsia Periventricular"] *British Medical Journal* (Londres) 1935, 2, p. 293-297.
- DENNETT, W. C. The effect of eye movement, eye motility, and external stimuli to dream content [A relação do movimento do olho, a motilidade corporal e os estímulos externos com o conteúdo do sonho]. *Journal of Experimental Psychology* 1958, 55(6), p. 543-553. (a)
- \_\_\_\_\_. Relationships in the manifest content of dreams occurring on the same night [Relacionamentos no conteúdo manifesto de sonhos que ocorrem na mesma noite]. *Journal of Nervous and Mental Disease* 1958, 126, p. 568-578. (b)
- DIAMOND, E. *The science of dreams*. Londres: Eyer & Spottiswoode, 1962.
- DIETERICH, A. *Eine Mithrasliturgie* (2ª ed.) Leipzig: Tübner, 1910. (Publicado pela primeira vez em 1903.) Traduzido por G. R. S. Mead: A mithraic ritual [Um ritual mitraista]. Londres, 1907.
- DEOMHOFF, B. A quantitative study of dream content using an objective indicator of dreaming [Um estudo quantitativo do conteúdo onírico que usa um indicador objetivo do ato de sonhar]. Dissertação de doutorado não publicada. University of Miami, 1962.
- DOMHOFF, B. Home dreams versus laboratory dreams. In: Kramer, M. (ed.) *Dream psychology and the new biology of dreaming*. Springfield, Illinois: C. C. Thomas, 1969, p. 199-217.
- DOMHOFF, B.; KAMAYA, J. Problems in dream content study with objective indicators [Problemas no estudo do conteúdo dos sonhos com indicadores objetivos]. *The Journal of Creative Behavior* 1964, 1(1), p. 519-532.
- DUNNE, J. W. *An experiment with time* (2ª ed.). Nova York: Macmillan, 1938.
- EDINGER, E. F. *Ego and Archetype* Nova York: Putnam's, 1972.
- ELLENBERGER, H. F. *The discovery of the unconscious*. Nova York: Basic Books, 1970.
- EYSENCK, H. J.; EYSENCK, S. B. *Personality structure and measurement*. San Diego: Knapp, 1969.
- FARADAY, A. *Dream power*. Nova York: Coward, McCann & Geoghegan, 1972.
- \_\_\_\_\_. *The dream game*. Nova York: Harper & Row, 1974.
- FARBER, L.; FISCHER, C. An experimental approach to dream psychology through the use of hypnosis [Uma abordagem experimental da psicologia dos sonhos por meio da utilização da hipnose]. *Psychoanalytic Quarterly*; 1943, 12, p. 202-216.
- FISS, H.; KLEIN, G. S.; BOKERT, E. Waking fantasies following interruption of two types of sleep [Fantasias no estado desperto logo depois da interrupção de dois tipos de sono]. *Archives of General Psychiatry* 1966, 14, p. 543-551.
- FODOR, C. A.; GARRETT, F.; BRILL, S. L. Pi-Ca-Pu: The perception of speech sounds by prelinguistic infants and the perception of speech sounds by babies at an early prelinguistic stage. *Psychophysiology* 1975, 18(2), p. 74-78.
- FODOR, N. *Freud, Jung, and occultism* New Hude Park, N.Y.: University Books, 1971.
- FORDHAM, F. *An Introduction to Jung's psychology* Baltimore, Maryland: Penguin Books, 1953.
- FORTIER, R. A Study of the relationship of the response to color and some personality functions [Estudo do relacionamento da reação à cor e algumas funções da personalidade]. Dissertação de doutorado não publicada, Western Reserve University, 1952. (Citado em Suinn, 1967.)
- FOULKES, D. *The psychology of sleep*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1966.
- FOULKES, D.; RECHSTSCHAFFEN, A. Presleep determinants of dream content: Effects of two films [Determinantes anteriores ao sono do conteúdo do sonho: efeitos de dois filmes]. *Perceptual and motor skills* 1964, 19, p. 983-1005.
- FRENCH, T.; FROMM, E. *Dream interpretation: A new approach*. Nova York: Basic Books, 1964.
- FREUD, S. *The complete psychological works of Sigmund Freud*, Vol. 4 e 5, (Standard Edition). Londres: Hogarth, 1953.
- FREUD, S.; JUNG, C. G. *The Freud/Jung letters*. Princeton: Princeton University Press, Bollingen Séries XCIV 1974.

- FREY-ROHN, L. *From Freud to Jung*. Nova York: Putnam's, 1974. (Publicado originalmente como *Von Freud zu Jung*. Rascher: Zurich e Stuttgart, 1969.)
- FROMM, E. *The forgotten language of dreams*. Nova York: Grove, 1951.
- GARFIELD, P. *Creative dreaming*. Nova York: Simon & Schuster, 1974.
- GOLDBRUNNER, J. *Individuation: A study for the depth psychology of Carl Gustav Jung*. South Bend, Indiana: Notre Dame Press, 1964.
- GOODENOUGH, D. R.; SHAPIRO, A.; HOLDEN, M.; STEINSCHRIEBER, L. A comparison of "dreamers" and "non-dreamers": Eye movements, electroencephalograms, and the recall of dreams [Uma comparação de "sonhadores" e "não sonhadores": movimentos dos olhos, eletroencefalogramas e a recordação dos sonhos]. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 1959, 59, p. 195-202.
- HALL, C. S. *The meaning of dreams*. Nova York: Harper & Bros., 1953.
- HALL, C. S.; Nordby, V. J. *A primer of Jungian psychology*. Nova York: New American Library (A Mentor Book), 1973.
- HALL, C.; Van de Castle, R. L. *The content analysis of dreams*. Nova York: Appleton-Century-Crofts, 1966. (a) \_\_\_\_\_. Studies of dreams reported in the laboratory and at home [Pesquisas de sonhos relatados no laboratório e em casa]. *Monograph Series*, No. 1, 1966, Institute of Dream Research, Santa Cruz. (b)
- HANNAH, B. *Jung: His life and work*. Nova York: Putnam's, 1976.
- HARDING, M. E. *Woman's mysteries: Ancient and modern*. Londres: Longmans, Green, 1935.
- HARTMANN, E. *The biology of dreaming*. Springfield, Illinois: C. C. Thomas, 1967.
- HAWKES, J. *History of mankind: Cultural and scientific development*. Vol. 1, Parte 1: *Prehistory*. Nova York: New American Library (Mentor Book), 1963. Publicado em colaboração com a UNESCO.
- HILLMAN, J. *In search: Psychology and religion*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1967.
- HOCHHEIMER, W. *The psychotherapy of C. G. Jung*. Nova York: Putnam's, 1969.
- JACOBI, J. *The psychology of C. G. Jung*. (Traduzido do alemão por Ralph Mannheim.) New Haven: Yale University Press, 1942.
- JAFFÉ, A. *From the life and work of C. G. Jung*. Nova York: Harper & Row, 1971. (Publicado originalmente como *Aus Leben und Werkstatt von C. G. Jung*) Nova York: Pantheon, 1963.
- JANET, P. *Les obsessions et la psychasthénie* (2 vols.). Paris: F. Lacan, 1903.
- JOHNSON, H.; ERICKSON, C. W. Preconscious perception: A reexamination of the Poetzl phenomenon [Percepção pré-consciente: um reexame do fenômeno Poetzl]. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 1961, 62, p. 497-503.
- JONES, R. M. *The new psychology of dreaming*. Nova York: Grune & Stratton, 1970.
- JOUVET, M. Recherches sur les structures nerveuses et les mécanismes responsables des différentes phases du sommeil physiologique [Pesquisas sobre as estruturas nervosas e os mecanismos responsáveis pelas diferentes fases do sono fisiológico]. *Archives Italiennes de Biologie*, 1962, 100, p. 125-206.
- JOUVET, D.; VALATX, J. L.; JOUVET, M. Etude polygraphique du sommeil du chat [Estudo poligráfico do sono do gato]. *C. R. Soc. Biol.*, 1961, 155, p. 1660-1664.
- JUNG, C. G.; von FRANZ, M.-L.; HENDERSON, J. L.; JACOBI, J.; JAFFÉ, A. *Man and his symbols*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1964.
- JURGEVICH, R. Double the hour of Freudianism: A study of brainwashing the American professionals and laymen [A hora do freudismo: um estudo de lavagem cerebral no cérebro de profissionais liberais e leigos americanos]. Filadélfia, Dove, 1974.
- KAHN, E.; DEMENT, W.; FISHER, C. Incidence of color in immediately recalled dreams [Incidência da cor em sonhos imediatamente recordados]. *Science*, 1962, 137, p. 1054-1055.
- KANT, O. Dreams of schizophrenic patients [Sonhos de pacientes esquizofrênicos]. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 1942, 95, p. 335-347.
- KELSEY, M. T. *Dreams: The dark speech of the spirit*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1968.
- KIESTER Jr., E. Dream World [O Mundo dos Sonhos]. *Human Behavior*, dezembro de 1975, p. 16-23.
- KIRSCH, J. *The reluctant prophet*. Los Angeles: Sherbourne, 1973.
- KLUGER, H. Y. Archetypal dreams and everyday dreams: A statistical investigation into Jung's theory of the collective unconscious [Uma pesquisa estatística da teoria de Jung do inconsciente coletivo]. *The Israel Annals of Psychiatry and Related Disciplines*, 1975, 13(1), p. 6-47.
- McGUIRE, W. (ed.) *The Freud/Jung letters*. Princeton: Princeton University Press, Bollingen Series XCIV, 1974.
- MAEDER, A. The dream problem [O problema do sonho]. *Nervous and Mental Disease Monograph Series*, No. 22, 1916. (Nova York: Nervous and Mental Disease Publishing Co.)

- MAHONEY, M. F. *The meaning in dreams and dreaming*. Nova York: Citadel Press, 1966.
- MARJASCH, S. The "I" in dreams [O "Eu" nos sonhos]. *Spring*, 1966, p. 60-75. (a)
- \_\_\_\_\_. On the dream psychology of C. G. Jung [A psicologia dos sonhos de C. G. Jung]. In: Von Grunebaum, G. E.; Caillois, R. (eds.) *The dream and human societies*. Berkeley: University of California Press, 1966. (b)
- MASSERMAN, J. H. *Principles of dynamic psychiatry*. Filadélfia: W. B. Saunders, 1946.
- MATTOON, M. A. *The Christian concept of sin as an approach to the shadow*. Tese de diploma não publicada, Instituto C. G. Jung, Zurique, Suíça, 1965.
- \_\_\_\_\_. *The theory of dream interpretation according to C. G. Jung: an exposition and analysis*. Dissertação de doutorado não publicada, University of Minnesota, 1970.
- MEIER, C. H. *O desafio posto aos sonhos e à biologia do sonho. Uma visão junguiana*. In: Kramer, M. (ed.) *Dream psychology and the new biology of dreaming*. Springfield, Illinois: Charles C. Thomas, 1969.
- NELL, R. Interpretation of dreams on the subjective level [A interpretação dos sonhos no nível subjetivo]. In: Hammer, E. F. (ed.) *Use of interpretation in treatment*. Nova York: Grune & Stratton, 1968.
- NEUMANN, E. *Art and the creative unconscious*. Princeton: Princeton University Press, Bollingen Séries LXI, 1959.
- \_\_\_\_\_. *The origins and history of consciousness*. Nova York: Pantheon, 1954, 1964.
- New Larousse Encyclopedia of Mythology*. Londres: Hamlyn, 1959.
- NOONE, R.; HOLMAN, D. *In search of the dream people*. Nova York: Morrow, 1972.
- OFFENKRANTZ, W.; RECHTSCHAFFEN, A. Clinical studies of sequential dreams. I. A Patient in Psychotherapy [Estudos clínicos de sonhos sequenciais. I. Um Paciente de Psicoterapia]. *Archives of General Psychiatry*, 1963, 8, p. 497-508.
- OPENBLD, W. *The idea of the body*. Nova York: Oxford University Press, 1958. (Publicado originalmente em 1923).
- \_\_\_\_\_. *Memory mechanisms*. *Archives of Neurology and Psychiatry*, 1952, 67, p. 178-198.
- PERLS, F. *Gestalt therapy verbatim*. Nova York: Bantam, 1969.
- PIRSIG, R. M. *Zen and the art of motorcycle maintenance*. Nova York: Morrow, 1974.
- PLAUT, A. Analytical psychologists and psychological types [Psicólogos analíticos e tipos psicológicos]. *The Journal of Analytical Psychology*, 1972, 17(2), p. 137-149.
- PULVER, S. E.; EPPEL, B. The Poetzl phenomenon: Some further evidence [O fenômeno Poetzl: algumas evidências adicionais]. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 1963, 136, p. 527-534.
- RAPAPORT, A. Mathematics and cybernetics [Matemática e cibernética]. In: Arieti, S. (ed.) *American Handbook of Psychiatry*, Vol. II. Nova York: Basic Books, 1959.
- RECHTSCHAFFEN, A.; VERDONE, P. Amount of dreaming: Effect of incentive, adaptation to laboratory, and individual differences [A quantidade de sonhos: o efeito de incentivos, a adaptação ao laboratório e diferenças individuais]. *Perceptual and Motor Skills*, 1964, 19, p. 947-958.
- REED, H. The art of remembering dreams [A arte de recordar os sonhos]. *Quadrant*, Verão de 1976, 9(11).
- REICHENBACH, H. *Experience and prediction*. Chicago: University of Chicago Press, 1939.
- ROSS, J. The resources of binocular perception [Os recursos da percepção binocular]. *Scientific American*, março de 1976, 234, p. 80-86.
- ROSS, E. L. *Dreams and the growth of personality*. Nova York: Pergamon (General Psychology Séries), 1972.
- SANFORD, J. A. *Dreams, God's forgotten language*. Filadélfia: J. B. Lippincott, 1968.
- SCHONBAR, R. Temporal and emotional factors in the selective recall of dreams [Fatores temporais e emocionais na recordação seletiva dos sonhos]. *Journal of Consulting Psychology*, 1961, 25, p. 67-73.
- SHEPPARD, E. Systematic dream studies: Clinical judgment and objective measurement of ego strength [Estudos de sonhos sistemáticos: avaliação clínica e quantificação objetiva da força do ego]. *Comprehensive Psychiatry*, 1963, 4, p. 263-270.
- SHEPPARD, E.; SAUL, J. An approach to a systematic study of ego function [Abordagem a um estudo sistemático da função do ego]. *Psychoanalytic Quarterly*, 1958, 27, p. 237-245.
- SHURLEY, J. T. Trabalho apresentado na reunião da American Psychiatric Association, Atlantic City, N.J., maio de 1960.
- SINGER, J. J. *Boundaries of the Soul*. Nova York: Doubleday, 1974.
- STERN, P. J. *C. G. Jung: The hidden prophet*. Nova York: Braziller, 1976.

- STEWART, K. Mental Hygiene and world peace [Higiene Mental e a paz mundial] *Mental Hygiene* julho de 1954, 38-3, p. 387-403.
- STOYVA, J. M. Posthypnotically suggested dreams and the sleep cycle [Sonhos sugeridos pós-hipnoticamente e o ciclo do sono]. *Archives of General Psychiatry* 1965, 12, p. 287-294.
- SUINN, R. M. Jungian personality typology and color dreaming [A tipologia da personalidade junguiana e os sonhos coloridos]. *Psychiatric Quarterly* 1966, 40(4), p. 659-666.
- \_\_\_\_\_. Anxiety and Color Dreaming [A ansiedade e os sonhos coloridos]. *Mental Hygiene* 1967, 51, p. 27-29.
- TATIBANA, T. *Psychologie Folia*, 1938, 6, p. 127. (Citado em Suinn, 1967)
- THASS-THIENEMANN, T. *The interpretation of language*, Vol. I e II. Nova York: Jason Aronson, 1968, 1973.
- TROTTER, R. From language to linguistics and beyond [Da linguagem à linguística e além]. *Science News* 1975, 108(2), p. 136-137.
- ULLMAN, M.; KRIPPNER, S.; VAUGHAN, A. *Dream Telepathy*. Nova York: Macmillan, 1973.
- VAN DE CASTLE, R. L. His, hers and the children's [Dele, dela e das crianças]. *Psychology Today* 1970, 4(1), p. 37-39.
- VAN DER POST, L. *Jung & the story of our time*. Nova York: Pantheon, 1975.
- VON FRANZ, M.-L. *C. G. Jung: His myth in our time*. Nova York: Putnam's, 1975.
- WAXENBERG, S. E.; DICKES, R.; GOTTESFELD, H. The Poetzl phenomenon re-examined experimentally [O fenômeno Poetzl reexaminado experimentalmente]. *Journal of Nervous and Mental Disease* 1962, 135, p. 387-398.
- WHITMAN, R. M.; PIERCE, C. M. J. W.; BALDRIDGE, B. J. The dreams of the experimental subject [Os sonhos do sujeito de experiência]. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 1962, 134, p. 431-439.
- WHITMONT, E. C. *The symbolic quest*. Nova York: Putnam's 1969.
- WITKIN, H. A. Influencing dream content [Influenciando o conteúdo do sonho]. In: Kramer, M. (ed.) *Dream psychology and the new biology of dreaming*. Springfield, Illinois: C. C. Thomas, 1969, p. 285-359.
- WITKIN, H. A.; LEWIS, H. B. *Experimental studies of dreaming*. Nova York: Random, 1967.

- 1 Copyright C. G. Jung Heirs
- 2 Copyright C. G. Jung Heirs
- 3 Copyright C. G. Jung Heirs
- 4 Copyright C. G. Jung Heirs
- 5 Copyright C. G. Jung Heirs

## Coleção **AMOR E PSIQUE**

### **O feminino**

- *As deusas e a mulher*, **J. S. Bolen**
- *A feminilidade consciente – entrevistas com Marion Woodman*, **M. Woodman**
- *A prostituta sagrada*, **N. Q. Corbett**
- *O medo do feminino*, **E. Neumann**
- *Os mistérios da mulher*, **Esther Harding**
- *Liderança feminina: Gestão, psicologia Junguiana, espiritualidade e a jornada global através do purgatório*, **Karin Jironet**

### **O masculino**

- *No meio da vida: Uma perspectiva Junguiana*, **M. Stein**
- *O pai e a psique*, **A. P. Lima Filho**
- *Os deuses e o homem*, **J. S. Bolen**
- *Sob a sombra de Saturno*, **J. Hollis**

### **Psicologia e religião**

- *Nesta jornada que chamamos vida*, **J. Hollis**
- *Uma busca interior em psicologia e religião*, **J. Hillman**
- *Letras imaginativas: breves ensaios de psicologia arquetípica*, **Marcus Quintaes**

### **Sonhos**

- *Aprendendo com os sonhos*, **M. R. Gallbach**
- *Breve curso sobre os sonhos*, **R. Bosnak**
- *Os sonhos e a cura da alma*, **J. A. Sanford**
- *Como entender os sonhos*, **Mary Ann Mattoon**

### **Maturidade e Envelhecimento**

- *A passagem do meio*, **James Hollis**
- *No meio da vida*, **M. Stein**

### **Contos de fada e histórias mitológicas**

- *A ansiedade e formas de lidar com ela nos contos de fadas*, **V. Kast**
- *A individuação nos contos de fada*, **Marie-Louise von Franz**
- *A interpretação dos contos de fada*, **Marie-Louise von Franz**
- *A psique japonesa: grandes temas e contos de fadas japoneses*, **H. Kawai**
- *A sombra e o mal nos contos de fada*, **M.-L. von Franz**
- *Mitos de criação*, **M.-L. von Franz**
- *Mitologemas: encarnações do mundo invisível*, **J. Hollis**
- *O Gato*, **M.-L. von Franz**
- *O que conta o conto?*, **Jette Bonaventure**
- *O que conta o conto? (II) – Variações sobre o tema mulher*, **Jette Bonaventure**

### **O puer**

- *O livro do Puer, ensaios sobre o arquétipo do Puer Aeternus*, **J. Hillman**

- *Puer aeternus*, **M.-L. von Franz**

#### **Relacionamentos e parcerias**

- *Amar, traír*, **A. Carotenuto**
- *Eros e pathos*, **A. Carotenuto**
- *Não sou mais a mulher com quem você se casou*, **A. B. Filenz**
- *Os parceiros invisíveis: O masculino e o feminino*, **J. A. Sanford**
- *O Projeto Éden – a busca do outro mágico*, **J. Hollis**

#### **Sombra**

- *Mal, o lado sombrio da realidade*, **J. A. Sanford**
- *Os pantanais da alma*, **J. Hollis**

#### **O autoconhecimento e a dimensão social**

- *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô*, **anônimo**
- *Encontros de psicologia analítica*, **Maria Elci Spaccaquerche (org.)**

#### **Psicoterapia, imagens e técnicas psicoterápicas**

- *Psicoterapia*, **M.-L. von Franz**
- *Psiquiatria junguiana*, **H. K. Fierz**
- *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*, **G. M. Furth**
- *O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e misticismo*, **A. G.-Craig**
- *Ciência da alma: uma perspectiva junguiana*, **E. F. Edinger**
- *Saudades do Paraíso: perspectivas psicológicas de um arquétipo*, **M. Jacobi**
- *O mistério da Coniunctio: imagem alquímica da individualização*, **E. F. Edinger**
- *Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças: Padrões básicos de intercâmbio emocional*, **Mario Jacoby**
- *Medicina arquetípica*, **Alfred J. Ziegler**

#### **Corpo e a dimensão fisiopsíquica**

- *Dionísio no exílio: Sobre a repressão da emoção e do corpo*, **R. L.-Pedraza**
- *Corpo poético: O movimento expressivo em C. G. Jung e R. Laban*, **V. L. Paes de Almeida**
- *A joia na ferida – o corpo expressa as necessidades da psique e oferece um caminho para a transformação*, **R. E. Rothemberg**

#### **Outros**

- *O mundo interior do trauma: defesas arquetípicas do espírito pessoal*, **Donald Kalsched**

Direção editorial  
*Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de desenvolvimento digital  
*Erivaldo Dantas*  
Tradução  
*Claudia Gerpe Duarte*

Coordenação editorial  
*Dra. Maria Elci Spaccaquerche*

Assistente editorial  
*Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão  
*Caio Pereira*  
*Cícera G. S. Martins*  
*Renan Abreu*

Capa  
*Marcelo Campanhã*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mattoon, Mary Ann  
Como entender os sonhos / Mary Ann Mattoon; tradução Claudia Gerpe Duarte. – São Paulo: Paulus, 2013. –  
(Coleção amor e psique)

Título original: Understanding dreams.  
eISBN 9788534939300  
1. Sonhos 2. Jung, Carl Gustav, 1875-1961 I. Título. II. Série.  
13-09337 CDD-154.634

Índices para catálogo sistemático:  
1. Sonhos: Interpretação: Psicologia 154.634

© PAULUS – 2014  
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700  
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br  
eISBN 9788534939300

Hildegarda de Bingen

## Scivias

(Scito Vias Domini)  
Conhece os caminhos do Senhor



# Scivias

de Bingen, Hildegarda

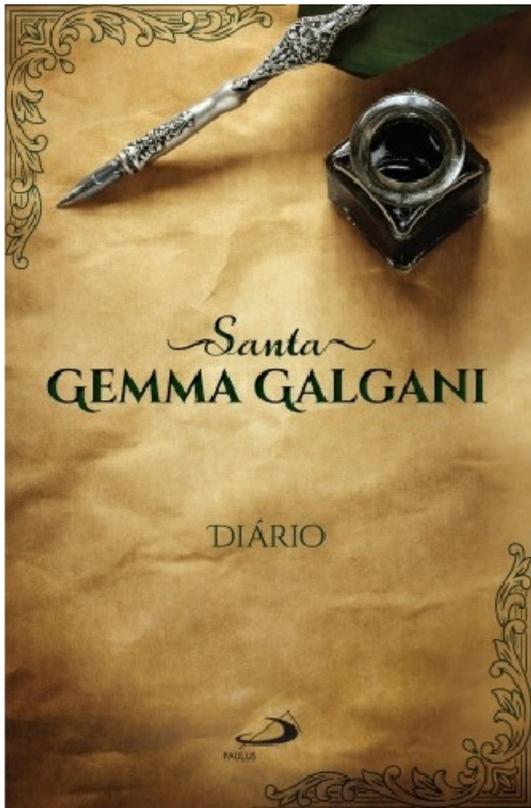
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



# Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



# DOCAT

Vv.Aa.

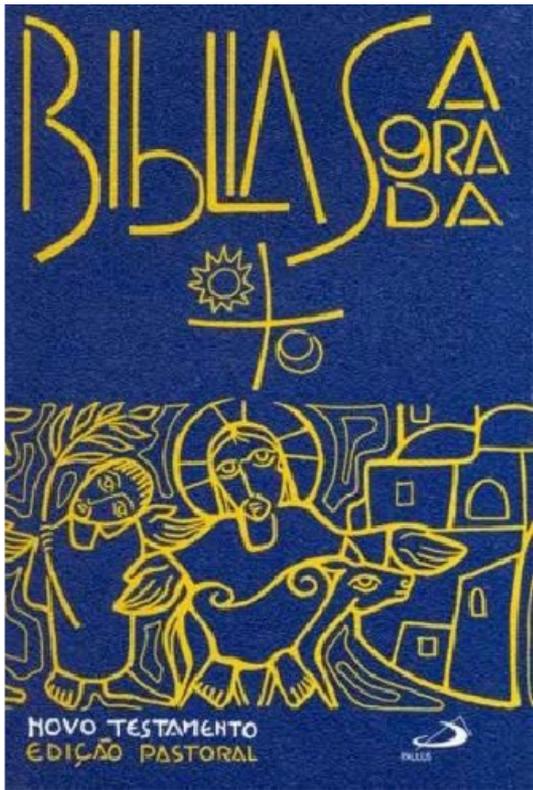
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



# Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

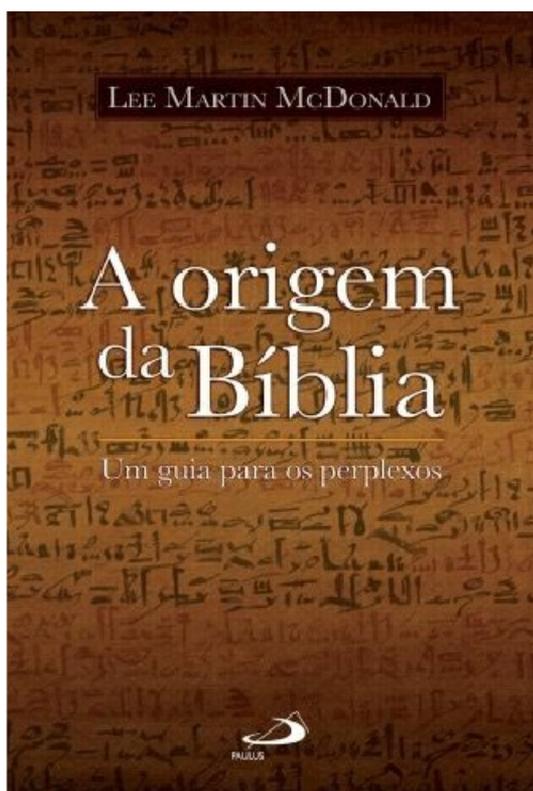
9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)



# A srcem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

# Índice

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE	4
AGRADECIMENTOS	6
PREFÁCIO	8
PRÓLOGO À EDIÇÃO EM BROCHURA	10
PRÓLOGO À PRIMEIRA EDIÇÃO	12
Introdução	15
Os sonhos	15
Por que interpretar sonhos?	16
As principais teorias de interpretação dos sonhos	18
As vantagens da teoria de Jung	19
O escopo do trabalho	21
Termos	22
2. Os sonhos no desenvolvimento das teorias psicológicas de Jung	25
Jungida	25
Os sonhos e a teoria da personalidade de Jung	29
O arquétipo e o inconsciente coletivo: uma exposição	32
Outros conceitos junguianos	38
3. A natureza dos sonhos	42
As origens das imagens dos sonhos	45
A linguagem dos sonhos	47
Mecanismos dos sonhos	49
Como sabemos que os sonhos encerram significado?	50
4. A abordagem junguiana da interpretação dos sonhos: visão geral	55
Como um junguiano aprende a analisar os sonhos	55
Passos na interpretação de um sonho	57
Variações na abordagem	58
5. O contexto do sonho: ampliações individuais	61
Identificação do sonho	61
Estrutura dos sonhos	62
Amplificação	63
6. O contexto do sonho: ampliações arquetípicas	74

O reconhecimento dos elementos arquetípicos	75
Quando e para quem os sonhos arquetípicos estão propensos a aparecer	76
Amplificação dos sonhos arquetípicos	78
Significado dos sonhos arquetípicos	79
7. O contexto do sonho: a situação consciente do sonhador	83
Séries de sonhos	87
A identificação de uma série de sonhos	88
Utilização prática das longas séries de sonhos	89
Sonhosorrentes	89
Temasorrentes	91
Séries que se concentram em problemas	93
Complicações no exame das séries de sonhos	96
9. Abordagem e interpretação	99
Evitar disposições	99
As imagens oníricas como símbolos	101
Símbolos relativamente fixos	103
O sonho não é uma farsa	104
As imagens oníricas como fatos psíquicos	106
O sonho não diz o sonhador que fazer	111
As personalidades do intérprete e do sonhador	111
10. Caracterização objetiva e subjetiva das imagens oníricas	114
11. A função compensatória dos sonhos	121
A compensação distinguida da complementação	121
Os fundamentos da função compensatória dos sonhos	122
Diversos modos de compensação	124
Compensação negativa e positiva	126
Possíveis efeitos terapêuticos da compensação	132
Problemas na compensação	135
Testando a teoria da compensação	137
12. Sonhos não compensatórios	140
Sonhos prospectivos	140
Sonhos traumáticos	142
Sonhos extrassensoriais	143
Sonhos proféticos	144

13. Os sonhos e o processo terapêutico	147
A frequência dos sonhos	148
O diagnóstico e o prognóstico da interpretação dos sonhos	149
Sonhos iniciais	153
Vários estágios da terapia dos sonhos	154
Transferências nos sonhos	155
Assimilação e individualização	157
A interpretação dos sonhos fora da situação terapêutica	158
14. Sonhos na infância	161
15. A interpretação dos sonhos	165
Formulando hipóteses de interpretação	165
O sonho e a interpretação	167
16. Confirmando a interpretação dos sonhos	172
Testes para a confirmação da interpretação de um sonho	172
Outros possíveis testes de verificação	176
17. Um sonho e sua interpretação	178
Antecedentes do sonhador	178
sonho O	178
Identificando o sonho	178
Estrutura do sonho	179
Amplificações	179
PESACH	179
PLACA	179
ISRAEL	180
CUBO DE VIDRO OU DE PLÁSTICO	180
RAINHA ELIZABETH	180
MARGARET	181
ELAINE	181
GRANDE PLACA DA INGLATERRA	181
NÃO TOCADO, QUEBRADO, PERDIDO OU LASCADO	182
QUATRO MESMO CONTEMPLADO	182
PORTA-MALAS	182
SONHO COMO MODO	182
Temas interligados	182

Avaliação do inconsciente	183
A formulação da hipótese da interpretação	183
Realçando as aplicações da teoria de Jung	185
AMPLIFICAÇÕES	185
A SITUAÇÃO DO INCONSCIENTE RELEVANTE	186
SÉRIE DE SONHOS	186
A ABORDAGEM DA INTERPRETAÇÃO DO SONHO	186
CARACTERIZAÇÃO OBJETIVA E SUBJETIVA	187
ANÁLISE REDUTIVA E CONSTRUTIVA	187
COMPENSAÇÃO	187
A CONFIRMAÇÃO DA INTERPRETAÇÃO	188
18. Avaliação da teoria de interpretação dos sonhos de Jung	189
APÊNDICE	195
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	229
REFERÊNCIAS	229
BIBLIOGRAFIA	230